Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

O descobrimento do futebol:
modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Programa de Pós-Graduação em
História Social da Cultura

Rio de Janeiro
Junho de 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

O descobrimento do futebol:
modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientadora: Prof. Margarida de Souza Neves

Co-orientador: Prof. Ricardo Benzaquen de Araújo

Rio de Janeiro
Junho de 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

O descobrimento do futebol:
modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Margarida de Souza Neves
Orientadora

Prof. Ricardo Benzaquen de Araújo
Co-orientador

Prof. Leonardo Affonso de Miranda Pereira
Departamento de História – UNICAMP

Prof. José Sérgio Leite Lopes
Departamento de Antropologia – Museu Nacional/UFRJ

Profª. Zélia Milanez de Lossio e Seiblitz
Vice-Decana do centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 04 de Junho de 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor, da orientadora e do co-orientador.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Bacharelou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1996. Licenciou-se pela mesma universidade em 1999. Em 2000, foi professor de geografia do ensino fundamental, lecionando na Fundação João Henrique Raeder, no município de Cachoeiras de Macacu. Entre 1997 e 1999, trabalhou como bolsista de aperfeiçoamento no Departamento de Ciências Sociais da Fundação Oswaldo Cruz, sob orientação da socióloga Jeni Vaitsman. Entre 1995 e 1996, trabalhou como bolsista de iniciação científica no Núcleo de Etnologia Indígena do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, sob orientação do antropólogo Marco Antônio Gonçalves.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Ficha Catalográfica

Hollanda, Bernardo Borges Buarque de

O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego / Bernardo Borges Buarque de Hollanda; orientadora: Margarida de Souza Neves; co-orientador: Ricardo Benzaquen de Araújo. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2003.

v., 218 f.: il.; 29,7 cm

1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História.

Inclui referências bibliográficas.

1. História – Dissertações. 2. Literatura e Futebol. 3. Modernismo e Regionalismo. 4. Crônica esportiva. 5. José Lins do Rego. 6. Clube de Regatas do Flamengo. I Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. II Pontifícia Universidade Católica. Departamento de História. III. Título.

Agradecimentos

À Margarida de Souza Neves, prestimosa orientadora, pelo convívio e pela maestria das aulas a que tive o prazer de assistir como monitor;

Ao meu co-orientador Ricardo Benzaquem de Araújo, cuja instigante palestra proferida em uma reunião da ANPOCS, quando ainda era aluno de graduação em Ciências Sociais (UFRJ), foi fundamental para despertar meu interesse pelo programa de pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio;

Ao professor José Sérgio Leite Lopes, pelas prazerosas conversas acerca de história, literatura e antropologia dos esportes no Brasil;

À professora Mary Del Priore, com quem fiz um curso no primeiro semestre de 2001, pelo entusiasmo e pelo incentivo;

Às Anas (Maria, Cristina e Holk), à Andréia, à Laura, à Kaori, à Raquel, ao Roberto, ao Daniel, ao Gustavo, ao Marcelo, ao Diogo e ao Otávio, amigos e colegas da *pós*;

À Edna, à Cleuza, à Anair e ao Cláudio;

Aos meus pais, Teodoro e Lavínia, e à minha irmã, Fê, presenças de alegria, de afeto, de amor;

À Vanessa, minha companheira no primeiro ano do mestrado, pelo convívio entretecido com sua beleza e sensibilidade;

À vovó Lota, por me contar as histórias de seu irmão Machado, jogador do lendário time do Fluminense dos anos de 1910 e 1920, cuja equipe meu avô – torcedor do Paulistano – recitava como se fossem versos de um poema: "Marcos, Vidal e Chico Neto/ Lais, Oswaldo e Fortes / Mano, Zezé, Welfare / *Machado*... e Bacchi".

À Cris, mais que prima, uma amiga querida;

À Miúcha, pelo pouso, pela solidariedade, pela simpatia;

À Maria da Conceição e a Paulo Bianchini, pela paciência em me *audir*;

Aos amigos: Mariano, Emílio, Zé Luís, Mário, Pedro, Luís Fernando, Guilhon, Guga, Felipe, Bira, João Marcelo, André, Mary Fê, Eliete e Teresa;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

À Elisabeth Lins do Rego, por ter me recebido mais de uma vez em sua casa para entrevistas sobre seu pai;

À Melba, pesquisadora do Patrimônio Histórico do Clube de Regatas do Flamengo, pelo auxílio e pela solicitude concedida no acesso aos arquivos do clube;

A Gilberto Vasconcelos, Benedito Nunes e Sérgio Buarque de Holanda, três fontes de admiração intelectual;

À CAPES, pelo suporte financeiro concedido durante dois anos à pesquisa;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Resumo

Hollanda, Bernardo Borges Buarque de; Neves, Margarida de Souza (orientadora); Araújo, Ricardo Benzaquen de (co-orientador). ***O descobrimento do futebol*: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro, 2003. 218p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta dissertação é acompanhar a relação dos escritores modernistas brasileiros com o futebol nas décadas de 1930, 1940 e 1950, tendo como principal referência a figura do romancista e cronista esportivo José Lins do Rego (1901-1957). Procura-se mostrar de que maneira as questões sociais, culturais e artísticas do modernismo, entendido em seu sentido histórico mais amplo, encontram-se presentes na visão do escritor paraibano acerca do fenômeno futebolístico no Brasil. Assim como o folclore e a música popular, integrados à plataforma modernista desde a década de 1920, busca-se evidenciar de que forma José Lins do Rego insere o futebol na discussão em torno da formação da identidade e da cultura brasileira, identificando no Clube de Regatas do Flamengo tudo aquilo que ele considerava ser os aspectos genuínos da nacionalidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Palavras-chave

Literatura e futebol; modernismo e regionalismo; crônica esportiva; José Lins do Rego; Clube de Regatas do Flamengo; cultura brasileira e identidade nacional.

Abstract

Hollanda, Bernardo Borges Buarque de; Neves, Margarida de Souza (Advisor); Araújo, Ricardo Benzaquen de (Advisor). ***The discovery of soccer*: modernism, regionalism and sports passion in José Lins do Rego**. Rio de Janeiro, 2003. 218p. MSc. Dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The aim of this dissertation is to examine the relationship between soccer and the Brazilian modernist writers of the 1930s, '40s and '50s, among whom the novelist and sports chronicler José Lins do Rego (1901-1957) is the main reference. This study shows how the social, cultural and artistic aspects of modernism — in its broader historical sense — are reflected in this northeastern writer's vision of the soccer phenomenon in Brazil. Similar to what occurs with folklore and popular music, inscribed in the modernist project since the 1920s, this study underlines how José Lins do Rego introduces soccer to the discussion on the formation of Brazilian identity and culture, identifying in the 'Clube de Regatas do Flamengo' everything that he considered to be the genuine aspects of nationality.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Keywords

Literature and football; modernism and regionalism; sportive chronicle; José Lins do Rego; Club of Rowing of Flamengo; Brazilian culture and national identity.

Sumário

Introdução 11

1. Futebol, uma querela modernista 25
1.1 Da música popular à brasilidade esportiva 25
1.2 Esporte moderno, jogo tradicional 44
1.3 Ética e estética do futebol 58

2. O modernismo e a crônica esportiva 74
2.1 Do romance à crônica esportiva 74
2.2 A crônica esportiva moderna 87
2.3 O cronista-torcedor 102

3. Por que me ufano do meu Flamengo 121
3.1 Os clubes – comunidades imaginadas 121
3.2 De naus, almirantes e marinheiros 143
3.3 Tal Brasil, qual Flamengo ? 161
(do regionalismo nordestino à brasilidade rubro-negra)

Conclusão 180

Referências bibliográficas 193

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

“Aí está a minha paixão incontida, o meu maior arrebatamento de homem, confundido na multidão.”

José Lins do Rego

Introdução

A visão dos intelectuais acerca do futebol é um tema controvertido. As associações mais comuns atribuem aos escritores uma imagem de distância em relação a este esporte, popular e coletivo, pouco apropriado a indivíduos refinados e entretidos com questões elevadas. A prática esportiva, que envolve o adestramento físico e a compleição atlética, afigura-se a princípio mais compatível com pessoas pouco afeitas às coisas do espírito ou de preocupações intelectuais medianas. Nesse sentido, não soa estranha a desconfiança de grande parte dos círculos literários em face da estreita ligação de José Lins do Rego com o futebol.

Embora o extravagante entusiasmo de José Lins do Rego pelos esportes não fosse muito bem visto no ambiente letrado, o autor paraibano tinha o reconhecimento de muitos de seus pares, dentre os quais Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes[1]. José Lins do Rego chegava a assistir às partidas de futebol ao lado de intelectuais como Vianna Moog, José Honório Rodrigues, Afonso Arinos de Melo Franco, Valdemar Cavalcanti, Octávio de Faria, Augusto Frederico Schmidt, Di Cavalcanti, Amando Fontes, Lúcio Rangel e Otávio Tarquínio de Souza.

Mesmo assim, em sua ampla maioria, os críticos da obra de José Lins do Rego desconheceram, omitiram ou pouco se referiram às crônicas, aos ensaios e aos romances em que o futebol se fez presente. A tendência geral foi a de considerar o universo esportivo como um dado pitoresco ou excêntrico da personalidade do escritor paraibano. A curiosidade biográfica faz com que o tema do futebol se situe à margem da produção literária do autor, sendo a predileção pelo Flamengo um aspecto anedótico de sua vida no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1930, 1940 e 1950. Um exemplo desse desconhecimento ou dessa

[1] Em seus aforismos de *Conversa portátil*, Murilo Mendes (1901-1975) evoca treze de seus amigos já falecidos, imaginando como cada um representaria o céu. De maneira bem-humorada, assim indaga José Lins do Rego: "– Zé Lins, então como é Deus ? – Em forma de esfera: uma bola de futebol, do Flamengo." Cf. MENDES, M. **Transítor: antologia de prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 412. Os outros amigos a que alude Murilo Mendes são: Ismael Nery, Jaime Ovalle, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Villa-Lobos, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Augusto Meyer, Oswald de Andrade, Cândido Portinari e Jorge de Lima.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

omissão da fortuna crítica a respeito de suas crônicas esportivas encontra-se em catálogo apresentado pelo bibliófilo Plínio Doyle[2], em 1981, por ocasião da comemoração dos 80 anos de nascimento do autor de *Menino de engenho*. Plínio Doyle coordenou, como diretor da Biblioteca Nacional, um índice de referência das publicações de José Lins do Rego em periódicos. Neste catálogo, as copiosas crônicas esportivas do autor, que em sua ampla maioria foram publicadas no *Jornal dos Sports* ao longo de 12 anos e que perfazem uma soma extraordinária de 1.571 crônicas assinadas entre 1945 e 1957, não chegam a ser sequer mencionadas pelo realizador dos *Sabadoyles*.

O escritor Edilberto Coutinho[3] constitui uma exceção entre os apreciadores da vida e da obra do autor de *Fogo morto.* Ao longo da década de 1990, Edilberto Coutinho dedicou-se à organização, à compilação e à sistematização da vasta produção de José Lins do Rego como cronista esportivo[4]. A sua atuação na política desportiva também foi posta em relevo, com destaque para a ocupação de cargos na secretaria-geral da Confederação Brasileira de Desportos, no Conselho Nacional de Desportos e na diretoria do Flamengo. Segundo o escritor, a política clubística envolvia a vida social de José Lins do Rego, através dos encontros no Café Rio Branco e, principalmente, dos almoços diários na tradicional Confeitaria Colombo, onde se reunia os *Dragões Negros*[5], uma agremiação de torcedores

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[2] Cf. BIBLIOTECA NACIONAL **José Lins do Rego (1901-1957): catálogo da exposição**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1981.

[3] Cf. COUTINHO, E. **Zelins, Flamengo até morrer !** Rio de Janeiro: s. e., s.d.

[4] No momento em que redigíamos esta dissertação, veio a lume uma oportuna antologia de 111 crônicas esportivas de José Lins do Rego, numa iniciativa da editora José Olympio, que contou com a organização, a compilação e a contextualização histórica do jornalista Marcos de Castro. Cabe-nos, entretanto, apenas uma ressalva quanto à ausência de algumas crônicas no livro que, conforme se verá no curso desta dissertação, afiguram-se para nós muito importantes na compreensão do pensamento de José Lins do Rego sobre o futebol. Queremos crer que tal ausência se deveu antes a limites espaciais de publicação do que a critérios de seleção. Fica, de qualquer modo, a sugestão para a publicação de um segundo volume. Cf. REGO, J. L. do. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

[5] O grupo *Dragão Negro* tinha como membros – além de José Lins do Rego –, Ary Barroso, José Maria Scassa, Francisco de Abreu e Emanuel Leite Lobo, entre outros. Coube a Dão (pseudônimo de Diocesano Ferreira Gomes), colunista do *Jornal dos Sports* e repórter do *Correio da Manhã*, a autoria do nome desta facção de torcedores, segundo Antônio Moreira Leite, ex-membro do grupo, uma alusão a um grupo de japoneses que, durante a Segunda Guerra Mundial, eram muito temidos. Já para o jornalista Mário Filho o nome *Dragões Negros* inspirava-se em uma flâmula chinesa de uma sociedade secreta daquele país. Participantes e conspiradores da política interna do clube, os *Dragões Negros* lograram nos início dos anos de 1950 a vitória na eleição para a presidência do Flamengo, levando ao poder um de seus integrantes, Gilberto Cardoso, que reconduziu o time de futebol ao seu segundo tricampeonato carioca (1953/54/55), após um interregno de 8 anos sem títulos. Ainda hoje consta no segundo andar da Confeitaria Colombo da rua Gonçalves Dias, no Centro do Rio de Janeiro, uma placa de bronze para José Lins do Rego, com o seguinte dizer: "Homenagem a José Lins do Rego, como lembrança do tempo em que, aqui, conviveu com seus

rubro-negros fundada na década de 1940[6]. Se a Confeitaria Colombo e o Café Rio Branco constituíam os pontos de encontro da confraria esportiva de José Lins do Rego, a Livraria José Olympio[7] na rua do Ouvidor representava o local de reunião da sua roda literária, freqüentada por um Otto Maria Carpeaux, um Álvaro Lins e um Graciliano Ramos. Segundo depoimento do crítico paulista José Paulo Paes[8], à época um jovem poeta estreante, a tradicional livraria era o centro intelectual da capital da República, em um período de grande efervescência intelectual e política do país.

Com o propósito de enquadrar o futebol no âmago da visão literária de José Lins do Rego, Edilberto Coutinho procurou ainda assinalar a continuidade entre o conjunto de obras do ciclo da cana-de-açúcar, ambientado no Nordeste, e duas de suas obras independentes, ambientadas no Rio de Janeiro[9]. A transposição geográfica de seus romances, uma tentativa de fugir à pecha de regionalista e de memorialista[10], não impedia a presença de temas usuais em suas estórias: a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

amigos do Flamengo". Embora o *Dragão Negro* não exista mais, até hoje conselheiros do clube, como Sebastião Haroldo Kastrup almoçam diariamente na tradicional confeitaria. Cf. LEITE, A. M. "O Dragão Negro". In: CARVALHO, J. V. de (org.). **Flamengo, uma emoção inesquecível**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 259. Cf. também NUNES, P. "Os 18 da Colombo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1951.

[6] José Lins do Rego dava prosseguimento a um tipo de sociabilidade muito característico à confeitaria desde o início do século XX. Fundada em 1894, reconstruída em 1912, quando recebeu gigantescos espelhos de vitral vindos da Bélgica, a Confeitaria Colombo costumava acolher grandes vultos das letras, da política e do jornalismo. As rodas literárias formadas por Olavo Bilac, Emílio de Menezes e Guimarães Passos tornavam a confeitaria um centro de atração intelectual na *belle-époque*, descritos pelo cronista Luís Edmundo em seus dias áureos. O luxo e o requinte da Colombo não impediriam, entretanto, que ela caísse no gosto do imaginário popular. A composição *Sassaricando*, de Luiz Antônio, Zé Mário e Oldemar Magalhães, seria sucesso do carnaval de 1952 e do Teatro Recreio, sendo a confeitaria lembrada na voz de Virgínia Lane: "Sa-sassaricando!/ Todo o mundo leva a vida no arame/ Sa-sassaricando!/ A viúva... o brotinho... e a madame!/ O velho, na porta da *Colombo*/ É um assombro/ Sassaricando". Cf. ALENCAR, E. de. "A Confeitaria Colombo". In: **Este Rio querido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1982, p. 35, 36 e 37.

[7] Para uma análise sociológica e antropológica da relação de escritores como José Lins do Rego com a Livraria José Olympio, ver a tese de Gustavo Sorá. Cf. SORÁ, G. A. **Brasilianas: a Casa José Olympio e a instituição do livro nacional**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

[8] Cf. ACCIOLY, B. **João Urso**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. O depoimento de José Paulo Paes encontra-se na página 161.

[9] É necessário colocar esta associação de Edilberto Coutinho entre literatura e futebol na medida em que elas costumavam virem dissociadas pelos literatos da *belle-époque*. De acordo com o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira: "Para escritores como Bastos Tigre, a paixão de Coelho Neto pelo futebol seria, certamente, 'o *terminus* de uma literatura'". Já para Edilberto Coutinho e para o próprio José Lins do Rego, o futebol era uma espécie de *continuum* da sua literatura. Cf. PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 223.

[10] Cf. FARIA, G. de. "José Lins do Rego, um contador de histórias". In: **Caderno Mais!** Folha de São Paulo: 03 de junho de 2001, p. 22 e 23.

preeminência da natureza, a melancolia dos personagens, a aura misteriosa dos lugares e o peso do passado. Nos livros *Água-mãe* (1941) e *Eurídice* (1947), ainda que de maneira secundária, o futebol aparece como matéria de inspiração literária, tal qual a paisagem dos engenhos, com os seus moleques da bagaceira, os seus banhos de rio e os seus animais de estimação, de acentuada evocação lírica. O deslocamento regional não impediu também que se vislumbrassem pontos de contato na descrição ficcional da várzea do rio Paraíba e do Nordeste canavieiro do massapê com a radiosa paisagem da Região dos Lagos e do Rio de Janeiro, onde José Lins do Rego residiu e escreveu os dois romances acima citados.

É válido lembrar ainda que este tipo transposição geográfica e toponímica encontra paralelo na literatura brasileira na obra de João Cabral de Melo Neto, autor muito admirado por José Lins do Rego. Em estudo sobre o poeta pernambucano, o crítico paraense Benedito Nunes analisou a tentativa de transfiguração poética da paisagem do Nordeste brasileiro para a paisagem de Sevilha, na Espanha, onde João Cabral de Melo Neto morou, unindo motivos nordestinos a motivos espanhóis, de Castela aos canaviais, dos cemitérios pernambucanos aos toureiros sevilhanos[11]. Acerca do mesmo tema, o teórico da literatura Luiz Costa Lima salientou também o desejo poético cabralino de encontrar o Nordeste na Andaluzia, a terra nordestina nas chuvas da Galícia[12].

Ainda de acordo com Edilberto Coutinho, o ano de 1938 é uma data crucial para o entendimento da aproximação de José Lins do Rego com o mundo futebolístico. Durante a realização da III Copa do Mundo da França, ocorre uma espécie de *descobrimento do futebol*[13] por parte do romancista paraibano, radicado no Rio de Janeiro desde 1935. O sentido do termo *descobrimento* é empregado, em consonância com o curador das crônicas de José Lins do Rego, como o relato de uma imagem que se assemelha à idéia de encontro inesperado, de súbita

[11] Cf. NUNES, B. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, p. 94.
[12] Cf. LIMA, L. C. "Murilo Mendes: da dispersão à intensidade". In: **Intervenções**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 71.
[13] Cf. COUTINHO, E. "José Lins do Rego, futebol e vida: a emoção flamengo". In: COUTINHO Eduardo F.; CASTRO, Â. B. de (orgs.). **José Lins do Rego, fortuna crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. Segundo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, o cronista paulistano Murillo Antunes, em meados da década de 1940, também viria a estabelecer uma associação entre o futebol e o *descobrimento do Brasil*, fazendo citações jocosas à carta de Pero Vaz de Caminha: "'A terra é plana e chã.' Excelente, portanto, para a prática do futebol". Cf. TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

iluminação. Segundo o depoimento de Edilberto Coutinho, o futebol parece ter proporcionado ao escritor paraibano o descortinar de um novo horizonte – horizonte humano, social e existencial.

A despeito disso, cumpre registrar o quão relativa pode ser a sugestão dessa noção de *descobrimento,* pois o futebol não passava completamente despercebido em sua vida antes de 1938. Em crônica de 1946, publicada em sua coluna diária *Esporte e vida*, José Lins do Rego evoca seus tempos de torcedor do América do Recife, na década de 1920, quando ainda era um jovem estudante de Direito, na capital de Pernambuco[14]. Tempos também em que seu interesse se dava não apenas pelo futebol, mas pelos esportes de uma maneira geral, como se depreende de sua crônica *O campeonato de remo*[15], de 1945, onde rememora as tradicionais e festivas regatas ocorridas no leito do rio Capibaribe.

O fato é que a Copa de 1938, irradiada pelo rádio[16] e acompanhada por milhares de brasileiros de forma frenética e contagiante, parece ser um momento decisivo de inflexão na relação de José Lins do Rego com o futebol e, mais que um dado de construção cronológica e biográfica, parece ser também um momento capital no processo de afirmação de uma historiografia nacional do futebol para a década de 1930. A figura do jogador negro do Flamengo, Leônidas da Silva, arrebata José Lins do Rego, encantado com as acrobacias, os malabarismos e a destreza corporal daquele grande ídolo da época. As denominações de "inventor da bicicleta"[17], "diamante negro"[18], "*crack* de ébano" e "homem elástico", atribuídas a Leônidas da Silva, davam ainda uma idéia do imaginário coletivo existente acerca de um jogador de origem negra naquele momento. Ao lado do cantor Orlando Silva, o "Cantor das Multidões", e do presidente Getúlio Vargas,

[14] Cf. REGO, J. L. do. "O América do Recife". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, dia 09 de abril de 1946, p. 3.
[15] Cf. Id. "O campeonato de remo". **op. cit**. Rio de Janeiro, dia 11 de abril de 1945, p. 3.
[16] As partidas do Brasil foram transmitidas ao vivo pela primeira vez na história das Copas do Mundo pelo locutor Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil – a PRA-3, diretamente das cidades francesas de Estrasburgo, Bordeaux e Paris.
[17] Sabe-se, em verdade, que Leônidas da Silva apenas popularizou a "bicicleta", sendo a jogada inventada por Petronilho de Brito.
[18] A expressão "diamante negro" é tomada de empréstimo com base na publicidade de uma marca de chocolate muito difundida na época. Cf. LOPES, J. S. L. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo, s.e., 1994, 22n., p. 74.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Leônidas da Silva era considerado uma das três pessoas mais conhecidas no Brasil à época[19].

A partir de então, José Lins do Rego manterá um intenso elo profissional e passional com o futebol. A Copa da França marcaria não só o alumbramento e a conversão de José Lins do Rego ao universo futebolístico, como também a consagração do futebol como o esporte nacional por excelência. A popularidade desse esporte, introduzido no Brasil na virada do século XIX para o século XX, podia ser percebida já desde o final da década de 1910 e início da década de 1920. Os anos de 1930 assinalariam a consolidação definitiva do futebol no Brasil, com o advento do profissionalismo e o ingresso maciço de jogadores oriundos das classes populares nos grandes clubes.

De maneira coincidente e curiosa, o falecimento de José Lins do Rego em 1957 antecedeu em um ano a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo da Suécia, marco inaugural de uma *era de ouro* do futebol brasileiro. Chama-se de *era de ouro* do futebol brasileiro ao período que vai de 1958 a 1970, quando a conquista de três títulos mundiais nas Copas da Suécia, do Chile e no México encantou as platéias internacionais e projetou o Brasil como o *país do futebol*[20]. Nela, o país ganhou de forma peremptória reconhecimento mundial nesse esporte. Assim, a atuação de José Lins do Rego abrange um período de quase duas décadas. Entre 1938, ano da afirmação nacional do futebol, e 1957, um ano antes da aclamação internacional do futebol brasileiro, o escritor paraibano vivenciou e registrou suas impressões sobre o fenômeno futebolístico no Brasil.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em seu livro *Footballmania*[21], dedica-se ao exame minucioso do processo de expansão do futebol no Rio de Janeiro entre 1902 e 1938. Em obra que, embora seja ainda muito recente (2000), assume já a posição de destaque na história social do futebol brasileiro, tal a profundidade, a abrangência e a perspectiva crítica com que os primórdios do

[19] Segundo o sociólogo Maurício Murad: "Falante, articulado, fazia palestras e foi militante do Partido Comunista Brasileiro, à sua época, ainda, (e desde a sua fundação em 1922), chamado de Partido Comunista *do* Brasil. Sua transferência do Flamengo para o São Paulo custou 200 mil cruzeiros (o mil-réis fora substituído, legalmente, em 1942) e foi a primeira transação milionária do futebol brasileiro". Cf. MURAD, M. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 123. Sobre a trajetória de Leônidas da Silva, consultar também a biografia do jornalista André Ribeiro. Cf. RIBEIRO, A. **O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

[20] Para uma visão tipificadora do Brasil como *país do futebol*, ver o livro do jornalista inglês Alex Bellos. Cf. BELLOS, A. **Futebol: the Brazilian way of life**. Londres: Bloomsburry, 2002.

[21] Cf. PEREIRA, L. A. de M. **op. cit.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

futebol são nele retratados, o historiador procura mostrar de que maneira a popularização desse esporte de origem britânica, longe de ser uma concessão benevolente dos tradicionais clubes cariocas, ocorreu como uma conquista lenta das associações operárias e das pequenas agremiações de futebol do subúrbio do Rio de Janeiro. Leonardo Affonso de Miranda Pereira contrapõe-se à tese esposada pelo jornalista Mário Filho, dileto amigo de José Lins do Rego, segundo a qual a passagem do futebol de esporte elitista a esporte popular se deu de forma linear, unívoca e harmoniosa, promovendo de forma democrática a ascensão social de negros e mestiços nos esportes e, por extensão, na sociedade brasileira[22].

Para este trabalho, uma das questões relevantes na obra de Leonardo Affonso de Miranda Pereira remete o debate para a recepção de diversos literatos à difusão dos esportes e, em especial, do futebol no Rio de Janeiro, ao longo das duas primeiras décadas do século XX. João do Rio, Gilberto Amado, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Carlos Sussekind de Mendonça, entre outros, analisaram os diversos sentidos assumidos pelo futebol na capital da República e, por conseguinte, em todo o Brasil. Nesse contexto, Coelho Neto e Lima Barreto apresentaram posições antagônicas que se revelam paradigmáticas na investigação do significado do futebol para os literatos da *belle-époque*.

Segundo o primeiro escritor, a expansão dos esportes na cidade consistia em um dado positivo, na medida em que proporcionava ao homem moderno a integração entre a dimensão atlética e a dimensão espiritual. Se o remo já tinha iniciado esse gosto pelas atividades esportivas, estimulando inclusive a aproximação do homem com a praia, invenção novíssima à época, o futebol dava seqüência a esse processo. Conforme mostra o filósofo Gerd Bornheim, em ensaio intitulado *A descoberta do homem e do mundo*[23], onde analisa toda a latitude do conceito de *descobrimento* nos tempos modernos e na história do Ocidente, a emergência do ideal de corpo na sociedade européia havia-se dado durante a passagem do século XIX para o século XX. Atendendo a um conjunto de

[22] A obra de Mário Filho tornou-se paradigmática para a historiografia do futebol brasileiro. Suas ações no âmbito esportivo fizeram com que o autor encarnasse a versão oficial da história do futebol brasileiro de tal maneira que, após seu falecimento em 1966, o Estádio do Maracanã, por iniciativa de Waldir Amaral e Nélson Rodrigues, fosse batizado como Estádio Mário Filho. Cf. MOURA, G. de. A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 44.

[23] Cf. BORNHEIM, G. "A descoberta do homem e do mundo". In: NOVAES, A. **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Ver, em especial, da página 43 à página 53.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

transformações tecnológicas, o corpo humano passava a ser valorizado após séculos de culpa corpórea inculcada pela tradição religiosa cristã. A realização dos Jogos Olímpicos a partir de 1896, concebida pelo Barão Pierre de Coubertin, ao mesmo tempo em que retomava um ideal greco-romano, constituía o símbolo de uma nova relação do ser humano com o corpo na história ocidental.

Assim, para Coelho Neto, cronista, torcedor e diretor do aristocrático Fluminense Football Club, a necessidade de formação de uma geração saudável, como a elite carioca praticante do *bolapé*[24], seguia os padrões estéticos e morais em voga na Europa. A educação física representava um novo instrumento da modernidade na direção da disciplina, do progresso e da civilização no Brasil.

Lima Barreto, por seu turno, condenava o futebol como mais uma aspiração das elites brasileiras à cópia das novidades provenientes da Europa. A propagação deste esporte tinha como conseqüência a exacerbação da virilidade e da agressividade do homem urbano. Além do choque físico entre os jogadores, as praças de esportes eram palco de deprimentes espetáculos de violência entre os torcedores. De acordo com o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o futebol era responsável ainda pelo acirramento das rivalidades entre Rio de Janeiro e São Paulo, estimulando o aumento das rixas inter-regionais, já tão presentes no âmbito da política e da economia durante a República Velha[25].

Os literatos estudados pelo historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira costumam ser apresentados pela crítica literária sob a rubrica do pré-modernismo. Esta classificação tem sido, entretanto, alvo de restrições. João Alexandre Barbosa[26] e Francisco Foot Hardman[27], por exemplo, asseveram o caráter precursor dos pré-modernistas, mostrando de que maneira as obras de um Euclides da Cunha, de um Lima Barreto e de um João Ribeiro já sinalizavam para o aparecimento de um novo código de leitura e interpretação crítica da realidade

[24] Várias eram as formas de se referir ao futebol no início do século XX. Enquanto Paulo Magalhães o designava por *pebol*, Alcides D'Arcanchy chamava-o de *balípodo*, sendo a forma mais comum o original inglês *football*. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 64.

[25] Décadas mais tarde, George Orwell iria acusar também o futebol de promover o ressentimento, referindo-se ao esporte como uma "guerra sem tiros". Cf. LEVER, J. **A loucura do futebol**. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 54.

[26] A alusão ainda do crítico paulista à prosa "desleixada" de Lima Barreto remete-nos às críticas endereçadas a José Lins do Rego no que diz respeito ao seu estilo romanesco pouco sofisticado. Cf BARBOSA, J. A. "Linguagem & realidade do modernismo de 22". In: **A metáfora crítica**. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 82, 83 e 84.

[27] Cf HARDMAN, F. F. "Antigos modernistas". In: NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

brasileira na esfera da cultura. Sérgio Miceli vai mais longe, sustentando a idéia de que o termo *pré-modernismo*, cunhado pelos próprios modernistas, era uma estratégia político-cultural de auto-afirmação desta geração[28]. Sem perder de vista estas devidas reconsiderações, pareceu-nos oportuno, com a necessária ressalva quanto ao seu sentido teleológico, a utilização do conceito de pré-modernismo, a fim de delimitar e de dar prosseguimento aos debates acerca do futebol entre os literatos brasileiros. A importância crescente do fenômeno futebolístico no Brasil propiciou a permanência das polêmicas e das diferentes interpretações levadas a cabo por escritores e artistas nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

Nesse período, ganham vulto os intelectuais vinculados ao modernismo, sejam os do eixo Rio-São Paulo, sejam os modernistas do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Nordeste. Após a Semana de Arte Moderna de 1922, marco simbólico da força dessa nova linhagem artística, os diversos autores do movimento modernista vão-se ramificando e espargindo no decênio de 1920 e nas décadas seguintes em torno de grupos, correntes, revistas, jornais, partidos políticos e instituições governamentais. De forma paralela ou subseqüente ao movimento de São Paulo, em diversas regiões, estados e cidades brasileiras, novos escritores vão-se juntando e dando seus próprios matizes ao ideário social, cultural e artístico do modernismo. Entre os diversos grupos surgidos, destaca-se aquele liderado por Gilberto Freyre, em 1926, no Recife, onde, ao lado de José Lins do Rego, foram lançadas as bases do moderno regionalismo nordestino e onde foi organizado o 1º Congresso Regionalista e Tradicionalista do Nordeste. Nele acalentavam-se polêmicas com os modernistas de São Paulo e postulava-se até mesmo um movimento independente em relação à Semana de Arte Moderna

[28] Sobre o assunto, o sociólogo paulista assim se coloca: "O termo 'pré-modernismo' constituiu um recurso político dos modernistas com o qual dataram os detentores da autoridade intelectual na década de 1920: seriam os epígonos das escolas dominantes do final do século XIX, os deserdados das grandes causas políticas – como, por exemplo, a Independência para os românticos, o abolicionismo e o movimento republicano para a geração naturalista –, os importadores otimistas das escolas européias periféricas ao simbolismo, os descristianizados. Também se conseguiu eufemizar o fato de que a maioria dos autores da primeira geração modernista havia estreado em plena República Velha, alguns bem antes de 1922: escritores como Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Ribeiro Couto, Oswald de Andrade e outros que, em geral por razões extraliterárias, tiveram condições para reconverter sua trajetória intelectual na direção do modernismo." Cf. MICELI, S. "Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)". In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 16.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

de 1922, na medida em que o atrelamento dos intelectuais paulistas às vanguardas européias comprometia a valorização das tradições autóctones do Brasil.

A busca pela definição dos traços e elementos culturais considerados genuínos da nacionalidade brasileira vai ser um dado recorrente entre esses autores. A missão de um *descobrimento do Brasil*[29] que integrasse o plano da cultura popular à caracterização da nação moderna era uma das tarefas precípuas daquela geração de intelectuais. Os modernistas repudiavam os modelos clássicos dos parnasianos, as suas inspirações greco-romanas e os seus recursos retóricos de ourivesaria. Retórica que se estendia até o âmbito do futebol, como se é possível ver nos versos seja da poetisa simbolista Gilka Machado[30], seja da poetisa parnasiana Ana Amélia[31], sendo estes dedicados a seu marido, o legendário e apolíneo goleiro do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça[32]. Logo, a literatura, a música, a pintura, a escultura, a arquitetura, bem como o folclore, a culinária, a indumentária e todo o tipo de expressão popular vão ser objetos de interesse, revisão e revolução estética entre esses novos grupos de escritores disseminados em vários pontos do país.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[29] Sobre a missão de um *descobrimento do Brasil* entre escritores brasileiros, como Monteiro Lobato, Capistrano de Abreu, Cecília Meireles, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, ver o projeto integrado do departamento de História Social da Cultura, da PUC-Rio, coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pelo professor Ilmar Rohloff de Mattos: *Modernos descobrimentos e descobridores do Brasil*. Cf. www.modernosdescobrimentos.inf.br; cf. também NEVES, M. de S. "Da maloca do Tietê ao império do Mato Virgem: Mário de Andrade – roteiros e descobrimentos". In: PEREIRA, L. A. de M.; CHALHOUB, S. **A história contada – capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

[30] Cf. MACHADO, G. "Aos heróis do futebol brasileiro". In: PEDROSA, M. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967. Até o final da década de 1930, Gilka Machado era considerada a maior poetisa brasileira, sendo muito admirada por Cecília Meireles e sendo equiparada no Brasil ao que Gabriela Mistral representava para o Chile, Alfonsina Storni para a Argentina, Juana de Iborburu para o Uruguai, Ana de Noailles para a França e Amália Guglielminetti para a Itália. Cf. SILVEIRA, T. da. "50 anos de literatura". In: COELHO, S. **Modernismo – estudos críticos**. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1952, p. 16. Cf. ainda PEREIRA, L. A. de M. **op. cit.**, p. 341.

[31] Cf. AMÉLIA, A. "O salto". In: PEDROSA, M. **op. cit.**, p. 109.

[32] Segundo o sociólogo Maurício Murad: "Marcos Carneiro de Mendonça começou na equipe do Hadock Lobo, foi para o América, ali perto, na Rua Campos Sales, e consagrou-se no Fluminense, sendo tricampeão caioca de 1917, 1918 e 1919. Marcos de Mendonça foi um excelente goleiro, redefinindo a posição e criando uma mística impossível, até então, para qualquer *goalkeeper*. Treinava com limões, laranjas e bolinhas de tênis, o que proporcionou um desenvolvimento extraordinário de sua habilidade e de sua elasticidade. Altíssimo, magro, enormes mãos (teria defendido um pênalti com apenas uma das mãos?), elegante e de origem familiar abastada, casou-se com a poetisa Ana Amélia. Muito tempo depois, tornou-se o mais importante historiador do período pombalino no Brasil (...) (o casarão no Cosme Velho era um verdadeiro e belo Museu de História e Arte). Foi o primeiro goleiro a servir à Seleção Brasileira e sagrou-se bicampeão nos Torneios Sul-Americanos de 1919 e 1922. Cf. MURAD, M. **op. cit.**, p. 122 e 123.

José Lins do Rego foi um dos representantes do modernismo. A sua obra ficcional, de feição regionalista, uniu de forma original as reminiscências pessoais de menino criado nos engenhos açucareiros do Nordeste aos relatos da tradição oral colhidos no contato com personagens da cultura popular. Conforme demonstra o crítico José Aderaldo Castello[33], a despeito de suas numerosas desavenças pessoais com os modernistas de São Paulo, as idéias de José Lins do Rego se entroncam com as grandes diretrizes do modernismo no Brasil. O retrato histórico de uma região atavicamente patriarcal, a crítica social à aristocracia rural e a adoção de técnicas do romance moderno seriam alguns dos traços com que um Sérgio Milliet[34], um Mário de Andrade[35] ou mesmo um Oswald de Andrade[36] avalizariam a ficção do escritor paraibano. A ênfase na memória e na recordação faria ainda com que Paulo Prado[37] equiparasse a obra serial do autor de *Fogo morto* à busca do tempo perdido de Marcel Proust, da mesma forma que o sociólogo Roger Bastide[38] referia-se aos traços de sociologia proustiana presentes em Gilberto Freyre. A oralidade e a cor local proporcionariam também a simpatia do franco-suíço Blaise Cendrars pelos livros de José Lins Rego. Em 1953, o vanguardista europeu, criador em 1913, junto com Apollinaire, da poesia cubista[39], prefacia a tradução francesa de *Menino de engenho, L'enfant de la*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[33] Cf. CASTELLO J. A. **José Lins do Rego, modernismo e regionalismo**. São Paulo: EDART, 1961.
[34] Apud TELES, G. M. **A crítica e o romance de 30 do Nordeste**. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990, p. 26.
[35] Cf. ANDRADE, M. de. "Riacho doce". In: REGO, J. L. do. **Riacho doce**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. Cf. Id. "Fogo morto". In: Id. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
[36] Cf. ANDRADE, O. de. **Telefonema**. São Paulo: Globo, 1996, p. 236 e 237. Cf. também **Os dentes do dragão**. São Paulo: Globo, 1992, p. 222 e 223.
[37] Apud LOUZADA, W. "Breve notícia de José Lins do Rego". In: REGO, J. L. do. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 10. Cf também CENDRARS, B. **Etc..., etc... (um livro 100% brasileiro)**. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 107 e 108.
[38] Cf. BASTIDE, R. "Apêndice". In: **Gilberto Freyre – sua filosofia, sua ciência, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 572.
[39] Cf. SEVCENKO, N. "Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993, nº 11, p. 86.

plantation[40], encantado com o "Brasil mágico" não só de José Lins do Rego, como de Aleijadinho, Raul Bopp e Jorge de Lima[41].

A presença expressiva do futebol no conjunto da vida e da obra de José Lins do Rego contribuiu para pensarmos a possibilidade do estabelecimento de uma ligação entre a questão dos esportes populares e a problemática originária do modernismo. Nesse sentido, a hipótese da presente dissertação é a de que a incorporação do futebol ao projeto de construção de um Brasil moderno a partir da década de 1930 pode ser identificada de forma exponencial nos romances, nos ensaios e, principalmente, nas crônicas esportivas de José Lins do Rego. Se em outros autores do modernismo a menção ao futebol é circunstancial, episódica e rarefeita, no escritor paraibano ela se apresenta de maneira sistemática e cristalina. Com esse intuito, procuraremos fazer a articulação dos três capítulos que compõem a dissertação.

No primeiro capítulo, ***Futebol, uma querela modernista,*** procuramos desenvolver a discussão em torno dos sentidos e significados assumidos pelo futebol entre alguns representantes importantes do modernismo brasileiro. A presença incidental e periférica do futebol entre tais escritores não impede a apreciação qualitativa dos esportes no cerne das motivações modernistas. A oscilação entre a adesão e o repúdio ao fenômeno futebolístico era orientada pelas dicotomias próprias do modernismo: o nacional e o estrangeiro, o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, o popular e o erudito, o autêntico e o postiço, o artesanal e o industrial, entre outras formulações antitéticas. Ao levantarmos tais polêmicas, torna-se possível perceber o lugar em que se inscreve o pensamento de José Lins do Rego sobre o futebol.

No segundo capítulo, ***O modernismo e a crônica esportiva,*** buscamos mostrar a relação entre os modernistas e a crônica, entendida como um gênero

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[40] Cf. CENDRARS, B. "La voix du sang". In : REGO, J. L. do. **L'enfant de la plantation**. Paris: Deux Rives, 1953, p. 7-22. Neste prefácio, Blaise Cendrars assim se pronuncia a respeito da obra de estréia de José Lins do Rego: "Não sei como nem porquê, mas quando leio estas páginas, pássaros pulam de uma linha a outra. Meu sangue bate mais depressa." Apud EULÁLIO, A. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Perspectiva, 2001, p. 459.

[41] Cf. AMARAL, A. A. **Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas**. São Paulo: Editora 34/Fapesp, 1997. A referência a Aleijadinho encontra-se à página 61. As referências a Raul Bopp e a Jorge de Lima encontram-se na página 173.

literário polimórfico[42], capaz de estreitar o contato entre o escritor e o leitor. A informalidade, efemeridade e o caráter fragmentário próprios deste estilo proporcionavam aos escritores modernistas a realização de um dos mais altos ideais de sua geração: a liberdade de expressão, a simplicidade estilística e a possibilidade de comunicação com extratos mais amplos da população. A crônica esportiva, uma variante desse gênero, usualmente desvinculada das reflexões sobre a história do modernismo, é aqui considerada como o veículo predileto através do qual José Lins do Rego ligava-se ao cotidiano da vida do carioca e do brasileiro.

No terceiro capítulo, ***Por que me ufano do meu Flamengo***, procuramos salientar de que forma a relação modernista entre o futebol e a identidade brasileira adquire especificidade em José Lins do Rego. De maneira reiterada, o cronista vale-se da caracterização do futebol no âmbito das identidades clubísticas. A análise recai no discurso sobre o Clube de Regatas do Flamengo e o seu caráter nacional-popular, cristalizado através de um desenvolvimento histórico homólogo à trajetória do próprio futebol brasileiro. Ao invés da ênfase na paixão de José Lins do Rego pelo Flamengo como mais um dado biográfico, como mais uma simpatia ou uma idiossincrasia natural de um torcedor, tenta-se acompanhar os critérios que norteiam a sua definição de nacionalidade, bem como o estabelecimento de uma singular relação entre o clube carioca, o Nordeste brasileiro e a identidade nacional.

Com este propósito, acreditamos ser possível a realização de ideal acalentado por mim já há alguns anos. Desde os tempos de graduação em Ciências Sociais (1992-1996), no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, a leitura de clássicos do pensamento social brasileiro, como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, em suas sínteses amplas de interpretação histórica do Brasil, despertava meu interesse pelos estudos acerca da cultura brasileira. A atração pela literatura, pela música e pelo cinema brasileiro permitia-me ainda a percepção daquele profícuo diálogo entre arte e ciência, entre literatura e história, entre cultura e sociedade. Diálogo alinhavado com

[42] A referência à crônica como gênero polimórfico é da historiadora Margarida de Souza Neves. Cf. NEVES, M. de S. "História da crônica. Crônica da história.". In: RESENDE, B. (org.) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 17.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

propriedade por Alfredo Bosi[43] em *Literatura e resistência* e por Nicolau Sevcenko[44] em *Literatura como missão*, onde o cruzamento entre a dimensão histórica e a dimensão literária não se reduz a reflexo, determinação ou autonomia de uma em relação à outra, mas a uma relação tensa de intercâmbio, que confronta o texto literário e o contexto histórico. Foi com esta motivação que escolhi o programa de pós-graduação de História Social da Cultura; foi com este objetivo que me propus nesta dissertação à tentativa de estabelecimento de uma interseção entre José Lins do Rego, o modernismo e o futebol brasileiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[43] Cf. BOSI, A. "Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária". In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
[44] Cf. SEVCENKO, N. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

1
Futebol, uma querela modernista

1.1 Da música popular à brasilidade esportiva

Ao longo do século XX, a música popular e o futebol foram-se tornando dois grandes ícones da identidade brasileira. A cristalização dessa imagem do país penetrou o senso-comum e tem nos dias de hoje alcance internacional. Os dois símbolos da nacionalidade incidem de forma direta na maioria da população de modo a elevar sua auto-estima. O prestígio da música popular e os feitos recorrentes do futebol brasileiro nas Copas do Mundo atuam como uma espécie de contrabalança para o amplo descrédito das instituições políticas, dos padrões de conduta moral e das perspectivas de ascensão econômica em nossa sociedade.

A maneira pela qual cada um desses dois símbolos foi erigido e incorporado à idéia da *brasilidade*[1] ocorreu de forma peculiar e em momentos distintos. No âmbito do modernismo, embora em algumas ocasiões eles se toquem e entrecruzem, a música e o futebol foram concebidos inicialmente de forma oposta.

O interesse do intelectual pela música e por suas manifestações folclóricas remonta ao romantismo oitocentista e, em especial, ao último quartel do século XIX. A figura de Sílvio Romero[2] pode ser considerada emblemática entre a geração de 1870, que procura salvaguardar as poesias populares, os contos tradicionais e a literatura oral dispersa nas regiões mais recônditas do país. De maneira similar ao que sucedia na Europa, como mostra o historiador inglês Peter Burke em *A cultura popular na Idade Moderna*[3], a coleta do repertório musical era uma incumbência do homem letrado à época. A preservação do material folclórico, visto como *peça de antiquário*, para falar com o sociólogo Renato

[1] Empregamos nesse capítulo o conceito de brasilidade tal como postulou o filósofo Eduardo Jardim de Moraes em sua análise sobre o modernismo. Cf. MORAES, E. J. de. **A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
[2] Cf. ROMERO, S. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.
[3] Cf. BURKE, P. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Ortiz[4], fazia parte de um ideal de resgate dos bens culturais que manteriam intactos os traços da nacionalidade.

Nas primeiras décadas do século XX, a atividade missionária[5] em torno da música continua em vigor, embora a partir de novos personagens e em diferentes contextos. Já Graça Aranha, em seu ensaio *Espírito moderno*, assinala a música popular como o elemento unificador do caráter nacional brasileiro[6]. A influência do romantismo alemão fazia com que o autor de *Canaã* se voltasse para a idéia da existência de uma alma do povo. A singularidade de cada nação seria encontrada em uma manifestação cultural específica, que reuniria os diversos aspectos da tradição popular. No caso brasileiro, Graça Aranha percebia na música a expressão genuína e a legítima representante da nacionalidade.

Nos decênios de 1920 e 1930, o modernismo despontaria com redobrado entusiasmo pelo folclore e pela música popular. Mário de Andrade, Renato Almeida e Heitor Villa-Lobos, entre outros, atualizavam o nacionalismo romântico de pesquisa e conservação do material rítmico, melódico e poético da música brasileira. O projeto de rastreamento das canções anônimas dispersas no interior do país possuía um viés não só de incursão etnográfica como de alcance étnico. Nas viagens feitas por esses intelectuais, seja a Mato Grosso, à Amazônia ou às pequenas cidades do Nordeste, destacava-se o interesse pelas manifestações indígenas e negras. Até então rejeitadas ou consideradas residuais em face da civilização européia, as tradições indígenas e africanas passam a ser valorizadas, na medida em que as suas contribuições culturais seriam pilares fundamentais na afirmação da identidade nacional.

Entretanto, a atenção dos escritores modernistas nos decênios de 1920 e 1930 não estaria apenas voltada para as regiões rurais ou para os rincões ignotos do vasto interior do país. A área urbana com os seus grandes contingentes de população negra, com o seu subúrbio de feição ainda rural e com os seus bairros

---

[4] Cf. ORTIZ, R. "Românticos e folcloristas". In: **Cultura popular**. São Paulo: Olho D'água, 1992.

[5] Para o projeto de *missão* junto aos folcloristas brasileiros, ver em especial o antropólogo Luís Rodolfo Vilhena. Cf. VILHENA, L. R. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997. Para a idéia de *missão* entre os escritores pré-modernistas, como Lima Barreto e Euclides da Cunha, ver em especial o historiador Nicolau Sevcenko. Cf. SEVCENKO, N. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

[6] Segundo Graça Aranha: "Um povo, ou melhor, o caráter de um povo, se revela no seu divertimento preferido, porque é aí que se manifesta a sensibilidade coletiva." Cf. ARANHA, G. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

que viviam à margem dos surtos de modernização excludente também era alvo de interesse. São Paulo, Recife e o Rio de Janeiro representavam os principais pólos urbanos de atração do modernismo.

Em relação à cidade do Rio de Janeiro, o antropólogo Hermano Viana narrou um encontro ocorrido em 1926 entre Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Prudente de Morais Neto com Pixinguinha, Donga[7] e Patrício Teixeira, entre outros. Esse encontro noturno em um tradicional bar carioca seria um marco da ligação entre os intelectuais modernistas eruditos, oriundos da elite, e os compositores negros populares, provenientes das camadas urbanas subalternas[8]. Assim como o autor de *O mistério do samba*, o pesquisador André Gardel[9] estudou de forma pontual a relação entre Manuel Bandeira e Sinhô. Em seu *humilde cotidiano*[10] na Lapa e em Santa Teresa, o poeta pernambucano expressou em crônicas sua admiração pelo sambista de extração popular. Outro exemplo ainda a ser mencionado seria o notório interesse de Villa-Lobos pelos choros, pelos cordões e pelas cantigas tradicionais escutadas nas noites boêmias do Rio de Janeiro e transfiguradas mais tarde em música clássica à Bach, à Debussy e à Stravinsky. Além de fundar o bloco *Sodade do cordão*, Villa-Lobos, assíduo freqüentador da Mangueira, apresentaria o regente Leopold Stokowski, em visita ao Brasil no início da década de 1940, a sambistas de morro como Cartola, Zé da

[7] Donga, autor do primeiro samba gravado, *Pelo telefone* (1917), já havia conhecido, à época do encontro, Blaise Cendrars, o intelectual franco-suíço entusiasta da cultura popular brasileira. Por intermédio de Pixinguinha, Donga o conhecera numa excursão do grupo *Oito batutas* a Paris. Outros intelectuais e músicos costumavam também participar desse tipo de encontro muito comum naquele período, como Jayme Ovalle, Luciano Gallet e João da Baiana. Prudente de Morais Neto relata, em crônica publicada no *Diário de Notícias* do dia 16 de julho de 1969, um encontro por ele promovido entre o sambista Ismael Silva, Mário de Andrade e Augusto Frederico Schmidt. Cf. FILHO, A. de. O. **Pioneiros do samba – Bicho Novo, Carlos Cachaça e Ismael Silva**. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 187. Sobre o específico encontro relatado por Hermano Vianna, ver o testemunho de Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Morais Neto). Cf. DANTAS, P. "Ato de presença". In: **Gilberto Freyre – sua filosofia, sua ciência, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 196. Vale lembrar também que em 1946 Pixinguinha viria a compor, em parceria com Benedito Lacerda, o choro *Um a zero*, música inspirada em uma partida de futebol.

[8] O exemplo de Hermano Viana lança mão dos conceitos de cultura erudita e cultura popular, que, nas últimas décadas, têm sido alvo de grandes debates. Para uma abordagem desses conceitos, ver a teoria da circularidade cultural na relação entre o erudito e o popular, tal como propõem vários historiadores. Cf. GINSZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Cf. também CHARTIER, R.; JULIA, D.; REVEL, J. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.

[9] GARDEL, A. **O encontro de Manuel Bandeira e Sinhô**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1996.

[10] O termo "humilde cotidiano" é aqui utilizado a partir de um precioso ensaio do crítico paulista Davi Arrigucci Jr. sobre o autor de *Estrela da vida inteira*. Cf. ARRIGUCCI Jr., D. "O humilde cotidiano de Manuel Bandeira". In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Zilda e Zé Espinguela, entre outros[11]. Uma relação menos conhecida e que causa espécie na esfera da nossa pesquisa é o apreço de José Lins do Rego à figura do compositor Noel Rosa, expresso no artigo *Música carioca*[12]. Escrito em 1942, o artigo louva a *mina melódica* do poeta de Vila Isabel, exprimindo de forma semelhante tal ligação entre os intelectuais e a música popular – ligação também estudada na década de 1990 pelas antropólogas Santuza Cambraia Naves[13] e Elizabeth Travassos[14].

A tentativa de integração e de fixação desses elementos tidos como próprios da brasilidade junto à chamada cultura nacional vai orientar as atuações de intelectuais como Mário de Andrade e Villa-Lobos após a década de 1920, já sob a égide da Revolução de 30. A via política e institucional, mediada principalmente por Gustavo Capanema e Rodrigo Melo Franco de Andrade no interior do Ministério da Educação ou do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, seria o lugar privilegiado para a edificação do lugar da arte popular na cultura nacional e para a sua apropriação no cerne da ideologia do Estado durante a Era Vargas, tal como foi estudada por Sérgio Miceli[15]. Em seu livro, o sociólogo paulista consagrou a idéia de cooptação dos artistas modernistas ao regime do Estado Novo e analisou os intelectuais brasileiros à luz das teorias de Pierre Bourdieu, teorias essas, por sua vez, a que faz ressalvas Antônio Cândido no próprio

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[11] Cf. LOPES, N. **Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2001, p. 34.

[12] Cf. REGO, J. L. do. "Música carioca". In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. Anos depois, José Lins do Rego voltaria a escrever ensaio homônimo apregoando a autenticidade da música carioca e maldizendo as influências externas descaracterizadoras. Vale ressaltar a importância do Rio de Janeiro, capital da República, na construção desta autenticidade. Cf. Id. "Música carioca". In: **O vulcão e a fonte**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958. Além dos dois ensaios, é possível perceber a admiração de José Lins do Rego pela música popular carioca e por Noel Rosa, em especial, no trecho da seguinte crônica esportiva: "Como torcedor, estarei no Maracanã para ver a valsa de Viena perder o seu ritmo diante dos passos de samba de um Didi, com disposição de impor o nosso morro carioca aos bosques de Franz Lehar. Dizem que o Corínthians Paulista andou penando aos pés dos mestres austríacos. Vi-os no ano passado levar um baile em regra do Vasco. O mesmo espero na noite de hoje. Ao som do samba dançam até os arvoredos, dizia o grande Noel. Vamos fazer os louros rapazes de Viena entrarem num cordão de suar a camisa." Cf. REGO, J. L. do. "Ao som do samba dançam até os arvoredos". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1952, p. 5.

[13] Cf. NAVES, S. C. **O violão azul – modernismo e música popular**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

[14] Cf. TRAVASSOS, E. **Modernismo e música popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. Da mesma autora, ver também outra obra importante. Cf. Id. **Os mandarins milagrosos: arte e etnografia e Mário de Andrade e Béla Bartók**. Rio de Janeiro: FUNARTE: 1997.

[15] Cf. MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: Difel, 1979.

prefácio do livro de Miceli, em razão dos esquemas generalizantes que norteiam esta abordagem.

Assim, a despeito da influência da indústria fonográfica e dos meios de comunicação próprios da cultura de massas, como o rádio, que absorviam boa parte da produção desses compositores nos anos de 1930 e 1940, a música popular constituiria em mais um dos elementos articulados pelos modernistas à *retórica da perda*[16], de que trata o antropólogo Reginaldo Gonçalves a propósito dos discursos sobre patrimônio cultural no Brasil.

Já o futebol traçou um percurso bem distinto e foi recebido de modo diametralmente oposto pelos intelectuais modernistas no decênio da Semana de Arte Moderna. Se a música popular e o folclore pertenciam à perspectiva salvacionista do projeto do modernismo, o fenômeno futebolístico no Brasil dos anos de 1920 passava muito ao largo das preocupações missionárias daqueles escritores. A intensa presença dos esportes na vida social brasileira chegava a tal ponto que Mário de Andrade, em *Macunaíma*[17] (1928), obra-prima do modernismo, representava ficcionalmente o futebol como uma das três pragas que assolavam o país. Ao lado do bicho-do-café e da lagarta rosada, o futebol, inventado com raiva por Macunaíma, era uma peste que infestava as cidades e que se alastrava pelos campos do Brasil.

Não surpreende que, em sua rapsódia literária, o preguiçoso herói de Mário de Andrade fosse avesso à prática esportiva. A introdução do *foot-ball* no Brasil, feita na virada do século XIX para o século XX, dava-se por intermédio de jovens atletas, descendentes de imigrantes europeus ou filhos das elites abastadas brasileiras, que se reuniam nos requintados clubes das grandes cidades. Esses novos personagens do cenário do país, em sua quase totalidade estudantes de direito e de medicina[18], ligados por conseguinte ao *ethos* positivista da ciência, traziam não apenas as últimas novidades da Europa, mas, sobretudo, uma mentalidade distinta que preconizava a importância do adestramento, da disciplina e do culto ao corpo.

---

[16] Cf. GONÇALVES, J. R. dos S. **A retórica da perda – os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

[17] Ver em especial o capítulo VI: "A francesa e o gigante". Cf. ANDRADE, M. de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2001, p. 49 e 50.

[18] Apud Rosenfeld, A. "O futebol no Brasil". In: **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993, p. 83.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko[19], em sua obra sobre a irradiante capital da República no início do século XX, as transformações tecnológicas e científicas por que passava o capitalismo europeu desde 1870 tinham efeitos em todos os níveis de representação da sociedade e atingiam o Brasil do início do século XX. A industrialização e a urbanização acarretavam profundas mudanças no ritmo de vida citadina. A formação de contingentes operários, a ampliação das correntes imigratórias européias e o aumento do fluxo demográfico faziam com que a própria arquitetura das cidades fosse planejada de forma a funcionar como um organismo humano. A mecanização e a velocidade eram os imperativos dos tempos modernos.

O menosprezo ou o repúdio dos escritores modernistas em relação ao futebol ocorria na proporção em que ele vinha no bojo dessas mudanças. O futebol, subproduto de importação, provinha de uma matriz européia transplantada por uma elite anglófila e francófila, ávida por novidades e exotismos. Sob a égide do nativismo, do primitivismo e do nacionalismo modernista, o futebol constituía mais um fenômeno típico da *dependência cultural*[20] brasileira e situava-se no mesmo processo de formação homogênea de uma sociedade urbano-industrial. A importação do futebol representava a adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem integralmente inglesa e seu vestuário britânico desconhecido. Admirado pelas elites do Rio de Janeiro e de São Paulo, o futebol amador dos anos de 1920 proporcionava um certo ócio aristocrático de fruição do tempo e do lazer, tanto para os espectadores quanto para os seus praticantes. Para a burguesia carioca e paulistana, a prática esportiva trazia de forma subjacente os valores positivos da competição, da iniciativa, da igualdade de direitos e do aperfeiçoamento individual[21].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[19] Cf. SEVCENKO, N. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In: NOVAIS, F. (org.). **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

[20] Para uma compreensão da oposição entre o conceito de dependência cultural e a idéia de brasilidade no modernismo, ver em especial a obra de Eduardo Jardim de Moraes. Cf. MORAES, E. J. de. **op. cit.** Deve-se, entretanto, ver com cuidado a relação dos modernistas com os elementos importados da Europa, pois ao lado do nacionalismo e até de um certo xenofobismo, coexistia a concepção de Mário de Andrade expressa em *O banquete* (1943), segundo a qual: "Nós somos também civilização européia". Apud SOUZA, G. de M. e. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas Cidades, 1979, s. p.

[21] A introdução do futebol nas fábricas, como um expediente patronal de controle e de distração dos operários, é tratada pelo historiador Joel Rufino dos Santos, em *História política do futebol brasileiro*. Apud PEREIRA, L. A. de M. **op. cit**., capítulo 3.

Nesse sentido, é possível compreender o fato de o futebol passar alheio ao crivo e ao interesse mais estrito do modernismo ao longo dos anos de 1920. Encontram-se, contudo, aqui e ali, em um poema ou em um conto, indícios dessa presença que se torna a cada ano mais marcante. Mário de Andrade, sempre atento aos fatos do cotidiano, já em sua *Paulicéia desvairada* (1922) refere-se a um domingo em que o futebol mobiliza a cidade:

> "Hoje quem joga?... O Paulistano
> Para o Jardim América das rosas e dos pontapés!
> Friedenreich fez goal! Corner! Que juiz !
> Gostar de Bianco? Adoro. Qual Bartô...
> E o meu xará maravilhoso!...
> – Futilidade, civilização..."[22]

Embora existente no dia a dia do habitante de São Paulo, o futebol para Mário de Andrade significava ainda mais uma moda fútil entre as inúmeras que aportavam da realidade européia. O poeta-cronista capta com sensibilidade a empolgação dos que acorrem para assistir a uma partida, mas não deixa de realçar o traço elitista do esporte, eivado de expressões estrangeiras e praticado com violência em um clube tradicional da cidade. A referência a Arthur Friedenriech é significativa, pois se trata do primeiro ídolo nacional do futebol brasileiro nos anos de 1910 e 1920, que descendia, de maneira sugestiva, de um imigrante alemão e de uma lavadeira negra. Conforme indica ainda Nicolau Sevcenko[23], Arthur Friedenreich e Edu Chaves, sendo este um ás da aviação, eram os dois grandes ídolos esportivos da cidade de São Paulo. Friedenriech, conhecido como El Tigre[24], seria alvo de interesse no início da década de 1930 de um outro escritor modernista, Menotti del Picchia. O autor de *Juca mulato* escreveu o roteiro do

[22] Cf. ANDRADE, M. **De Paulicéia desvairada a Café (Poesias completas)**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d., p. 47.
[23] Cf. SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57.
[24] Sobre a trajetória de Arthur Friedenreich, ver . Cf. COSTA, A. da. **O tigre do futebol: uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich**. São Paulo: DBA, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

filme *Campeão de futebol*[25], em que homenageia o craque da época, ao lado de Feitiço[26], entre outros jogadores[27].

O futebol não passaria imune também à pena de Oswald de Andrade. Nas peripécias de suas *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), Oswald de Andrade enxerta o poema *Bungalow das rosas e dos pontapés*, que se assemelha aos versos anteriores de Mário de Andrade:

> Bondes gols
> Aleguais
> Noctâmbulos de matches campeões
> E poeira
> Com vesperais
> Desenvoltas tennis girls
> No Paulistano
> Paso doble."[28]

Oswald de Andrade registra com seus versos livres, em forma de instantâneos fotográficos, a mesma presença do futebol na cidade moderna de São

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[25] *Campeão de futebol*, dirigido por Genésio Arruda, é considerado o primeiro filme sobre futebol no Brasil. Arthur Freidenreich participa do filme ao lado de jogadores do Santos, como Araken Patusca, de jogadores do Palestra Itália, como Ministrinho, que em 1931 seria transferido para o futebol profissional italiano, de jogadores do Corinthians, como o elegante goleiro Tuffy e do músico e palhaço de circo Gernésio Arruda, espécie de precursor do humorista Mazzaropi. Se *Campeão de futebol* é o primeiro filme a tematizar ficcionalmente este esporte, segundo informação do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, 1908 é a data da primeira filmagem documental de uma partida do futebol brasileiro. A gravação foi feita em um jogo entre o Brasil e a Argentina e foi realizada pelo português radicado no Brasil, Antônio Leal. O sociólogo Maurício Murad tem feito também um levantamento sobre as relações entre futebol e cinema no Brasil, tema que chegou a ser esboçado pelo cineasta Alex Viany. Cf. HELENA Jr., A. **Palmeiras: a eterna academia**. São Paulo: DBA, 1996, p. 19 e 21. Cf. também TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996, p. 161 e 162. Cf. ainda MURAD, M. "Futebol e cinema no Brasil 1908/1981". In: COSTA, M. R. da. (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. Cf. ainda VIANY, A. "Cinema e futebol". In: PEDROSA, M. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

[26] Em 1929, Nélson Rodrigues assina sua primeira crônica esportiva no periódico de seu pai, *A Crítica*, em que trata do goleador Feitiço.

[27] Cf. AQUINO, R. S. L. de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 160.

[28] Cf. ANDRADE, O. de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1991, p. 88. "Aleguais" era um grito de interjeição da época, com que o torcedor comemorava o gol da sua equipe. Outra interjeição bem comum à época era o *'hip,hip, hurrah!'* de que fala Mário Filho. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 59.

Paulo. Ao lado dos bondes, elemento simbólico do progresso[29], os gols integram-se a esse novo tempo de agitação e frenesi que contagia as grandes metrópoles. O futebol figura assim como um aspecto do cosmopolitismo que ajusta a vida paulistana aos novos espetáculos das cidades européias. Anos mais tarde, em artigo escrito para o *Estado de São Paulo*[30], Oswald de Andrade voltaria a se referir ao futebol, mas agora como um fenômeno da modernidade de fundamento religioso, ao lado dos festivais de cinema e da política.

Em 1927, Antônio de Alcântara Machado publica o conto *Corinthians (2) vs Palestra (1)*. Nesse conto, o futebol não aparece da mesma maneira que em Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ele não é apenas mais um motivo temático que se impõe pela sua inserção no cotidiano da cidade. O jogo ocupa o centro da história e a sua linguagem se instila na estrutura do texto. Alcântara Machado[31] narra a partida fisgando os movimentos, as inflexões e as nuances de uma partida de futebol. O escritor paulista frisa a oralidade própria do jogo, as interjeições características dos espectadores, as circunvoluções e os deslocamentos dos jogadores em torno da bola. Com esta criativa crônica em forma de conto, o autor realiza a partir do futebol as experiências lingüísticas que tanto fascinavam os modernistas da década de 1920.

O decênio de 1930 inaugura uma nova etapa na história do futebol e, por conseguinte, na sua relação com os modernistas, já na segunda fase desse movimento[32]. Se, na década anterior, o futebol é apreciado em razão de seu apelo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[29] Para uma análise do bonde como símbolo da modernidade na poesia oswaldiana, ver o ensaio de Roberto Schwarz. Cf. SCHWARTZ, R. "A carroça, o bonde e o poeta modernista". In: **Que horas são? – ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

[30] Cf. ANDRADE, O. de. "Do órfico e mais cogitações". In: **Estética e política**. São Paulo: Globo, 1994, p. 289.

[31] Cf. MACHADO, A. de. A. "Corinthians (2) vs. Palestra (1)". In: **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Apesar das constantes polêmicas entre os escritores modernistas de São Paulo e José Lins do Rego, o autor de *Menino de engenho* manifestou por diversas vezes sua simpatia pela obra de Alcântara Machado. Ver ensaio homônimo de José Lins do Rego sobre o escritor paulista. Cf. REGO, J. L. do. "Antônio de Alcântara Machado". In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. Antônio de Alcântara Machado, além de sua criação literária, teve uma relação direta com a difusão dos esportes no Brasil. Aluno da tradicional Academia de Direito do Largo do São Francisco, foi fundador da primeira Liga Atlética Acadêmica do Brasil, segundo o historiador Nicolau Sevcenko, "uma entidade poliesportiva devotada à propaganda, à prática e ao apoio de todas as formas de cultura física, vista como chave para se entrar na vida moderna propriamente dita." Cf. SEVCENKO, N. "Transformações na linguagem e advento da cultura modernista no Brasil." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993, nº 11, p. 84 e 87.

[32] Segundo a periodização de Afrânio Coutinho, o modemismo é constituído por três fases principais: a primeira fase (1922-1930), de ruptura e de caráter destrutivo do passado; a segunda fase (1930-1945), o pós-modernismo, de caráter construtivo de uma cultura nacional; e a terceira

como fenômeno do cotidiano urbano e como meio de experimentação estilística, nos anos de 1930 a questão da representatividade nacional passa a ser o eixo de preocupação dos modernistas. Isso se verifica também porque naquele decênio os campeonatos de futebol passam a ter dimensão intercontinental e são organizadas as três primeiras copas do mundo: em 1930, no Uruguai; em 1934, na Itália; e em 1938, na França. Esta última, a primeira transmitida pelo rádio, mostrava também a importância das transmissões radiofônicas para o processo de popularização do futebol no país, em uma escala nacional cada vez mais abrangente.

Esses torneios vêm-se somar aos campeonatos sul-americanos, às partidas contra uruguaios, argentinos e chilenos, em disputas anuais intituladas Taça Rio Branco, Copa Roca e Copa O'Higgins[33], respectivamente. Tais jogos são cruciais na formulação da questão da identidade, à medida que ensejam a discussão sobre a imagem do país no exterior e reforçam a idéia de unidade nacional por intermédio dos esportes. Os modernistas, ao longo do decênio, não se mostrariam infensos às repercussões desse debate na vida social brasileira.

As modestas participações do Brasil nas Copas do Mundo de 1930 e 1934 trazem à tona a discussão sobre a composição do selecionado brasileiro, formada então hegemonicamente por jogadores brancos. A experiência vitoriosa de um time com atletas brancos, negros e mestiços na Copa Rio Branco de 1932, quando o Brasil vence os uruguaios, campeões do mundo dois anos antes, contribui para aumentar a pressão pelo profissionalismo. Após 1933, com a profissionalização do futebol e o ingresso oficial de jogadores negros e mulatos, o amadorismo elitista tem de aceder à nova realidade esportiva. O bom desempenho dos jogadores de origem negra abre a brecha para a associação entre a identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro[34].

---

fase (de 1945 em diante), o neomodernismo, de apuração formal e estilística cada vez mais elevada. Cf. COUTINHO, A. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966, p. 277, 278 e 279.

[33] Não encontramos na pesquisa junto aos periódicos de o *Jornal dos Sports* referências a esta copa. Ela é mencionada, entretanto, pelo jornalista Marcos de Castro. A Copa O'Higgins é uma alusão ao primeiro presidente do Chile, Bernardo O'Higgins (1776-1842); já a Copa Roca refere-se ao presidente argentino, Julio Argentino Roca (1843-1914); a Copa Rio Branco, por sua vez, é uma homenagem ao Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil entre 1902 e 1912, grande incentivador dos jogos atléticos e da educação física, responsável por salvaguardar terras nacionais em questões de fronteira com a Argentina, a Bolívia, a Guiana Francesa e a Guiana Inglesa. Cf. REGO, J. L. do. "Rio Branco e o futebol". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 32 e 146.

[34] José Lins do Rego, em seu prefácio ao livro *Copa Rio Branco 32* (1943), dá uma mostra da vibração que cercava a formação de uma seleção originária das mais diferentes procedências

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A originalidade étnica divisada no futebol atinge o seu ápice na década de 1930 durante a realização da Copa do Mundo de 1938, na França. Embora o Brasil não houvesse saído vencedor, obtendo o terceiro lugar, a atuação de Leônidas da Silva e de Domingos da Guia estreita o sentimento esportivo de pertencimento e de identificação à pátria. Oswald de Andrade, longe de ser aficcionado pelos esportes, como se verá mais adiante, embora tenha praticado o futebol, a natação e o boxe[35] em sua juventude, registrou os êxitos futebolísticos do país no estrangeiro[36] em seu telegráfico poema *E a Europa curvou-se ante o Brasil*. Nele, segundo depoimento do crítico teatral Décio de Almeida Prado, o autor refere-se à excursão do clube amador de São Paulo, o Paulistano, ao continente europeu no ano de 1925, que contou com a participação de Arthur Friedenreich:

"7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette[37]
4 a 0
2 a 1

econômicas e sociais, em um tipo de descrição em que se podem perceber as influências das teorias raciais e culturais de Gilberto Freyre: "Os rapazes que venceram em Montevidéu eram um retrato de uma democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martins. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. Lendo este livro sobre foot-ball, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo". Cf. FILHO, M. **Copa Rio Branco 32**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943, p. 7 e 8. A vitória do selecionado brasileiro neste campeonato, com um time formado por jogadores brancos, negros e mestiços, superando o Uruguai, a equipe recém-campeã da 1º Copa do Mundo de futebol, em 1930, parece ter sido muito importante no sentido da pressão pela implantação do profissionalismo. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Domingos da Guia aponta a vitória da Copa Rio Branco, em 1932, como a sua maior alegria no futebol. Cf. MORAES, M. de (org.). **Futebol é arte – Zizinho, Domingos da Guia, Pelé**. Rio de Janeiro: MIS Editorial/Faperj, s.d., p. 208. Sobre a imprecisão de Gilberto Freyre face aos conceitos de raça e cultura, ver dois ensaios de Luiz Costa Lima. Cf. LIMA, L. C. "A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & senzala". In: **A aguarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. Cf. também "O elogio do congraçamento". In: **Intervenções**. São Paulo: Edusp, 2002.

[35] Cf. FONSECA, C. **O pensamento vivo de Oswald de Andrade**. São Paulo: Martin Claret, 1987, p. 13.

[36] Cf. PRADO, D. de A. "Latejando com o futebol". In: **Seres, coisas, lugares – do teatro ao futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

[37] Alusão à derrota futebolística sofrida pelos brasileiros à época, na cidade francesa de Sete (antiga Cette), cidade onde nasceu o poeta Paul Valéry (1871-1945), que, segundo João Lyra Filho, era apreciador de futebol. Cf. FILHO, J. L. "Influência do desporto nas letras". In: **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 144.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

2 a 0

3 a 1

E meia dúzia na cabeça dos portugueses.”[38]

A imagem suscitada pela poesia sugere uma Europa, e os portugueses em especial, prostrada ante a façanha dos brasileiros. Pela via do futebol, o Brasil teria o sortilégio de inverter a tradicional relação de dependência face às potências do Velho Mundo. Os modernistas descortinavam um meio em que a congênita idéia de inferioridade do brasileiro podia ser superada. Mário de Andrade, em crônica de 1939, intitulada *Brasil-Argentina*, também acentua essa transformação verificada em torno do futebol. O seu processo de apropriação pela identidade da nação chega a adquirir um caráter antropofágico na seguinte passagem:

> “Dezenas de tribos diferentes se organizando, se entrosando, recebendo mil e uma influências estranhas, mas aceitando dos outros apenas o que era realmente assimilável e imediatamente conformando o elemento importado em fibra nacional.”[39]

As sensações descritas por Mário de Andrade ao longo da sua crônica mostravam-se fluidas, sendo capazes de se transferir num átimo do selecionado brasileiro ao selecionado argentino e deste até mesmo aos gregos. O que se depreende de suas divagações em torno do jogo era a capacidade de o futebol encarnar as representações coletivas em torno da nação, depurando-a do “elemento importado”. A visão de Mário de Andrade sobre o futebol incorporava também a antropofagia concebida por Oswald de Andrade, onde se afirmava a capacidade brasileira de deglutição, bem como de assimilação das influências estrangeiras e de sua transformação em expressões genuinamente nacionais[40].

---

[38] Cf. ANDRADE, O. de. “Postes da Light”. In: **Poesias reunidas**. São Paulo: Difel, 1966, p. 114. O título do poema oswaldiano parecia ser uma expressão comum entre os jornais da época. Em 24 de junho de 1928, após a vitória de cinco a zero do Brasil sobre a Escócia, com quatro gols de Feitiço, os jornais repetiam na manchete o dizer: ‘A Europa Se Curva Mais Uma Vez Ante o Brasil’. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 160.

[39] Cf. ANDRADE, M. de. “Brasil-Argentina”. In: **Os filhos da Candinha**. São Paulo: Martins, 1963, p. 81.

[40] A importância de Oswald de Andrade e da antropofagia na cultura brasileira seria retomada nas décadas de 1950 e 1960 pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Augusto de Campos, em seu livro *Balanço da bossa e outras bossas*, destacaria a vigência da tradição antropofágica na cultura

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Assim as interpretações modernistas ganhavam contornos próprios, que viam também no futebol uma forma de se chegar às suas concepções sobre a brasilidade.

A década de 1940 pode ser considerada essencial para a fixação dos escritores modernistas no que concerne às suas representações sobre o caráter do futebol brasileiro. Nesse período entram em cena os regionalistas oriundos do Nordeste, como o sociólogo Gilberto Freyre, o romancista José Lins do Rego, a romancista Rachel de Queiroz[41], o poeta Jorge de Lima[42] e o crítico Olívio Montenegro[43], a maioria deles já radicados no Rio de Janeiro e reunidos em torno da Livraria José Olympio. As observações sobre a Copa do Mundo de 1938 proporcionaram ao autor de *Casa-Grande & senzala* a identificação de um estilo próprio brasileiro de se jogar futebol. Em notas ao seu livro *Sociologia* (1943), Gilberto Freyre[44] contrapõe o *futebol-arte* brasileiro ao *futebol-científico* europeu.

---

brasileira, incluindo entre os seus elementos, ao lado da música popular, o próprio fenômeno do futebol: "A expansão dos movimentos internacionais se processa usualmente dos países mais desenvolvidos para os menos desenvolvidos, o que significa que estes, o mais das vezes, são receptores de uma cultura de importação. Mas o processo pode ser revertido, na medida em que os países menos desenvolvidos consigam, antropofagicamente – como diria Oswald de Andrade – deglutir a superior tecnologia dos supradesenvolvidos e devolver-lhes novos produtos acabados, condimentados por sua própria e diferente cultura. Foi isso o que sucedeu, por exemplo, com o futebol brasileiro (antes do dilúvio), com a poesia concreta e com a bossa-nova, que, a partir da redução drástica e da racionalização de técnicas estrangeiras, desenvolveram novas tecnologias e criaram realizações autônomas, exportáveis e exportadas para todo o mundo.". Cf. CAMPOS, A. de. "Boa palavra sobre a música popular". In: **Balanço da bossa e outras bossas**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 60. Uma outra importante referência entre os concretistas de São Paulo sobre o futebol encontra-se nas crônicas de Décio Pignatari. Cf. PIGNATARI, D. "Terceiro tempo: onze crônicas de futebol". In: **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971. Haroldo de Campos dedicou o poema "Uma arte" ao tema do futebol. Cf. MURAD, M. **op. cit.**, p. 151.

[41] Cf. QUEIROZ, R. de. "O negro no *foot-ball* brasileiro". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 07 de julho de 1948, p. 5.

[42] Cf. LIMA, J. de. "O negro no *football*". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 09 de julho de 1948, p. 5.

[43] Cf. MONTENEGRO, O. "Uma história de *football*". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1948, p. 5. Além destes três autores nordestinos, escreveram sobre a obra de Mário Filho o historiador Nélson Werneck Sodré e a antropóloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Cf. SODRÉ, N. W. "Sociologia do esporte". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1848, p. 5 e 6. Cf. também QUEIROZ, M. I. P. de. "O *football* e o caráter dionisíaco do brasileiro". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1948, p. 5.

[44] Os apontamentos de Gilberto Freyre nas notas deste livro seriam, mais tarde, aperfeiçoados em seu prefácio ao livro clássico de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947). A visão de Gilberto Freyre sobre o futebol seria desenvolvida décadas mais tarde por alguns autores. Dentre aqueles que se inspiram em uma perspectiva do futebol próxima a Gilberto Freyre, salientamos o jurista paraibano João Lyra Filho. (Cf. FILHO, J. L. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973); o antropólogo pernambucano Pessoa de Morais (Cf. MORAIS, P de. **Tradição e transformação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965); e o antropólogo carioca Roberto DaMatta (Cf. DaMATTA, R. da. "Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro". In: **Revista USP (Dossiê futebol)**. São Paulo: 1994, 22n). Pessoa de Morais, autor de um ensaio sobre o futebol e a psicologia brasileira em fins dos anos de 1960, é um escritor inexplicavelmente ausente da literatura bibliográfica sobre o futebol.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Ao amoldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave gilbertiana para a explicação do sucesso do Brasil nas partidas internacionais[45].

Gilberto Freyre e José Lins do Rego vão ser dois grandes nomes da intelectualidade desse período a salientar o tema do futebol na cultura brasileira. Para isso, os regionalistas nordestinos valem-se da leitura capital da obra do jornalista Mário Filho[46]. Este – promotor, militante e ideólogo dos esportes no Brasil – publica com regularidade seus livros ao longo da década de 1940: *Copa Rio Branco 32* (1943), *Histórias do Flamengo* (1945), *O negro no futebol brasileiro* (1947) e *Romance do football* (1949). Neles o jornalista ambiciona recontar a história do futebol brasileiro, jungindo suas lembranças pessoais a uma pesquisa inovadora, baseada em fontes orais, com antigos jogadores. A ambivalência entre a literatura oral e a história, entre o ficcional e o factual, entre o mito e a ciência tem lhe valido uma série de críticas por parte de cientistas sociais nos últimos anos[47]. Segundo o pesquisador Antônio J. Soares, Mário Filho produziu uma visão edulcorada da trajetória do futebol no Brasil, num tipo de narrativa que se assemelha à forma do conto folclórico dissecado por Vladimir

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[45] Gilberto Freyre valia-se de uma estratégia discursiva astuta, uma vez que suas considerações se situavam no período entre as décadas de 1920 e 1950, quando o futebol do país ainda não havia se consagrado mundialmente em termos de conquistas e ainda se ressentia de certa inferioridade face ao futebol praticado na Argentina, no Uruguai e em países da Europa, como Itália e Inglaterra. Ao privilegiar a *exibição* em detrimento da simples *competição*, Gilberto Freyre capitalizava os aspectos positivos que lhe interessavam ressaltar no futebol brasileiro, na mesma proporção em que identificava um diferencial que lhe permitia singularizar tal esporte ante o praticado por outras nações. Cf. LOPES, J. S. L. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: mimeo, 2001, p. 25 e 27.

[46] Embora o jornalista pernambucano grafasse seu primeiro nome sem acento, assinando *Mario*, optamos aqui por seguir as convenções ortográficas atuais, utilizando o acento e grafando *Mário*.

[47] Cf. HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. Cf. também PEREIRA, L. A. de M. **op. cit.** Cf. ainda GIL, G. P. **Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado, IUPERJ, 1997. O sociólogo Gilson P. Gil refere-se aos relatos do jornalista pernambucano como *historietas*, na medida em que elas recorrem inúmeras vezes ao anedótico. O fato é que essa ambigüidade entre a história e a ficção possui antecedentes já na obra de Gilberto Freyre, sociólogo que cultivava essa dubiedade entre arte e ciência. Para uma apreciação do processo de construção de uma auto-imagem de Gilberto Freyre como gênio e como escritor, consultar o ensaio de Ricardo Benzaquen de Araújo. Cf. ARAÚJO, R. B. de. "Deuses em miniatura: notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre". In: SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. **Navegar é preciso, viver – escritos para Silviano Santiago**. Niterói: EDUFF, 1997.

Propp[48] e que, poderíamos também acrescentar, remete à imagem do narrador tradicional e do contador de histórias sugerido por Walter Benjamin[49].

O ponto, entretanto, que nos interessa desenvolver aqui é o de que a obra de Mário Filho na década de 1940 instiga as interpretações modernistas à identificação de uma brasilidade no universo futebolístico. Em sua alentada apreciação crítica ao à época recém-lançado livro de Mário Filho, *O romance do football*, José Lins do Rego dedica-se quase que tão-somente a frisar os dotes de narrador e as qualidades estilísticas – com nuances de técnica cinematográfica – do jornalista pernambucano. Mário Filho era assim tanto um narrador tradicional, pelo conteúdo, quanto um narrador moderno, pela forma, que transpassava os limites do realismo e do naturalismo e aproximava a linguagem da literatura à linguagem do cinema, conforme desde a década de 1930 já faziam alguns dos melhores romancistas norte-americanos, como John dos Passos, Ernest Hemingway e John Steinbeck[50]:

> "Outro livro de Mário Filho que tomou para substância e conteúdo humano o football. É que arrancou dessa prática esportiva a sua mais romanesca particularidade. Mário Filho é um homem que tem o dom da narração, de contar o que sabe e o que imagina, como rio que corre para o mar. Os fatos, os incidentes, os choques, as alegrias e as dores dos seus personagens se apresentam ao leitor, como um conto ou história de Trancoso, no mais simples e mais patético narrar.
>
> Se é preciso carregar nas cores, para que a figura surja, no seu melhor pitoresco, o escritor Mário Filho não recorre aos retratos naturalistas, onde até os botões do casaco estejam no seu lugar. Nada. O escritor adota a técnica cinematográfica da câmara, e nos põe em contato com as suas personagens, no movimento da vida.

[48] Cf. SOARES, A. J. "História e a invenção de tradições no futebol brasileiro". In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **op. cit.**, p. 16.
[49] Cf. BENJAMIN, W. "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Obras escolhidas II (Magia e técnica, arte e política)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
[50] Cf. SANTIAGO, S. "Fechado para balanço (sessenta anos de modernismo)". In: **Nas malhas da letra – ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 89.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Neste sentido, a história de Jaguaré é uma obra-prima. O herói burlesco, o palhaço das exibições, de fleuma e acrobacia, o homem que brincava com os nervos das multidões, que fizera do football uma originalidade de circo, corre no filme de Mário, desde os dias de malandragem, com o gorro de marinheiro na frente da cabeça e a camisa por fora das calças, até os dias gloriosos da França ou das vitórias espetaculares do Vasco, à morte a pauladas, como se fosse um cachorro, danado, numa cidade do interior de São Paulo. O poder descritivo de Mário Filho atinge ao seu maior volume, ao vigor trágico, na narrativa que ele faz do desastre de Teresópolis, com o trem do Fluminense. O fato, nu e cru, cria um corpo de acontecimento empolgante. O trem a despencar da ladeira abaixo. E depois os gemidos, o sangue, os gritos, na desordem dos carros esfrangalhados, da máquina despedaçada no abismo. E morre Py, no silêncio da viagem lúgubre, com a presença de Vinhais, como guarda do velório. Esta é a grande página de Mário Filho, o seu maior poder de romancista, que sabe arrancar da realidade as suas seivas vitais.

'O romance do football' apresenta também o burlesco, a paixão que supera o ridículo como no caso daquele Guimarães, carona que queria, à força, um permanente do clube para poder exibir a sua importância de convidado credenciado.

Reli todo o livro de Mário Filho com o mais vivo interesse. E o que mais caracteriza as suas qualidades de narrador é a superioridade de sua natureza humana, a nota poética de que anda sempre nos fatos que ele isola para a seqüência de seus filmes. Os homens de Mário Filho, desde os mais humildes aos mais graúdos, são criaturas que nos interessam, e nos comovem, homens que se entregam à paixão de sua partida de football para se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> comportarem à vontade dos acontecimentos, como folha ao vento."[51]

Nesse sentido, os prefácios[52] de José Lins do Rego e Gilberto Freyre servem como chancela intelectual às obras de Mário Filho. O romancista paraibano e o sociólogo pernambucano dão respaldo às qualidades e aos dotes literários do jornalista, ao mesmo tempo em que se abeberam dos aspectos considerados mais relevantes dessa tentativa serial de escrever uma historiografia quase romanceada do futebol brasileiro. Com base em Mário Filho, José Lins do Rego e Gilberto Freyre viam dois fenômenos originais surgidos no seio do futebol brasileiro: a vigência do legado étnico negro e a incorporação da música na forma de se jogar o futebol.

Ante a rigidez corporal do europeu, o negro brasileiro havia introduzido o meneio dos corpos. Este, por sua vez, não seria uma criação do futebol. A agilidade física descendia diretamente das manifestações da música popular e do folclore, sejam os requebros de quadril originários do carnaval, sejam os passos sinuosos advindos do samba, seja a ginga de esquiva proveniente da capoeira. Destarte, a legitimidade do futebol na cultura brasileira se amparava em um elemento já consolidado na imagem da identidade nacional. A música outorgava ao futebol aquilo que os intelectuais modernistas tinham detectado nela nos anos de 1920: os critérios e as fontes da brasilidade.

A ligação entre a música e os esportes, entretanto, não era um fato isolado e restrito ao Brasil. Semelhante processo se verificava também em vários países da América Latina. O antropólogo argentino Eduardo P. Archetti[53], em livro recente, mostra que um processo análogo de nacionalização dos esportes estrangeiros pela identificação à via musical sucedeu em países latino-americanos. Em Cuba, o baseball, trasladado dos Estados Unidos, foi incorporado ao discurso da

---

[51] Cf. REGO, J. L. do. "Romance do football". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1950, p. 5.

[52] Em 1943, José Lins do Rego prefacia o livro de Mário Filho, por nós já citado, *Copa Rio Branco 32*, enquanto que em 1947, a pedido do próprio José Lins do Rego, é Gilberto Freyre quem assina o prefácio de *O negro no futebol brasileiro*. Cf. ANTUNES, F. M. R. F. **'Com brasileiro, não há quem possa': crônicas de futebol e identidade nacional.** São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia da Universidade de São Paulo, 1999, p. 108. Cf. também REGO, J. L. do. "O *football* como agente social". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1946, p. 7.

[53] Cf. ARCHETTI, E. P. **Football, polo and tango in Argentina**. Oxford/New York: s. e., s. d., p. 192 e 193.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

nacionalidade pela sua adequação à música típica cubana, a salsa. Na Argentina, a identidade nacional atrelada ao futebol passou pela sua associação ao tango.

Mas já Gilberto Freyre, em uma de suas conferências proferidas nos Estados Unidos em 1944, reunidas em livro sob o título geral de *Interpretação do Brasil*, procurava endossar a sua tese da similaridade entre a forma de se dançar e a forma de se jogar futebol brasileiro no âmbito não só nacional, como latino-americano, recorrendo a escritores estrangeiros:

> "Depois que publiquei minhas primeiras notas sobre esses dois assuntos – as maneiras regionais de dançar e de jogar futebol, o futebol ainda como uma dança com alguma coisa de africano – li excelente página de Waldo Frank em que ele acha que o tango é uma 'dança-música escultural'; e ao mesmo tempo diz que, observando um grupo de brasileiros a jogar futebol, notou que jogavam procurando levar a bola para o gol como se executassem 'a linha melódica de um samba'. Reproduz quase a mesma observação por mim feita em artigo escrito em 1938, que estou certo nunca foi lido por Waldo Frank, assim como outro que publiquei em 1940 sobre as diversas maneiras de dançarem os brasileiros das várias áreas – da Bahia à área *misionera* do Rio Grande – as danças de Carnaval."[54]

Como parte de um processo mais amplo que se dava em vários países, é possível perceber de que maneira o futebol se aclimatava no Brasil a partir do discurso intelectual e do seu representante principal já consolidado na música brasileira: o samba. Nesse sentido, antes mesmo da formulação dos regionalistas nordestinos sobre a brasilidade esportiva, Mário de Andrade, na referida crônica de 1939, escrita no Rio de Janeiro[55], já abordava o futebol à luz das imagens musicais. Mário de Andrade mencionava a elasticidade, as rasteiras sutis, os jeitos sambísticos de enganar, os volteios rapidíssimos e o bailado mirífico do futebol,

[54] Cf. FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 184.
[55] Mário de Andrade residiu no Rio de Janeiro, nos bairros do Catete e de Santa Teresa, entre 1938 e 1941. Sobre a estada do autor de *Macunaíma* no Rio de Janeiro, ver o livro do jornalista Moacir Werneck de Castro. Cf. CASTRO, M. W. de. **Mário de Andrade – exílio no Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

invocando a figura de Dionísio, deus grego da embriaguez, tal como faria depois Gilberto Freyre.

Tais visões acabavam por encontrar ressonância nos próprios jogadores. Em um depoimento de Domingos da Guia, que chega a se referir à tradicional idéia de malandragem, as relações entre o futebol e a música são assim estabelecidas:

> "Meu irmão mais velho me dizia: malandro é o gato, que sempre cai de pé... tu não é bom de baile? Eu era bom de baile mesmo e isso me ajudou em campo... gingava muito... sabe que eu me lembrava deles... o tal do drible curto eu inventei imitando o miudinho, aquele tipo de samba"[56].

Como já foi aludido, Hermano Viana teve como ponto de partida em seu livro *O mistério do samba* o encontro sucedido na década de 1920 entre os escritores oriundos do modernismo e os mais expressivos sambistas do Rio de Janeiro da época. Tal acontecimento representaria um marco da união idealizada entre as elites eruditas letradas e os compositores populares negros, egressos das camadas urbanas subalternas. De maneira análoga, parece-nos plausível apontar na década de 1940 a ligação entre intelectuais regionalistas e modernistas, como Gilberto Freyre e José Lins do Rego, com jogadores de futebol de origem negra, como Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto. Embora sendo um fenômeno esportivo urbano, propalado pelos meios de comunicação típicos da cultura de massa das décadas de 1930 e 1940, como o rádio e o jornal, a leitura

[56] Apud TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 34. É importante ressaltar de que maneira o tradicional e por vezes estereotipado discurso da malandragem transferia-se de vários domínios da cultura brasileira para o futebol naquele momento. Sobre a representação da malandragem na música popular, ver o ensaio de Gilberto Vasconcellos e Matinas Suzuki Jr. Cf. VASCONCELLOS, G.; SUZUKI JR, M. "A malandragem e a formação da música popular brasileira". In: FAUSTO, B. **História geral da civilização brasileira** (III. O Brasil republicano – 4. Economia e cultura: 1930-1964). São Paulo: Difel, 1986. Sobre a representação da malandragem na literatura brasileira, ver o estudo crítico de Antônio Cândido a respeito de *Memórias de um sargento de milícias* que, junto a *Macunaíma* e a *Serafim Ponte Grande*, constituem o tríptico literário de personagens malandros. Cf. CÂNDIDO, A. "Dialética da malandragem". In: ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: LTC, 1978. Sobre a representação da malandragem na cultura popular e no folclore brasileiro, ver a obra de Roberto DaMatta, *Carnaval, malandros e heróis*, em especial a sua análise do personagem folclórico Pedro Malasartes. Cf. DAMATTA, R. **Carnaval, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Para uma visão crítica do discurso da malandragem no futebol brasileiro, ver a dissertação de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

modernista colocava o futebol também no terreno da cultura popular. Assim, tal encontro congraçava o projeto modernista de construção de símbolos nacionais, que a música popular e o folclore já haviam tornado possíveis e que, naquele momento, através da consolidação intelectual de uma *brasilidade esportiva*, o futebol também facultava.

1.2 Esporte moderno, jogo tradicional

A criação e a fixação de uma brasilidade esportiva na década de 1940 por autores modernistas não aconteceria de maneira consensual. A divergência viria da parte de um escritor intempestivo: Oswald de Andrade. A contrapelo da euforia dominante, Oswald de Andrade combatia a popularidade do futebol no Brasil. A alienação era um tema que causava espécie ao autor paulista, questão aguçada desde os anos de 1930, quando se tornou manifesta a sua adesão às diretrizes marxistas e à militância política de esquerda. Como mostrou o filósofo Eduardo Jardim[57], os modernistas, desde a década de 1920, caminhavam para a indistinção entre a vida literária e o engajamento político. A adesão de artistas modernistas ao PCB passa a ser significativa, atraindo a atenção de Graciliano Ramos, Cândido Portinari, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ismael Nery, entre outros. Oswald de Andrade, assim, retomava as associações do futebol como ópio do povo, já levantadas nos anos de 1910 por Lima Barreto e nos anos de 1920 por Graciliano Ramos[58].

Este último, antes mesmo da fundação do Partido Comunista Brasileiro (1922), da realização da Semana de Arte Moderna (1922) e da realização do Congresso Regionalista do Recife (1926), criticava, em crônica escrita em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

mestrado de Antônio Jorge Soares. Cf. SOARES, A. J. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: Secretaria de Difusão e Produção Cultural/Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

[57] Cf. MORAES, E. J. de. **op. cit**., p. 166.

[58] A discussão do futebol como fenômeno de alienação perpassa o debate intelectual brasileiro no decorrer do século XX. Em 1959, o dramaturgo Oduvaldo Viana Filho encena no Teatro de Arena, em São Paulo, a peça *Chapetuba Futebol Clube*, onde se aborda o futebol como um artifício ideológico de manutenção da miséria e de expoliação do povo trabalhador. Apud PEDROSA, M. **op. cit**.A inquietação do dramaturgo quanto a questões sobre o engajamento e a alienação na cultura brasileira seria uma constante em suas peças, seguindo-se a *Chapetuba Futebol Clube* as peças: *A mais valia vai acabar, seu Edigar* (1961); *Opinião* (1964); *Arena canta Zumbi* (1965); e *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* (1966). Cf. COELHO, F. O. **"Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado": cultura marginal no Brasil dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002, p. 66.

Alagoas, o futebol como mais uma intrusão estrangeira, como mais um modismo litorâneo[59]. A descrença de Graciliano Ramos na assimilação do futebol no Brasil era correlata à sua crença nos esportes regionais brasileiros, como a rasteira, a pega de bois e a cavalhada, alicerçados na tradição sertaneja. Este argumento de vínculo a terra seria em um momento posterior, como se verá adiante, aproveitado por Gilberto Freyre na sua tentativa de justificação do sucesso do futebol, atrelando-o de forma paradoxal aos esportes regionais e às festas tradicionais brasileiras. Assim, é pela falta de ligação orgânica com os costumes da população do interior do país que o futebol, segundo o autor de *Vidas secas*, era uma moda efêmera, destinada ao fracasso, incapaz de grassar em solo nacional.

A polêmica de Oswald de Andrade recuperava as preocupações de Graciliano Ramos quanto ao caráter alienígena e alienante do futebol. Se por um lado o futebol era um produto que se somava à novidade, ao progresso, à transformação do mundo e às maravilhas da civilização, ideais tão acalentados pela geração modernista de 22, por outro ele reproduzia os hábitos das elites bacharelescas brasileiras de imitar as formas de vida européia, com uma linguagem grotesca e exógena, povoada de *goal-keepers, half-backs, center-halfs* e *center-forwards*. A condenação ou a omissão modernista a essa prática, a um tempo aristocrática e burguesa, derivava do seu alheamento aos aspectos por eles considerados originais da vida brasileira.

O eleito agora para este confronto de idéias era José Lins do Rego[60]. Segundo Oswald de Andrade, o *fogo morto* da literatura brasileira investia no futebol em um momento em que este esporte já havia se consagrado no Brasil. Projetando-se com a sua extravagância característica, José Lins do Rego valia-se do futebol para a sua própria promoção na capital da República. Nesta linha de raciocínio, Oswald de Andrade dizia ainda com sarcasmo a Mário Filho que, para ser noticiado e para ser conhecido no Brasil daquela época, era mister torcer para o Flamengo:

---

[59] Para um aprofundamento da antinomia litoral-sertão nas crônicas de Graciliano Ramos, consultar a dissertação de Mário Fernando Passos Danner. Cf. DANNER, M. F. P. **O sertão e a cidade: Graciliano Ramos e a tensão entre duas culturas**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura (PUC-Rio), 2000.

[60] As divergências entre ambos tinham antecedentes na literatura. Oswald de Andrade criticava o realismo social, à Eça de Queiroz, de José Lins do Rego, enquanto este acusava-o de experimentalismo estético, típico de um ocioso burguês.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "... hoje quem não está no *football* é um condenado à obscuridade. Por isso estou com vontade de apresentar uma proposta para ser sócio do Flamengo".[61]

O envolvimento de José Lins do Rego com o futebol acarretava também a revolta de Genolino Amado, então um pacato cronista do Rio de Janeiro dos anos de 1940. Em pleno período de Segunda Guerra Mundial, em que o mundo vivia sob a ameaça da ascensão internacional do nazismo, causava espécie a Genolino Amado o destempero com que José Lins do Rego comemorava o tri-campeonato carioca do Flamengo (1942/43/44). Em crônica intitulada "Bacharelismo esportivo", Genolino Amado[62] satiriza a figura do bacharel brasileiro que, saído dos círculos literários, das repartições públicas e das assembléias políticas, migrou para os campos de futebol, relatando dos cômodos assentos da cadeira especial aquele estranho cenário de torcedores a urrar e a vociferar e de jogadores a correr atrás de uma bola.

Entretanto, mais contundente que Genolino Amado, Oswald de Andrade, em sua crônica *Carta a um torcida*, fustigava de forma direta o escritor José Lins do Rego. Exaltando os "pretões do pé de ouro"[63] e o "couro mágico de Leônidas"[64], o romancista nordestino serviria-se do futebol como um lenitivo para a sua própria decadência intelectual e para a exploração de classe que estaria por trás daquele deprimente espetáculo. Oswald de Andrade escrevia, enfim, um manifesto contra o futebol e o denunciava ainda como um artifício ideológico de cariz imperialista:

> "Quem negará ao futebol esse condão da catarse circense com que os velhos sabidos de Roma lambuzavam o pão triste das massas ? Não podendo xingar o patrão que o rouba, o operário xinga os juizes da partida e procura espancá-los, como se o bandeirinha mais próximo fosse o procurador da prepotência, do arbítrio e dos outros sinais

[61] Cf. FILHO, M. **O romance do *foot-ball***. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949, p. 7. Cf. também Id. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 38.
[62] Cf. AMADO, G "Bacharelismo esportivo". In: **Os inocentes do Leblon**. Rio de Janeiro: Globo Livraria, 1946. Genolino Amado era irmão do romancista e memorialista Gilberto Amado.
[63] Cf. ANDRADE, O. "Do órfico e mais cogitações". In: **Estética e política**. São Paulo: Globo, 1994, p. 289.
[64] Cf. Id. "Carta a um torcida". In: **Ponta de lança – polêmica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 19.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> do mundo injusto que o oprime. E você, o homem de esquerda, que deu, não nego, aquela série de romances úteis, os quais no fundo são a homeopatia gatafunhada de *Casa-grande & senzala*, você que tem procurado ter nos últimos tempos diretivas progressistas, é quem pactua, na exaltação mórbida desse novo ópio, descoberto e enviado para cá pelos neo-romanos, amáveis civilizadores saídos do conúbio imperialista de Disraeli com a Rainha Vitória. É você quem defende, histérico e incisivo, a exploração de rapazes pobres, bruscamente retirados de seu meio laborioso, para o esplendor precário dos grandes cartazes e dos grossos cachês, a fim de despencarem depois de lá e ficarem como os potros quebrados nas corridas dos prados milionários".[65]

Na ótica de Oswald de Andrade, esse era o legado funesto do futebol para a sociedade brasileira. A classe operária, ao invés de prover a sua própria organização e de fortalecer a sua luta em uma sociedade de classes, descontava sua raiva acumulada na semana em um mero jogo de futebol; o trabalhador pobre, ao invés de defender os seus direitos contra a exploração diária a que era submetido, cumpria deste modo o papel de "palhaço da burguesia"[66], em um

[65] Cf. Ibid., p. 19. Escrita no início da década de 1940, é provável que a referência de Oswald de Andrade às "diretrizes progressistas" de José Lins do Rego seja um reconhecimento por parte do missivista ao empenho do autor em libertar Graciliano Ramos dos cárceres do Estado Novo, assim como, suas manifestações de repúdio ao totalitarismo no mundo e, em especial, ao nazi-fascismo. Pode-se dizer que tais "diretrizes progressitas" de José Lins do Rego tiveram prosseguimento ao longo das décadas de 1940 e 1950, com sua adesão à Esquerda Democrática e, em 1947, com sua filiação ao Partido Socialista Brasileiro. Talvez por estas posturas em 1954, no período do macarthismo, o Departamento de Estado dos Estados Unidos tenha negado a José Lins do Rego visto para sua entrada no país. Érico Veríssimo, então em território norte-americano, como professor visitante, escreveu uma carta solidarizando-se com o amigo. Cf. COUTINHO, E. **Zélins, Flamengo é puro amor!**. Rio de Janeiro: s.d., s.e., p. 471 e 472.

[66] Esta expressão é extraída do título do livro de uma importante biógrafa de Oswald de Andrade, Maria Augusta Fonseca, uma das maiores conhecedoras do autor, ao lado de Benedito Nunes e Maria Eugênia Boaventura. Cf. FONSECA, M. A. **Palhaço da burguesia: Serafim Ponte Grande de Oswald de Andrade e suas relações com o universo do circo**. São Paulo: Polis, 1979. Cf. NUNES, B. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979. BOAVENTURA, M. E. **O salão e a selva: uma fotobiografia de Oswald de Andrade**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Ex Libris, 1995. Ao contrário da visão negativa sobre o circo, sustentada por Oswald de Andrade na crônica "Carta a um torcida", Maria Augusta Fonseca analisa em seu livro toda a admiração oswaldiana pela cultura popular e, em particular, pelos palhaços – como Piolim – e pelo circo na cidade de São Paulo das décadas de 1920 e 1930. Segundo Antônio Cândido, o próprio Oswald de Andrade gostava de se qualificar a si mesmo como "palhaço da burguesia". Apud TRIGO, L.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

picadeiro a que a classe dominante acorria, ávida de distração, nas suas horas de ócio. Valendo-se da imagem de espetáculos como o circo e a corrida de cavalos, Oswald de Andrade procurava mostrar de que maneira as diversões populares possuíam funções ocultas na sociedade capitalista, que iam além de um simples divertimento dos dias de lazer. Se o universo do trabalho era o lugar da expoliação econômica, a esfera do lazer se integrava a este processo através do *controle do imaginário*[67] das classes populares, em suas vontades mais íntimas e em seus desejos mais subjetivos, conforme fundamentavam também neste mesmo período os teóricos da Escola de Frankfurt. Assim, a cultura de massas se estruturava como um meio de inculcação de valores e como uma forma de dominação ideológica, o que dava ensejo à manutenção do sistema capitalista. O mais grave em tudo isso era que os esportes de massa contavam ainda com o beneplácito de escritores como José Lins do Rego. A língua ferina de Oswald de Andrade ironizava ainda em outra crônica[68] a "honrosa evolução" de José Lins do Rego, ao trocar a admiração – dir-se-ia *direitista* – do integralismo de Plínio Salgado, pela admiração – dir-se-ia *populista* – do futebol de Domingos da Guia.

Sem entrar no mérito do argumento, vale a ressalva de que Oswald de Andrade desconsiderava um aspecto importante na vivência de José Lins do Rego: a sua obra de ficção. Obra de ficção cuja marca consistia, segundo o crítico Otto Maria Carpeaux[69], em ser a um só tempo o documento e o monumento, a obra de arte e o testemunho histórico de uma época que se esvaía. Já em *O moleque Ricardo* (1935), romance de eminente caráter político, o tema da alienação se faz presente. A oposição entre as diversões populares, como o carnaval, e a consciência de classe aparece de modo bastante expressivo. O próprio futebol é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Engenho e memória: o nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 81.

[67] Esta expressão é tomada de empréstimo do conjunto da obra teórica do professor Luiz Costa Lima, que a conceitua no sentido de detectar o lugar secundário e periférico reservado à ficção e ao romance na constituição do saber ocidental moderno. Tomamos a liberdade de empregá-la, mesmo que pecando sob o ponto de vista do rigor conceitual, em razão de seu forte apelo sugestivo para o que aqui gostaríamos de frisar.

[68] Cf. ANDRADE, O. de. "Retirante da gramática". In: **Telefonema**. São Paulo: Globo, 1996, p. 339.

[69] Cf. CARPEAUX, O. M. "O brasileiríssimo José Lins do Rego". In: REGO, J. L do. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. xix.

mencionado[70] e visto como um entrave à organização das greves operárias dos trabalhadores de Recife nos primeiros decênios do século XX.

É, contudo, nas páginas de *Água-mãe* (1941), escritas ainda, ao que nos parece, sob o impacto da Copa do Mundo de 1938**,** que o futebol surge de forma mais nítida na obra de José Lins do Rego. Tendo como pano de fundo a paisagem solar das salinas de Araruama, sendo envolta, porém, de uma soturna aura de mistério, o romance narra, entre outras tramas, a história de um humilde rapaz, filho de pescadores da região dos Lagos, que almeja a fama no futebol profissional do Rio de Janeiro. Saído de uma região do interior e de um pequeno clube amador, o Tamoio de Cabo Frio, Joca é descoberto pelo Fluminense e ganha projeção na capital do país. A sua glória não impede que se perceba a fugacidade da trajetória do ídolo nacional, bem como as agruras e as dificuldades inerentes à profissão. Longe de ser condescendente e passional com o esporte, José Lins do Rego apontava em linhas romanescas problemas crônicos por que passa a vida de um jogador de futebol no Brasil e integrava a figura deste jogador à galeria de personagens frustrados e tipos sociais decadentes do ficcionista, como o senhor de engenho e o bacharel, o contador de histórias e o cangaceiro. Glauber Rocha, em um ensaio de juventude[71], corrobora essa visão pessimista de José Lins do Rego quanto ao jogador de futebol. O tom lúgubre da história e o desfecho trágico do jogador enquadram ainda o futebol no universo romanesco característico do autor:

> "Joca, o jogador de futebol, é a manifestação em nosso romance desse ídolo nacional. José Lins, grande entusiasta e entendedor desse esporte, exibe seus conhecimentos com descrições de pelejas na melhor linha da crônica esportiva. Por outro lado, ultrapassando o devaneio, traça rápida, mas profundamente, o roteiro geral do jogador de futebol: sua ascensão, seu auge na seleção nacional, sua queda brusca,

[70] Cf. REGO, J. L. do. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 134. Vale sublinhar que *O moleque Ricardo* é a primeira obra de José Lins do Rego a ser traduzida em língua estrangeira. Em 1938, ela foi vertida para o russo e publicada na então União Soviética, o que acentua a importância e o significado político da obra.

[71] Nesse ensaio, escrito em 1957 com apenas 18 anos, o então jovem crítico de literatura e cinema assinalava a influência da obra de José Lins do Rego em sua formação humana e artística. No auge do movimento Cinema Novo, Gláuber Rocha produziu o filme *Menino de engenho*, dirigido por Walter Lima Júnior, outro grande admirador da obra de José Lins do Rego, estabelecendo assim uma ponte entre o romance social nordestino dos anos de 1930 e o cinema político brasileiro dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> sua morte na humildade e no esquecimento de onde veio. Joca morre ali mesmo, sentado na porta da casa, olhando tristemente a lagoa."

A resposta de José Lins do Rego aos questionamentos de Oswald de Andrade viria, porém, dois anos mais tarde, no ensaio *Fôlego e classe* (1945). Embora de maneira indireta e implícita, José Lins do Rego rebatia o teor das críticas de Oswald de Andrade e justificava a sua adesão ao futebol. A alienação, neste caso, era uma propriedade de eruditos e de letrados, incapazes de vislumbrar a magnitude das diversões populares:

> "Muita gente me pergunta: mas o que você vai fazer no futebol? Divertir-me, digo a alguns. Viver, digo a outros. E sofrer, diriam meus correligionários flamengos[72]. Na verdade uma partida de futebol é mais alguma coisa que bater uma bola, que uma disputa de pontapés. Os espanhóis fizeram de suas touradas espécie de retrato psicológico de um povo. Ligaram-se com tanta alma, com tanto corpo aos espetáculos selvagens que com eles explicam mais a Espanha que com livros e livros de sociólogos. Os que falam de barbarismo em relação à matança de touros são os mesmos que falam de estupidez em relação a uma partida de futebol. E então, generalizam: é o momento da falta de espírito admirar-se com o que os homens fazem com os pés. Ironizam os que vão passar duas horas vendo as bicicletas de um Leônidas, as tiradas de um Domingos. Para esta gente tudo isto não passa de uma degradação. No entanto há uma grandeza no futebol que escapa aos requintados."[73]

---

anos de 1960. Cf. GOMES, J. C. T. **Gláuber, esse vulcão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 578.

[72] José Lins do Rego utilizava "flamengo" também como uma espécie de adjetivo gentílico, que indica o torcedor do Clube de Regatas do Flamengo. Cf. COUTINHO, E. "Zelins, Flamengo até morrer." In: **Pesquisa de campo – Futebol: 100 anos de paixão brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994, p. 28.

[73] Apud JUNQUEIRA, I. (org.) **José Lins do Rego, dias idos e vividos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 233.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A comparação entre o futebol no Brasil e as touradas na Espanha revela o horizonte intelectual em que se situava José Lins do Rego. A exemplo de um Ernest Hemingway ou de um Albert Camus[74], José Lins do Rego era um membro dos círculos de letrados que se mostrava sensível àqueles eventos esportivos de massa. O autor trabalhava com polaridades clássicas do modernismo, como o erudito e o popular, o intelectual e o povo, as manifestações populares e a identidade nacional. A aparente irracionalidade das touradas guardaria uma técnica e um tirocínio apenas acessível a quem fosse ao encontro dos espetáculos de massa, a quem procurasse naquela comoção coletiva os "arquétipos psicológicos do povo"[75]. Já nos termos empregados pelo sociólogo francês Michel Leiris, "o rumor visceral de uma multidão"[76] indicaria que as touradas são mais que um esporte e encerram uma gama de significados antropológicos, muitos deles inacessíveis ao observador racionalista ou positivista, pois a tauromaquia se situaria, para ele, entre o sagrado e o profano, entre o sensível e o inteligível. O futebol, segundo José Lins do Rego, tornava-se atraente não pelo que ele remetia à concepção original de esporte moderno, civilizado e reservado à elite, mas pelo que ele remetia à concepção de jogo tradicional, primitivo e popular.

A junção entre o esporte e o jogo, de um ponto de vista histórico e conceitual, constituía uma proposição anacrônica. Segundo os sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning[77], os esportes se alinhavam ao processo civilizador inglês no sentido da ruptura com as formas arcaicas de jogo, tomadas como passatempos e divertimentos desinteressados. As alterações nas práticas do futebol, do críquete e mesmo da caça às raposas tinham em vista a desvinculação dos exercícios físicos oriundos dos dias de trabalhos, dos rituais e das festas camponesas. A autonomia

[74] Albert Camus (1913-1960) dizia que as melhores lições de sua vida foram aprendidas num estádio: "Aprendi depressa que a bola nunca vem do lugar esperado; isto me valeu na vida". Apud FILHO, J. L. "Influência do desporto nas letras". In: **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 142 e 146.

[75] Termo do filósofo Benedito Nunes, citado por Luiz Costa Lima. Cf. LIMA, L. C. "Ficção: as linguagens do modernismo". In: ÁVILA, A. (org.). **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 70.

[76] Cf. LEIRIS, M. "A tauromaquia é mais que um esporte". In: **O espelho da tauromaquia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 18. Em um poema, João Cabral de Melo Neto faz uma analogia entre o futebol e as touradas, dois espetáculos de sua predileção: "A bola não é a inimiga/ como o touro, numa corrida;/ e, embora seja um utensílio impessoal,/ sempre manso, de gesto usual/ é um utensílio semivivo,/ de reações próprias como um bicho/ e que, como bicho, é mister/(mais que bicho, como mulher)/ usar com malícia e atenção/ dando aos pés astúcias de mão.". Apud MURAD, M. **op. cit.**, p. 139 e 140.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

dos esportes era a meta da sociedade burguesa na virada do século XIX para o século XX. O esporte moderno, ainda que tributário das tradições inglesas, sugeria uma oposição conceitual em relação à definição de jogo tradicional[78].

Apesar da incongruência teórica, os modernistas brasileiros vão perseguir a fusão entre esses dois conceitos, esporte moderno e jogo tradicional, na busca por uma imagem original do futebol brasileiro. Gilberto Freyre levará este intuito às últimas conseqüências. Segundo o sociólogo, o futebol tornou-se uma instituição nacional própria da fase urbana de desenvolvimento da sociedade brasileira. O futebol, entretanto, teve o mérito de canalizar os elementos irracionais da formação histórica do país e os elementos primitivos da sua cultura. Tais elementos estariam sediados, para o autor de *Casa-grande & senzala*, na área rural, junto aos contingentes negros e ameríndios da população brasileira.

A tentativa de Gilberto Freyre de aliar o futebol às manifestações populares do interior brasileiro remete-nos ao conceito de *invenção das tradições*, concebido pelos historiadores ingleses Eric Hobsbawm e Terence Ranger[79]. Segundo estes, algumas tradições consideradas imemoriais, mais do que um dado puro e contínuo a chegar linearmente do passado ao presente, são uma criação recente de um determinado grupo social com vistas à elaboração da imagem específica que se quer de um passado construído, reificado. Gilberto Freyre busca, em sua estratégia discursiva de assimilação do futebol no Brasil, um denominador comum para elementos tão díspares como os esportes, urbanos e modernos, e os jogos, rurais e tradicionais. Acompanhe-se o fio condutor de suas idéias:

> "Isso quando essas energias ou esses impulsos, em vez de assim se sublimarem ou de se satisfazerem com os esportes ou os quase-esportes rurais dos dias de festa, ou dos dias comuns, dominantes do Brasil patriarcal – as

---

[77] Ver em especial o capítulo III, "A gênese do desporto", e o capítulo IV, "Ensaio sobre o desporto e a violência". Cf. ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

[78] A incongruência teórica entre os esportes modernos e os jogos tradicionais é frisada também pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu: "... pode-se dizer que os exercícios corporais da 'elite' foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos de funções sociais (e, a *fortiori*, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola)." Cf. BOURDIEU, P. "Como é possível ser esportivo ?" In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 139.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> cavalhadas, as corridas atrás de bois, as caçadas, as pescas, as noites inteiras de samba ou de dança extenuantes, as largas caminhadas pelos sertões, a caça aos índios ou aos negros fugidos, a fuga dos negros aos feitores ou à melancolia da rotina agrária dos engenhos e fazendas – não se degradaram moral ou socialmente em proezas como as do cangaço ou nos rabos-de-arraia da capoeiragem, célebres na história da sociedade brasileira. Espécies de esportes inteiramente irracionais".[80]

Não se deve esquecer que essa citação provinha de um prefácio à obra de Mário Filho. Gilberto Freyre subscrevia assim o pensamento de um jornalista para quem era clara a relação entre os esportes e as tradições populares, com especial destaque para suas manifestações nos subúrbios:

> "...era antiga a ligação entre futebol e São João, entre futebol e todas as festas típicas brasileiras, pelo culto maior da festa de S. João nos subúrbios, espécie de cidadezinhas do interior, onde há mais lugar para as grandes fogueiras e onde as tradições populares se confundem quase com ritos religiosos, que foram e por lá ainda são."[81]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[79] Cf. HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

[80] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 24. É importante lembrar que a tentativa de enraizamento do futebol na cultura brasileira vai ser buscado não apenas nas matrizes étnicas negras, mas também nas matrizes étnicas indígenas. Segundo o historiador paraense Ricardo Borges: "... os indígenas da América equatoriana da era pré-colombiana, conheciam e utilizavam, de época remotíssima, a borracha e usavam-na, sobretudo, e com perícia ainda não igualada, no seu esporte predileto, jogo da bola, o futebol que empolga o mundo contemporâneo". Em abono a tal discurso, Cândido Rondon relatava sua expedição científica pelo interior do Brasil ao lado de Theodoro Roosevelt, onde constata as observações do ex-presidente norte-americano sobre os costumes de um grupo indígena do Mato Grosso: "Mas de tudo quanto o Sr. Roosevelt viu, nada lhe causou tanto prazer como o jogo que os Parecis praticam num largo terreiro, dispondo-se em dois partidos, para entre si atirar, aparar e devolver, só a golpes de cabeça, uma bola grande de borracha, cheia de ar...". Cf. BORGES, R. **Borracha – ciclo de opulência do Brasil e revelação de sua Amazônia ao mundo**. Manuscrito: Acervo particular, p. 1. Cf. também RONDON, C. "A expedição científica Roosevelt-Rondon". In: RIBEIRO, D. **Carta: fala, reflexão, memória**. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1993, p. 170, nº 9. Cf. ainda ROOSEVELT, T. **Através do sertão do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

[81] Cf. Ibid, p. 251.

Os mesmos esportes regionais a que se referia Graciliano Ramos, em sua crônica de 1921, e a mesma irracionalidade das touradas a que se referia José Lins do Rego, em seu ensaio de 1945, estão presentes em Gilberto Freyre (1947). A sua interpretação do futebol brasileiro passava pela sublimação de energias e de impulsos animais, vigentes nas tradições sertanejas. O sentido positivo dos esportes modernos estaria na continuidade entre o passado rural e o presente urbano do país de meados do século XX. Ao negar a ruptura com a história colonial, Gilberto Freyre situava o futebol como o caudatário, o depositário e o atualizador das tradições[82], pois realçava nas manifestações tradicionais as origens anímicas e epifânicas do esporte nacional.

O vínculo a terra e a dimensão lúdica do futebol se estenderia até um expoente da geração de 1945, o poeta João Cabral de Melo Neto. Além de poemas antológicos dedicados ao jogador Ademir da Guia e ao seu clube, o América do Rio de Janeiro, o autor assinou estes versos de *Menino de Três Engenhos*:

"Dos Engenhos de minha infância,
onde a memória ainda me sangra,

preferi sempre *Pacoval*:
a pequena Casa-Grande de cal,

com telhados de telha-vã
e a bagaceira verde e chã

onde logo, eu e meu irmão

[82] Antônio Jorge Soares tem-se dedicado à desmistificação do futebol brasileiro como uma tradição inventada por Mário Filho e avalizada por cientistas sociais contemporâneos, a partir de uma leitura não crítica da obra do jornalista pernambucano. Entre o que ele considera serem os "novos narradores acadêmicos", estão: Maurício Murad, José Sérgio Leite Lopes, César C. Gordon Jr., Joel Rufino dos Santos, Waldenir Caldas e Cláudia Mattos. Cf. SOARES, A. J. "História e a invenção de tradições no futebol brasileiro". In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **op. cit**. Dentre estes classificados como "novos narradores acadêmicos", os três primeiros já replicaram as críticas sofridas por Antônio Jorge Soares neste artigo que é uma versão condensada dos argumentos mais substantivos de sua tese de doutorado. Cf. SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1998. Cf. MURAD, M. "Considerações possíveis de uma resposta necessária." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 24. Cf. LOPES, J. S. L. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2001, p. 14. Cf. GORDON, C. Jr.; HELAL, R. "Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol". In: **op. cit.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

fomos a um futebol pé-no-chão."[83]

A discussão temática dos modernistas sobre os esportes também se manifestaria no âmbito das artes plásticas. Como nas demais modalidades artísticas do modernismo, a busca por um estilo nacional e a atualização com as vanguardas internacionais vão ser os dois pólos em que oscila a pintura brasileira entre os anos de 1922 e 1945[84]. Na expressão de Antônio Cândido[85], o modernismo se move na dialética do localismo e do cosmopolitismo. O pintor pernambucano Vicente do Rego Monteiro e o pintor paulista Cândido Portinari foram dois dos principais representantes desse movimento. Para o nosso propósito, extraímos do primeiro pintor a obra *Tênis*, de 1928[86], e do segundo a tela *Futebol*, de 1935 (conferir a página 57). A escolha das pinturas permite a percepção do contraste entre duas representações pictóricas do universo esportivo.

Vicente do Rego Monteiro apresenta em seu quadro os traços típicos da estética moderna, dando destaque para o corpo humano como um órgão mecânico dotado de energia. No espaço fechado de uma quadra, um homem e uma mulher praticam o tênis e desenvolvem suas potencialidades atléticas pelo movimento repetitivo de certas funções musculares. O pintor pernambucano aborda um esporte característico da modernidade e da sociedade urbano-industrial, que requer o indivíduo uniforme, fisicamente condicionado e que traz para a esfera do lazer os princípios burgueses da atividade, da competição e da iniciativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[83] Cf. NETO, J. C. de M. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 310. Antes de tudo, vale lembrar que João Cabral de Melo Neto foi jogador de futebol juvenil em 1935 pelo América do Recife e pelo time do Santa Cruz, onde foi campeão. Cf. MURAD, M. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 140. Curioso registrar como o mesmo nexo lúdico, telúrico e poético do futebol se faz presente entre escritores brasileiros. Cito, por exemplo, um testemunho de Paulo Mendes Campos: "Meu destino era amar o futebol. Amei-o. Desde criancinha, quando espiava da lonjura da janela a bola que dançava no capim do clube aldeão. Até hoje, não é o perfume de 'aubépine' ou de qualquer outra planta altiva que me proustianiza; é o aroma rasteiro da grama que me espacia." CAMPOS, P. M. "Descanso de futebol". In: **Diário da Tarde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 201. O acadêmico e homem dos desportos, João Lyra Filho, amigo de José Lins do Rego, também viria a acentuar o enraizamento do futebol em paragens interioranas do Brasil: "Quem penetra nos cafundós deste nosso país, parando no meio das populações interiorizadas, há de ver afluxo humano em duas direções: uma, a da igreja plantada no cimo do outeiro; outra, a do campo de futebol estendido no amplo da baixada." Apud SOUZA, J. de; RITO, L.; LEITÃO, S. S. (organizadores). **Futebol-arte**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998, p. 85.

[84] Para uma apreciação crítica da questão da identidade nacional na obra de pintores modernistas brasileiros, ver Carlos Zilio. Cf. ZILIO, C. **A querela do Brasil – a questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

[85] Apud BARBOSA, J. A. **op. cit.**, p. 95.

[86] Apud SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Já Portinari expõe de forma inaugural na pintura moderna brasileira o tema do futebol[87]. Se, conforme apontou o filósofo Gerd Bornheim[88], na história da pintura universal, o neerlandês Pieter Bruegel utiliza-se pioneiramente em uma tela da cena de crianças brincando com bola, é Portinari um dos primeiros que, no contexto brasileiro, anima um quadro com o mesmo motivo temático. A observação do cenário possibilita uma percepção do lugar do futebol e da sua *radicação na terra*[89]. O pintor paulista privilegia a paisagem rural de uma pequena cidade do interior do Brasil, com crianças de vários tamanhos e de diferentes origens étnicas jogando bola. Garotos brincam em meio a seixos, animais pastando e troncos de árvores que parecem improvisar as traves de um gol. A dimensão lúdica e telúrica do futebol parece evidente. Do quadro de Portinari, nota-se o futebol como um elemento paisagístico, como um motivo recreativo. Sem o seu sentido utilitário, tal como praticado nas grandes cidades, a diversão esportiva no campo adquire a feição de uma atividade livre e espontânea.

Esse enfoque faz com que seja possível ainda relacionar a representação do futebol nas artes plásticas com a música modernista. Como sugerido no quadro de Portinari, o subtítulo da composição de Villa-Lobos *A prole do bebê número 3* (1926) emparelha o futebol com outros "esportes", de evidente caráter infantil e de recreação: bola de gude, bilboquê, peteca, pião, jogo de bolas, soldado de chumbo e capoeiragem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[87] Apud site: www.portinari.org.br/. Além desta tela de Portinari, podemos enumerar os seguintes quadros que ao longo da primeira metade do século XX abordaram o tema do futebol: "Menino com bola" (1914), de Rodolfo Chambelland; "Em caminho do goal" (1917), de Ismael Nery (1917); "Football" (década de 30), de André Lhote; "Jogadores de futebol" (1936), de Francisco Rebolo Gonzáles; "Futebol" (1948), de Djanira; "Futebol" (década de 50), de Sérgio Milliet; "Futebol no morro" (1959), de Antônio Gomide. Apud DAMATTA, R. (et. al.) **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982. Dentre estes pintores, destaque para Francisco Rebolo (1902-1980), filho de imigrantes espanhóis que, em São Paulo, antes de se tornar artista plástico, foi jogador de futebol entre 1917 e 1932. Segundo o sociólogo Antônio Gonçalves, os testemunhos de Rebolo indicam que ele foi um dos pioneiros na luta pela incorporação do negro no futebol brasileiro. Cf. GONÇALVES, A. "A imagem da capa". In: FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. Ver no livro o Caderno Especial. Na segunda metade do século XX, o crítico de arte Frederico destaca o nome de Rubens Gerchman como o pintor que melhor expressou a força temática do futebol. Cf. MORAIS, F. "Futebol e arte: de Guignard a Garrincha". In: **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro: Funarj, 1985, p. 14

[88] Cf. BORNHEIM, G. **op. cit.**, p. 43.

[89] Expressão de Mário de Andrade. Apud BARBOSA, J. A. **op. cit.**, p. 95.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Assim, os pintores modernistas absorvem em suas preocupações temáticas seja um esporte como o tênis, a expressar um *fato estético moderno*, seja um jogo como o futebol, a expressar um *fato estético primitivo*[90]. Os esportes, e o futebol em especial, se integram desta maneira a um plano de experimentação e de especulação mais geral do modernismo, abrangendo tanto a esfera visual quanto a esfera verbal de representação. Mais do que isso, o futebol, em suas variações ora como esporte ora como jogo, participa daquele *dilaceramento do modernismo* a que fazia menção Brito Broca[91]. Nos modernistas, os esportes, pelo que eles traziam de ruptura com o passado e de aceno para o futuro mecanizado, se juntavam aos jogos, pelo que eles traziam de continuidade com a tradição e com os motivos lúdicos da cultura popular. Ao mesmo tempo em que expressavam seu dilema, os modernistas identificavam no futebol os elementos de sua solução. Como esporte europeu, o futebol podia também ser plasmado na cultura nacional. O futebol assim protagonizava uma síntese daquela dialética do local e do universal, já apontada por Antônio Cândido, e que estava no cerne do projeto do modernismo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

1.3 Ética e estética do futebol

José Lins do Rego foi um homem dos desportos. Embora a sua atuação não tenha sido concebida de antemão, a inserção no universo esportivo foi levando-o à ocupação de cargos nas principais entidades representativas do futebol. À maneira de outro modernista, o poeta, editor e amigo Augusto Frederico Schmidt, que dirigiu o Botafogo, José Lins do Rego esteve à frente da direção do Clube de Regatas do Flamengo entre 1939 e 1944[92]. Na Confederação Brasileira de Desportos, foi secretário-geral por várias vezes ao longo da década de 1940 e 1950, chegando à presidência interina da entidade. Foi ainda, nos estertores do Estado Novo, nomeado junto ao Conselho Nacional de Desportos[93] entre 1944 e

[90] Cf. MORAES, E. J. **op. cit**., p. 86.
[91] Apud SANTIAGO, S. "A permanência do discurso da tradição no modernismo". In: BORNHEIM, G. (et al.). **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987, p. 125.
[92] Os dados aqui arrolados foram extraídos do livro de Eduardo Martins. Cf. MARTINS, E. **José Lins do Rego: o homem e a obra**. João Pessoa: Ilustrada, 1980, p. 45-51.
[93] O Conselho Nacional de Desportos (CND) foi criado pelo Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941, passando a vincular a organização de todas as atividades desportivas ao Estado. Órgão ligado ao Ministério da Educação e Saúde, era composto por cinco membros nomeados pelo

1946, órgão atrelado ao Ministério da Educação e Cultura, presidido por Gustavo Capanema, que o encarregou, anos mais tarde, da chefia da viagem da seleção brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1953, em Lima, no Peru. A sua nomeação deu-se por intermédio de Carlos Drummond de Andrade.

Este último dado parece-nos crucial para a compreensão do elo de uma importante cadeia nos anos de 1930 e 1940: os intelectuais modernistas, a esfera política e os círculos culturais. O eixo desta relação passava pela figura do ministro Gustavo Capanema, que abria espaço no governo Vargas para a atuação de um Villa-Lobos na música, de um Portinari na pintura, de um Mário de Andrade no patrimônio artístico e, no caso que aqui mais nos interessa, pouco mencionado, de um José Lins do Rego nos esportes. Os esportes eram assim reconhecidos no âmbito da educação e da cultura, numa fase em que vários modernistas, passada a voga libertária, preocupavam-se com questões pedagógicas e com problemas relacionados à construção da cultura nacional.

Assim Villa-Lobos se integra, como músico do Estado Novo, ao projeto educativo de levar às escolas a matéria-prima sonora do Brasil, segundo ele, resultado da confluência de sua natureza, de sua arte e de seu povo. Os cantos orfeônicos destinados às crianças brasileiras reuniam as peças do cancioneiro popular e os repertórios do folclore infantil, em espaços públicos esportivos grandiosos, como o Estádio de São Januário. Faziam-se presentes milhares de vozes que cantavam em uníssono, num espetáculo de uma grandiloqüência típica das paradas militares e dos rituais oficiais da sociedade de massas[94]. Villa-Lobos percebia a educação musical como um instrumento cívico de formação da infância e da juventude. A música apurava os sentidos, ao mesmo tempo em que desenvolvia os valores da nacionalidade e cumpria o seu papel de integração social, unindo, como queira Oswald de Andrade em seu manifesto poético *Pau-*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

presidente da República. Já a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi criada em 1916, por Lauro Muller. Cf. AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002, p. 143. Cf. também MOURA, G. de A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 24

[94] A questão da relação entre o Estado-Novo, os esportes e a sociedade de massas pode ser enquadrada no contexto histórico mais amplo da Segunda Guerra Mundial (1939-1944). Para uma compreensão mais ampla da relação poder/futebol, ver a obra do historiador Gilberto Agostino sobre as apropriações e os efeitos da política sobre o futebol internacional, em especial, em relação à Europa, à América Latina e à África. Cf. AGOSTINO, G. **op. cit.**.

Brasil, "a escola e a floresta"[95], ou, nos termos referidos pela sua biógrafa Maria Eugênia Boaventura, "o salão e a selva"[96].

Em um caminho análogo ao de Villa-Lobos e ao de vários modernistas, José Lins do Rego irá exercer suas funções nos órgãos estatais representativos dos esportes. A ética será uma questão basilar no desempenho de seu cargo e terá repercussão em seus apontamentos como cronista esportivo. José Lins do Rego endossava a idéia que chegava ao Brasil desde o início do século XX, que atravessava a visão otimista de Coelho Neto e que seria consolidada pela atividade de Mário Filho, segundo a qual o futebol era um esporte moderno, promotor de civilização[97]. Nos moldes idealizados pelos europeus, compartilhava-se a crença no aperfeiçoamento do indivíduo e na afirmação nacional por meio dos esportes. Os esportes estimulavam a um só tempo a educação física e o espírito cívico, tornando possível a equiparação da nação brasileira aos países civilizados da Europa.

Todo o universo do futebol seria perpassado pelos aspectos pedagógicos, disciplinares e propedêuticos da moral esportiva: jogadores, torcedores, técnicos, cronistas e dirigentes. Aos jogadores, caberiam vários procedimentos, que iam do empenho e da ascese nos treinos à lealdade e à humildade nas partidas; aos torcedores, caberia a contenção de seus ímpetos instintivos e de sua propensão à violência, sabendo perder e vencer conforme as circunstâncias; aos técnicos, caberia a diligência e a capacidade de comando; aos cronistas, malgrado suas inclinações clubísticas, caberia o senso de justiça e o cultivo da verdade; finalmente, aos dirigentes, caberia a probidade e a retidão inerentes à conduta de homens públicos.

Todos esses requisitos faziam parte do mundo do futebol. José Lins do Rego, consciente de suas atribuições como dirigente esportivo, enfatizava tais posturas e padrões de comportamento. Como representantes da nação, José Lins do Rego via os jogadores não só como atletas, mas como *atletas-soldados*[98].

---

[95] Cf. ANDRADE, O. de. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 9 e 10.
[96] Cf. BOAVENTURA, M. E. **op. cit.**
[97] Acerca do assunto, ver em especial duas de suas crônicas. Cf. REGO, J. L. do. "O povo e os jogos atléticos". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 79. Cf. Id. "Espírito olímpico". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 99. As crônicas são, respectivamente, de 18 de abril de 1947 e de 16 de julho de 1948.
[98] A expressão *atletas-soldados* é utilizada por José Lins do Rego em reportagem do Jornal dos Sports do dia 07 de janeiro de 1945, p. 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Assim se expressou por ocasião do campeonato sul-americano de 1945, no Chile, quando assume a chefia da delegação brasileira, em sua fase preparatória, na cidade de Caxambu, em Minas Gerais, famosa por sua estação hidro-mineral. Neste sentido, a expressão *atleta-soldado* era tomada no sentido quase literal do termo, na medida em que, naquele período pós-45, José Lins do Rego saudava em suas crônicas jogadores como Perácio[99], recém-chegado da Segunda Guerra Mundial, na condição de pracinha.

O cartola José Lins do Rego, no campo do Botafogo,
em Caio Martins, entre Manuel Vargas Netto e Mário Filho[100]

Além da disciplina, o fator que condicionava a atuação dos jogadores era o espírito coletivo de fervor cívico, de representação nacional e de construção de uma imagem do país no exterior. A competição significava não apenas a disputa de um sucesso esportivo, mas, acima de tudo, a possibilidade de afirmação da nação brasileira.

O tom de grandiloqüência do discurso ético-esportivo de José Lins do Rego pode ser comparado ao discurso ético-musical de Villa-Lobos. A mesma grandiosidade estaria presente em José Lins do Rego no final da década de 1940,

[99] Cf. REGO, J. L. do. "Perácio" e "Festa aos pracinhas". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 38 e p. 41. As crônicas são, respectivamente, de 25 de agosto de 1945 e de 7 de setembro de 1945.

[100] Apud COUTINHO, E. **O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, s. p.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

quando, por exemplo, se empenha na campanha pelo soerguimento do Estádio Municipal, o Maracanã. O esforço na construção do estádio e na realização da Copa do Mundo de 1950 vai mobilizar todo um apelo ufanista para o feito da arquitetura moderna brasileira[101] e para o exemplo dos jogadores em campo, encarnando as vicissitudes, as qualidades e os defeitos do povo.

Mas, após a inesperada e trágica derrota para o Uruguai na partida final, José Lins do Rego escreve uma crônica, *A derrota*, e um pequeno ensaio, *O caráter do brasileiro*, onde analisa de forma ambígua o significado do jogo para a compreensão do Brasil e onde é possível também perceber questões colocadas na esteira do modernismo:

> "Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de um fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinharia do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações.

[101] Meses depois de construído o Maracanã, José Lins do Rego voltaria a exaltar as qualidades da arquitetura moderna brasileira no processo de construção da nova sede náutica do Flamengo, projetada por Oscar Niemeyer, arquiteto que na década de 1950 se notabilizaria junto com o urbanista, arquiteto e historiador modernista Lúcio Costa, pela construção da cidade de Brasília. Em crônica de 31 de agosto de 1950, José Lins do Rego assim se refere ao projeto de Niemeyer: "Vi ontem os planos de Niemeyer para as novas instalações da sede náutica do Flamengo. E posso dizer que vi uma obra-prima de criação arquitetônica. Obra de um mestre, tocado da melhor qualidade poética. A imaginação de Niemeyer aproveitou-se de um lindo recanto da natureza carioca para efeitos que são de encher a vista. Se os homens do Flamengo tiverem juízo, não vacilarão. E, desde logo, passariam para o chão das margens da lagoa a concepção de Niemeyer. E posso garantir que irá a cidade do Rio de Janeiro possuir a mais bela, a mais pitoresca, a mais humana sede esportiva. É só haver no Flamengo gente de miolo na cabeça e coragem de agir." Id. "A nova sede náutica do Flamengo". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 126. Cf. também Id. "O engenheiro João Carlos Vital, uma boa escolha". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 128. Esta crônica é de 26 de abril de 1951.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Não dormi, senti-me, alta noite, como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era a terrível realidade da derrota."[102]

*

"A Copa do Mundo, que se acabou tão melancolicamente, deu-me a impressão de uma experiência amarga, capaz de completar as minhas observações sobre o caráter do nosso povo.

Vimos, no Estádio do Maracanã, uma multidão como raramente se tem aglomerado, em manifestações coletivas, no Brasil. Vimos duzentas mil pessoas comprimidas numa praça de esportes, nas reações mais diversas, ora na gritaria das ovações, no barulho das vaias ou no angustioso silêncio da expectativa de um fracasso. Ali estava todo o povo brasileiro, uma média de homens e mulheres de todas as classes sociais. Não era o Brasil de um grupo, de uma região, de uma classe. Não. Era o Brasil em corpo inteiro.

Para o observador social, para os que têm o poder de revelar o que há de mais particular nos povos, o campo era o mais propício. Mas para mim as observações começaram antes dos jogos sensacionais. Tive a oportunidade, como dirigente, de travar conhecimento, mais íntimo, com os que procuravam as acomodações, com os que tinham parcela de mando, com os que se sentiam com o direito de crítica, e mais ainda, com a lama das sarjetas, que queria passar pela água mais lustral deste mundo. E me perguntará o leitor: que impressão lhe deixou o brasileiro? Boa ou má?

Eu diria, sem medo de cair no exagero: uma boa impressão. Senti que havia povo na Nação – uma nova gente com capacidade de se congregar para uma causa, para uma obra, para os sofrimentos de um fracasso. Fizemos um estádio ciclópico, em menos de dois anos; organizamos um campeonato mundial, o de mais ordem até hoje realizado; formamos uma equipe quase perfeita de futebol. E, quando

[102] Cf. Id. "A derrota". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 125. A crônica é de 18 de julho de 1950.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> o título nos fugiu das mãos, soubemos perder, dando aos turbulentos sul-americanos uma lição de ética esportiva."[103]

Após a idéia fixa que tanto crispou o cronista José Lins do Rego[104] – somos mesmo um povo desgraçado, tristemente vil, sem sorte, desventurado –, o ensaísta José Lins do Rego fazia um balanço positivo da Copa do Mundo. E o balanço positivo da Copa do Mundo decorria da postura patriótica dos torcedores. Em um momento fundamental de afirmação do país, o povo brasileiro havia dado uma lição de ética esportiva: saber perder. Ante aquela experiência amarga, ante aquela *tristeza brasileira*[105] que ressurgia na história como mais um drama coletivo, e que tinha como conseqüência imediata o recrudescimento do discurso do racismo – com a atribuição da culpa da derrota aos jogadores negros Barbosa, Juvenal e Bigode[106] –, vinha uma demonstração de maturidade da população.

A crônica da tristeza brasileira, que já havia sido tratada no modernismo pelo historiador Paulo Prado, em seu ensaio de 1928, *Retrato do Brasil*, era agora revista por José Lins do Rego. A visão de José Lins do Rego, entretanto, sublinhava de forma afirmativa a idéia de povo e de nação. O estádio era tido como a síntese desse mesmo povo e de onde poderia se tirar um retrato em corpo inteiro do Brasil. Mais do que uma sede para competições, mais do que uma mera praça de esportes, o estádio de futebol era o lugar apropriado para a observação social do caráter brasileiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[103] Cf. REGO, J. L. do. "O caráter do brasileiro". In: **O vulcão e a fonte**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958, p. 208, 209 e 210.

[104] Para uma análise antropológica da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950, ver o ensaio de Arno Vogel, "O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional", onde o antropólogo discorre sobre os valores de fracasso e vergonha, vexame, honra e status – valores herdados da cultura mediterrânica – que assolaram não só o jornalismo esportivo como toda a sociedade brasileira após a perda para o Uruguai. A tragédia derrota de 50 é vista ainda por Arno Vogel como drama coletivo e ritual funerário em contraposição à vitória da seleção brasileira na Copa de 1970, quando a população comemora o feito nacional no México de maneira apoteótica e carnavalesca. Conforme iremos ver a seguir, o contraponto histórico de que se vale José Lins do Rego para a derrota de 50 é a primeira vitória do futebol brasileiro no Pan-Americano de 1952. Cf. VOGEL, A. "O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional". In: DAMATTA, R. (et. al.) **op. cit.**

[105] O tom melancólico e lúgubre da história colonial brasileira encontra paralelo no plano literário com a realização do Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego, onde se mostra o ocaso da aristocracia rural brasileira. As afinidades eletivas entre José Lins do Rego e Paulo Prado podem ser aferidas nos artigos do romancista paraibano sobre o historiador paulista, escritos em 1936 e em 1943. Cf. PRADO, P. **Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 243 e 249.

[106] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 289.

E, afinal, a sabedoria da derrota se transformaria no corolário da sabedoria da espera, pois, em 1952, dois anos passados da perda da Copa no Maracanã, o Brasil sagra-se pela primeira vez campeão Pan-Americano de futebol no Chile. E, então, os arroubos de entusiasmo de José Lins do Rego voltam-se uma vez mais para *o povo*, para a torcida brasileira. Na função de dirigente esportivo, saúda a chegada dos atletas brasileiros com um discurso que procura referendar a sua mera posição de porta-voz daquela população que finalmente extravasava sua alegria, que se via, depois de tanta espera, na condição de país triunfante, vitorioso em sua façanha internacional. Na crônica *O meu discurso*, José Lins do Rego trabalha toda a sua retórica a fim de abolir a barreira entre representantes e representados, entre o seu discurso de dirigente e a voz do povo a comemorar nas ruas:

> "O maior, o mais vibrante, o mais sincero discurso que vocês merecem é este que está aí, na boca do povo, são essas exclamações que estrugem do coração das massas, são estes gritos, que estrondam, são estas lágrimas derramadas de alegria, é toda esta festa que não tem ordem e nem itinerário, é festa que brota dos quatro cantos da cidade, como uma enxurrada curiosa. Sim, este é que é o discurso autêntico, o discurso que é um abraço, o discurso que diz tudo, e que só fala a verdade. Mas a Confederação me mandou para dizer a vocês, heróis das alturas andinas, que a vitória que vocês arrebataram para o Brasil é o pendão maior de suas glórias no football; que vocês colocaram os esportes brasileiros num plano de posição excepcional. Amigos, quem melhor poderia falar já está falando: É o povo."[107]

Um ponto de inflexão, nesse sentido, é a passagem do discurso da ética para o discurso da estética do futebol. Os "heróis das alturas andinas" podiam ser tratados por José Lins do Rego não somente como atletas com a função de

[107] Cf. Id. "O meu discurso". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1952, p. 5. De acordo com Mário Filho: "Foi uma vitória que lavou o peito de todo o Brasil. Daí a recepção aos heróis do Pan-americano: de campeões do mundo. Maior do que a dos pracinhas quando voltaram da guerra". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 303.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

soldados, mas também como atletas com a função de artistas. Em ensaio aqui já citado, *Fôlego e classe* (1945), José Lins do Rego trata da virtuosidade do jogador de futebol. O seu talento não seria fruto apenas do treino, da aplicação e da determinação em campo. Haveria um aspecto imponderável na formação do atleta, que fugiria à razão objetiva. O desempenho de um jogador de futebol era uma demonstração não da técnica como aprendizado, mas da técnica como elemento subsumido à força nativa, ao dado subjetivo, ao ato de criação individual[108] – linha de raciocínio que, de resto, acompanha a noção romântica de arte nos ensaios de José Lins do Rego.

José Lins do Rego desenvolve a imagem do jogador como gênio, dotado de um dom artístico, divinatório. O autor estabelece assim um paralelo entre o jogador e o músico, em especial, entre Fausto, conhecido como a "Maravilha Negra", e Brailowsky, o pianista russo. A habilidade com os pés de um e a habilidade com as mãos do outro resultariam da mesma sabedoria artística, de origem desconhecida. A concepção de arte de José Lins do Rego segue também a inclinação modernista de buscar uma articulação para as oposições tradicionalmente estabelecidas entre cultura erudita e cultura popular, arte alta e arte baixa, artes liberais e artes mecânicas. Em consonância com Mário de Andrade, acreditava-se na indistinção entre o saber e o fazer, entre o material e o espiritual[109]. Os modernistas procuravam cingir aquilo que os bacharéis e os acadêmicos haviam cindido no plano da cultura brasileira, restabelecendo a ligação entre arte, vida e coletividade.

José Lins do Rego dá ensejo, pois, à discussão da experiência estética no futebol que, nos últimos anos, tem sido matéria para a reflexão de pensadores como Hans Ulrich Gumbrecht e Wolgang Welsch[110]. Para estes, a ética vem cedendo espaço gradativamente a essa outra dimensão do futebol. À luz de seus pensamentos, é possível compreender as intuições e os apontamentos que

[108] Ainda sobre isso, Mário de Andrade tece considerações em consonância com José Lins do Rego: "Mas esta técnica pessoal é inensinável, porém; cada qual terá que procurar e achar a sua, pra poder se expressar com legitimidade". Cf. ANDRADE, M. de. "O artista e o artesão". In: **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1963, p. 25.

[109] Mário de Andrade diz: "A técnica, no sentido em que a estou concebendo e me parece universal, é um fenômeno da relação entre o artista e a matéria que ele move. E se o espírito não tem limites na criação, a matéria o limita na criatura". Cf. Ibid., p. 25.

[110] Cf. GUMBRECHT, H. U. "A forma da violência: em louvor da beleza atlética". In: **Caderno Mais!** Folha de São Paulo, 11 de março de 2001. Cf. WELSCH, W. "Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte ?" In: ROSENFIELD, D. (org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

guiavam a visão dos modernistas no que concerne ao futebol como espetáculo da modernidade, bem como à passagem das indagações do plano da ética para o da estética. A estética, entretanto, não diz respeito à tradicional idéia de beleza atlética e de saúde física surgida na virada do século XIX para o século XX, nem à beleza apolínea decantada nos sonetos do poema parnasiano de Ana Amélia[111], *O salto* (1926), escrito em tradicionais versos alexandrinos:

> "Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético
> Sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada
> Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,
> Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada
>
> Estremeci fitando esse teu porte estético
> Como diante de Apolo estremecera a dríade
> – Era um conjunto de arte esplendoroso e poético
> – Enredo e inspiração para uma helioconíada.
>
> No cenário sem par de um pálido crepúsculo
> – Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo
> Por entre as aclamações da massa entusiástica
>
> – Como um deus a baixar o Olimpo, airoso e lépido
> Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido.
> Belo na perfeição da grega e antiga plástica"

Estes versos clássicos da poetisa – mas também escritora, fundadora da Casa do Estudante do Brasil em 1929 e mais tarde tradutora de Shakespeare junto com

[111] Apud PEDROSA, M. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967, p. 109. É possível perceber de que maneira estes autores seguem uma apreciação estética dos esportes já assinalada por Hans-Georg Gadamer. Em uma versão aprimorada de um curso que lecionou na Universidade de Salzburg, em 1974, o filósofo alemão assim se refere: "Quem acha que nossa arte é uma mera arte das camadas superiores, engana-se violentamente. Quem pensa assim esquece que há estádios de esporte, salões de exposição, auto-estradas, bibliotecas populares, escolas profissionais que, com razão, são decorados muito mais luxuosamente do que nossos excelentes velhos ginásios humanistas, nos quais a poeira era quase um elemento da formação escolar, e os quais, pessoalmente, lamento pesarosamente hoje". Cf. GADAMER, H.-G. **A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1985, p. 77.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

sua filha Bárbara Heliodora[112] –, já mencionados na Introdução e que procuravam caracterizar os saltos apolíneos de seu marido, o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, haviam sido compostos na casa de Coelho Neto, num dos saraus dominicais onde os jogadores da equipe do Fluminense das décadas de 1910 e 1920 se reuniam para discutir os resultados das partidas[113].

Já a dimensão estética do futebol é vista sob um outro prisma no modernismo. Gilberto Freyre, além do sentido apolíneo – mais tipicamente britânico – assumido por Domingos da Guia[114], acentua o sentido dionisíaco – mais tipicamente brasileiro – do futebol, encarnado por Leônidas da Silva, em que sobressai a catarse, o excesso e o extravasamento do corpo, bem como a brincadeira, a irreverência e a festa, em uma espécie de *carnavalização do mundo do futebol*, à maneira sugerida por Mikhail Bakhtin[115] nos seus estudos sobre a

[112] Cf. SHAKESPEARE, W. **Hamlet** e **Macbeth**. Tradução de Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

[113] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 106 e 107. Cf. também ALVES, I. **Uma nação chamada Flamengo**. Rio de Janeiro: Europa, 1989, p. 125.

[114] José Lins do Rego e Augusto Frederico Schmidt chamavam Domingos da Guia, em razão de sua serenidade, de o "Goethe do futebol". O escritor e torcedor do Fluminense, Otávio de Faria, apreciava comparar Domingos da Guia com o compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart. Já Mário Filho, endossado por Gilberto Freyre, chamava Domingos da Guia de o "Machado de Assis do futebol brasileiro": "inglês por fora, brasileiro por dentro". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 217. Cf. também Id. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 352. Cf. ainda COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 166. Do tempo em que atuou no Nacional do Uruguai, entre 1933 e 1936, ganhou o apelido de *Divino Mestre* e depois, em breve passagem pelo futebol argentino, foi chamado de *Estátua Noturna*. Uma estatística feita em Montevidéu mostra que naquela época cerca de 5 mil torcedores iam ao Estádio Centenário apenas para ver Domingos da Guia atuar. Cf. FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 354 e 355. Cf. também MORAES, M. de. (org.). **op. cit.** Rio de Janeiro: MIS Editorial/Faperj, s.d., p. 147.

[115] Cf. BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Huicitec, 1990. Para uma reflexão sobre os conceitos de cultura ocidental, cultura popular e cultura brasileira, ver o livro de ensaios do crítico José Guilherme Merquior. Cf. MERQUIOR, J. G. **Saudades do carnaval – introdução à crise da cultura**. Rio de Janeiro: Forense, 1972. A atribuição da imagem de Apolo e Dioniso a Domingos da Guia e a Leônidas da Silva pode ser remetida a outros jogadores, em diferentes contextos da história do futebol brasileiro. Com base em um notável ensaio do antropólogo José Sérgio Leite Lopes, *A morte da alegria do povo*, é possível perceber de que maneira a trajetória e o estilo se de jogar futebol de Garrincha e Pelé nos anos de 1960 e 1970 formam um contraponto em que o primeiro assume o tipo dionisíaco e o segundo, o apolíneo, ou, dito em nos termos utilizados pelo autor, enquanto Garrincha representava o tipo hedonista, Pelé privilegiava uma postura ascética. O antropólogo José Sérgio Leite Lopes vale-se ainda, nessa contraposição entre os dois jogadores considerados os melhores da história do futebol brasileiro, de dois filmes que narram suas trajetórias de vida e evidenciam bem o contraste entre as duas carreiras atléticas: *Garrincha, a alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade (1964) – um marco do Cinema Novo – e *Isto é Pelé*, de Eduardo Escorel (1974). Cf. LOPES, J. S. L. "A morte da alegria do povo". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992. Em consonância com a interpretação histórico-antropológica de Roberto DaMatta em *Carnaval, malandros e heróis*, Simoni Lahud Guedes identifica Mané Garrincha como o tipo perfeito de Pedro Malasartes no futebol brasileiro. Cf. GUEDES, S. L. "Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis". In: GOMES, G.; BARBOSA, L.; DRUMMOND, J. A. (orgs.) **O Brasil não é para**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

cosmovisão da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Gilberto Freyre parece se amparar na leitura de *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche[116], para a utilização do contraponto entre Apolo e Dioniso no futebol:

> "O pé caracteristicamente brasileiro pode-se dizer que continua, em largos trechos do País, o pé pequeno que o mulato tem certo garbo em contrastar com o grandalhão, do português, do inglês, do negro, do alemão. O pé ágil mas delicado do capoeira, do dançarino de samba, do jogador de *foot-ball* pela técnica brasileira antes de dança dionisíaca do que de jogo britanicamente apolíneo."[117]

A relação entre o futebol e a arte é ainda um tema caro aos modernistas na medida em que ela permite a associação das percepções de harmonia, ritmo e conjunto aos movimentos espaciais dos jogadores em campo. Um exemplo desse processo se verificaria na própria linguagem. O universo lingüístico esportivo, eivado de expressões táticas bélicas como defesa, ataque e contra-ataque, passa a coexistir então com expressões de origem artística, como lances, fintas e floreios.

Longe de se cogitar o futebol como uma arte[118], procura-se mostrar como a performance do futebol busca paralelos que se inspiram em imagens artísticas. É assim que Mário de Andrade se refere ao *bailado mirífico* do futebol (1939), é desta maneira que Gilberto Freyre introduz a categoria *futebol-arte* (1943), é com este propósito que Rachel de Queiroz vê o futebol como um caminho para se chegar à genuína obra-de-arte (1948). Com este intuito também, Oswald de Andrade vai recorrer aos grandes espetáculos da história para falar do futebol:

> "Essa comunhão que produziu os grandes espetáculos clássicos como o teatro grego ou a missa que, afinal, não

---

principiantes: *Carnaval, malandros e heróis* 20 anos depois. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 130.

[116] Cf. NIETSZCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

[117] Cf. FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 626.

[118] Não obstante nossa cautela, é o próprio historiador Eric Hobsbawm, no livro *A era dos extremos*, quem indaga: "... quem, tendo visto a seleção brasileira jogar em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte ?". Apud MATTOS, C. **Cem anos de paixão – uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 29. Em outra passagem, o historiador assim se refere: "A arte de jogar futebol é uma contribuição brasileira, e é um dos poucos valores que considero genuinamente nacionais". Apud MURAD, M. **op. cit.**, p. 140.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> passam de um grande bailado. Essa comunhão de recursos plásticos e rítmicos que hoje se procura obter no futebol, no cinema plástico e falado e até nas paradas militares foi sempre o alto propósito estético das sociedades em ação. E nela a arte sempre serviu de fundamental elemento emotivo e sugestionador".[119]

Nessa palestra proferida em São Paulo, em 1938, um dos anos-chave para a afirmação do futebol brasileiro no âmbito internacional, conforme pontuamos na Introdução, Oswald de Andrade procurava situar o fenômeno futebolístico no quadro das expressões coletivas do homem. De um ponto de vista antropológico, a essência das artes coletivas não havia sido transformada durante a modernidade. O esporte moderno apenas seria um novo aspecto dessas mesmas fontes antigas de manifestação mística e artística. Ao lado do cinema e das paradas militares, o futebol absorvia as formas dramáticas do teatro[120], da dança e da missa, evidenciando a íntima ligação estética entre os espetáculos da época moderna e os rituais milenares da humanidade.

Os modernistas tomavam de empréstimo, assim, os recursos melódicos e plásticos da arte para uma caracterização do futebol. Se o foco de início estava centrado na figura do atleta de futebol, logo ele passava também para a esfera do espetáculo como um todo. A combinação do jogador e do espectador produzia uma nova totalidade e um novo efeito de contemplação. O jogo suscitava novas perspectivas aos sentidos, que aguçavam a percepção daquilo que o crítico Anatol Rosenfeld chamou – em um artigo sobre o futebol brasileiro, escrito em 1956 para o público alemão – de sua "constelação estética"[121], uma fusão das expressões lúdico-simbólicas de controle humano (o ato domar a bola) com a conformação de energias irracionais e primitivas (a catarse das massas).

---

[119] Cf. ANDRADE, O. de. "O burguês infeliz criador de pintura". In: **Estética e política**. São Paulo: Globo, 1994, p. 155.

[120] De maneira semelhante à associação de Oswald de Andrade, Hans Ulrich Gumbrecht postula os eventos esportivos, notadamente o boxe, como sucedâneos das representações teatrais no período que chama de *alta modernidade*: "... a imaginação dos intelectuais também aceita que a sobriedade, a tensão e a concentração são estados de espírito que o boxeador partilha com seus espectadores. Eis por que as multidões do boxe tornaram-se um ideal normativo para a audiência do teatro moderno (...). É quase uma provocação trivial dizer que os eventos esportivos, especialmente as lutas de boxe, acabarão substituindo o teatro." Cf. GUMBRECHT, H. U. "Boxe". In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 222.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Sem a elaboração teórica e sem a dimensão histórica de Oswald de Andrade, José Lins do Rego também se mostra sensível à apreciação e à fruição provocada pelos espetáculos de futebol. No ensaio *Fôlego e classe*, volta a discorrer:

> "Mas, mais do que os homens que lutam no gramado, há o espetáculo dos que trepam nas arquibancadas, dos que se apinham nas gerais, dos que se acomodam nas cadeiras de pistas. Nunca vi tanta semelhança entre tanta gente. Todos os setenta mil espectadores que enchem um Fla-Flu se parecem, sofrem as mesmas reações, jogam os mesmos insultos, dão os mesmos gritos. Fico no meio de todos e os sinto como irmãos, nas vitórias e nas derrotas. As conversas que escuto, as brigas que assisto, os ditos, as graças, os doestos que largam são como se saíssem de homens e de mulheres da mesma classe. Neste sentido o futebol é como o carnaval, um agente de confraternidade. Liga os homens no amor e no ódio. Faz com que eles gritem as mesmas palavras, e admirem e exaltem os mesmos heróis. Quando me jogo numa arquibancada, nos apertões de um estádio cheio, ponho-me a observar, a ver, a escutar. E vejo e escuto muita viva, vejo e escuto o povo em plena criação."[122]

A intensidade, a vitalidade e a criatividade do futebol possibilitavam a visão do espetáculo como uma fonte não só de observação social, mas também de prazer estético. A abertura de tal espaço dava continuidade à realização de um ideal modernista, pondo no mesmo patamar o futebol e as artes coletivas, fato possibilitado por uma certa concepção de jogo próxima àquela desenvolvida pelo historiador holandês Johan Huizinga, em seu livro *Homo ludens – o jogo como elemento da cultura*. De acordo com Umberto Eco, Huizinga maneja sua idéia de jogo a partir de "uma noção de 'cultura' como complexo de fenômenos sociais do

[121] Cf. ROSENFELD, A. **op. cit.**, p. 105 e 106. Este artigo foi publicado originalmente em alemão.
[122] Apud JUNQUEIRA, I. (org.). **op. cit**., p. 234 e 235.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

qual fazem parte, em condições iguais, tanto a arte como o esporte, tanto o direito como os rituais funerários"[123].

O intelectual aproximava-se das manifestações populares com o firme propósito de conhecer, de escutar e de colher informações junto ao povo, entendendo tais informações como elementos da cultura. Ao mesmo tempo, o conhecimento destas festas populares permitia ao intelectual a satisfação de suas prévias concepções de beleza. Se o futebol havia sido quase sempre reservado à esfera esportiva e educativa, vários modernistas passam a reconhecer suas propriedades também no âmbito cultural e artístico.

Ao assinalarmos tão-somente a existência das preocupações éticas e estéticas do modernismo em relação futebol, torna-se possível ir além, no estudo da ligação entre os intelectuais e os esportes, da recorrente discussão em torno da identidade nacional. Acompanhando-se a sugestão de Hans Ulricht Gumbrecht[124], percebe-se que, embora a mediação da brasilidade seja fundamental para a compreensão do futebol, há outros fatores relevantes na consideração dos esportes sob a ótica do modernismo. Em sua famosa conferência de 1942, *O movimento modernista*, Mário de Andrade referia-se aos princípios básicos de sua geração, entre os quais se afirmava o direito à pesquisa estética. Pois bem, foi essa liberdade de pesquisa em todas as áreas da vida social brasileira que permitiu a alguns autores do modernismo e do regionalismo chegar ao futebol nos anos de 1920, 1930 e 1940. Foi essa *inquietude estética*[125] que levou Mário de Andrade a relatar, em uma crônica, as experiências pessoais de uma partida de futebol no Rio de Janeiro. Foi também, e principalmente, esse senso estético que levou José Lins do Rego a consumar no futebol o seu desejo de ver "o povo em plena criação". Pouco preocupado com o resultado do jogo, Mário de Andrade confessava-se embevecido com o bailado mirífico, com o "balé de beija-flores" atrás da bola, o que era confirmado em outra oportunidade pelo escritor mineiro Paulo Mendes Campos, que também chegou a ser um cronista esportivo bissexto:

[123] Cf. ECO, U. "Huizinga e o jogo". In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 270.
[124] Cf. GUMBRECHT, H. U. **op. cit**, p. 6.
[125] Expressão empregada por Benedito Nunes no ensaio "Estética e correntes do modernismo". In: ÁVILA, A. **op. cit**, p. 41.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "Mário de Andrade era entusiasta de futebol. Queixava-se dos 350 compromissos que o impediam de ser assíduo aos estádios. Em seus livros há algumas referências ao futebol, sempre com excelente conhecimento. Mário tinha especial predileção pelo famoso centromédio Brandão. Dizia, com sua inflexão enlevada: 'É um ma-ra-vi-lho-so bailarino!'"[126]

Assim sendo, longe de ser um fenômeno unívoco, o futebol franqueava uma gama de questões que, por sua vez, apontavam para várias direções. Assim como sucedeu com os escritores da *belle-époque* e do pré-modernismo, é possível perceber de que maneira os modernistas de São Paulo e os regionalistas do Nordeste valiam-se de crônicas e artigos, quando não de poesias, contos, romances e pinturas, para testemunhar e aquilatar a presença do futebol na vida brasileira ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940. Muito embora essa representação fosse atravessada por inúmeras discussões[127], como a polêmica entre Oswald de Andrade e José Lins do Rego, o futebol engendrava uma série de interpretações – sociais, culturais e artísticas – que, ao fim e ao cabo, se enfeixavam na base das preocupações do modernismo. Decifrar o futebol e sua plêaide de significados, que iam de modismo estrangeiro a genuíno esporte nacional, de fenômeno moderno a jogo tradicional, de apanágio da ética à matéria de deleite estético, encontrava um denominador comum. Assim, principalmente após a realização da Copa do Mundo de 1938 na França, no "umbigo do mundo"[128], de onde, segundo o relato de Paulo Prado, Oswald de Andrade dizia ter *descoberto* o Brasil, seria possível também a Gilberto Freyre e José Lins do Rego *descobrir o futebol* brasileiro. Os intelectuais, enfim, podiam visualizar o lugar do futebol naquele *concerto das nações*[129] modernas e naquela *cultura brasileira* que eles próprios se empenhavam em construir.

---

[126] Cf. CAMPOS, P. M. "Passes de letra". In: **Diário da tarde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 92.

[127] Neste sentido, um dos méritos da obra do historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira é o alargamento do escopo discursivo aos diversos atores envolvidos no universo esportivo e que não se restringiam ao discurso da esfera oficial do poder futebolístico, tal como ficou consagrado na figura de Mário Filho.

[128] Cf. ANDRADE, O. de. **Pau-Brasil**. Prefácio de Paulo Prado. São Paulo, Globo, 1991, p. 57.

[129] Expressão de Mário de Andrade. Apud MORAES, E. J. de. "Mário de Andrade: Retrato do Brasil. In: BERRIEL, C. E. (org). **Mário de Andrade hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990, p 70.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

2
O modernismo e a crônica esportiva

2.1 Do romance à crônica esportiva

Os modernistas de São Paulo e os regionalistas do Nordeste costumam nos dias de hoje ser inseridos no mesmo quadro sintético da história do modernismo brasileiro – os primeiros com a realização da Semana de Arte Moderna de 1922 e os segundos com a realização do 1º Congresso Regionalista do Recife de 1926. Entretanto, à primeira vista e num momento inicial, não eram poucas as diferenças que os contrapunham. A mesma filiação estética não impedia inclusive que se caracterizassem os dois grupos de escritores e artistas como representantes de projetos antagônicos. A estética vanguardista inicial de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, com as influências do futurismo, do cubismo e do surrealismo, parecia-se opor à estética tradicionalista Gilberto Freyre e José Lins do Rego, com seus vínculos ainda nítidos com o naturalismo e o realismo do século XIX. Animosidades pessoais e plataformas rivais pareciam tornar inconciliáveis naqueles idos da década de 1920 duas tendências a princípio tão díspares.

Uma simples comparação temática e estilística entre alguns dos romances mais representativos de cada corrente ilustra esse fato. De um lado, por exemplo, a obra de José Américo de Almeida, *A bagaceira*[1], de 1928, livro inaugural de uma nova fase do romance social nordestino, mas que sob muitos aspectos prolonga uma tradição ficcional que endossa a marca da região e a tipificação do regional; por outro lado, a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, também de 1928, onde grande parte do empenho do escritor paulista recai sobre a supressão das fronteiras regionais, embaralhando-as de maneira deliberada em favor de uma unidade sincrética nacional. Em outro exemplo, a obra de Oswald de Andrade, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de 1924, que retratava as peripécias de um filho da abastada burguesia paulista a vagar de forma ociosa pela Europa, pelo Rio de Janeiro e por São Paulo; de outro lado, a obra de José Lins do Rego, *Menino de engenho*, de 1932, que relatava as experiências de um filho da

[1] Para um estudo sobre este romance, ver o ensaio de Silviano Santiago. Cf. SANTIAGO, S. "*A bagaceira*: fábula moralizante". In: **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

decadente aristocracia rural nordestina, confinado à paisagem humana e social de um antigo engenho canavieiro do início do século XX.

Sob o ângulo da linguagem, se a prosa dos modernistas de São Paulo – fragmentária, elíptica, capaz de inserir formas e linguagens da poesia, da fotografia e da cinematografia na técnica de construção romanesca – sinalizava sua produção para a nova "escala da sensibilidade moderna"[2], a prosa dos regionalistas do Nordeste – à primeira vista monótona, lenta, sem questionar os limites da representação e da verossimilhança na ficção – mantinha-se ainda ligada aos padrões oitocentistas e às formas clássicas do grande romance português, francês e russo. Desta feita, enquanto o primeiro grupo, mais cosmopolita, parecia querer acompanhar com suas experiências lingüísticas as transformações espaciais e temporais por que passava a sociedade, o segundo grupo, mais provinciano, parecia voltar-se tão-somente para a construção de uma linguagem e de um romance que documentassem, de forma fidedigna, os traços mais característicos da realidade de sua região.

Não surpreende que Oswald de Andrade, em certa fase, tenha combatido o que ele denominava "literatura de tração animal"[3] dos romancistas nordestinos, incapazes de atinar para o ritmo que a célere civilização urbano-industrial requeria da ficção moderna brasileira expressa no sudeste do país. Não espanta também que José Lins do Rego, em seu início, junto a Monteiro Lobato, um dos mais contumazes críticos do modernismo de São Paulo, tenha condenado a linguagem artificial, mecanizada e cerebral de Ronald de Carvalho, de Cassiano Ricardo e mesmo de Mário de Andrade, de quem lhe repugnara a bricolagem[4], o enredo caótico e o imbróglio narrativo de *Macunaíma*.

Entretanto, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, se tais diferenças programáticas entre os dois grupos viriam a se acirrar, em muitos casos também elas chegariam a se conciliar. A própria concepção de ruptura e de continuidade com a compreensão de tradição que cultivavam se mostraria relativa para cada

[2] Cf. NUNES, B. "Estética e correntes do modernismo". In: ÁVILA, A. **op. cit.**, p. 48.
[3] Cf. ANDRADE, O. de. "Uma carreira de romancista". In: **Telefonema**. São Paulo: Globo, 1996, p. 237. Como era comum em Oswald de Andrade, essa não é a sua única avaliação sobre o romance nordestino, tendo saudado mais de uma vez aqueles escritores por ele chamados também de os "Búfalos do Nordeste", que traziam à cena no quadro do modernismo da década de 1930 as estruturas arcaicas e a questão social tão premente no Brasil. Cf. também ANDRADE, O. de. "Sentimento de culpa". In: **Os dentes do dragão – entrevistas**. São Paulo: Globo, 1992, p. 222.
[4] Sobre o emprego da bricolagem em Mário de Andrade, ver capítulo da obra da antropóloga Santuza Cambraia Naves. Cf. NAVES, S. C. "O engenheiro e o *bricoleur*". In: **op. cit.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

uma das correntes. Gilberto Freyre[5] se revelaria conhecedor das experiências de vanguarda estética do romance inglês e francês, leitor pioneiro que foi no Brasil das obras de Joyce[6] e Proust, transmitindo-as em seguida a José Lins do Rego, ao passo que Oswald de Andrade e Mário de Andrade logo se mostrariam apreciadores de inúmeras tradições dispersas pelo país, como as pertencentes ao patrimônio arquitetônico e artístico do barroco mineiro, após suas históricas viagens às cidades coloniais de Minas Gerais em 1924.

Assim, muitas desavenças se dissolveriam, muitas cisões se instaurariam, mesmo no interior de cada grupo. Nas décadas posteriores à sua eclosão, atravessadas várias fases e etapas, o modernismo iria-se apercebendo das afinidades que uniam José Lins do Rego e Antônio de Alcântara Machado, Gilberto Freyre e Paulo Prado, Jorge de Lima e Murilo Mendes, Mário de Andrade e Câmara Cascudo, Oswald de Andrade e Raul Bopp, Sérgio Milliet e Ascenso Ferreira[7], Cícero Dias e Portinari, sem contar a poesia de Manuel Bandeira, que parecia sintetizar de forma paradigmática as qualidades e os projetos acalentados tanto pelos modernistas de São Paulo – como o uso do verso-livre – quanto pelos regionalistas do Nordeste – como a evocação lírica da cidade natal.

Portanto, sendo um movimento heterogêneo e heteróclito, o modernismo apresentava múltiplas possibilidades de contato e de dissensão entre os seus membros e entre as correntes que nele se abrigavam. Mas as divergências, como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[5] Para uma compreensão da peculiaridade do modernismo assumido por Gilberto Freyre, ver a obra do historiador e antropólogo Ricardo Benzaquen de Araújo. Cf. ARAÚJO, R. B. de. **Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. Para um elogio da ambivalência de Gilberto Freyre em face do modernismo e do tradicionalismo, do cosmopolitismo e do provincianismo, da escrita e da oralidade, ver o ensaio do cientista político Gilberto Vasconcellos. Cf. VASCONCELLOS, G. F. **O xará de Apipucos**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

[6] Prudente de Moraes Neto, que, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, dirigia a revista modernista *Estética*, relata ter recebido em 1924 uma carta de Luís da Câmara Cascudo, dizendo que Gilberto Freyre já conhecia a obra de James Joyce. Tendo gostado do artigo de Gilberto Freyre sobre o romancista irlandês, Sérgio Buarque seleciona-o para publicação, o que, entretanto, não ocorre, pois a revista é interrompida na sua terceira edição. Cf. DANTAS, P. **op. cit.**, p. 194.

[7] A admiração de Sérgio Milliet por Ascenso Ferreira pode ser percebida no prefácio do crítico paulista à obra do poeta pernambucano. Cf. FERREIRA, A. **Poemas (1922-1953)**. Prefácio de Sérgio Milliet. Recife: Nery da Fonseca, s. d. É válido registrar neste livro que seu último poema, intitulado "Rio de Janeiro", contém uma espécie de crônica poética do futebol carioca: "Cessou o bailado do povo nas ruas,/dançando quadrilhas pra lá e pra cá!/ Um silêncio de morte invade o mundo!/ – Que é que há ?/ – Será Tenório ?/ – Será bomba atômica ?/ Grupos agoniados se ajuntam pelas calçadas,/ às portas dos cafés./ De repente, porém,/ como se o país tivesse saído/ da beira do abismo,/ mil bocas de alto-falantes/ exclamam alucinadas pela amplidão:/ – Gôôôô ... ol !!!" (p. 207).

as que diziam respeito, no romance, à discussão do papel da linguagem, podiam ser equacionadas em outros planos e em outros gêneros literários. Em princípio divididos pelos sinais opostos que separavam a metrópole e a província, a realidade brasileira e a realidade européia, ambos os grupos integravam uma mesma geração intelectual que combatia, no seu tempo, toda a tradição literária oficial em voga entre as décadas de 1890 e 1920, e que se cristalizara em torno da forma da escrita e das regras do "bem escrever". Mário de Andrade e Oswald de Andrade, de um lado, Gilberto Freyre e José Lins do Rego, de outro, participavam de uma mesma luta contra o bacharelismo, contra o academicismo e contra o parnasianismo que imperava no cenário das letras brasileiras. Os alvos das suas críticas pareciam se evidenciar de modo cristalino na oratória de um Rui Barbosa, na prosa de um Coelho Neto e na rima de um Olavo Bilac, com seus discursos empolados, com sua dicção pomposa, com sua forma poética rígida e empedernida.

Contra o peso dessa herança, a defender uma então obsoleta arte pela arte, o movimento modernista se unificava em uma reivindicação comum de libertação das formas expressivas de criação e de inserção concreta do artista na realidade nacional. Sobre todos os gêneros artísticos e literários, infundiu-se um espírito de liberdade estética, de livre experimentação e de compromisso com os traços mais característicos da vida brasileira, em contraposição ao que viam como o marasmo, a frieza e a alienação intelectual da geração anterior. Sob o ponto de vista da linguagem, procurava-se aproximar a literatura da comunicação corrente na vida do brasileiro, desfazendo sobretudo "o divórcio entre a língua falada e a escrita"[8] que até então se verificava. A questão da oralidade era, neste sentido, um forte ponto de convergência entre os próceres do regionalismo nordestino e do modernismo paulista, na medida em que ambos compartilhavam do elogio da linguagem oral e da importância de se inserir no texto escrito as locuções e os vocábulos presentes na cultura popular.

As formas de criação e de participação do escritor modernista vão se mostrar as mais variadas, como a realização de viagens e pesquisas ou a fundação de revistas e periódicos, tendo em vista esse objetivo semelhante de insurgência intelectual, de insubordinação acadêmica e de revitalização da vida artística

[8] Cf. COUTINHO, A. **op. cit.**, p. 262.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

brasileira. Sob esta égide, mais do que o romance, o jornal vai ser um dos meios pelos quais o escritor modernista procurará se integrar ao seu tempo e à realidade nacional, veiculando grande parte de seu ideário social, cultural e artístico coletivo. A própria poética do modernismo despontava não somente propugnando o verso-livre em oposição à métrica parnasiana[9], mas sustentando a idéia de que "a poesia se encontra nos fatos"[10], de que "no jornal anda todo o presente"[11], de que é dos anúncios e das notícias dos jornais que se extrai o material poético do dia a dia.

Nas décadas de 1930, 1940 e 1950, uma das maneiras de atuação que se revelaria fecunda no sentido da aproximação do escritor modernista com a fala e com o cotidiano do homem comum brasileiro seria a crônica, gênero originário do folhetim do século XIX, que se desenvolvera na virada do século e que se tornara difundido em larga escala nas primeiras décadas do século XX[12]. Ao contrário do romance, que, conforme acentuara Walter Benjamin[13], caminhava desde o século XIX para um tipo de narração introspectiva, solitária e unidimensional, a crônica, pela sua feição menos ambiciosa, possibilitava um tipo de narrador em contato diário e em diálogo mais direto com o seu leitor. Ainda que para Benjamin o jornal não oferecesse abertura para a figura clássica do narrador tradicional, restrita que estava à difusão instantânea da informação e à explicação objetiva dos fatos, pode-se dizer que o cronista ia sorrateiramente se afirmando na imprensa com uma forma de comunicação que permitia dar novo impulso a uma faculdade julgada em vias de extinção pelo pensador alemão: "a faculdade de intercambiar experiências"[14]. Assim, ao grande solilóquio do romance burguês, sucedia então,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[9] Sobre a oposição entre o verso-livre e a métrica parnasiana ver o artigo do crítico Oswaldino Marques, autor muito apreciado pelo ensaísta Franklin de Oliveira e nos dias de hoje pouco conhecido. Cf. MARQUES, O. "Matrizes estruturais do verso moderno". In: SALDANHA, C. (org.) **op. cit.**

[10] Cf. ANDRADE, O. de. "Manifesto da poesia Pau-Brasil". In: **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 5.

[11] Ibid, p. 9.

[12] Nomes de vulto da literatura brasileira, como José de Alencar e Machado de Assis, seriam alguns dos popularizadores desse gênero. Sobre a introdução e a difusão do folhetim no Brasil ao longo do século XIX, ver a obra de Marlyse Meyer cf. MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

[13] Cf. BENJAMIN, W. In: **op. cit.** Ao contrário do monólogo do herói romanesco perscrutado por Benjamin, Mikhail Bakhtin sustenta a sobrevivência do romance polifônico e de sua natureza essencialmente dialógica na evolução da prosa ficcional européia, numa linhagem que compreende Rabelais, Cervantes, Shakespeare e atinge o século XIX com a obra de Dostoievski. Cf. BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p. 27.

[14] Ibid, p. 198.

no espaço do jornal, o pequeno colóquio da crônica moderna, com tudo o que ela inspirava de oralidade e de relação intersubjetiva. O cronista moderno não era apenas o *flaneur* ou o repórter de rua – papel que seria desempenhado no Brasil das primeiras décadas do século XX por João do Rio – mas aquele potencial contador de histórias capaz, amiúde, de sensibilizar seu leitor, de dividir sua sabedoria e de transmitir suas vivências, ainda que no breve relato da crônica escrita.

Uma mostra do que consistia isso que chamamos de o *pequeno colóquio da crônica moderna* no dia a dia do jornal e na atividade do escritor modernista pode ser encontrada numa coluna ainda provinciana de Graciliano Ramos, intitulada *Traços a esmo*. Já no início da década de 1920, sobressai esta tradição jornalística que procura religar a letra à voz[15], acentuando o tom de intimidade, de informalidade e de cumplicidade na relação quase equânime que Graciliano Ramos desejava entre o cronista e o leitor:

> "Leitor amigo:
> Neste modesto canto do jornal, discreteemos, se te agrada. Mas, antes de entabularmos conversa, não seria mau que nos conhecêssemos.
> Eu já sei quem tu és. Não é preciso que me digas teu nome, tua profissão, algumas mazelas que por acaso – quem não as possui ? – te ornam o caráter. Mas tu, decerto, não queres palestrar com um desconhecido. Infelizmente não tenho quem me apresente. Estou aqui de passagem. Sou um hóspede nesta folha. Quando me der na telha, arrumo a trouxa e vou-me embora. Em minha rápida conversação contigo, meu interesse é muito limitado. Se tiveres paciência de ouvir-me, bem; se não, põe o teu chapéu e raspa-te."[16]

[15] Para uma apreciação do lugar histórico da oralidade e suas injunções com a escrita na tradição literária ocidental, ver a obra de Paul Zumthor. Cf. ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
[16] Cf. RAMOS, G. **op. cit.**, p. 51.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

De acordo com Antônio Cândido[17], após aclimatar-se com naturalidade e desenvolver-se de maneira original, é apenas na década de 1930 que a crônica moderna se consolida no Brasil. Com sua linguagem fluida, tornou-se sob vários aspectos um gênero nacional e atraiu tanto autores da primeira geração do modernismo, como Manuel Bandeira e Mário de Andrade, quanto escritores das gerações seguintes, como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos. A simplicidade, a liberdade de experimentação e o tom coloquial, elementos já destacados no romance e na poesia modernista durante a década de 1920, eram os traços de estilo mais acentuados que aproximavam estes escritores da crônica, um gênero a princípio efêmero e menor, situado no "modesto canto do jornal"[18], mas que, visto em seu conjunto, afigurava-se como uma fonte preciosa no processo de afirmação da língua nacional e das expressões literárias brasileiras. No âmbito do jornalismo, os modernistas encontravam a crônica como mais um meio de combater a tradição de doutores, de acadêmicos e de catedráticos que, com suas expressões rebuscadas, a geração anterior tornara hegemônica.

A trajetória de José Lins do Rego na passagem do romance à crônica e, em seu caso particular, à crônica esportiva, revela-se exemplar nesse sentido. Ligado no início de sua carreira jornalística, durante a década de 1920 em Pernambuco e Alagoas, à polêmica literária e ao panfleto político, veio a aflorar em José Lins do Rego no início da década de 1930 a vocação literária de romancista. Com uma obra serial e opulenta, os romances de José Lins do Rego compreendiam todo um painel histórico da região nordestina, todo um retrato psicológico de seus tipos sociais mais característicos e todo um quadro político, econômico e cultural que, ao longo dos anos de 1930, foram dando corpo à maior parte do "Ciclo da Cana de Açúcar" e do "Ciclo do Misticismo, do Cangaço e da Seca". Além da recepção crítica abonadora de um João Ribeiro e do acolhimento editorial de um José Olympio, a publicação ininterrupta de seus romances fizeram extrapolar os limites provincianos do romancista paraibano e, ainda na década de 1930, transfere-se de maneira definitiva para o Rio de Janeiro.

[17] Cf. CÂNDIDO, A. "A vida ao rés-do-chão". In: **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 26.
[18] Cf. RAMOS, G. **op. cit.**, p. 51.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Mas é justamente no Rio de Janeiro das décadas de 1940 e 1950 que a publicação das obras ficcionais do escritor paraibano torna-se menos intensa e mais intermitente, dando margem ao reaparecimento da figura de José Lins do Rego como cronista e possibilitando o surgimento de uma nova faceta de sua personalidade: a de cronista esportivo. Se o autor já exercia a atividade de colunista nos principais jornais de Recife e de Maceió nas décadas de 1920 e 1930, esse ofício volta a se ampliar no Rio de Janeiro, onde chega a colaborar regularmente em três periódicos da cidade, dentre eles *O Globo*, *O Jornal*, *Jornal dos Sports*, além da revista *O Cruzeiro* e da crônica radiofônica diária[19]. Discorrendo sobre os mais diversos assuntos, como a poesia e a pintura, o cinema e a música, a história e a política, o cronista registrava também em sua tradicional coluna dos *Diários Associados*, "Conversa de lotação", suas impressões sobre o cotidiano do habitante da cidade, não deixando nunca de cultuar um estilo simples, franco e despojado, sem sofisticações gramaticais e sem artifícios de linguagem. Frente ao homem de gabinete, típico do bacharelismo, a crônica de José Lins do Rego fazia emergir o homem de rua, tão cultuado pelo modernismo; e, em contraposição ao romance marcado pela atmosfera da introspecção psicológica e da decadência social, a sua crônica afirmava o envolvimento com a cidade, com a vida coletiva e com o tempo presente, em seus aspectos mais prosaicos, circunstanciais e comezinhos.

No conjunto da produção como cronista esportivo, José Lins do Rego expressou sua visão sobre o futebol na série de pequenas crônicas da coluna "Esporte e vida", escritas entre as décadas de 1940 a 1950. Assim como o desejo modernista de conjugar *arte* e *vida*, desejo este difundido em São Paulo por Blaise Cendrars[20], os dois pares constantes da crônica de José Lins do Rego, *poesia* e *vida*[21] e *esporte* e *vida*, representavam esferas de interesse indissociáveis que motivavam o cronista tanto para as produções artísticas quanto para o futebol. Ao contrário da crônica esportiva de Prudente de Morais Neto[22], que escrevia sobre

[19] Cf. COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 322.
[20] Apud NAVES, S. C. **op. cit.**, p. 205.
[21] "Poesia e vida" é o título de um dos melhores livros de ensaios e crônicas de José Lins do Rego. Cf. REGO, J. L. do. **Poesia e vida**. Rio de Janeiro: Universal, 1945.
[22] Apud SENNA, H. "Teoria da crítica (Prudente de Morais Neto)". In: **República das letras – entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 142. Se a especial predileção de Prudente de Morais Neto eram as corridas de cavalo, em relação ao futebol tanto João Antero de Carvalho quanto Nei Lopes informam que ele era torcedor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

turfe e freqüentava o Jockey Club do Rio de Janeiro, a crônica esportiva de José Lins do Rego, longe de ser um *hobby*, um lazer fortuito ou uma distração alheia às suas preocupações intelectuais, constituía um dos meios preferidos para se inserir na vida cultural carioca e para tratar de um dos assuntos que mais contagiava a capital da República naquele momento: o futebol.

José Lins do Rego era inclusive responsável por fomentar essa discussão cotidiana em torno desse esporte, seja com sua participação direta nos jogos, pois freqüentava os estádios da zona sul (Gávea, Laranjeiras e General Severiano), da zona norte (São Januário) e do subúrbio (Madureira), seja com a criação na década de 1940 da agremiação de torcedores do Flamengo, *Dragões Negros*, com sede na tradicional Confeitaria Colombo, no centro do Rio de Janeiro, onde reunia em almoços personagens importantes da história do clube, como o radialista Ary Barroso e o presidente Gilberto Cardoso, e onde recebia também a visita de personalidades da cidade, como o cronista Rubem Braga[23]. Dos dias de trabalho aos dias de jogo, dos lares aos bares, dos cafés aos estádios, os temas da crônica esportiva se entrosavam com a vida de milhares de torcedores, não apenas como mais uma informação, dentre as inúmeras que pululavam e sobejavam na metrópole, mas como o centro dos debates que mobilizavam de forma calorosa um das primeiras marcas de identidade destes habitantes – ser Flamengo ou Vasco, ser Fluminense ou Botafogo, ser América ou Bangu.

As crônicas de futebol revelavam-se então não apenas uma área de abrangência estritamente esportiva. Como um laboratório, como um observatório, elas permitiam a José Lins do Rego refletir também sobre suas preocupações literárias mais caras e que o inscreviam no quadro do modernismo. O registro contido em sua crônica *A língua do povo* pode ser bem elucidativo a respeito das dimensões que assumiam, no ambiente esportivo também, questões relativas à linguagem e ao vocabulário popular:

---

do Madureira Esporte Clube. Cf. CARVALHO, J. A. de. **Torcedores de ontem e hoje**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968, p. 256. Cf. também LOPES, N. **op. cit.**, p. 110.

[23] Em pelo menos duas crônicas, José Lins do Rego dedica-se a louvar a presença de Rubem Braga nas rodas de almoço da Confeitaria Colombo. Cf. REGO, J. L. do "Amigo Braga". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1952, p. 5. Cf. Id. "O velho Braga entre dragões". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 136. A crônica é de 23 de outubro de 1952. Além de Rubem Braga, José Lins do Rego levava para a Confeitaria Colombo os seguintes amigos e escritores: Marques Rebelo, João Condé, Thiago de Melo e Odilon Ribeiro Coutinho. Cf. COUTINHO, E. **Zelins, Flamengo até morrer !** Rio de Janeiro: s. e., s. d., p. 409.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "Domingo, ao sairmos do estádio, vínhamos eu, Viana Moog e Mário Filho a falar do jogo de reservas que se desenrolara em ritmo de boa partida, quando um torcida falou para o outro:
> – Mas que morrengo !
> E, de fato, não havia melhor palavra para caracterizar aquela bola dolente que o Oswaldo engolira como quem papara um frango de engorda.
> Aquele 'morrengo' era uma fotografia como máquina nenhuma poderia ter pegado.
> Era o velho e bom povo a criar com a sua melhor maneira.
> O 'goal morrengo' passara a figurar no dicionário dos '*fans*'.
> Muita gente me diria: tudo isto é conversa do Lins para não falar no 1 x 0 do Flamengo x Bangu.
> E não é. A derrota me doeu de fato. E não quero esquecê-la porque temo que outras virão."[24]

De forma semelhante ao elogio oswaldiano da língua do povo, errada, "natural e neológica"[25], José Lins do Rego valia-se de um lance anódino – o "frango" de um goleiro –, em uma banal partida de reservas, para trazer à discussão em sua crônica o significado positivo das expressões populares. Captando os acontecimentos de uma partida com mais precisão que as palavras fixadas em dicionário, os torcedores eram a expressão viva do sentido dinâmico da língua, fonte e matéria-prima, portanto, do escritor modernista de uma maneira geral e do cronista em particular. José Lins do Rego surpreendia na palavra inventada por um torcedor de futebol a fotografia de um instante criativo, a mesma que a *kodak* de Blaise Cendrars almejava registrar em outras esferas da vida brasileira. Mais do que lendo, era auscultando o povo nas suas mais diversas formas de manifestação coletiva que o intelectual modernista encontraria base para a formação da língua brasileira, constituindo assim o amálgama entre a linguagem oral e a linguagem escrita no Brasil.

[24] Cf. REGO, J. L. do. "A língua do povo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1946, p. 3.
[25] Cf. ANDRADE, O. de. "Manifesto da poesia Pau-Brasil". In: **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 6.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Além de laboratório e de observatório dos modos coloquiais de expressão do torcedor, a crônica esportiva de José Lins do Rego não prescindia da abordagem de uma outra importante problemática do modernismo. Como já sublinhamos, um dos principais termos de concordância entre os modernistas de São Paulo e os regionalistas do Nordeste era o investimento de ambos os grupos contra a tradição bacharelesca. Tradição esta que se incrustara e se alastrara em tal intensidade em nossa sociedade que chegava a atingir grande parte do universo futebolístico brasileiro, incluindo cronistas e jogadores, técnicos e dirigentes, e levando o já citado cronista Genolino Amado a criar a alcunha "bacharelismo esportivo" para designar esse tipo de indivíduo pedante. Em sua crônica *Uma máscara*, José Lins do Rego serve-se do humor anedótico para dar um perfil desta figura que de maneira exótica surgia num dia de carnaval:

> "O sujeito apareceu na Avenida fazendo um grande sucesso. Vinha de boné, de cronômetro a tiracolo, de camisa de lã e calças curtas. E trazia um grande livro, um volumoso livro debaixo do braço. E começou a doutrinar, a falar difícil, a citar Cezar Cantú a doutrinar sobre leis e costumes dos povos. E como ninguém atinasse com aquela fantasia, o sujeito de máscara de arame se descobriu. E disse para os curiosos: 'Eu sou um técnico de *football*'.
>
> Aí ficou tudo esclarecido. O homem de camisa de lã, do grande livro, das frases arrevezadas, era um técnico de *football.* E os curiosos não paravam de rir com as graças do homem que, para falar de um *crack*, se referia às leis dos Três Estados de Augusto Comte. E puxava na língua como um orador de Academia.
>
> Aquela imensa máscara não se liquidaria na quarta-feira de cinzas. Era uma máscara de todo o ano."[26]

A aversão de José Lins do Rego à fala difícil dos bacharéis era uma característica que impregnara seu pensamento desde cedo. Em seus tempos de Recife e Maceió, José Lins do Rego já se fazia crítico das grandes elaborações

[26] Cf. Id. "Uma máscara". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 7 de março de 1946, p. 3. José Lins do Rego faz alusão a César Cantú, autor de "História universal".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

narrativas, das soluções estilísticas engenhosas e da eloqüência vazia. É que a seu ver estas se dissociavam de aspectos capitais para o escritor, como o compromisso com o livre-arbítrio, com a sinceridade e com a espontaneidade. José Lins do Rego, segundo o enquadramento do crítico José Guilherme Merquior[27], representava um daqueles patrícios que, sob ameaça de declínio social, plebeizavam seu estilo nas décadas de 1920 e 1930. O próprio autor, por sugestão de Gilberto Freyre, deixara em certo momento de sua vida em Pernambuco de assinar apenas pelo sobrenome, Lins do Rego, para escrever seu nome por completo[28], incluindo o José. A ênfase no sobrenome era um costume caro em especial às famílias patriarcais nordestinas, pois remetia a uma idéia de tradição, de nobreza e de distinção social, idéia de que logo José Lins do Rego procuraria se desvencilhar, chegando a ser popularizar no Rio de Janeiro simplesmente como Zé Lins. Era neste sentido também que o autor de *Menino de engenho* louvava, ainda em Maceió, a conversão poética de Jorge de Lima do parnasianismo para o modernismo[29] e que exaltava a poesia lírica e sentimental de Manuel Bandeira, oriunda, segundo José Lins do Rego, mais do coração do que do cérebro, mais da emoção do que da razão.

Ao lado da rejeição à retórica e à dicção empolada, José Lins do Rego repudiava no mesmo grau tudo que se assemelhasse à imagem aristocrática do escritor, como a formalidade no trato, a freqüência aos salões literários e a devoção exclusiva às coisas do espírito, símbolos para ele de uma vida requintada e engalanada que se opunha à gratuidade das ruas e ao convívio popular. Com esta visão, rechaça de maneira frontal, no sugestivo espaço crônica esportiva, a proposta de um amigo de o candidatar à Academia Brasileira de Letras. Em *Nada de Academia*, José Lins do Rego assim se escusa:

> "Caro Pedro Nunes: Nada de Academia. Eu sou um homem comum que não se dá bem com os homens

[27] Cf. MERQUIOR, J. G. "O modernismo e três dos seus poetas". In: **A crítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 273. Para uma análise meticulosa da origem econômico-social de vários escritores modernistas, ver a obra de Sérgio Miceli. Cf. MICELI, S. **op. cit.**

[28] Cf. FREYRE, G. "José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu sobre o outro? In: **Alhos e bugalhos – ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à cachaça; de José Lins do Rego ao cartão postal**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, p. 42.

[29] Cf. REGO, J. L. do. "Jorge de Lima e o modernismo". In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> imortais. Imortal mesmo só Deus, meu caro Pedro Nunes. A Academia é um magnífico refúgio da sabedoria. E eu não sou um homem sábio. E nem mesmo um homem sabido. E se você, com tanta gentileza, lembrar-se de mim para o fardão, foi lembrança que, se não partisse de quem partiu, eu diria que era coisa de amigo da onça.
>
> Caro Nunes, pelo que vejo, você quer se ver livre do seu velho amigo, com essa história de fardão, de Academia, de solenidades.
>
> Como poderei torcer pelo Flamengo amarrado nos dourados arreios de luxo?"[30]

Assim, José Lins do Rego utilizava com freqüência o espaço da crônica esportiva com vistas à exposição de suas convicções mais arraigadas no campo das letras, como o elogio da oralidade e o repúdio à figura do bacharel e aos ouropéis da Academia.

Mas, para um melhor entendimento do significado histórico desta liberdade de expressão concedida pela crônica esportiva, convém doravante examinar de forma um pouco mais detida a evolução deste gênero que ia acompanhando a implantação, o desenvolvimento e as transformações do futebol no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX. Circunvizinha à crônica moderna brasileira, a crônica esportiva possui assim uma trajetória propícia para a compreensão dos fatores que a tornavam um meio de comunicação tão atraente – mais atraente inclusive, naquele momento, que o gênero do romance – a um escritor como José Lins do Rego.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[30] Cf. Id. "Nada de Academia". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 98. A crônica é de 15 de junho de 1948. É de se notar que em 1955, sete anos após assinar esta crônica esportiva, José Lins do Rego aceitaria a candidatura à Academia Brasileira de Letras, sendo eleito e empossado no ano seguinte com um discurso considerado como a maior quebra de protocolos da ABL, pois ao invés de exaltar o patrono da Cadeira que assumia, Ataulfo de Paiva, o autor de *Menino de engenho* teceu duras críticas a este membro da Academia, que não era escritor, mas apenas um personagem de destaque da elite do Rio de Janeiro. Cf. REGO, J. L do; ATHAYDE, A. de. **Discursos de posse e recepção na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

2.2 A crônica esportiva moderna

A cobertura jornalística dos esportes acompanhou o processo de organização das primeiras competições de turfe e de remo no Rio de Janeiro. As matérias em torno dos esportes abordavam um tema novo que, no final do século XIX, despontava junto às tentativas de transformação da cidade em uma metrópole urbana nos moldes idealizados pelos países da Europa. Não se podia falar ainda em uma crônica esportiva, mas apenas em um formato incipiente do que ela viria a se constituir na década de 1930. As notícias que cobriam os esportes na cidade integravam em geral a crônica sobre os esportes às informações sobre corridas de cavalo e partidas de *cricket*, corridas de bicicleta e dias de regata, dizendo respeito não apenas a eventos atinentes aos esportes, mas a significativos acontecimentos da vida social para a elite carioca.

As práticas esportivas vinham acopladas também à difusão das fábricas, das escolas de imigrantes – como os colégios protestantes ingleses e alemães ou os colégios jesuíticos italianos – e dos clubes na cidade. No período entre 1870 e 1914, conforme acentua o historiador inglês Eric Hobsbawm, os clubes poderiam ser considerados como "tradições inventadas"[31]. Com a produção em massa de hinos e heráldica, símbolos e rituais próprios, os clubes surgiam como um novo espaço de lazer e prestígio para grupos sociais da aristocracia e da burguesia européia, invenções bgo transplantadas para os trópicos. O aparecimento desses requintados lugares, como o Derby Club ou o Jockey Club do Rio de Janeiro, com direta inspiração nos clubes ingleses e franceses, inaugurava um novo ambiente de distinção para as elites. Buscava-se agora sair dos seus nobres aposentos para a criação de uma rede de sociabilidade em torno de salões e cassinos, teatros e cinematógrafos, cafés e casas de chá[32]. Buscava-se também o reordenamento de parte da área pública das ruas, assoladas com freqüência por desordens e turbulências sociais, por epidemias e altos níveis de insalubridade, para a

[31] Cf. HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **op. cit.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 271.

[32] O poeta, tradutor e crítico literário Marco Lucchesi dedicou um belo ensaio enfocando o surgimento das platéias e do gosto pelas óperas italianas no Rio de Janeiro durante o Segundo Reinado. Cf. LUCCHESI, M. "Mitologia das platéias (A ópera na Corte: 1840-1889)". In: **Teatro alquímico: diário de leituras**. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1999. Cf. também NEEDELL, J. D. **Belle-époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Cf. ainda HERSCHMAN, M.; LERNER, K. **Lance de sorte – o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca**. Prefácio de Margarida de Souza Neves. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p. 30.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

remodelagem de seu espaço em torno de praças, jardins públicos e parques[33]. De acordo com o pesquisador Victor Andrade de Melo[34], a afirmação dos esportes provocava uma mudança nos valores em voga na cidade, com a introdução dos mais recentes padrões de saúde física, de compleição atlética e de um até então inusitado culto ao corpo. Com base nesse novo ideário estético, os jovens atletas cada vez mais direcionavam suas atenções para as agremiações náuticas e para as competições de remo nas praias da Zona Sul do Rio de Janeiro. Assim, o remo na virada do século logo se tornaria o esporte mais popular da cidade, atraindo, nos dias de regata, cerca de cem mil pessoas para a Praia de Botafogo[35].

Nas primeiras décadas do século XX, o destaque dado à crônica esportiva permaneceu vinculado ao processo de crescimento dos clubes, o que se intensificou com a popularização crescente de uma nova modalidade esportiva: o futebol. Se cronistas como Luiz Edmundo e Machado de Assis, João do Rio e Olavo Bilac não deixavam de observar as mudanças desencadeadas pelos esportes na vida da cidade e nos valores das elites, com o advento do futebol essas considerações vão levantar polêmicas e colocar em planos antagônicos vários outros escritores. Na *belle-époque*, os esportes ligavam-se de forma direta a um discurso de modernização e a um processo civilizador em que os jogos tradicionais deveriam ser banidos do ambiente urbano. Diversões populares como a tourada e a briga de galo, a capoeira e o jogo do bicho eram repudiados em prol dos novos padrões de civilidade européia que se tornavam dominantes no Rio de Janeiro. Em diversos jornais, representantes dos meios letrados da cidade refletiam sobre estes contrastes que os esportes, e o futebol em especial, colocavam em cena. As crônicas de Coelho Neto e Lima Barreto acerca do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[33] Cf. SEVCENKO, N. "Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil". In: **Estudos hitóricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993, p. 82.

[34] Cf. MELO, V. M. de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Faperj, 2001, p. 37-56.

[35] Cf. MATTOS, C. **op. cit.**, p. 64. Conforme já realçamos na Introdução, José Lins do Rego dedicou uma crônica a rememorar o remo como a mais importante paixão coletiva nos esportes nacionais antes do futebol. Cf. REGO, J. L. do. "O campeonato de remo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, dia 11 de abril de 1945, p. 3. Se o remo era considerado um esporte popular, tal popularidade estava bem delimitada ao público espectador que se aglomerava na enseada e no cais, pois entre os seus praticantes apenas se podiam encontrar jovens oriundos da elite. Nos sofisticados pavilhões erguidos à beira-mar, encontravam-se tão-somente eminentes autoridades políticas, industriais e indivíduos de alto poder aquisitivo. Tal clivagem – econômica, social e racial – podia ser também percebida na esfera da música popular. Em 1956, o radialista Almirante relembrava a quadrinha de uma música do carnaval de 1906, *Vem cá mulata*: "Joguei na cabra/ Deu pavão/ Negro não entra/ No pavilhão". Apud ALENCAR, E. de. **Flamengo, força e alegria do povo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1970, p. 24.

significado do fenômeno futebolístico no Brasil, já mencionadas na Introdução, vão protagonizar uma das mais expressivas polêmicas entre literatos nas décadas de 1910 e 1920.

Entretanto, é possível perceber nesse período a vigência entre os literatos de uma *crônica sobre os esportes*, mas não de uma *crônica dos esportes*. Além disso, no ambiente diário do jornalismo, o futebol também não possuía grande espaço. De uma forma esquemática[36], pode-se dizer que até 1910 apenas algumas linhas eram concedidas ao futebol nas edições dos jornais de domingo e de segunda-feira. Já após 1910, o futebol transformava-se paulatinamente em assunto jornalístico, sendo que em 1917 é criada a Associação de Cronistas Esportivos no Rio de Janeiro. Contudo, o cronista esportivo constituía ainda uma espécie de curinga do jornalismo, desempenhando as mais variadas funções de reportagem, o que atestava a ausência de autonomia e de especialização dada à sua atividade. Para se ter uma noção do tipo de cobertura feita dos jogos, vale citar uma crônica da época, publicada no *Correio de São Carlos* (1904), em que sobressai o caráter exclusivamente objetivo, informativo e descritivo da narração da partida, além dos termos esportivos grafados majoritariamente em inglês:

> "Domingo passado realizou-se um *match* entre os grupos da sociedade *Club Football*, tendo a ele assistido algumas famílias e cavalheiros. Feito o sinal convencional para o começo do jogo, travou-se uma luta gigantesca entre os heróicos rapazes que compunham os *teams*. O primeiro *chout* foi dado por Marques (verde), que a levou até a linha *penalty kik*, onde foi tomada pelo destemido *team* dos vermelhos. O *Full-balk* Heitor Rodrigues (vermelho), deu um admirável *chout* que atirou a bola à linha de centro, sendo nesse momento apoderada por S. Zambrano que, ao atirá-la para Mamede (vermelho), foi tomada por Pinheiro (verde). A pouca distância do *penalty kik*, travou-se novamente uma luta ingente entre os *teams*, conseguindo Marques (verde) dar um feliz *chout* fazendo um *goal*. Muitas palmas e vivas se fizeram ouvir, sendo muito felicitado o *team* verde pelo *team* vermelho, seu adversário

[36] As informações contidas neste parágrafo foram extraídas de Milton Pedrosa. Cf. próxima nota.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> terrível. Foram pois vencedores os verdes por um *goal* a zero. Os membros da diretoria convidam às exmas. famílias para assistirem ao *match* que se realizará domingo no campo provisório, à rua Visconde do Pinhal, às 4:30 horas da tarde."[37]

A década de 1930 vai assistir a uma gama de transformações no interior do futebol que dão ensejo a uma renovação na forma de cobertura jornalística das partidas de futebol, tal como ela vinha se processando desde a década de 1910. Nesse sentido, a atuação de Mário Filho no processo de criação de um campo autônomo para o jornalismo esportivo no Rio de Janeiro, mediante a valorização de um gênero até então tido como menor pela imprensa, pode ser considerada decisiva. O surgimento de um modelo de reportagem esportiva na década de 1930, passando a contar com um espaço privilegiado nos periódicos da cidade e, em 1936, com um próprio jornal inteiramente dedicado ao tema, o *Jornal dos Sports*[38] – a suceder os tradicionais tablóides esportivos –, acompanhava a profissionalização e a oficialização da presença de jogadores negros nos clubes de elite do Rio de Janeiro. Mário Filho atuava nesse sentido com suas atenções centradas na formação de um público de massa e de grandes espetáculos esportivos.

Ao lado das mudanças visuais e técnicas por que passava o jornalismo esportivo sob o crivo de Mário Filho, a crônica procurava também alcançar uma forma mais dinâmica e interativa de comunicação, indo ao encontro desse público leitor por meio de uma série de inovações lingüísticas. Em um ensaio sobre o jornalista Mário Filho, o antropólogo José Sérgio Leite Lopes[39] evidencia a

---

[37] Apud PEDROSA, M. "A crônica esportiva e o cronista de futebol". In: **Olho na bola**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968, p. 7.

[38] Mário Filho encampou o *Jornal dos Sports* em 1936 com o apoio financeiro dos amigos Arnaldo Guinle, Roberto Marinho e José Bastos Padilha. Este último foi o presidente o Clube de Regatas do Flamengo que, entre 1933 e 1937, conduziu a mudança na política interna do clube, abrindo mão do amadorismo até então vigente, em prol do profissionalismo, da presença de jogadores negros e do processo de popularização do clube através do futebol. Cf. ANTUNES, M. R. F. **'Com brasileiro não há quem possa': crônicas de futebol e identidade nacional**. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia da Universidade de São Paulo, 1999, p. 107. O ano em que Mário Filho compra o *Jornal dos Sports* não é consensual, pois Ruy Castro afirma que o jornal foi adquirido em 1932, e não em 1936, como diz a socióloga paulista. Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 65 e 67.

[39] Cf. LOPES, J. S. L. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo: nº 22, 1994, p. 68. Esses dados, por sua vez, baseiam-se nas informações biográficas do livro do jornalista Ruy Castro sobre Nélson Rodrigues. Cf. CASTRO, R. **O anjo pornográfico –**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

adoção de uma linguagem mais coloquial na crônica esportiva desse período, retirando-a da formalidade dos inúmeros termos em inglês e aproximando-a das expressões correntes dos torcedores nos estádios. A modernização da crônica esportiva caracterizava-se pela implantação de uma nova linguagem e de uma nova narrativa, assim como pelo estabelecimento de uma nova relação entre o cronista e o leitor. Esta relação se prolongava muitas vezes por meio de um contato direto nas ruas, nos bares e nos estádios ou por meio de cartas, telegramas e até telefonemas, o que influenciava e trazia repercussões imediatas para os temas da crônica.

Segundo Nélson Rodrigues, seu irmão Mário Filho havia empreendido uma verdadeira revolução jornalística na área esportiva, com uma nova concepção sobre o estatuto da imagem e da diagramação, bem como com uma renovada inserção de títulos e subtítulos, de manchetes e legendas nas páginas de esportes. Mas era no terreno da linguagem que Mário Filho mais se destacava. A partir de 1926, quando realiza sua pioneira entrevista de meia-página com o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça – entrevista esta que se desdobraria nos anos de 1930 em uma série de entrevistas realizadas no café *Nice*, da galeria *Cruzeiro*, próximo à redação de *O Globo*, onde se reuniam torcedores e jornalistas, jogadores e até compositores populares, como Noel Rosa[40] –, Mário Filho passa a promover diariamente o enriquecimento do vocabulário da crônica esportiva, desfazendo-se do tom solene que então a caracterizava e trazendo para o espaço do jornal a "gíria libérrima"[41] dos torcedores. Havia ele enfim operado uma transformação lingüística radical, apenas comparável, nas associações quase sempre grandiosas e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 114. Nos últimos anos, alguns pesquisadores de São Paulo têm procurado relativizar o pioneirismo de Mário Filho na *invenção* de uma crônica esportiva moderna. Sendo endossado pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo, José Renato de Campos Araújo procura mostrar de que maneira na imprensa paulista, e em especial no jornal *O Estado de São Paulo*, já havia desde pelo menos 1914 uma cobertura regular e sistemática dos *matches* por parte da crônica esportiva da cidade. Cf. CAMPOS ARAÚJO, J. R. de. "Imprensa e futebol". In: **Futebol e imigração: o caso Palestra Itália**. São Paulo: Editora Sumaré;IDESP, 2000. Cf. também TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; FAPESP, p. 2002, p. 164.

[40] Cf. CASTRO, R. **O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131 e 132. Além do café *Nice*, Mário Filho freqüentava os bares preferidos pelos torcedores de cada time: o Flamengo no café *Rio Branco*, no *Lamas* e no Largo do Machado; o Vasco no bar *Capela*, da Lapa, e na cervejaria *Vitória*, da Praça Onze; o América no *Mourisco*. Noel Rosa, que não tinha time, dizia torcer para o clube em que Fausto, a "Maravilha Negra", estivesse jogando. Cf. FILHO, I. A. **op. cit.**, p. 142.

[41] Cf. RODRIGUES, N. "O homem fluvial". In: FILHO, M. **O sapo de Arubinha – os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 8.

barrocas[42] do dramaturgo, às transformações da Semana de Arte Moderna de 1922[43].

Cabe não obstante a ressalva de que tais mudanças lingüísticas inauguradas por Mário Filho, vistas nos dias de hoje, podem ser consideradas apenas parciais, pois o abrasileiramento integral da linguagem esportiva apenas ocorreria anos depois, na década de 1960. Uma simples visada nos periódicos da época ou nas próprias crônicas de José Lins do Rego atesta este fato. Muitas das principais palavras do universo futebolístico permaneciam sem tradução, mantendo-se na forma original inglesa ou se alternando com a grafia portuguesa, como *football*, *team*, *fans*, *sportman*, *speaker*, *match*, entre outras. O jornalista Marcos de Castro, em suas notas à antologia de crônicas esportivas de José Lins do Rego, por ele selecionadas em livro, aponta como o próprio cronista de "Esporte e vida" ainda lançava mão de anglicismos e galicismos nas construções das frases de sua coluna de futebol[44]. Além da aclimatação lingüística, a idéia de uma crônica esportiva que absorvesse de forma plena a linguagem coloquial só encontraria possibilidade de realização nas décadas seguintes e se expressaria de maneira lapidar, por exemplo, na figura de um João Saldanha[45], com o seu habitual e informal vocativo: "meus amigos". Por conseguinte, sem entrar na discussão a respeito do sentido revolucionário, renovador ou meramente reformista de Mário Filho em relação à linguagem esportiva, é importante frisar ao menos, sob sua influência, uma substantiva inflexão nos rumos da crônica esportiva após o decênio de 1930.

A par da incorporação de parcela considerável da linguagem coloquial e da oralidade popular característica do mundo do futebol, a criação de uma crônica esportiva nos moldes preconizados pelo jornalismo de Mário Filho na década de 1930 estimulava o estabelecimento de uma relação dialógica entre o cronista e o leitor. A crônica esportiva constituía assim um espaço mais direto de mediação e de interlocução entre esses dois pólos integrantes do universo esportivo e dava oportunidade para a troca de contato do cronista com uma pluralidade de visões acerca de suas matérias e de seus comentários sobre as partidas de futebol. Em

[42] Para um estudo das imagens barrocas nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues à luz do pensamento de Severo Sarduy, ver a obra de José Carlos Marques. Cf. MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues – o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
[43] Cf. RODRIGUES, N. **op. cit.**, p. 9.
[44] Cf. REGO, J. L. do. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 182 e 188.
[45] Cf. PROENÇA, I. C. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 30.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

outras palavras, tal relação facultava uma espécie de bate-papo, de "conversa fiada"[46] ou de "cumplicidade lúdica"[47], marcas peculiares da crônica como gênero a um só tempo literário e jornalístico, numa postura espontânea, despojada e recreativa que pode encontrar paralelo e termo de comparação na prática esportiva com a idéia de *pelada* ou de bate-bola informal.

Esse processo vai ter seus desdobramentos nas décadas de 1940 e 1950 com a fixação da crônica esportiva como um gênero com formato próprio e com feição específica. Para isso, Mário Filho vale-se de figuras de destaque na composição de sua equipe de cronistas no *Jornal dos Sports*, seja de repórteres de alto gabarito, como Dão, Geraldo Romualdo da Silva, Pedro Nunes e Leonam Pena – este último autor de um pioneiro *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas* (1951), em que, após uma pesquisa de 7 anos, coligiu e incorporou ao léxico esportivo uma vasta quantidade de locuções futebolísticas, num empreendimento que Mário Filho chamou de "o registro civil da gíria"[48]; seja de conhecedores da crônica esportiva internacional, como Albert Laurence, Giampoli Pereira e Willy Meisl[49]; seja o caso singular de uma cronista esportiva, Florita Costa, mulher de Flávio Costa, o famoso técnico do Flamengo, do Vasco e da seleção brasileira; seja de prestigiados dirigentes das entidades desportivas nacionais, como João Lyra Filho[50], Mário Pólo, o próprio José Lins do Rego e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[46] A expressão é de Vinícius de Moraes. Apud SÁ, J. de. "Vinícius de Moraes: o exercício do cotidiano". In: **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987, p. 74.

[47] A expressão é do historiador Ilmar Rohloff de Mattos. Apud NEVES, M. S. "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas". In: CÂNDIDO, A. (et al.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 82.

[48] Apud PENNA, L. **Dicionário popular de futebol – o ABC das arquibancadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 21.

[49] O cronista esportivo Willy Meisl, austríaco naturalizado inglês, amigo de José Lins do Rego, publicou em 1955 o negligenciado clássico *Soccer revolution*, onde, segundo o sociólogo Richard Giulianotti, o autor sustenta a tese de que o declínio internacional do futebol britânico nas décadas de 1930 e 1940 ocorreu em função do seu isolamento político e do seu insulamento esportivo perante a FIFA e os campeonatos intercontinentais. Cf. GIULIANOTTI, R. "O esporte do século XX: futebol, classe e nação". In: **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 46. Cf. também FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 325.

[50] O difuso pensamento sociológico ou para-sociológico de João Lyra Filho é estudado por Simoni Lahud Guedes. Em seu estudo, a antropóloga baseia-se em dois livros publicados pelo ex-presidente do Conselho Nacional de Desportos, *Taça do mundo – 1954* e *Introdução à sociologia dos desportos*. Na pesquisa que realizamos juntos aos periódicos de o *Jornal dos Sports*, encontramos um artigo de João Lyra Filho, "Sinais de sociologia desportiva", que muito contribui para a compreensão de suas influências intelectuais à época, onde saltam à vista as referências a Gilberto Freyre e a Oliveira Viana. Cf. GUEDES, S. L. "O 'povo brasileiro' no campo de futebol". In: **O Brasil no campo de futebol – estudos antropológicos sobre o significado do**

Vargas Netto, este último também escritor e sobrinho de Getúlio Vargas, o que conferia um peso ainda maior para a promoção da crônica esportiva e para a efetivação de um canal mais direto de comunicação não só entre o torcedor e o cronista, como entre o torcedor e os principais representantes políticos do futebol brasileiro.

Mas é válida, mais uma vez também, a ponderação de que este estreito vínculo ao poder político, econômico e esportivo do diretor do *Jornal dos Sports* e de parte considerável de sua equipe de cronistas tem feito com que cientistas sociais e historiadores contemporâneos, como os já mencionados Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Antônio J. Soares, relativizem a ação de vanguarda e supostamente progressista de Mário Filho. Por um lado, na medida em que, segundo eles, ela cristaliza um viés personalista / paternalista na abordagem das transformações do futebol brasileiro como um todo, creditando-se a um único jornalista feitos que se integram a um processo coletivo, histórico e social mais amplo; por outro lado, na medida em que Mário Filho procurava elaborar um discurso oficial e, logo, de elite, em torno do caráter popular para ele imanente à trajetória do futebol brasileiro com o advento do profissionalismo na década de 1930, discurso oficial este que, é possível aduzir, também se perpetuava na área da crônica esportiva com a escolha, para ocupar estas funções, de dirigentes dos principais clubes e das mais importantes representações desportivas do país. Não é à toa que a obra mais conhecida de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947), extraída de uma série de matérias da coluna *Da primeira fila*, assinadas em *O Globo* a partir de 1942, tem sido considerada, nos últimos anos, como a versão esportiva de *Casa-Grande & Senzala*. Em decorrência disso, a mesma crítica que se faz a Gilberto Freyre também se encontra em relação ao jornalista pernambucano: a de que Mário Filho defende a tese segundo a qual a inserção social do negro no futebol profissional a partir da década de 1930 se deu de forma democrática, dúctil, harmoniosa[51].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1999. Cf. também FILHO, J. L. "Sinais de sociologia desportiva". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1949, p. 9.

[51] Depois de falar da *democratização do futebol*, Mário Filho assim se refere: "O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 69. Onze anos antes de Mário Filho publicar *O negro no futebol brasileiro*, Gilberto Freyre já registrava a predominância da figura do mulato nos meios esportivos: "Observa-se, entretanto, nas gerações mais novas de brasileiros, gerações menos attingidas por aquella differença de garantias sociaes, a ascensão do mulato não só mais claro, como mais escuro, entre

Em que pese a pertinência da crítica, importa realçar, no recorte e na delimitação proposta para esta dissertação, nosso ponto central de que escritores como José Lins do Rego eram a um tempo cartolas e epígonos desse específico projeto de crônica esportiva pautado por Mário Filho, que aos poucos vai se tornando hegemônico nos periódicos cariocas. Mais do que implicações quanto à dominação política, cumpre verificar que, do ponto de vista do desenvolvimento de uma crônica esportiva moderna, estes cronistas encontravam oportunidade para forjar um estilo narrativo próprio, para refletir de forma livre sobre temas os mais variados e para exprimir alguns aspectos de sua própria personalidade. À crônica objetiva, fria e impessoal das primeiras décadas do século, limitada à informação, sobrepunha-se, então, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, uma crônica esportiva de cunho pessoal, abrindo margem para a narração, para a manifestação da subjetividade do cronista e para a formação de um estilo característico de cada um deles.

Desse modo, embora se dedicasse, no mais das vezes, a comentar os jogos, a estabelecer as relações de força entre as equipes e a salientar suas posições frentes a questões levantadas no ambiente dos esportes, José Lins do Rego sentia-se à vontade em sua livre coluna para traçar pontos de fuga, para rememorar fatos e para propor curiosas analogias entre poemas e notícias ordinárias do mundo do futebol. Além da abertura no que diz respeito ao seu conteúdo, o formato das crônicas de José Lins do Rego, libertas de convenções e padronizações uniformizadoras, variava segundo sua própria deliberação, indo da alentada apreciação crítica à obra de Mário Filho, *O romance do football*, – já citado no capítulo anterior –, à irônica, epigramática e minimalista crônica *A batalha de Itararé e a nota do Vasco*:

> "Há um poema do poeta Murilo Mendes que muito se parece com aquele outro do poeta Carlos Drummond de Andrade, o da 'pedra do caminho'. Chama-se Itararé. E diz assim:
>
> 'Itararé:

os athletas, os nadadores, os jogadores de *foot-ball*, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços". Cf. FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Editora Nacional, 1936, p. 362.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A maior batalha da América do Sul. Não houve'."[52]

A ironia, a paródia, o chiste e a *blague* eram conquistas históricas do modernismo tanto na esfera da linguagem quanto na esfera de sua representação da história do Brasil. José Lins do Rego, estando desde o início de sua carreira jornalística em Pernambuco e Alagoas já ligado às polêmicas literárias e aos panfletos políticos, ativava essa propensão ao sarcasmo, à provocação e às pilhérias intelectuais que o universo carioca dos esportes também lhe proporcionava. Referindo-se quase sempre ao tema do futebol, mas tratando também de outros esportes como o vôlei, o basquete, a natação ou de qualquer modalidade e acontecimento prosaico que viesse à baila na cidade, a crônica esportiva de José Lins do Rego não dispensava suas impressões sobre o inconstante comportamento do brasileiro em relação ao seu próprio país. A crônica *Suíte nº 1* contém uma mensagem quase telegráfica que sentencia e define o modo passional e melancólico de ser do torcedor brasileiro – a oscilar entre paixão e ódio, ufanismo e auto-depreciação, euforia e depressão[53] –, o que reflete uma mentalidade coletiva inconstante e, num plano mais amplo, a inserção inferiorizada do país no mundo:

> "São admiráveis. Voltarão invictos. Alfredo é o maior de todos. Rui, maior do que Rui Barbosa. Algodão um assombro. O Brasil vencerá a América do Norte. O nosso *basket* é o mais rápido do mundo. Ninguém pode com o Brasil.
>
> Suíte nº 2
>
> Eu não disse? Não valem nada. Não agüentam. São todos mascarados. Venceram os outros, porque os outros eram fundos. Meteram-se em farras. Nada no Brasil presta. O Brasil não devia sair de suas fronteiras para disputar coisa nenhuma. Isto é uma raça de galinhas mortas.
>
> Lamento nº 1 e único

[52] Cf. REGO, J. L. do. "A batalha de Itararé e a nota do Vasco". In: **Jornal dos Sports.** Rio de Janeiro, 07 de abril de 1951, p. 5.

[53] Este último par é destacado pelo jornalista Marcos de Castro em suas notas à antologia de crônicas esportivas de José Lins do Rego. Cf. REGO, J. L. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 193.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> Ah, meu Brasil, como todos nós, os teus filhos, somos as criaturas mais levianas deste mundo!"[54]

Com efeito, de uma forma sucinta e telegráfica, com um estilo elíptico que chegava a lembrar em certo sentido o verso-livre dos modernistas de São Paulo, esta crônica esportiva permitia que se percebessem certas liberdades no plano das experimentações lingüísticas e que se documentassem certas análises sobre o caráter ainda indefinido, instável e periclitante do povo brasileiro. Amoldando-se, conforme as circunstâncias, seja ao formato do ensaio, do conto, da crítica, da poesia ou mesmo da carta, a crônica esportiva de José Lins do Rego mostrava o quanto ela podia aproximar-se dos traços gerais do desenvolvimento da crônica moderna no Brasil, com a sua forma fluida, com o seu hibridismo estilístico e, na expressão da historiadora Margarida de Souza Neves, com o seu gênero polimórfico[55]. A crônica esportiva de José Lins do Rego revestia-se assim de uma feição livre e espontânea, tal qual seu ideário estético ambicionava no plano da literatura. O gênero epistolar, por exemplo, aparece na crônica *Carta a um Almirante coberto de glórias*, tal como uma forma alusiva, metafórica e jocosa de José Lins do Rego referir-se ao Vasco da Gama:

> "Caro Almirante:
> Sei que V. Ex. tem todas as medalhas e todas as faixas deste mundo, sei que as suas arcas estão cheias, e sei mais que as suas armas estão magnificamente calibradas. As suas bocas de fogo não param de vomitar metralhas. Sei de tudo isto. Mas sei também que a força, assim com tanta abundância de material e tanta soberba de exibição conduz ao abuso do poder, a um orgulho terrorista. E é por isto, caro Almirante, que me dirijo a V. Ex. para lhe dizer que não me meteu medo a sua glória e nem as suas máquinas infernais. Sou de uma terra de gente pobre, mas de gente muito acostumada ao rumor das batalhas. Por isto, meu caro Almirante, estou disposto a não me calar desde que

[54] Cf. Id. "Suíte nº 1". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1948, p. 5.
[55] Cf. NEVES, M. S. "História da crônica. Crônica da história.". In: RESENDE, B. (org.) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 17.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> sinta o que bem entendo. Estou num país de homens livres, e não acredito que haja força, mesmo de Almirante, que me faça calar.
> Agora, meu ilustre general de armada, para o seu imenso governo e para o meu fraco governo, eu lhe pediria mais ordem e continência para os seus marujos. Porque não fica bem a uma nau de longo curso, e de tantos enfeites, a gritaria de 'moços de bordo' de boca suja."[56]

No que diz respeito às metamorfoses sofridas pela crônica esportiva, o formato da carta encerrava um significado especial que ia além da ironia e da paródia. Tal como sustenta a crítica paulista Yoshie Barreirinhas, a adoção deste gênero visava proporcionar uma aproximação ainda maior entre o cronista e o leitor:

> "Fazer com que a crônica se apresente sob a forma de carta é um recurso que conta, em geral, com a curiosidade e a simpatia do leitor, que se vê assim no limiar do universo da privaticidade do cronista ou de quem quer que esteja escrevendo a carta. Pode, desta forma, imaginar-se um pouco íntimo do cronista."[57]

Mas foi em sua primeira publicação no *Jornal dos Sports* de 1945, *Volta à crônica*, que José Lins do Rego expôs a importância da proximidade, da comunicação e do contato com o público leitor, dentre alguns dos fatores que mais o atraíam para o gênero da crônica esportiva. Compartilhava, dessa maneira, das linhas mestras do pensamento de Mário Filho, seja no que concerne à importância de uma linguagem simples, afastando-se das expressões pernósticas que caracterizavam até então boa parte da tradição jornalística sobre esportes, seja no que concerne ao caráter popular do futebol como espetáculo de massas:

---

[56] Cf. REGO, J. L. do. "Carta a um Almirante coberto de glórias". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1945, p. 3. No mesmo espírito desta crônica, é possível citar também *Bilhete ao Almirante* e *Um abraço, Almirante*. Id. Cf. "Bilhete ao Almirante"; "Um abraço, Almirante". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 61 e 101. As crônicas são, respectivamente, de 21 de agosto de 1946 e de 21 de agosto de 1948.

[57] Cf. BARREIRINHAS, Y. S. (org.). **Menotti Del Picchia: o gedeão do modernismo (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado, 1983, p. 42.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "Não quis Mário Filho que encerrasse a minha carreira na crônica esportiva e me chamou para o convívio de seu jornal. Confesso que já começava a sentir saudades da coluna que me dera tantos trabalhos e tantas alegrias. A primeira vaia de minha vida conquistei por causa de uma palavra mal interpretada, numa crônica de bom humor. E a experiência da vaia valeu o 'caviloso' pouco conhecido.
>
> A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogio, mas a vaia, com a gritaria, as 'laranjas', os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a polêmica literária ou o jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava de uma multidão enfurecida uma descarga de raiva como nunca sentira.
>
> Volto à crônica com o mesmo ânimo, com o mesmo flamenguismo, com a mesma franqueza. Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima de meu próprio coração de rubro-negro. Sou tão amigo de Platão como da verdade. Mas espero que o meu caro Platão esteja sempre com a verdade."[58]

A crônica esportiva possibilitava assim uma interface com o público leitor de jornal e com o público freqüentador de estádios, com uma intensidade desconhecida por José Lins do Rego no ambiente do jornalismo literário e político. Como um esporte que suscitava paixões coletivas, o futebol nivelava o cronista com os demais participantes do universo esportivo, ao lado de técnicos e jogadores, torcedores e juizes, dirigentes e jornalistas. Ao invés da reverência e da posição altaneira de escritor, o romancista paraibano encontrava na crônica esse

[58] Cf. Id. "Volta à crônica". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 27. A crônica é de 7 de março de 1945. José Lins do Rego finalizava sua crônica com um dito latino proferido por antigos sábios: "Amicus Plato, sed magis amica veritas. Amicus usque ad aras." ("Amigo de Platão, porém mais amigo da verdade. Amigo até os altares."). Apud ROQUETTE, J. I. "Dos amigos". In: **Código do bom-tom**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 334.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

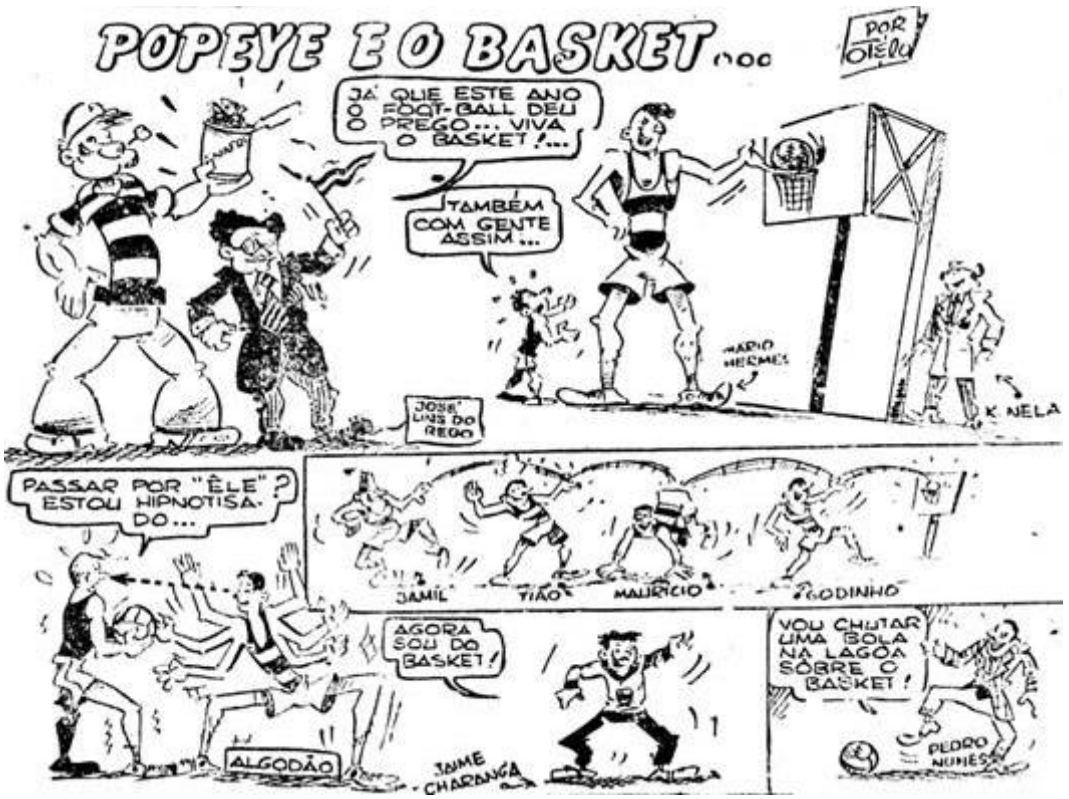
contato mais direto, íntimo e franco com a população. A própria linguagem empregada nas crônicas deveria ser simples e clara, a fim de não ocasionar mal entendidos como o relatado na crônica de estréia do *Jornal dos Sports*, quando a utilização da palavra *caviloso*, em referência ao técnico do Vasco, o uruguaio Ondino Vieira[59], despertou a revolta da torcida vascaína contra José Lins do Rego. Mas essa simplicidade e essa clareza para o cronista deveriam estar sempre subordinadas ao compromisso com a verdade, sem, para isso, travestir-se da máscara de bom moço ou cair no falso discurso da neutralidade.

Embora fizesse profissão de fé na veracidade e no relato fidedigno dos fatos esportivos, em que o cronista não poderia se deixar levar pelas afeições clubísticas na abordagem de um jogo, José Lins do Rego ficou marcado em sua época por um explícito e desabrido apego ao Clube de Regatas do Flamengo, incitando a um grau ainda mais alto esse potencial polêmico, latente na crônica esportiva. A crônica esportiva era agora não somente o espaço para a exaltação da identidade nacional ou para as lições de conduta moral, mas um meio de construção das identidades clubísticas que pareciam cada vez mais se acirrar na cidade. Na esteira da crônica esportiva modernizada e reinventada por Mário Filho, que se despojava, se não integralmente, ao menos em boa parte, de um certo ar aristocrático e de uma certa formalidade britânica na cobertura dos jogos, José Lins do Rego contribuía nas décadas de 1940 e 1950 para a formulação de um discurso acerca da imagem popular do futebol e, especialmente, do Clube de Regatas do Flamengo, não apenas no Rio de Janeiro como em escala nacional e até internacional. Muito embora sustentasse a sua capacidade de discernimento entre a preferência pelo Flamengo e a veracidade na cobertura dos jogos, José Lins do Rego era acometido com freqüência por aquilo que o cronista Vargas Netto chamava de o "torvelinho das paixões"[60]. Era José Lins do Rego assim um

[59] Cf. COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 322. Enquanto para José Lins do Rego o termo *caviloso* significava manhoso, fingido nos agrados, conforme sua acepção no Nordeste, para os torcedores vascaínos o termo queria dizer capcioso, fraudulento e, inclusive, em sua acepção no Rio Grande do Sul, afeminado, conforme sustentava o gaúcho Ciro Aranha, presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama por duas vezes (em 1942 e em 1946). Ciro Aranha era irmão de Osvaldo Aranha, ministro de Getúlio Vargas, e de Luís Aranha, dirigente do Botafogo Futebol e Regatas. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 260. Cf. REGO, J. L. do. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 149. Cf. COUTINHO, E. "Zelins, Flamengo até morrer!". In: **Pesquisa de campo – Futebol: 100 anos de paixão**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994, p. 33.

[60] Cf. NETTO, V. "Veneno derramado". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1945, p. 1. O cronista Vargas Netto voltaria a criticar o excessivo pendor clubístico de José Lins

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA



Charge com caricatura de José Lins do Rego ao lado de Popeye[61]

José Lins do Rego e o meio-campo Servílio[62]

do Rego na crônica "O Flamengo Lins do Rego", publicada também no *Jornal dos Sports* do dia 30 de outubro de 1945. Mas, como iremos ver adiante, Vargas Netto também chegaria a escudar José Lins do Rego diante das críticas de leitores e torcedores ao que consideravam seu destemperado clubismo.

[61] Charge de Otelo. Apud **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1948, p. 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

dos cronistas mais representativos de uma maneira muito comum do habitante carioca de lidar com o cotidiano da vida na cidade e com as competições que envolviam os seus principais clubes: era José Lins do Rego o *cronista-torcedor*.

2.3 O cronista-torcedor

José Lins do Rego via-se, dessa maneira, muitas vezes dividido entre a razão e a emoção, entre o seu papel social e a sua inclinação individual. Dada a sua posição de dirigente das entidades esportivas mais importantes do período, como a CBD e o CND, era a razão quem o guiava. A ética, o interesse público e o espírito cívico deviam orientar as ponderações do cronista a fim de que o futebol fosse um exemplo dos nossos padrões civilizatórios. A dimensão pedagógica e moral do futebol não poderia nunca ser deixada de lado, tendo em vista que ela contribuía para manter o senso de justiça e de racionalidade inerente aos princípios do esporte moderno. O cronista esportivo possuía, para ele, uma função análoga à do homem público e à do legislador que, em sua atividade política e jurídica, deve se mostrar apto a discernir o que é justo do que é injusto, o probo do ímprobo, o lícito do ilícito; o cronista esportivo possuía ainda uma função análoga à do crítico, seja ele de literatura, de cinema ou de artes em geral – funções, diga-se de passagem, exercidas por José Lins do Rego no Rio de Janeiro –, que em sua atividade judicativa deve-se ater às qualidades intrínsecas à obra, sem se deixar afetar e embotar por veleidades de ordem pessoal. Nesse sentido, em crônica intitulada *Em honra do cronista*[63], José Lins do Rego arrolava os itens imprescindíveis à cobertura ideal de uma partida de futebol: 1º) equilíbrio no desenrolar dos fatos; 2º) honestidade de crítica; 3º) modéstia do cronista.

Todavia, a condição de torcedor parecia fazer com que muitas vezes José Lins do Rego colocasse em segundo plano essa preocupação exclusiva com os requisitos racionais, éticos e morais do ofício do cronista esportivo, para deixar aflorar traços muito característicos de sua personalidade e de sua obra literária – a emoção. Nela, o *lirismo da crônica* se associava ao *subjetivismo do escritor*[64], fazendo com que através do futebol deixasse transparecer a sua visão sentimental

[62] Apud "Segundo Caderno". **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 de abril de 2001, p. 1.
[63] Cf. REGO, J. L. do. "Em honra do cronista". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1952, p. 5.
[64] Esses dois termos aparecem articulados em Jorge de Sá. SÁ, J. de. **op. cit.**, p. 76.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

do mundo, os seus valores diante da vida e diante dos acontecimentos da cidade. Em virtude disso, muitas de suas crônicas eram narradas em tom de fábula, conto[65] ou alegoria[66], com referências ora a escritores da literatura universal, como La Fontaine[67], Shakespeare[68], Molière[69], Dickens[70] e Edgar Allan Poe[71], ora a personagens do folclore infantil nacional, como o Saci Pererê[72] e o Negrinho do Pastoreio[73]; outras ainda se serviam do futebol como mero pretexto para uma breve digressão poética, social ou existencial. A temática de *O cronista, as borboletas e os urubus* ilustra bem este aspecto circunstancial, livre e episódico a que estava sujeita a crônica esportiva de José Lins do Rego:

> "Fui hoje pela manhã, em caminhada a pé, até o estádio do Flamengo com o intuito de assistir ao treino do rubro-negro. A manhã era toda uma festa de luz sobre as águas, os morros. Alguns barcos ainda se encontravam na Lagoa e os pássaros dos arvoredos da ilha do Piraquê cantavam com alegria de primavera.
>
> Tudo estava muito bonito, e o cronista descuidado e lírico começou a caminhada, para gozar um pedaço desta maravilhosa cidade do Rio de Janeiro. E com este propósito, de camisa aberta ao peito, procurou descobrir as borboletas azuis do seu caro Casimiro de Abreu.
>
> Mas, em vez das lindíssimas borboletas, o cronista foi encontrando soturnos urubus, a passearem a passo banzeiro, por cima do lixo, das imundícies, dos animais mortos, de toda a podridão que a Prefeitura vai deixando

[65] Cf. REGO, J. L. do. "Variante do conto do chapeuzinho vermelho". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1951, p. 7.
[66] Cf. Id. "O papaizinho". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 131. A crônica é de 21 de agosto de 1951.
[67] Cf. Id. "As rãs e o ogre!". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1950, p. 5.
[68] Cf. Id. "As declarações". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1949, p. 9.
[69] Cf. Id. "Molière, onde estás". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1945, p. 3.
[70] Cf. Id. "Um inglês de Dickens". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 111. A crônica é de 10 de junho de 1949.
[71] Cf. Id. "O cachorro e o corvo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1948, p. 9.
[72] Cf. Id. "Maneco". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 31. A crônica é de 20 de abril de 1945.
[73] Cf. Id. "O Negrinho do Patoreio". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 70. A crônica é de 10 de dezembro de 1946.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> ali, por detrás dos muros do Jockey Club. Fedia tanto o caminho que o pobre cronista, homem de noventa quilos, teve que correr para fugir, o mais depressa possível, daquele cenário nauseabundo. Mas a manhã era linda, e o sol, apesar de tudo, brilhava sobre o lixo, indiferente a todo aquele relaxamento dos homens."[74]

Para além de relatar ou noticiar com frieza uma partida de futebol, a crônica esportiva de José Lins do Rego, alicerçada em sua dimensão emotiva, era um espaço de confissão de amor clubístico, com todos os possíveis arrebatamentos e derramamentos de afetividade[75]. A fidelidade quase religiosa ao clube constituía uma das marcas do cronista, que se mostrava sempre disposto a segui-lo nas ocasiões menos oportunas e a não esmorecer nas situações mais adversas. À maneira da crônica e da poesia do amigo Manuel Bandeira, cujo cultivo da humildade é estudado com perspicácia pelo crítico paulista Davi Arrigucci Jr.[76], José Lins do Rego procurava-se nortear pelas virtudes da modéstia e do despojamento, procurando conciliar o humilde e o sublime em sua crônica esportiva. A soberba, a ambição e a arrogância eram males que não raro se manifestavam no universo dos clubes e dos jogadores de futebol, sendo objeto de condenação no discurso de José Lins do Rego. Por isso, incentivava a classe, a fibra e a capacidade de superação como atributos positivos que deveriam ser perseguidos pelas agremiações e pelos atletas, no cumprimento moral-desportivo em que muitas vezes utilizava-se a imagem bíblica de um Davi frente a Golias.

O devotamento clubístico revelava também o sentimento solitário do cronista que não sabia se desligar do seu clube, mesmo em um dia em que o

[74] Cf. Id. "O cronista, as borboletas e os urubus". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 34. José Lins do Rego morava na rua General Garzon, nº 10, nas imediações da Lagoa Rodrigo de Freitas, de onde costumava se deslocar rumo aos treinos e aos jogos do Flamengo, no estádio da Gávea. Sobre a Lagoa, assim se expressou na crônica do dia seguinte à que escreveu *O cronista, as borboletas e os urubus*: "Já houve quem chamasse a Rodrigo de Freitas de pequeno Adriático de águas mansas. Não conheço o mar europeu, mas sou íntimo da Lagoa, que conheço como seu ribeirinho. Vivo há seis anos como seu humilde vassalo, na constante contemplação de suas curvas e ângulos, de suas claridades dos dias de sol, de suas sombras das tardes de inverno". Cf. Id. "A Lagoa Rodrigo de Freitas". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1945, p. 3.

[75] "Aí está a minha paixão incontida, o meu maior arrebatamento de homem, confundido na multidão." Cf. Id. "O Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1951, p. 7. "Sou um modesto cronista, sem brilho, mas de coração aberto." Cf. Id. "Amigos da Gazeta". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1951, p. 5.

[76] Cf. ARRIGUCCI JR, Davi. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

futebol não consistia a principal atração esportiva da cidade. Em *O Bangu na Gávea*, José Lins do Rego frisa este contraste entre as atenções gerais dos homens da alta sociedade carioca, interessados, segundo o cronista, por uma série de razões fúteis e frívolas no Grande Prêmio de Turfe, e a sua humilde posição de torcedor do Flamengo:

> "Hoje é dia de granfos de binóculos a tiracolo, de chapéu alto e fraques de rabo de galo. Tudo está correndo para uma magnífica festa. As corridas prometem um desenrolar nunca visto. Há um corre-corre pelas casas de modas, há retratos de cavalos com arrogâncias de príncipes orientais, há gente que imagina brilhar, e há gente de lápis na mão a fazer cálculos de lucros fabulosos. Por toda a parte só se fala de *Secreto*, e de tantos outros *cracks* de cartaz internacional. O Rio civiliza-se, com os seus burgueses extraordinários a gastar como argentinos em Paris. Tudo está para 'podre de chic'. Mulheres e cavalheiros armam paradas para arrebatar admirações. Aqui pelas proximidades da minha rua há um rebuliço de automóveis que me atormenta. E, no entanto, apesar de tantos cavalos, de tantos granfos assanhados, eu só me preocupo com o Bangu, hoje, na Gávea."[77]

O traço de devoção clubística e a sensação de solidão do cronista eram expressas de forma similar por outros agentes de difusão dos esportes em distintas esferas da vida cultural carioca. O rádio, por exemplo, era junto ao jornal o outro meio de comunicação de massa em que se difundia o futebol e em que se construía um elo de identidade clubística entre o torcedor e o Flamengo. Nesse sentido, lado a lado com José Lins do Rego, *cronista-torcedor*, aparecia a figura de Ary Barroso, *radialista-torcedor*, que se tornava conhecido, entre outras funções, como um locutor esportivo que não escondia a sua propensão em torcer pelo Flamengo. Além de Ary Barroso, identificado por sua famosa gaitinha anunciadora e animadora dos gols do time rubro-negro, o rádio era responsável

[77] Cf. REGO, J. L do. "O Bangu na Gávea". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1945, p. 9.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

por veicular nos anos de 1940 a versão popular dos hinos dos principais clubes, compostos por Lamartine Babo no programa radiofônico "Trem da alegria"[78], que substituíam com grande êxito entre a população os hinos oficiais[79] do início do

[78] Ao compor estas marchinhas que se consagrariam como os hinos populares dos clubes, Lamartine Babo valia-se de expressões populares da época. Para compor o hino do Flamengo (1946), por exemplo, Lamartine Babo glosou a expressão "... uma vez Flamengo, sempre Flamengo...", criada por Júlio Silva em 1929, o famoso fundador do bloco carnavalesco "Eu Sozinho". Cf. ALENCAR, E. de. **op. cit.**, p. 215. Cf. também FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 20

[79] Caso semelhante ao Rio de Janeiro com Lamartine Babo, sucedeu no Rio Grande do Sul com o músico Lupicínio Rodrigues, autor da antológica composição do hino do Grêmio (1953), em que o traço de devoção, de fundo gregário e religioso, salta aos olhos no refrão: "... até a pé nós iremos, para o que der e vier, mas o certo é que nós estaremos, com o Grêmio onde o Grêmio estiver". Segundo o sociólogo Maurício Murad, o verso "Até a pé nós iremos" era uma menção a uma greve que paralisou todo o sistema de transportes de Porto Alegre. Cf. MURAD, M. **op. cit.**, p. 128. Para um estudo antropológico da relação de identidade entre o clube gaúcho e o seu torcedor, ver a dissertação de Arlei Damo. Cf. DAMO, A. S. **'Para o que der e vier': o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Numa digressão, não gostaríamos de deixar de registrar que uma rápida apreciação dos lemas e das formas de organização das torcidas organizadas de futebol nos dias de hoje também revela um forte apelo não só à dimensão religiosa e altruística de devoção ("Torcida Jovem: nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo; "Força Jovem do Vasco: acima de tudo, abaixo de nada"; "Fúria Jovem do Botafogo: não importa a divisão, és eterna paixão"; "Gaviões da Fiel: lealdade, humildade, procedimento"), como à dimensão militar e/ou subversiva de sua estruturação ("O exército rubro-negro"; "Falange rubro-negra", "O esquadrão alvi-negro", "Máfia azul", além de suas subdivisões territoriais em pelotões, famílias, tropas, canis e comandos). Afora isso, é possível perceber como nos dias de hoje também as músicas veiculadas pelo rádio exercem ampla influência no imaginário do torcedor, sendo que nas últimas décadas no Rio de Janeiro são as adaptações em torno do ritmo *funk* – e, por extensão, em torno de sua linguagem corporal, gestual e coreográfica oriunda dos bailes –, e não em torno do samba-enredo ou das marchinhas de carnaval, que predominam nos estádios. O grito *funk* que a torcida Raça Rubro-Negra disseminou alguns anos atrás entre as torcidas do Rio – "*Uh!, Tererê*" – era uma versão onomatopaica do refrão do grupo norte-americano Tag Team: "*Whoomp!, Threre It Is!*", fato lembrado também pelo antropólogo José Sérgio Leite Lopes. Curioso notar, entretanto, que a maioria das torcidas organizadas está registrada juridicamente na forma de "Grêmios Recreativos e Culturais", numa clara inspiração e alusão à estrutura das escolas de samba originárias do Rio de Janeiro. Este trânsito entre o âmbito das torcidas organizadas e o das escolas de samba merece ser estudado. Evandro Luís do Nascimento, o Bocão, líder nos anos de 1980 e 1990 da Raça Rubro-Negra, torcida do Flamengo que divulga contar hoje com 60 mil associados, é atualmente presidente da Vila Isabel, uma das mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro. Em São Paulo, várias torcidas já se tornaram escolas de samba. De todo modo, importa assinalar que as tradicionais e populares marchinhas compostas por Lamartine Babo nos anos de 1940 continuam encontrando grande aceitação entre as novas gerações de torcedores, assim como adaptações em torno da marcha *Garota Bossa Nova*, de Wilson Baptista (1961), *Índio quer apito*, de Haroldo Lobo (1961) e *Marcha do remador*, de Antônio Almeida e Oldemar Magalhães (não conseguimos localizar a data) ainda se mantêm. Quanto ao gênero do samba-enredo, duas composições que se integraram à tradição das torcidas são *Festa para um rei negro (Pega no Ganzê)* (1971), do Salgueiro, e *Domingo* (1979), da União da Ilha do Governador. Sobre a forma de estruturação das torcidas organizadas na década de 1990 no Rio de Janeiro e em São Paulo: Cf. TEIXEIRA, R. da. C. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. Cf. MONTEIRO, R. de A. **'Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!': uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003. Cf. também BESSA, F. M. **Campo de força: sociabilidade em uma torcida organizada de futebol**. Niterói: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal Fluminense, 2000. Cf. ainda TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

século, cuja letra primava por um tom parnasiano e por uma retórica clássica sublime. Este tom, altissonante e grave, pode ser percebido de maneira clara nos seguintes trechos das músicas de Henriques Coelho Neto e de Paulo Magalhães[80], compostas respectivamente para o Fluminense, em 1915, e para o Flamengo, em 1920:

"O Fluminense é um crisol
Onde apuramos energia.
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se congraça
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça do nosso Brasil

Corrige o corpo como o artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista
Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória.
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a Glória"[81]

*

"Saudemos todos
Com muito ardor
O pavilhão do nosso amor
Preto e encarnado

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

ANPOCS/Autores Associados, 1996. Sobre o caso específico da estruturação da Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do Corinthians e uma das maiores e mais antigas (1969) do país, ver dois artigos e uma dissertação sobre o assunto. Cf. MICELI, S. "Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians". In: **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro: 1978, abril/junho. Cf. também COSTA, A. L. "A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel". In: **Revista de Administração de Empresas de São Paulo**. São Paulo: 1995, nov./dez. Cf. ainda César, B. T. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo**. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1982.

[80] Assim como Paulo Coelho Neto, desportista do Fluminense cuja família simboliza o futebol amador no Brasil das três primeiras décadas do século XX, Paulo Magalhães, escritor, jornalista, doutor em Direito e diretor da Sbat (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), jogou basquete, hóquei e futebol no Flamengo daquele período. Cf. COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Nestlé, 1990, p. 351.

[81] Esta letra de Henriques Coelho Neto foi composta com base na música de H. Williams ("It's a long, long way to Tipperary"). Cf. NETTO, P. C. **O Fluminense pitoresco e dramático**. Rio de Janeiro: Minerva, 1969, p. 115 e 116.

Idolatrado
Dos mil campeões
Do vencedor!

Lutemos sempre com valor
Infindo
Ardentemente, com denodo
E fé
Que o seu futuro inda será
Mais lindo
Que o seu presente
Que tão lindo é!"[82]

Mas era a música popular de Wilson Baptista[83] que levava às rádios das décadas de 1940 composições em que se fazia a crônica de um sofrido torcedor do Flamengo, oriundo do subúrbio, a sacrificar o seu único dia de descanso para assistir a uma derrota do seu clube para o Botafogo no estádio da Gávea e a ser zombado, no dia seguinte ao jogo, pelo patrão vascaíno. O mesmo Wilson Baptista que louvava a ética positiva do trabalho na segunda versão da música *O bonde de São Januário* exaltava nas composições *Samba rubro-negro* (em parceria com Jorge de Castro – 1955) e *E o juiz apitou* (em parceria com Antônio Almeida – 1942)[84] a abnegação do torcedor que abdica seu domingo pelo clube. José Lins do Rego conferia à sua crônica esportiva um espírito semelhante seja a Ary Barroso, pelo seu tom ufanista e pelo seu tipo folclórico, seja a Wilson Baptista, pelo seu tom melancólico e pelo seu tipo fiel. A relação entre a crônica esportiva de José Lins do Rego e a música popular de Wilson Baptista era mediada desta forma por uma mesma *estética da simplicidade,* conceito empregado pela antropóloga Santuza Cambraia Naves[85] para analisar as

[82] Apud COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 351.
[83] Além de Wilson Baptista, podem-se enumerar Geraldo Pereira, Ataulfo Alves, Haroldo Lobo, Blecaute, Orlando Silva, Dircinha Baptista e Ciro Monteiro entre outros cantores e compositores que eram também torcedores do Flamengo. Ciro Monteiro, por sinal, era freqüentador da sede e do campo do Flamengo desde os anos de 1930, sendo amigo de vários jogadores do clube, como Zizinho e Biguá. Cf. CABRAL, S. "Ciro Monteiro". In: CARVALHO, J. V. de. **op. cit.**, p. 24. Cf. também ALVES, I. **op. cit.**, p. 164.
[84] Além destas duas músicas com o espírito de crônica, que Wilson Baptista compôs inspirado no futebol e, em especial, no Flamengo, destacam-se mais três: *Coisas do destino*, *Flamengo Tri-campeão* e *Memórias de um torcedor.*
[85] Cf. NAVES, S. C. "O apito da fábrica de tecidos". In: **op. cit.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

convergências entre a poética literária modernista e a composição popular brasileira, como a de Noel Rosa, nas décadas de 1920, 1930 e 1940.

Esse espírito de devoção e esse timbre de humildade que distinguia o singelo cotidiano de um torcedor do Flamengo na composição de Wilson Baptista achavam-se presentes, pois, em boa parte da série de crônicas esportivas de José Lins do Rego. Era nesse sentido que José Lins do Rego externava sua simpatia também por clubes cariocas de menor expressão, como o simplório Bonsucesso e o tradicional América. Sobre o América escreveu duas crônicas, em que justificava a escolha do time da Zona Norte como o seu segundo clube em razão da sua ausência de posses, de soberba e de ostentações econômicas. Mas era na crônica *Seu Leopoldino* que o estilo de José Lins do Rego mais chamava a atenção, ao perfilar o pequeno clube do subúrbio do Rio de Janeiro através da figura de um pacato cidadão, sem qualquer espécie de ambição ou ideal de grandeza:

> "O homem é modesto, vive em subúrbio, não conta grandeza e nem sonha acordado. É de sua casa simples, traja de acordo com as suas posses, e quando se encontra na casa dos poderosos fica no seu lugar discreto, sem fazer poses ou forçar situações. Quando acontece sair de suas normas e acertar uma centena, espalham que ganhou no milhar. 'Seu Leopoldino', porém, não perde o juízo, cai em si e medita na relatividade das coisas. É pequeno, é pobre, mas não sofre as decepções das quedas fatais. Afirmam que é o último na tabela das competições e ele não desespera com a humildade de seu lugar. Não sofre de complexos de inferioridade e nunca foi atacado de delírios de loucos. É homem de bem, de boa consciência, de bom proceder. Quando consegue derrubar um gigante como o Botafogo não passa a viver da glória de um instante. Conhece o seu lugar e trabalha. Um dia terá a sua grandeza. Um dia passará a sua lanterna para os outros, porque conforme os Evangelhos, os últimos serão os primeiros."[86]

[86] Cf. Id. "Seu Leopoldino". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1945, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

*

> "Chega o América ao fim de uma campanha de extremos sacrifícios, mas chega vitorioso. Gente simpática, esta do América, gente sem amarguras, sem complexos, sem recriminações, gente que me dá sempre a impressão de parente próximo do meu Flamengo. Uma vez eu disse que se não fosse Flamengo, teria que ser, na certa, americano. Porque encontro nos homens de Campos Sales, qualidades que muito admiro: a simplicidade, a determinação para a luta, e a ausência total de soberba, que é uma espécie de doença deformante da alma. É por tudo isto, que estarei na festa americana para o meu abraço de congratulações."[87]

Além da renitência, do sacrifício e da tenacidade do torcedor e do clube do América; além da pequenez, do despojamento e da abnegação laboriosa de 'Seu Leopoldino', – que nos remete de imediato ao par ética protestante / espírito do capitalismo, mas que, curiosamente, como deixa entrever José Lins do Rego, nos remete de igual maneira à caracterização do personagem como um tradicional malandro carioca que não deixa de fazer suas apostas no jogo do bicho – o cronista fiava-se também em um comportamento típico do torcedor: a crença em viradas improváveis, em possibilidades remotas de vitória, em uma palavra, a crença no milagre. Contra a tendência de muitos comentaristas em anunciar de antemão o resultado dos jogos, tendo em vista a superioridade técnica de uma equipe, José Lins do Rego afirmava sua crença nas surpresas, nos lances inesperados e nos momentos imprevisíveis que uma partida de futebol era capaz de reservar aos espectadores. Os pequenos e os fracos, que para a moral cristã herdariam o reino dos céus, podiam, também nos esportes, com empenho e dedicação, com luta e hombridade, destronar em um campo de futebol os grandes, os favoritos, os fortes. Em vista disso, ao lado da parcialidade e da passionalidade, a credulidade de José Lins do Rego era mais um aspecto que estreitava os seus laços com o comportamento habitual do torcedor, fazendo com que Nelson Rodrigues, em tom apologético, certa feita assim o caracterizasse:

[87] Cf. Id. "O América". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1952, p. 9. Cf. também "O América". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 93. A crônica é de 9 de abril de 1948.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "Conseguiu uma integração tão autêntica com a torcida que jamais foi um cartola para o zé-povinho. Havia entre ele e o torcedor anônimo, o torcedor pé-rapado, o torcedor de borra-botas, uma confiança, quase um carinho. Para a multidão, não era o 'doutor', nem mesmo o escritor, mas o Zé Lins. Era tratado pela torcida de igual para igual, como se fosse também um pé-rapado, também um borra-botas. E vamos e venhamos: – só se é grande homem quando se adquire familiaridade com o homem da rua, quando se é chamado Zé Lins, simplesmente."[88]

Nesta identificação com o torcedor em tudo o que antecede, acompanha e sucede a uma partida de futebol, cumpre assinalar que a filiação do cronista ao seu clube de futebol não era um fenômeno novo na história da crônica esportiva. Conta Milton Pedrosa, escritor dedicado no final da década de 1960 a pesquisar a presença do futebol na literatura brasileira, que desde o início do século XX os cronistas esportivos possuíam os seus clubes preferidos, sendo prática corrente o uso entre eles de escudos à lapela[89]. José Lins do Rego encarnava, pois, este tipo tradicional de cronista que não se importava em manifestar os seus pendores clubísticos e que se tornava, por conseguinte, alvo privilegiado de chacotas e implicâncias por parte de torcedores de clubes adversários, como o Botafogo e o Fluminense, e, entre eles, principalmente, o seu maior rival à época: o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Assim, dissolvida a dicotomia entre o cartola e o torcedor, entre o cronista e o leitor, entre o homem da tribuna e o homem da arquibancada, José Lins do Rego igualava-se na mesma condição de diálogo e no mesmo patamar de conversa daquele heterogêneo e multifacetado universo de comentadores das partidas. A presença física e a comunicação por meio de cartas eram as maneiras mais freqüentes de se estabelecer este contato – direto e indireto – com o público que acompanhava o futebol, de uma forma tão expressiva que tais relações chegavam

[88] Cf. RODRIGUES, N. "Zé Lins inesquecível". In: **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 35.
[89] Cf. PEDROSA, M. "A crônica esportiva e o cronista de futebol". In: **Olho na bola**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968, p. 9.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

a ocupar boa parte das matérias da crônica. Debiques e graças, insultos e ameaças, vaias, apupos e sevícias faziam parte do cotidiano do cronista, que abria brecha ao escárnio dos adversários ao deixar à mostra sua condição de inveterado torcedor do Flamengo. É assim que José Lins do Rego se refere na crônica *Carta de vascaínos*:

> "A última vitória do Vasco sobre o Flamengo foi motivo para que o pobre cronista desta seção recebesse uma copiosa correspondência. Recebi cartas em todos os gêneros epistolares. Cartas com palavras duras, no bom calão luso e cartas ternas, de simples gozo de torcidas. E até uma lírica carta de uma inflamada vascaína que me aconselhava a abandonar as tribunas e voltar ao bom povo das arquibancadas.
>
> Afinal de contas, tudo obra da veemente paixão esportiva. E não é que se diga que me contrariaram as missivas. Pelo contrário, até me deram alguma satisfação. Pelo menos a de saber que não sou um inútil para o público. Há os que me cobrem de injúrias mas em tom de raiva que se pode perdoar.
>
> Aos bons vascaínos que me escreveram, com tanta violência, eu só desejo que os grandes amigos do Almirante descubram um bom timoneiro para cobrir a falta do meu caro camarada Castro Filho."[90]

Muito embora José Lins do Rego apregoasse, como afirmava na já citada *Em honra do cronista*, o equilíbrio, a honestidade e a modéstia na crônica esportiva, era acerca destes mesmos pontos que incidia a maior parte das críticas. As suspeições dos torcedores de clubes adversários do Flamengo deviam-se ao fato de que a sua mais que conhecida parcialidade comprometia para eles a análise que fazia dos jogos. Além disto, parecia que a imprecisão conceitual entre a crítica e o comentário, entre a isenção e o engajamento, entre a verdade e a opinião contribuía para a força que esta polêmica em face da função do cronista esportivo

[90] Cf. REGO, J. L. do. "Cartas de vascaínos". In: **Jornal dos Sports.** Rio de Janeiro, 19 de maio de 1945, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

no mundo do futebol possuía na época. Ainda tentando sustentar seus princípios éticos e seu dever de ofício, como o senso crítico e a capacidade de discernimento, José Lins do Rego publica *Não sou um cronista parcial*:

> Muita gente me julga um cronista flamengo, mas uma coisa é ser um cronista flamengo e outra é ser um cronista parcial, mais amigo de Platão do que da verdade. Muito quero ao Flamengo e me sobra coragem para dizer o que não me parece que sejam os legítimos interesses do Flamengo.
> Quando em 1944 ele sentou em campo, fui dos que estive pronto a censurá-lo. Agora, o que existe em mim é a sinceridade nordestina de dizer o que sinto. E dizer claramente que quero ver uma derrota do Vasco, do Botafogo, do Fluminense. E me satisfazer com as nossas vitórias. E assim continuarei. Se o Vasco se aborrece com uma opinião do modesto cronista, não me aborreço. Pelo contrário, continuo com as minhas opiniões. E o Vasco continua com as suas glórias que são muitas. E muitas outras virão."[91]

Mas a intensidade dos ataques e das reclamações que José Lins do Rego sofria por meio de cartas fazia com que outros cronistas, como Vargas Netto, tivessem de vir em sua defesa. Em certa ocasião o escritor gaúcho teve de dedicar uma longa crônica, *Torcedores*, apenas para testemunhar e afiançar a um torcedor do Botafogo o caráter ilibado do cronista de "Esporte e vida", numa crônica que é oportuna também pois revela o nível de relacionamento e de integração que se travava naquele tempo entre o cronista e o leitor:

> "Respondo um pouco atrasado ao torcedor botafoguense, que me escreveu sobre José Lins do Rego, porque tive uma correspondência um tanto avantajada na semana anterior.
> A princípio não pretendia responder, pois achei que não precisava. Mas depois, pensei: se eu não respondo, o

[91] Cf. Id. "Não sou um cronista parcial". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de julho de 1946, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

missivista vai pensar que eu concordei. Aliás não iria em oposição ao brocardo: quem cala consente!

Desejo dizer a você que o José Lins do Rego é um sujeito decente. Um ótimo sujeito. Isso de dizer que ele é um 'flamengo doente' não é novidade, pois ele mesmo o afirma. E, afinal, as opiniões, em assunto de torcida desportiva, sofrem as mais violentas e extremas diferenças. Você, por exemplo, achará esse defeito no Zé Lins: Flamengo doente ! Mas quantas centenas de indivíduos pensarão que é uma grande qualidade, e até mesmo que isso é uma glória ?!...

O próprio José Lins do Rego sente tão grande orgulho de sua qualidade de rubro-negro, que vive a escrever e a repetir o seu partidarismo.

É o seu escudo!

Um homem leal e generoso como o grande romancista do ciclo da cana de açúcar de Pernambuco, é sim um torcedor ao sol, a céu aberto, de plenos pulmões. Esses são os torcedores necessários e benéficos.

Os prejudiciais são os encapados, os que se embuçam com vários disfarces, e, na hora de opinar, querem prevalecer como neutros.

Prejudiciais são também os que atarracham máscaras de informadores corretos e são deshonestos nos menores atos.

Ao José Lins do Rego ninguém poderá fazer esta acusação, porque ele é um bom e leal desportista!

Pode acreditar! E acredite também que ele é um bom amigo e um excelente companheiro, honesto também como escritor e como cidadão. Uma grande alma nordestina, parecendo com as tunas, muito agressivo por fora, mas tenro e macio no acolhimento.

Você vai dizer que eu sou suspeito, porque sou amigo dele! Pois olhe: acredite no que te escrevo, pois só escrevo o que penso e o que é exato."[92]

[92] Cf. NETTO, V. "Torcedores". In: **op. cit.** Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1947, p. 4. Vale lembrar um aforismo irônico de Carlos Drummond de Andrade, que percebia toda a dificuldade de comunicação e de compreensão no terreno da crônica esportiva, gênero exposto, segundo o autor,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A despeito dos apelos de Vargas Netto quanto à lealdade e à retidão de José Lins do Rego, a rivalidade mantida pelo cronista com muitos leitores de o *Jornal dos Sports* que torciam para o Botafogo, para o Fluminense e, principalmente, para o Vasco chegava a ter desdobramentos nos dias de jogos em São Januário. Os relatos da crônica *As fúrias de um torcedor* revelam o nível de tensão e de animosidade a que José Lins do Rego havia chegado em sua relação com torcedores vascaínos:

> "Um torcedor vascaíno andou distribuindo um boletim contra a minha humilde figura. Em homenagem ao torcedor transcrevo nesta minha humilde coluna o manifesto tão carinhoso. Apenas permita-me o corajoso torcedor: não fumo charuto e continuo a pensar que as traves salvaram o Vasco de sua única derrota no campeonato. Eis aí o torcedor, na sua melhor fúria:
> 'Vascaínos!
> O nosso Clube de Regatas Vasco da Gama tem sido sempre ofendido pelo Sr. José Lins do Rego, o famoso introdutor do palavrão na literatura nacional.
> Ainda no dia 15 de novembro próximo passado, após o jogo Vasco x Flamengo, o 'Zé Lins do Rego', pelas colunas do JORNAL DOS SPORTS procurou, como sempre, quando está magoado, pôr as unhinhas de fora. Procurou menosprezar o valor do nosso quadro, com os seus conhecidos epítetos sorrateiros.
> Sendo ele um flamenguista que sofre a neurose de 'Flamengo campeão', esquece facilmente das gentilezas recebidas do velho almirante, hoje campeão de terra e mar. Gozando do privilégio excessivo da turma vascaína, não deixa de quando em vez de praticar as suas escariotadas. Usando e abusando de nossa tribuna de honra do nosso Vasco da Gama, confortavelmente instalado, fumando

a toda sorte de paixões, desatinos e suscetibilidades: "Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.". Cf. ANDRADE, C. D. de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 135.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> bons charutos e saboreando o melhor café que a Diretoria do nosso clube lhe oferece, ainda se acha no 'direito' de cuspir no prato que comeu de véspera.
> Enquanto 'Rego do Lins', ou vice-versa, se refestela no melhor quinhão vascaíno, grande número de seus sócios assiste de pé, mal acomodado, acotovelado ou ensanduíchado, às partidas do seu clube.
> Refestelado na tribuna de honra do nosso clube, o peralta torce rasgadamente contra este.
> Por isso, perguntamos aos vascaínos – que devemos fazer com o 'do Rego'?
> É bem merecedor de uma grande vaia.
> E avisamos a quem interessar que a Diretoria do nosso querido Clube de Regatas Vasco da Gama nada tem a ver com esta manifestação de desagravo."[93]

Assim, a tensão das ameaças verbais chegava a um estágio em que se tornava iminente a própria agressão física. Conhecido como um cronista sem meias palavras, a falar tudo o que lhe vinha à mente, sem pejo e sem sopesar suas conseqüências[94], encontram-se pelo menos dois registros em que José Lins do Rego viu-se envolvido em brigas e confusões com torcedores, juizes e policiais. O primeiro num caso relatado pelo escritor Paulo Mendes Campos; o segundo, numa menção feita pelo jornalista Luciano Trigo:

> "... uma vez, no campo do Vasco, durante um sururu, a Polícia Especial atirou o corpulento romancista por cima do aramado. Zé Lins costumava dizer, depois disso, que passou a ser o homem mais valente do Rio de Janeiro, pois, no inquérito, figurou como agressor da Polícia Especial."[95]

*

[93] Cf. REGO, J. L. do. "As fúrias de um torcedor". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1949, p. 5. Dois dias depois, na crônica "Não era o Vasco", José Lins do Rego se refere à retratação da Diretoria do Vasco ante o ofensivo manifesto do torcedor vascaíno.
[94] "Sou um flamengo sem papas na língua. E quando é preciso louvar não me escondo. Louvo." REGO, J. L. do. "O Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1950, p. 5.
[95] Cf. CAMPOS, P. M. **op. cit.**, p. 92.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> "No Rio José Lins tornou-se um flamenguista fanático, desses que invadem o campo para reclamar do juiz – o que fez num jogo do Flamengo em São Januário, sendo contido pela Polícia Especial do Estado Novo."[96]

Mais do que casos anedóticos, histórias pitorescas ou achegas biográficas, situações como essas revelam o grau de envolvimento que o cronista assumia em sua identidade de torcedor. Identidade esta que, se permitia uma inserção integral no cotidiano da capital da República por meio de uma de suas atrações esportivas mais cobiçadas e palpitantes, projetava o autor também, através de suas crônicas reproduzidas numa escala nacional bem considerável naquele momento histórico, em grande parte do país. Se a sua predileção clubística ocasionava-lhe dissabores e desafetos em face de torcedores adversários, a contrapartida era o reconhecimento e a simpatia de inúmeros torcedores do Flamengo, provenientes de regiões longínquas ou de pequenas e provincianas cidades do interior do país, como Guaporé, Paracatu, Sant'ana do Livramento, Diamantina, Entre Rios, Barra Mansa ou mesmo hipotéticos torcedores com quem José Lins do Rego acreditava estar se comunicando. A comunhão com os torcedores em torno de uma mesma identidade clubística era uma espécie de alento às sujeições a que José Lins do Rego se submetia em prol do seu time, tal como vem de ser dito na crônica *A carta de Teixeira*:

> "Escreve-me de São João del Rei o sr. José Teixeira para, em nome da torcida rubro-negra de sua cidade, fazer um apelo ao quadro de *football* do Flamengo, para que se ponha em forma para o campeonato de 1945. Muitas cartas recebo de *fans* esportivos, muitos desabafos de gente magoada ou de gente exaltada. Quase sempre acho graça nos desaforos, nas diatribes violentas, mas, às vezes, me comovo.

[96] Cf. TRIGO, L. "Aspectos biográficos". In: **op. cit.**, p. 143. Esse episódio de invasão de campo, entretanto, tinha antecedentes entre renomados literatos brasileiros. Segundo o jornalista Sandro Moreyra, Coelho Neto, fundador e patrono da cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, que tinha seus filhos jogando no Fluminense, foi o primeiro torcedor a invadir um campo de futebol em protesto contra o juiz, e o fez de chapéu-oco, fraque, colarinho duro e bengala na mão". Cf. LEVER, J. **A loucura do futebol**. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 9.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> A carta do Teixeira de São João del Rei é das que tocam pela sensibilidade. Há um homem, numa cidade de Minas, que põe de lado as paixões da política local, que se esquece das rivalidades, dos fuxicos da namorada, para pensar no Flamengo, sofrer e exultar pelas cores de um clube aqui do Rio. É aí que está a grandeza. Outros terão os prestígios e as galas de uma sociedade de granfos, outros os dinheiros de burgueses amealhados, mas o Flamengo está no coração do povo, no coração dos Teixeiras de todos os recantos do Brasil. E é por isso que ninguém pode com o Flamengo."[97]

Tal como o seringueiro do poema de Mário de Andrade[98], a partilhar a mesma nacionalidade do poeta paulista, ainda que tão distante e tão distinto em sua faina de ignoto trabalhador da região Norte do Brasil, a crônica de José Lins do Rego pontuava de certo modo um sentimento semelhante de comoção em face da distância e da diferença que, paradoxalmente, aquela missiva de um desconhecido torcedor parecia abolir. Assim como a pátria, o clube de futebol parecia conter esta capacidade quase mágica de irmanar indivíduos desgarrados e dispersos ao longo do vasto território nacional. Para José Lins do Rego, da mesma maneira que ser brasileiro, ser torcedor do Flamengo possibilitava àquela altura transcender as fronteiras regionais e assumir um significado todo especial em termos de congregação, de unidade e de congraçamento nacional.

Passava-se agora a uma etapa crucial no pensamento de José Lins do Rego em relação ao futebol e que dizia respeito à simbiose por ele operada no plano de duas identidades: a identidade clubística e a identidade nacional. Se a *brasilidade esportiva* vinha sendo internalizada paulatinamente no discurso de autores modernistas e regionalistas ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, colada que estava, como vimos, ao discurso da música popular e do folclore, era então o Flamengo e sua *brasilidade clubística* o élan, o *leitmotiv*, o tema principal que vinha sendo urdido, de modo recorrente e quase exaustivo, como quem repete um

[97] Cf. REGO, J. L. do. "A carta de Teixeira". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 6 de junho de 1945, p. 3

[98] Cf. ANDRADE, M. "Dois poemas acreanos – I. Descobrimento". In: **De Paulicéia desvairada a Café (Poesias completas)**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d., p. 159. O verso final deste poema é bem conhecido por revelar aquele princípio do sentimento de nacionalidade: "Esse homem é brasileiro que nem eu."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

bordão ou um estribilho, no espaço diário das crônicas esportivas de José Lins do Rego.

Escritas entre as décadas de 1940 e 1950, essas pequenas crônicas valiam-se tanto das contribuições estilísticas e temáticas granjeadas pelo modernismo brasileiro quanto das liberdades expressivas concedidas pela modernização por que passou o jornalismo esportivo – Mário Filho à frente –, com a introdução do dialogismo, da oralidade, da subjetividade e de uma nova narrativa na crônica de esportes. Posto que a crônica esportiva permitia a percepção das mutações na forma e no conteúdo de abordagem do fenômeno do futebol, ela também outorgava ao cronista a exposição livre de suas teses e postulações mais caras e que o deixavam mais inflamado, mais compungido. Além das análises mais sutis que se podiam extrair dos interstícios e dos jogos de linguagem franqueados pela crônica esportiva moderna, saltava à vista em José Lins do Rego o desvelo e a obsessão com que estampava e procurava fixar uma imagem grandiosa – leia-se nacional e popular – para o Clube de Regatas do Flamengo. Estas transformações formais, estilísticas e narrativas permitiam assim que José Lins do Rego fosse se tornando, no espaço cotidiano da crônica esportiva e da própria cidade do Rio de Janeiro, um dos maiores paladinos do Clube de Regatas do Flamengo, para ele, o clube autenticamente brasileiro, o lídimo representante do povo. Cada jogo era por conseguinte não apenas o registro de mais um fato, como o registro de mais um feito, com que ele tencionava erigir, naquela série de crônicas compostas dia a dia, coluna a coluna, uma espécie de panteão clubístico.

Mas essa exaltação exacerbada, cheias de superlativos e próxima do ufanismo, pode levar a crer numa certa disparidade ente o discurso literário e o discurso clubístico de José Lins do Rego, uma vez que, como vem sendo sustentado até aqui, a oposição à grandiloqüência do parnasianismo, do beletrismo e de toda a geração que lhe antecedeu constituía uma de suas principais diretrizes estéticas. Entretanto, esta aparente contradição se justifica na medida em que, ao lado do elogio modernista à simplicidade, à humildade e ao lirismo despojado tão bem desenvolvido e capitaneado por Manuel Bandeira, e identificado até aqui também nas crônicas esportivas de José Lins do Rego, coexistia na história do modernismo toda uma eloqüência e toda uma tradição que se associavam às idéias de excesso e de grandiosidade, próprias de uma *estética da monumentalidade*, tal

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

como se podia perceber nas composições eruditas de um Villa-Lobos[99] e nas composições populares de um Ary Barroso. A diferença entre a geração de Rui Barbosa, Coelho Neto e Olavo Bilac, de um lado, e a geração de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre e José Lins do Rego, de outro, era a de que, na ótica modernista, enquanto os primeiros se atinham aos aspectos pitorescos, exóticos e mais epidérmicos da nação, os segundos haviam penetrado naquilo que eles consideravam ser o Brasil íntimo, o sentimento profundo da *brasilidade*, a essência da "alma nacional".

A tentativa de expor as premissas dessa construção discursiva e os critérios de nacionalidade que estavam por trás do empenho de José Lins do Rego em classificar o Flamengo como a síntese histórica não só do futebol brasileiro, como do povo brasileiro e do próprio Brasil como um todo, será assim o nosso próximo passo no capítulo seguinte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[99] Utilizamo-nos aqui da linha argumentativa empregada pela antropóloga Santuza Cambraia Naves. Cf. NAVES, S. C. **op. cit.**

3
Por que me ufano do meu Flamengo

3.1 Os clubes – comunidades imaginadas

Ao tempo em que José Lins do Rego escrevia suas crônicas esportivas, os principais clubes do Rio de Janeiro completavam cerca de 50 anos de existência: o Clube de Regatas do Flamengo (1895), o Clube de Regatas Vasco da Gama (1898), o Fluminense Football Club (1902), o Botafogo Football Club (1904), o The Bangu Athletic Club (1904) e o América Football Club (1904). Do período da *belle-époque* aos anos que se seguiam à Era Vargas, profundas transformações haviam ocorrido no seio destas agremiações, embora a maioria das suas marcas de origem e das imagens relacionadas à sua fundação ainda exercesse uma grande influência no imaginário dos torcedores.

É a grande influência destas marcas de origem, ao menos, a conclusão a que chega a pesquisadora Cláudia Mattos ao analisar o centenário dos clubes na virada do século XX para o século XXI, procurando perceber sua relevância na construção narrativa que cada clube, como "instituição-mito"[1], fez sobre si ao longo deste período. Seria plausível pensar e dimensionar um fenômeno análogo, e em uma escala de intensidade talvez ainda maior, em relação às representações dos clubes na comemoração de seus cinqüentenários, em meados do século XX.

Dentre as marcas de origem em geral associadas às agremiações esportivas, uma dos mais recorrentes dizia respeito à equivalência entre a concepção de clube e o conceito de nação ou ainda entre a idéia de clube e sua identidade local. Surgidos de forma mais expressiva no último quartel do século XIX e no primeiro quartel do século XX, os clubes afiguravam-se como um dos vários elementos da modernidade que passava a caracterizar e a emular a sociedade européia. Sua propagação dava-se no bojo de inúmeras mudanças, tais como os avanços científicos e tecnológicos da Segunda Revolução Industrial, a consolidação dos últimos Estados-nacionais – Itália e Alemanha – e os fluxos de imigração do

[1] Cf. MATTOS, C. **op. cit.**, p. 40.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

continente europeu para a América do Sul, que se estenderiam até depois da Primeira Guerra Mundial.

Em países como o Brasil, a Argentina ou o Uruguai, antes de significar uma simples agremiação esportiva, um clube era uma das formas que o migrante europeu buscou para manter o elo, ainda que no plano simbólico, com sua terra e com seu país natal, com sua língua e com sua cultura ancestral. Os clubes constituíam, assim, um dos meios através dos quais as diversas famílias e os diversos núcleos de colonos buscavam salvaguardar o sentido comunitário e gregário de pertencimento ao país ou à região de origem.

Conforme aponta o sociólogo Richard Giulianotti, mesmo no país onde se originou o futebol, a Inglaterra, o enleio entre o clube e seu espaço geográfico era um dos traços que primeiro apareciam articulados:

> "A maioria dos clubes foi fundada durante o período 'tradicional' ou 'inicial moderno' do futebol, quando um lugar geográfico foi favorecido; os clubes foram criados com propósitos sociais e culturais locais, muito mais do que como 'privilégios' modernos para maximizar a renda dos esportes. Principalmente no Reino Unido, os nomes que os clubes escolhem enfatizam essa dimensão municipal, associativa: times representam a 'cidade', ou reúnem seus cidadãos ('United'). A mobilidade geográfica moderna (de um lugar desconhecido) pode ser enfatizada ('Wanderers', 'Rovers' ou 'Rangers')."[2]

Trazendo à mostra a concepção de representação territorial em âmbito local ou nacional, ou buscando termos de comparação nela, as práticas esportivas no interior dos clubes constituíam uma das atividades utilizadas por grupos étnicos estrangeiros – além de saraus e festas, peças de teatro e orquestras ou grupos musicais –, para reproduzir seus hábitos, seus costumes e seus espaços sociais de entretenimento. Afora a reunião de pares, os clubes eram responsáveis também

[2] Cf. GIULIANOTTI, R. **op. cit.**, p. 54. Sobre o processo de expansão dos clubes de futebol no século XX, assim se pronuncia o historiador Eric Hobsbawm: "O esporte que o mundo tomou como seu foi o futebol de clubes, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostos de expatriados britânicos (como o São Paulo Atlético Club) do gelo polar ao Equador." Apud MATTOS, C. **op. cit.**, p.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

por estimular tanto o lazer quanto o projeto educacional da modernidade européia, como o adestramento do corpo, através da ginástica, e a preparação cívico-moral do indivíduo burguês, através do incentivo à competição, o que os aproximava da função desempenhada pelas escolas privadas no Brasil desde a década de 1880, dirigidas em número expressivo por padres jesuítas e irmãos maristas[3]. É neste duplo processo de valorização das tradições nacionais e de difusão dos esportes modernos que apareciam em São Paulo clubes como o Germânia, o Scottish Wanderers e o Palestra Itália[4], fundados respectivamente pela colônia alemã, inglesa e italiana. No Paraná, os italianos fundariam o Coritiba; em Minas Gerais, o Cruzeiro[5]; e em Caxias do Sul, o Juventude. A colônia alemã do Rio Grande do Sul criaria em 1903 o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Já a grande colônia portuguesa do Rio de Janeiro se mobilizaria para inaugurar o Vasco da Gama, a Portuguesa de Desportos e o Lusitânia[6]. Isto também fora as múltiplas associações recreativas de espanhóis, de franceses e de migrantes não europeus, como judeus e árabes, que viriam a fundar clubes como a Hebraica, o Sírio-Libanês e o Monte Líbano.

Espécie de enclaves em solo estrangeiro, ocupando inicialmente uma posição insular na geografia da cidade, os clubes passariam pouco a pouco como que a pontilhar, a borrifar e a salpicar o cenário das principais cidades brasileiras. Logo também eles se tornariam espaços de sociabilidade e pontos de encontro a que logo as elites locais aspirariam imitar. Desde a década de 1910, eles iriam se espraiar também pelo subúrbio, atraindo as classes populares, como sucedeu na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[3] Cf. PEREIRA, L. A. de M. "Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiros". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, nº 19, p. 26.

[4] Para uma visão histórica do clube fundado em 1914, que durante a Segunda Guerra Mundial, a 14 de setembro de 1942 – menos de um mês após o Brasil ter declarado guerra às potências do Eixo – seria chamado de Sociedade Esportiva Palmeiras, ver a obra de José Renato de Campos Araújo. Cf. CAMPOS ARAÚJO, J. R. de. **op. cit**. Cf. também FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 231.

[5] O Cruzeiro Esporte Clube foi fundado em 1920 pela colônia italiana de Belo Horizonte, com o nome de Palestra Itália e depois de Palestra Mineiro. Nasceu de uma dissidência do antigo Yale e, em 1942, pelos mesmos motivos que o Palmeiras, mudou de nome e de bandeira, substituindo o verde-branco-vermelho da bandeira italiana pelo alvi-anil, numa alusão também à constelação do Cruzeiro do Sul, presente na bandeira do Brasil. Cf. PENNA, L. **op. cit.**, 162.

[6] De acordo com Mário Filho: "... o Lusitânia era mais português do que o Vasco. No Vasco entrava brasileiro, no Lusitânia não, só português. Influência da vinda de um escrete de Lisboa ao Rio. Surgiram logo três clubes da colônia: o Lusitânia Esporte Clube, o Centro Português de Desportos, o Lusitano Futebol Clube". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 120.

capital da República[7], impulsionados por sua vez pelo futebol de fábrica das companhias industriais e das empresas estrangeiras, com seus engenheiros e técnicos à frente, como foi o caso do Bangu, no Rio de Janeiro – fundado por mestres tecelões ingleses[8] –, do Juventus, em São Paulo, e do Renner, em Porto Alegre[9]. Entre a elite, além dos clubes de *cricket*, como o *Paissandu Cricket Club*, do Rio de Janeiro, e o *Rio Cricket and Athletic Association*, de Niterói, o modelo inglês dedicado ao turfe, como o *Jockey Club* e o *Derby Club*, cedo seriam reproduzidos na capital da República, tornando-se a um só tempo centros de negócio e centros de diversão para a aristocracia cafeeira do país.

Já os clubes náuticos, com seus *sportmen* devotados à prática do *rowing*, ilustrariam um momento seguinte de apropriação do esporte por parte de setores da burguesia urbana, como profissionais liberais e funcionários públicos, momento este em que o remo constitui-se na atração esportiva mais requerida na cidade, conquanto sua prática fosse privilégio de poucos jovens – estudantes, acadêmicos e candidatos a bacharel[10] – bem aquinhoados. Com efeito, se não eram obras diretas e exclusivas de estrangeiros radicados no Brasil, os clubes traziam junto a si todo um conjunto de influências, seja na indumentária, na linguagem ou no estilo de vida, que atestavam sua filiação cultural ao continente europeu. E nesta nova etapa da vida moderna que irradiava da Europa, passava-se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[7] Um exemplo de clube do subúrbio fundado em 1914, e que até hoje se encontra em atividade, é o Madureira Esporte Clube. Cf. ibid., p. 78. Segundo o pesquisador e compositor Nei Lopes, o Madureira surgiu através da fusão dos três principais clubes do bairro. Cf. LOPES, N. **op. cit.**, p. 111. Para uma análise da disseminação dos clubes entre associações operárias e grupos recreativos na zona sul, na zona norte e em adjacências da cidade do Rio de Janeiro, ver a obra de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Cf. PEREIRA, L. A. de. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Cf. também PEREIRA, L. A. de. M. "Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, nº 19, p. 30 e 31. A disseminação de clubes na cidade e no subúrbio também era mencionada por Mário Filho: "Em cada canto um time, um clube. Time de garotos, de moleques, clubes de operários, de gente fina. Mas muito clube, clube demais". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 50.

[8] A denominação Bangu proviria de *bangüê*, nome de fábrica rural onde se produzia açúcar. Segundo o antropólogo José Sérgio Leite Lopes, este nome é significativo da homologia entre as *company-towns* isoladas e as características do trabalho nos engenhos e usinas de açúcar. Cf. LOPES, J. S. L. **Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2001, p. 8. José Sérgio Leite Lopes extrai estes dados com base no trabalho de Márcio de Oliveira. Cf. OLIVEIRA, M. de. **Bangu: de fábrica-fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica na cidade**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Geografia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

[9] Cf. LOPES, J. S. L. "Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23, p. 185.

a privilegiar a ação em detrimento da contemplação, assim como a figura do desportista passava a sobressair em relação à tradicional figura do dândi[11].

Mas eram ainda as marcas de origem e seu corolário imediato, a identidade nacional ou local, um dos aspectos que mais seriam enfatizados em relação aos clubes por parte de escritores e jornalistas esportivos. Ao longo da primeira metade do século XX e, em especial, no período vivenciado por José Lins do Rego, os clubes seriam vistos como unidades autônomas que reencarnariam todas as vicissitudes e implicações simbólicas relacionadas à concepção de nação. O repórter Geraldo Romualdo da Silva, por exemplo, numa matéria publicada no *Jornal dos Sports*, intitulada "O Arsenal nasceu num chiqueiro de porcos", escrita por ocasião da visita de um dos maiores times ingleses ao Brasil, acentuava desta maneira o sentido épico, missionário e aventureiro[12] assumido por um clube de futebol:

> "Fundar um clube é criar uma pátria. Comparação que se identifica e se justifica por quase tudo. Os mesmos anseios, as mesmas lutas, as mesmas desventuras e ainda as mesmas alegrias. Um clube representa soma interminável de dedicação – dedicação que ergue estoicamente os alicerces de um futuro luminoso. Pátria e clube significam batalhas afins, iguais dissensões e conflitos parecidos. Há os bandeirantes pelo destemor e há os que esperam placidamente pelo aplainamento do terreno. Os que enfrentam a fúria medonha dos elementos e os que se defendem cuidadosamente à sombra das árvores e dos acontecimentos. É interessante observar que Pátria e clube têm origens parecidas. Filhos da aventura e produtos do heroísmo, não é sem sacrifícios que atingem o

[10] Cf. FERNANDES, L. "Futebol, racismo e identidade nacional". In: FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 11.

[11] Sobre o primado da ação na modernidade européia do final do século XIX e início do século XX, ver o percuciente artigo do historiador Nicolau Sevcenko. Cf. SEVCENKO, N. "Transformações na linguagem e advento da cultura modernista no Brasil." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993, nº 11.

[12] A citação a seguir faz-nos lembrar tanto o tipo aventureiro quanto o tipo trabalhador descritos pelo historiador paulista Sérgio Buarque de Holanda a propósito da expansão ultramarina e da colonização portuguesa no Brasil. Ver o capítulo 2 de seu clássico ensaio de interpretação da realidade brasileira. Cf. HOLANDA, S. B. de. "Trabalho & aventura". In: **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> ponto desejado até que o mastro da libertação se levante e se enfune a bandeira do grande ideal de descobrir e depois construir."[13]

Assim, dentro desse intuito de contar a criação e o desenvolvimento de um clube à imagem e semelhança da nação – nação esta entendida em sua acepção moderna de "coleção de indivíduos" ou de "indivíduo coletivo", como definia o antropólogo Louis Dumont[14] –, os exemplos históricos de heroísmo e os casos pitorescos de fundo mítico fornecidos pelo modelo de pátria constituíam o fulcro principal das narrativas clubísticas. Foi isto, pelo menos, o que se deu com o Clube de Regatas do Flamengo, clube eleito por Mário Filho para integrar na década de 1940 o seu projeto de narração de uma história do futebol brasileiro. Em 1945, quando o clube faz 50 anos, vem a lume *Histórias do Flamengo*, obra que reúne uma série de crônicas escritas por Mário Filho desde o início daquela década, com base em suas próprias reminiscências e em entrevistas feitas com personagens fundadores do clube. Nele, Mário Filho conta a saga, as peripécias e os acontecimentos mais importantes da vida do Flamengo até então, inserindo inclusive como protagonista de vários casos ligados ao clube a figura do escritor José Lins do Rego[15].

Somado ao empreendimento renovador que se havia verificado no plano da linguagem e nas técnicas de reportagem, com a dinamização das matérias e o abrasileiramento de inúmeras expressões esportivas, Mário Filho tinha como meta também estimular a popularização e a nacionalização dos clubes brasileiros mais tradicionais, sediados na capital da República, que até o advento do profissionalismo em 1933 caracterizavam-se em sua maioria por uma postura aristocrática, seletiva e refinada, circunscrevendo-se em grande parte aos limites

[13] Cf. SILVA, G. R. da. "O Arsenal nasceu num chiqueiro de porcos". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1949, p. 5. Muito embora esta matéria excepcionalmente não venha assinada, atribuímos sua autoria a Geraldo Romualdo da Silva pois ela contém todas as informações gráficas, temáticas e estilísticas que costumavam distinguir as reportagens deste jornalista.

[14] Apud GONÇALVES, J. R. dos. S. "Autenticidade, memória e ideologias nacionais – o problema dos patrimônios culturais". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988, nº 2, p. 266.

[15] Ver, em especial, o capítulo "Carnaval na primavera", em que Mário Filho narra o sofrimento de José Lins do Rego durante a final entre Flamengo e Vasco, no campeonato de 1944, onde o clube rubro-negro sagrou-se tricampeão carioca de maneira dramática, com um gol de cabeça de Valido aos 44 minutos do segundo tempo. Cf. FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

internos de suas fronteiras sócio-espaciais. Decorrência da larga expansão que vinha sendo operada no futebol desde o início do século, o *abrasileiramento clubístico* constituía, por conseguinte, mais uma etapa a ser cumprida na evolução dos esportes e, notadamente, do futebol do país, devendo ser iniciada, como era de se supor, por um clube do então Distrito Federal. Ao *Estado-nação*, que reconfigurava suas bases na década de 1930 com o processo de industrialização e urbanização do país, haveria de corresponder também um *Clube-nação*, representante fidedigno e unificador dos torcedores dispersos por todo o país.

E era isto o que parecia suceder com o Clube de Regatas do Flamengo que, extrapolando os limites territoriais iniciais de seu próprio bairro e de sua própria cidade, tornara-se, nos anos de 1930, segundo Mário Filho, "o clube mais popular do Brasil"[16]. Calcado em três tipos-ideais de clube – o clube estrangeiro, o clube aristocrático e o clube nacional-popular[17] –, Mário Filho via na trajetória do Flamengo as características mais propícias e adequadas para configurar este terceiro modelo, espécie de fase mais avançada e que se superpunha aos dois anteriores no curso daqueles 50 anos. O clube de origem estrangeira era representado no Rio de Janeiro pelo Vasco da Gama[18], dada a sua vinculação

[16] Cf. Ibid, p. 5. Com o mesmo enfoque, José Lins do Rego referia-se ao clube como o escorço da nação: "O Flamengo de hoje começou com uma brincadeira de rapazes para se transformar na grandeza dos nossos dias, no clube que é uma soma de todas as qualidades e defeitos do brasileiro." Cf. REGO, J. L. do "O Flamengo". Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1947, p. 3.

[17] Além destes três, pode-se enumerar também, como um tipo ideal de clube, o *clube operário*, que tinha como representante principal, segundo Mário Filho, o Bangu.

[18] Fundado pela colônia lusitana do Rio de Janeiro em 1898, com um nome em homenagem à figura do navegador português que primeiro chegou às Índias contornando o continente africano, e que naquela data completava o seu quarto centenário (1498-1898), a condição do Clube de Regatas Vasco da Gama como *clube estrangeiro* ou como *clube de estrangeiros* desencadeou inúmeras celeumas entre José Lins do Rego e os torcedores vascaínos, conforme já foi possível ter-se uma idéia nas crônicas tratadas no final do capítulo anterior. José Lins do Rego mostra-se bem ambíguo e oscilante ao mencionar ora a brasilidade, ora a lusitanidade do clube de São Januário. O antilusitanismo que se verificou no futebol carioca durante as primeiras décadas do século era fomentado também pelos 'grandes clubes' de então – Fluminense, Flamengo, Botafogo e América – que viam o Vasco da Gama, com seus jogadores de origem popular, como uma ameaça às origens sociais nobres do futebol. Cf. FERNANDES, L. **op. cit.**, p. 12. Cf. REGO, J. L. do. "Lá eu sou cá". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1947, p. 3. Cf também Id. "Lá o Vasco é como se fosse o Flamengo". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 82. A crônica é de 22 de junho de 1947. Cf. ainda Id. "Vamos torcer pelo Sporting". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1952, p. 5. O certo é que foi graças ao empenho da numerosa colônia portuguesa no Rio de Janeiro que o Vasco ergueu em 1927 aquele que seria por muitos anos, até a construção do Maracanã em 1950, o maior estádio do Brasil, com capacidade para até 40 mil espectadores, tendo apenas como equivalente em São Paulo o Estádio do Pacaembu, construído em 1942. Na América do Sul, o Estádio de São Januário seria superado pelo Estádio Centenário, de Montevidéu, com capacidade na época para 100 mil espectadores, construído para a Copa do Mundo de 1930 e para festejar os 100 anos de independência do Uruguai. No Rio de Janeiro, antes do estádio de São Januário, entre os clubes de maior vulto, existiam apenas o estádio do Bangu, o Estádio Proletário, de 1905, embora só mais tarde viesse a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

explícita à colônia portuguesa, que se adensava em maior grau no Centro e na Zona Norte da cidade[19]. Já o Fluminense era identificado como o clube de extração aristocrática, em função de suas origens nas famílias da "boa sociedade" da Zona Sul da cidade, estereótipo que se prolongaria por décadas. Mesmo com o fim do amadorismo, quando o clube passa a aceitar jogadores que não fossem somente oriundos das classes mais abastadas, a estratégia de clivagem social do Fluminense consistiu em dissociar o assalariado do clube – o atleta – de seu associado.

O contraste entre o Flamengo e o Fluminense podia ser percebido em diversas instâncias. Uma delas se verificava na própria elaboração narrativa da história dos dois clubes. Assim como os 50 anos do clube da Gávea seriam comemorados com o lançamento do livro de Mário Filho, *Histórias do Flamengo* (1945), o cinqüentenário do clube das Laranjeiras contaria também com a publicação de uma obra, *História do Fluminense* (1952), de autoria do escritor Paulo Coelho Neto, cuja família estava estreitamente associada à vida social e desportiva do clube[20]. Enquanto Mário Filho narra em forma de crônicas quase romanceadas os diversos casos recolhidos de sua própria recordação e de relatos orais de personagens históricos do clube[21], Paulo Coelho Neto propõe-se à tarefa conspícua de pesquisa dos documentos e dos arquivos do clube, a fim de descrever com precisão factual e cronológica os marcos históricos do Fluminense,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

comportar sua capacidade atual de 12 mil torcedores; e o estádio do Fluminense, nas Laranjeiras, construído em 1919, para abrigar o Campeonato Sul-Americano, ganho pelo Brasil, com capacidade na época para 18 mil espectadores. O Flamengo, que durante muitos anos treinaria e jogaria em campo aberto, só em 1938 é que construiria o seu próprio estádio, o Estádio Bastos Padilha, na Gávea, com capacidade para 20 mil torcedores. Encontrando-se hoje em dia desativado para jogos oficiais, comporta um público máximo atual de 7 mil pessoas. Não conseguimos localizar a capacidade do estádio do Botafogo, em General Severiano, um dos mais tradicionais da cidade, situado ao lado de um casarão colonial. Sabemos que o Estádio de General Severiano foi inaugurado em 1938 como uma forma de suprir a falta de sede e de campo que vinha desde 1912, quando o clube perdeu seu estádio da rua Voluntários da Pátria. Cf. MALHANO, C. E. S. M. B.; MALHANO, H. B. **São Januário – arquitetura e história**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2002. Cf. também PENNA, L. **op. cit.**, p. 100.

[19] Segundo Mário Filho: "O Vasco, clube da colônia, seguia a boa tradição portuguesa da mistura". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 120.

[20] Além do pai, Henriques Coelho Netto, os irmãos de Paulo, Emanuel (Mano) e João (Preginho) participaram como jogadores, diretores e torcedores do Fluminense, dando nome hoje a ginásios com seus bustos em bronze nas dependências do clube.

[21] Mário Filho conseguiu muitos destes relatos por intermédio de seu melhor amigo, José Bastos Padilha, antes mesmo que este se tornasse presidente do Flamengo, que o apresentou a antigos sócios e a veteranos dos primórdios do clube, todos estudantes e atletas rubro-negros nos anos de 1910 e 1920. Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 73.

numa estrutura planejada e equilibrada que procurava inventariar os dados referentes a todos os esportes praticados no clube.

O contraponto estilístico entre os dois livros pode ser melhor avaliado através dos contrastes entre os comentários feitos por José Lins do Rego a *Histórias do Flamengo* e aqueles escritos pelo próprio Coelho Neto no preâmbulo ao seu livro:

> "Mário Filho colheu de fontes autênticas o imenso e fabuloso cotidiano rubro-negro. Não permaneceu no elogio convencional, mas preferiu pôr nas ruas as nossas origens turbulentas, a nossa vida boêmia, a nossa têmpera de valentes. E por isto este livro tem, em certos trechos, aquele tom agreste dos A.B.C. dos nossos cantadores matutos. A língua e os fatos se confundem de tal maneira que autor e heróis parecem do mesmo *team.*
> O Flamengo, neste terrível ano de 1945, perdeu um tetra-campeonato; ganhou, porém, este livro de sua vida, que lhe vale como um troféu de bronze de primeira ordem."[22]

*

> "Orientei-me por um só guia: o arquivo do Fluminense, modelo de ordem e, sobretudo, de carinho não só de seus iniciadores – os pioneiros da fundação –, como também dos continuadores até os nossos dias." (...) "O Fluminense, por intermédio de seu presidente, Dr. Fábio Carneiro de Mendonça, convidou-me para escrever, não 'uma história' nem 'histórias', mas a 'História do Fluminense'. E história é pesquisa, estudo e conhecimento dos fatos que se desenrolam através dos tempos." (...) "Cingi-me, tão-somente, aos acontecimentos. Coerente comigo próprio e com as tradições do Fluminense, preferi o gênero sóbrio, mas verdadeiro, de que Pedro Vaz de Caminha foi o iniciador em nossa história."[23]

[22] Cf. REGO, J. L. do. "Opiniões sobre *Histórias do Flamengo*". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1945, p. 4.
[23] Cf. NETTO, P. C. **História do Fluminense**. Rio de Janeiro: s.e., 1952, p. 9, 10 e 11. Esta obra volumosa teria seu desdobramento em 1969, quando Paulo Coelho Neto edita o segundo tomo do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Dois anos após ter publicado *Histórias do Flamengo*, Mário Filho continuaria sustentando a superioridade da pesquisa baseada em fontes orais sobre a pesquisa baseada em fontes escritas, no intuito de apreender e captar o real percurso histórico dos esportes no Brasil. Em sua obra *O negro no futebol brasileiro* (1947), após salientar a importância de buscar o contato com a privacidade e com a intimidade dos personagens do universo esportivo, como o acesso ao álbum de recortes e fotografias do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, contendo os fatos mais marcantes do futebol brasileiro entre 1910 e 1919, Mário Filho elencava, de cor, uma lista de mais de 65 entrevistados, entre as centenas de jogadores, dirigentes e torcedores que havia escutado. Segundo o autor:

> "Cada um deles me ajudando um pouco, mais do que os jornais, do que os livros de atas das entidades, de correspondência dos clubes, de súmulas dos jogos, de registro dos jogadores. Os documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito. (...) Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

livro, dando continuidade, ano a ano, esporte a esporte, à descrição dos fatos mais marcantes da história do clube. A diretoria do Fluminense Futebol Clube viria ainda a relançar esta obra no ano do seu centenário (1902-2002), atualizando os dados que a pesquisa de Coelho Netto não chegou a cobrir. Cf. Ibid. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002, p. IX. Embora Paulo Coelho Neto arvorasse, na citação acima, sua condição de pesquisador frio, ponderado e eqüidistante de seu objeto, apenas amparado nas fontes documentais do clube, o seu livro *Fluminense pitoresco e dramático*, também de 1969, seria escrito num tom anedótico e memorialístico muito próximo do estilo de Mário Filho. Já Mário Filho, ao invés de escrever um novo tomo, fez com *Histórias do Flamengo* o mesmo que fizera com *O negro no futebol brasileiro* em sua segunda edição de 1964: ampliou-o e atualizou-o em mais uma edição no início da década de 1960, sendo esta reeditada mais uma vez em 1966, ano de seu falecimento. Ao contrário da diretoria do Fluminense, a diretoria do Clube de Regatas do Flamengo não reeditou, nem prestou qualquer homenagem em seu centenário (1895-1995) à obra de Mário Filho que marca a história do clube. Deve-se salientar a importâcia não só de Mário Filho na história do Flamengo como de boa parte de sua família. É de Milton Rodrigues, seu irmão, o filme *Alma e corpo de uma Raça* (1938), que fala sobre o Flamengo. No terreno da cinematografia, coube à família Niemayer a responsabilidade por criar e salvaguardar uma valorosa tradição de reportagem áudio-visual sobre o futebol e o Clube de Regatas do Flamengo. O *Canal 100*, apresentado em forma de trailers nas salas de cinema carioca durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, foi uma criação de Carlinhos Niemayer em 1959. Seu filho, Alexandre Niemayer, em 1999, quarenta anos depois, viria a dirigir *Histórias do Flamengo*, contando com boa parte de imagens do acervo do *Canal 100*. Cf. MURAD, M. **op. cit.**, p. 134.

> muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves circunspectos, dos jornais que não dizem tudo."[24]

Sob um prisma epistemológico e heurístico, pode-se dizer que enquanto Mário Filho imiscuía sujeito e objeto na investigação histórica e na trama narrativa da história de seu clube[25], Coelho Neto procurava ao máximo estabelecer as linhas divisórias e as barreiras que separavam o pesquisador do passado do clube; enquanto o primeiro, além de privilegiar o pólo da subjetividade, apresentava-se como um contador de histórias, muito próximo do clássico narrador benjaminiano, o segundo norteava-se pelos critérios da objetividade e apresentava-se como o representante de uma concepção oficial e positiva para a realização de uma história dos esportes; enfim, enquanto Mário Filho recorria à oralidade e à memória, Coelho Neto sustentava a preeminência da escrita e das fontes documentais na reconstituição verídica do passado do seu clube.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[24] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 22 e 23. O cientista político Luis Fernandes endossa o pioneirismo historiográfico do jornalista Mário Filho: "Esta opção metodológica situa *O negro no futebol brasileiro* como obra precursora do recurso sistemático à História Oral como fonte da História Escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas Ciências Sociais brasileiras décadas depois." Cf. FERNANDES, L. **op. cit.**, p. 10.

[25] Mário Filho refutava a afirmação de que seus livros eram obras de ficção e não obra de história: "O material era tanto e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo, numa narrativa corrente, sem um claro, sem uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance ? Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhes a veracidade por averiguações exaustivas. Às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas." Cf. Ibid, p. 23. Parece-nos claro, entretanto, o seu pendor literário em passagens como a seguinte, de *O negro no futebol brasileiro*: "A chuvinha que caía demorava a subida da fumaça das bombas. Aos poucos os refletores de São Januário tornaram verde de novo o gramado, de um verde úmido e vivo, arrancando-lhe cintilações de orvalho". Cf. Ibid, p. 254. Diga-se a propósito que Mário Filho, além de escrever uma biografia sobre o pintor Cândido Portinari em 1966, havia-se lançado na ficção desde 1927, com *Bonecas*, passando na década de 1950 com *Senhorita*, *Um dia de trabalho*, *Dezenove* e culminando em 1964 com um romance intitulado *O rosto*. Desde 1949, porém, já se lançara no terreno da ficção esportiva com seu *Romance do football*, que só encontra antecessor no livro de Thomaz Mazzoni, *Flô, o maior goleiro do mundo* (1940) e no do próprio José Lins do Rego, *Água-mãe* (1941). Cf. FILHO, M. **A infância de Portinari**. Prefácio de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Bloch, 1966. Cf. Id. **O rosto**. Prefácio de Antônio Olinto. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1965. Cf. Id. **Romance do football**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949. De *Bonecas* e *Senhorita* não encontramos referências bibliográficas, já que as únicas informações encontradas provêem de Mário Neto, num Caderno Especial constante da quarta edição da obra clássica de seu pai, Mário Filho. De *Um dia de trabalho* e *Dezenove* apenas encontramos referência na obra *Romance do foot-ball*, sendo anunciados como romances no prelo. Não sabemos se chegaram a ser editados.

Mais do que meras divergências quanto a questões teóricas e metodológicas subjacentes à orientação de cada autor, as diferenças de estilo sinalizavam sobretudo para a oposição do perfil que se queria atribuir a cada agremiação. O Flamengo, nesse sentido, parecia enquadrar-se com maior precisão numa certa linhagem interpretativa de desenvolvimento do futebol brasileiro, repetindo de maneira homóloga o percurso histórico de popularização deste esporte no país. De um ponto de vista sumário e esquemático, Mário Filho concebe a história do futebol da seguinte forma: inicialmente um esporte amador, de feição estrangeira, reservado à elite, que pouco a pouco vai sendo assimilado, traduzido e reinterpretado pelos seus praticantes e pelo público brasileiro, até que, com a adoção do profissionalismo na década de 1930 e o ingresso maciço de atletas negros, mestiços e provenientes das classes populares, o país cria um estilo original e autêntico de jogar.

Com o Flamengo, os fatos e a forma de contar a sua história seriam semelhantes[26]. Iniciando-se em 1895 como um clube elitista e amador, ligado de maneira exclusiva ao remo, o Flamengo abre em 1911 sua seção de futebol, oriunda de uma dissidência de jogadores do Fluminense, malgrado o preconceito e a resistência que ainda grassava entre os antigos atletas e remadores do clube em relação à prática futebolística. Nas décadas de 1910 e 1920, ainda que com jogadores formados apenas por estudantes amadores e, por extensão, por filhos das famílias mais tradicionais do Rio de Janeiro, o time de futebol vai-se tornando popular no bairro e na cidade. Segundo Mário Filho, isto se devia, entre outros fatores, à ausência de estádio próprio para treinar, o que ensejava a proximidade do jogador com o público no campo aberto e improvisado da rua do Russel[27], e ao espírito boêmio dos seus integrantes, que logo criariam a República Paz e Amor,

[26] Depois da obra de Mário Filho, pelo menos cinco livros são dedicados por jornalistas e pesquisadores a escrever a história do Flamengo: Edigar de Alencar, com *Flamengo, força e alegria do povo* (1970); Ivan Alves Filho, com *Uma nação chamada Flamengo* (1989); Edilberto Coutinho, com *Nação rubro-negra* (1990); Joaquim Vaz de Carvalho, com *Flamengo, uma emoção inesquecível* (1994); e Ruy Castro, com *O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo* (2001). A maioria destas obras, entretanto, segue a interpretação histórica contida no livro de Mário Filho e vale-se de muitos dos seus dados como fontes de informação. É importante notar como muitos deles, Edigar de Alencar, Ruy Castro e o próprio Mário Filho, por exemplo, são também estudiosos da música popular brasileira. Cf. ALENCAR, E. de. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1965, 2 vols.

[27] Segundo Mário Filho: "... o time do Flamengo ia treinar, garotos de família, moleques, passavam a notícia de boca em boca. Quando os jogadores do Flamengo chegavam no Russel já encontravam gente esperando por eles". Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 57.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

local onde eram comemoradas de forma carnavalesca as vitórias no remo e no futebol. A República Paz e Amor seria local também de residência de personagens históricos da cidade, como o carnavalesco K. Veirinha, que em 1918 fundaria o Cordão do Bola Preta.[28]

É oportuno fazer um breve parêntesis para ressaltar como desde aí, nos idos de 1910 e, em especial, de 1920, a combinação entre o futebol e o carnaval – forma preferida de festejar os títulos nas ruas e nos bares – será o critério mais destacado por Mário Filho no intuito de aferir e de conferir ao Flamengo a sua condição de popularidade. Era mais uma vez nas frinchas do discurso acerca da música brasileira, como mostramos em relação aos modernistas no primeiro capítulo, que se respaldava, legitimava e homologava o futebol como um esporte nacional-popular. A contraposição entre o Flamengo e o Fluminense[29] é novamente a base em que se ampara Mário Filho para estabelecer esta ponte e para ratificar seu postulado:

> "Emolduradas, as moças apareciam ofegantes, mas risonhas e felizes. Os garotos acompanhavam, em passo de marcha, como a uma banda marcial, o reco-reco do Flamengo. Juntava gente na calçada. Que era ? Era o Flamengo. Ou os rapazes do Flamengo. E todos sorriam, satisfeitos da vida por aquela surpresa de fim de tarde de

[28] Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 38. Sobre Caveirinha e a fundação do *Cordão do Bola Preta*, ver a obra de Eneida, cronista paraense, pesquisadora das manifestações populares cariocas. Cf. ENEIDA. "O Bola Preta". In: **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, p 135. Este dado parece-nos auspicioso para a comprovação do parentesco entre o futebol e a música popular na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o jornalista Sérgio Cabral muitas escolas de samba, como por exemplo a Mocidade Independente de Padre Miguel, originaram-se de times e clubes de futebol. Apud TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 89.

[29] O contraste entre o Flamengo e o Fluminense como, respectivamente, *clube do povo* e *clube da elite* não era exclusivo da capital da República e encontrava equivalentes em outros estados. No Rio Grande do Sul, como mostra o antropólogo Arlei Damo, Internacional e Grêmio recebiam também, respectivamente, os epítetos de *clube do povo* e *clube da elite*. Cf. DAMO, A. S. "Ah! eu sou gaúcho: o nacional e o regional no futebol brasileiro". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23, p. 114. Em Minas Gerais, cabe ao Cruzeiro, clube da colônia italiana, a pecha de *clube da elite*, enquanto o Atlético é tido como *clube do povo*. Já em Campinas, cidade do interior de São Paulo, o Guarani é tido como o time da elite campineira, ao passo que a Ponte Preta é o time do povo, dos pobres. Acompanhando o raciocínio do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, embora esta estratificação afigure-se duvidosa sob um ponto de vista sociológico e quantitativo, ela revela o imaginário de riqueza e pobreza atribuído a cada grupo e a cada segmento da sociedade. Cf. TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 87.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> domingo morno, quase adormecido. O bloco rubronegro ia espalhando alegria pelas ruas afora até o Largo do Machado onde ficava, e ainda fica, hoje, ignorado, soturno, o Lamas, que era uma espécie, mal comparando, de um Moulin Rouge do remo e do futebol. (...) Nesses domingos de reco-reco, os jogadores do Fluminense, que também faziam ponto no Lamas, vinham para a porta, desciam à calçada, chegavam à rua para receber os jogadores e remadores do Flamengo. Talvez com vontade de entrar no cordão, coibindo-os, porém, um pudor ainda hoje bem Fluminense.
>
> As vitórias do Fluminense eram comemoradas doutra maneira. Geralmente, com um jantar no Sul-Americano, um restaurante da rua da Assembléia, que não existe mais. Encomendava-se uns frangos ao leite e mandava-se arrumar as mesas em T. Quando a vitória era de campeonato o Fluminense fazia um corso, os carros de capota arriada, como se fosse domingo de carnaval, mas sem confete nem serpentina. Era uma passeata elegante, bem comportada, bem educada, como se dizia noutros tempos. Não era aquela algazarra do Flamengo, aquele carnaval, carnaval mesmo, fora de época."[30]

Mais adiante, Mário Filho volta a reiterar o espírito carnavalesco que, para ele, se expressava de forma mais cristalina no Flamengo:

> "Quando acabou o jogo foi mesmo 3 a 2. Aí começou o Carnaval. Toda a cidade soube, sem rádio nem nada, na mesma hora, que o Flamengo tinha vencido. E como era o Flamengo, esperou-se pelo carnaval rubronegro. Estava tudo preparado. Organizou-se um cortejo de automóveis, enorme, mais de 100 carros, como de corso da Avenida, com bandeiras do Flamengo cobrindo os capôs, as capotas arriadas, os jogadores sentados em cima, torcedores de pé

[30] Cf. FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 9 e 10.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> no pára-lamas queimando fogos de bengala para que se visse, de longe, a passeata triunfal do Flamengo."[31]
>
> *
>
> "Lembro-me que, numa noite de terça-feira de Carnaval, eu estava no Nice, à espera do préstito dos Democráticos, quando ouvi umas moças, hoje brotos, cantando 'Piranha eu sou de coração, Flamengo até debaixo d'água'. Aquilo me surpreendeu, como uma revelação. Um clube vinha para a música popular, era cantado no Carnaval. Então não me espantou mais uma certa arrogância do Flamengo. Porque não era à-toa que um clube virava marcha de carnaval, canção ou hino". (...) "E charangas tocavam o Flamengo, Flamengo, tua glória é lutar. De tarde, por causa do Flamengo, o FlaFlu era um carnaval; de noite, um São João. O Flamengo trazia as festas mais populares para o futebol."[32]

Mas, se a popularidade do time de futebol perante o público carioca já podia ser entrevista desde pelo menos 1916, ano em que João do Rio escreve uma crônica em homenagem ao clube, intitulada *Hora de foot-ball*[33], ao longo das

[31] Cf. Ibid, p. 18.

[32] Cf. Ibid, p. 26 e 30. José Lins do Rego também escreveu crônicas que retratavam o espírito musical e carnavalesco típico da cidade após as conquistas de sua equipe, como nas linhas efusivas de *Era o Flamengo*: "Então eu pude ver a cidade na alegria maior. As estrelas faiscavam no céu e uma lua cortada ao meio aparecera bem em cima da praça de esportes, uma lua que jamais esquecerei porque viera de propósito, para beijar os heróis da contenda. E com as estrelas e a lua, a doce música carioca baixou dos morros, das praias, das ruas, para louvar aos que lhes eram os amigos do coração. Era o Flamengo no mastro da vitória, no convívio do povo que é ele próprio. Vi a alegria de uma cidade que se dava inteiramente aos seus eleitos, aos que lhe ofertaram, naquela noite de conto oriental, uma vitória soberba. Por toda a parte o povo na efusão de uma alegria maciça, de uma alegria capaz de fazer esquecer as desgraças do mundo e as incertezas do Brasil." Apud COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 323. A crônica, originalmente publicada em *O Globo*, é de 5 de fevereiro de 1955. A popularidade do Flamengo ante o Fluminense também é endossada por José Lins do Rego a partir de critérios estritamente musicais em seguinte crônica: "O gordo Bertrand, após a grande vitória no Fla-Flu, pôs-se à frente da escola de samba que os tricolores levaram ao Maracanã e saiu, de camisa listada, a fazer passos de rua afora. Mas, em certo momento, o entusiasta torcida começou a notar que os músicos não estavam dando certo no compasso da dança. Cuícas, tamborins, surdos, como se estivessem numa Quarta-Feira de Cinzas. Então o gordo amigo procurou o mestre da escola para reclamar: – 'Meu amigo, nós pagamos vinte mil cruzeiros para somente isso ?' Foi quando o mestre, visivelmente contrariado, desabafou: – 'Doutor, o senhor tem toda a razão. Os rapazes estão aí de cabeça inchada. O Flamengo perdeu." Cf. REGO, J. L . do. "Os músicos eram para outra festa". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 133. A crônica é de 18 de outubro de 1951.

[33] Apud ALENCAR, E. de. **op. cit.**, p. 77. Cf. também RIO, J. do. "Hora de *football*". In: RAMOS, R. (org.). **A palavra é... futebol**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

décadas de 1910 e 1920 o Flamengo seria ainda, segundo o depoimento do ex-jogador e ex-treinador Flávio Costa[34], um clube essencialmente fechado e amador. Apenas nos anos de 1930, ao acompanhar as transformações propostas para a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro, o Flamengo assistiria a um fenômeno de popularização e de massificação não só local como nacional. O marco destas mudanças estaria atrelado a um leque de medidas adotadas no futebol e que no Flamengo se davam sob a gestão de José Bastos Padilha, entre 1933 e 1937, anos cruciais na afirmação do profissionalismo sobre o amadorismo até então dominante: as transmissões pelo rádio das partidas dos clubes do Rio de Janeiro para todo o país; a transferência da sede do Flamengo da rua Paissandu para o bairro da Gávea, nas adjacências da favela da Praia do Pinto e da área de vilas operárias e fábricas têxteis conhecidas como "Gávea Vermelha"[35]; o lançamento da pedra fundamental de construção de seu estádio; a contratação do técnico húngaro Dori Krueschner, considerado o melhor do mundo à época; e, após a rápida passagem pelo Flamengo do maior ídolo do futebol amador no país, Arthur Friedenriech[36], a contratação em 1936 do atacante Leônidas da Silva, do zagueiro Domingos da Guia e do meio-campista Fausto, naquele período, o maior trio de atletas da seleção e os três maiores símbolos negros que refletiam, em grande parte, o próprio espírito das mudanças desencadeadas no futebol

[34] Cf. depoimento prestado ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro na série "Cem anos do Clube de Regatas do Flamengo – futebol".

[35] Colhemos estas informações na nota 36 do ensaio de José Sérgio Leite Lopes. Cf. LOPES, J. S. L. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, páginas 64-83. 22 n., p. 82.

[36] Arthur Friedenriech (1892-1969), desde 1930, fazia elogios em *A Crítica* – jornal do pai de Mário Filho – confessando sua simpatia e preferência pelo Cube de Regatas do Flamengo. Em 1935, no final de sua carreira, quando o Paulistano, clube tradicional e elitista em que jogou, fecha sua seção de futebol por não concordar com a implementação do profissionalismo no futebol, Friedenreich decide ir para o Rio de Janeiro, onde joga 5 partidas, sem, entretanto, marcar qualquer tento para o Flamengo. É nessa ocasião que encerra sua carreira no futebol, aos 43 anos de idade, contabilizando, segundo as estatísticas da FIFA, um total de 1.329 gols, após ser por noves vezes artilheiro paulista e após jogar em clubes como o Germânia, o Mackenzie, o Ypiranga, o Paulistano e o São Paulo. O repórter ítalo-paulista Thomaz Mazzoni, conhecido pelo pseudônimo Olimpicus e autor do livro *História do futebol no Brasil – 1894/1950*, costumava contrastar o "jogo científico" de Fried ao "malabarismo desconcertante" de Leônidas, como um marco ilustrativo da passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol. É válido registrar ainda que Flamengo e Paulistano nutriam relações amistosas desde o decênio de 1920. Em 1925, ano da primeira excursão de um clube brasileiro à Europa, o Flamengo cedeu ao Paulistano três de seus jogadores para integrar a equipe: Kuntz, Seabra e Junqueira. Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 63. Cf. também MAZZONI, T. "Pelé e os outros". In: NASCIMENTO, E. A. do. **Eu sou Pelé**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961, p. 189. Cf. ainda GORDON JR., C. C. "História social dos negros". In: MURAD, Maurício. (et. al.) **Pesquisa de campo nº 2 – Futebol e cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

profissionalizado. De acordo com Mário Filho, ao importar os ídolos já escolhidos pelo povo, o Flamengo fazia uma espécie de "transfusão de popularidade"[37].

Não se deve esquecer que na própria biografia de José Lins do Rego, mencionada na Introdução, o jogador Leônidas da Silva é considerado a figura fundamental na adesão do romancista tanto ao futebol quanto ao Flamengo. Encantado com o desempenho de Leônidas da Silva na Copa do Mundo da França, em 1938[38], encantamento este compartilhado por milhares de torcedores brasileiros que acompanhavam pelo rádio suas atuações na seleção e no Flamengo, o depoimento de José Lins do Rego contribui para sublinhar a importância da transferência do prestígio e da projeção nacional destes atletas para o clube carioca, movimento que se reproduziria na década de 1940 com o jogador Zizinho[39], tido como o maior jogador brasileiro até o aparecimento de

[37] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 209.
[38] Cf. COUTINHO, E. **Zelins, Flamengo até morrer!** Rio de Janeiro: s.e., s.d., p. 43.
[39] Pode-se dizer, sem dúvida, que Zizinho, no longo tempo em que atuou no Flamengo (1939-1950), foi um dos maiores ídolos de José Lins do Rego. Cabe lembrar, porém, que após sua conturbada transferência para o Bangu, a relação entre os dois ficou estremecida e teve seu pior momento num incidente entre os dois no Campeonato Sul-Americano de futebol, em Lima, 1953. Dois anos após ter chefiado com êxito uma excursão do Flamengo à Europa (1951), o comando da delegação brasileira neste campeonato sul-americano proporcionou a José Lins do Rego um dos maiores dissabores de sua vida esportiva, levando-o a afastar-se do futebol por cerca de três anos e meio e só voltando a escrever crônicas esportivas em 1957. Segundo depoimento de sua filha Elizabeth, José Lins do Rego chegou inclusive a pensar em sair do país. Além da derrota no campeonato e das pesadas críticas sofridas por parte da imprensa brasileira, José Lins do Rego desentendeu-se gravemente com Zizinho. No relatório para a CBD, José Lins do Rego acusa Zizinho de dividir a Seleção, formando um grupo à parte. Já Zizinho, em duas pequenas crônicas publicadas no *Diário da Noite*, na coluna "Escreve o craque", acusa José Lins do Rego de ter chamado, em uma crônica escrita na revista *O Cruzeiro*, os jogadores de indisciplinados e de analfabetos pusilâmines, desafiando o romancista a publicar os relatórios da CBD. Nas crônicas de o *Jornal dos Sports*, esta polêmica não vem à tona, limitando-se José Lins do Rego a criticar o papel da imprensa, que fomenta animosidades entre os jogadores e coloca os torcedores contra a seleção. Cf. REGO, J. L. do. "Deixem os *cracks* em paz". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de março de 1953, p. 5. Cf. Id. "Os nossos amigos da imprensa". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 22 de março de 1953, p. 9. A reprodução de uma das crônicas em que Zizinho critica de forma veemente José Lins do Rego pode ser encontrada no último livro de memórias do jogador. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 311. Cf. SILVA, T. S. da. **Verdades e mentiras no futebol**. Niterói: Imprensa Oficial, 2001, p. 93 e 94. É curioso notar que este tipo de incidente entre dirigentes e jogadores iria acontecer novamente na Copa do Mundo da Suíça de 1954, conforme estudou a antropóloga Simoni Lahud Guedes, a partir também dos relatórios da CBD, assinados pelo chefe da delegação brasileira, João Lyra Filho. Conferir, nesta dissertação, nota 50 do capítulo 2. Cf. também CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 87 e 88. Numa nota de reportagem que destoa do tom de animosidade que pareceu presidir a relação entre os jogadores e o chefe da delegação, o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, encarregado pelo *Jornal dos Sports* para a cobertura do Campeonato Sul-Americano de 1953, relata uma preleção emocionada de José Lins do Rego que, com os olhos úmidos e rasos d'água, falava no vestiário para os jogadores brasileiros, concitando-os à vitória, antes da partida contra o Chile, vencida com muita dificuldade por 3 a 2. Cf. SILVA, G. R. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de março de 1953, p. 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Pelé[40], e um dos líderes da conquista do primeiro tri-campeonato carioca do clube (1942/43/44).

Desta feita, subscrevendo a interpretação geral de Mário Filho, contida em *Histórias do Flamengo*[41], e acompanhando as transformações históricas por que passava o clube, José Lins do Rego vai se dedicar nas suas crônicas diárias do *Jornal dos Sports* a comprovar essa popularidade do Flamengo, presente na cidade desde as décadas de 1910 e 1920 e amplificada em âmbito nacional no decênio de 1930. E é no próprio dia da comemoração do cinqüentenário do clube, a 15 de novembro de 1945, ainda sob os louros da conquista do primeiro tricampeonato carioca da história do clube, obtida no ano anterior, que José Lins do Rego traçava um retrato da condição de popularidade e de nacionalidade lograda pelo Flamengo. Segundo o autor, este fenômeno seguia *pari passu* o crescimento do futebol e estendia as fronteiras do clube a uma dimensão tal que elas podiam ser confundidas com a silhueta do próprio país. A justificativa de sua adesão ao Flamengo, colocada no mesmo plano que suas escolhas no âmbito literário, dá também uma medida de suas inclinações intelectuais e afetivas para o futebol:

> "Faz hoje 50 anos o grande Flamengo. Muita gente me pergunta por que sou flamengo. E a muita gente eu tenho dito que sou flamengo como sou romancista: pela força de meus bons instintos.
>
> Há no Flamengo uma grandeza de alma que me atrai. Não é um clube de regatas ou de football: é uma instituição nacional. Há todo o Brasil no Flamengo, todas as raças, todos os credos, todas as classes, todas as paixões generosas. Sou assim flamengo pelos meus impulsos e pelas minhas reflexões. Sou flamengo de corpo e de alma, a todas as horas, em todos os instantes. O que me domina no Flamengo é a sua extraordinária universalidade. É o clube do povo. Do povo que vai de Mário de Oliveira,

[40] Segundo Thomaz Mazzoni, coube a Valdemar de Brito, outro craque e artilheiro do Flamengo nos anos de 1930, que também muito contribuiu para a popularização do clube, o "descobrimento" de Pelé em 1955. Cf. MAZZONI, T. **op. cit.**, p. 187. Segundo Mário Filho, Pelé foi *descoberto* ainda garoto, 13 anos, em Bauru, por Valdemar de Brito. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 322 e 335.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> homem de muitos milhões, ao 'Vai na bola', o mais pobre dos homens. É por isto que não há os que rasgam carteira no meu clube. Há os que choram e morrem de paixão pelas nossas derrotas e os que cantam pelas suas glórias, que são muitas.
>
> 50 anos de glórias, 50 anos de vitórias. Podem dizer tudo o que quiser, podem encher o mundo com todos os campeonatos e todas as faixas. Há o Flamengo e enquanto existir o flamengo não há glória maior e pendão mais soberbo."[42]

Segundo o cronista esportivo, naquele momento histórico em que completava meio século de existência, o Flamengo apresentava os mesmos caracteres da identidade brasileira, entronizando aquela síntese e aquele caldeamento das diferenças – sociais e econômicas, políticas e culturais – próprias do país. Com o seu grande crescimento na década de 1930, o clube passava a ser um dos componentes da brasilidade, incorporando as idéias de tradição, de patrimônio e de instituição nacional e reconhecendo-se na própria representação que fazia do país. Sendo capaz de plasmar a diversidade de características da nação e de condensar, inclusive, os seus pólos mais antagônicos, o Flamengo afigurava-se para José Lins do Rego como uma "comunidade democrática", como um "clube cordial"[43]. Escrevendo no período que se seguia ao fim da ditadura do

---

[41] FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d.

[42] Cf. REGO, J. L. do. "O Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1945, p. 3. Deve-se destacar também que, em várias crônicas, a menção à *brasilidade* do Flamengo seria repetida por José Lins do Rego, como no trecho desta: "Se há um clube nacional, este será o Flamengo, criação do mais legítimo espírito de brasilidade. Flamengos são brasileiros de todas as cores, de todas as classes, de todas as posições. Flamengo é o sr. Eurico Gaspar Dutra, é o Sr. Nereu Ramos, é o Sr. Juraci Magalhães, é o meu rapaz do jornal, é o meu apanhador de bolas no tênis, é o Grande Otelo, é o pintor Portinari, é o Brasil de todos os partidos." Cf. REGO, J. L. do. "O Flamengo merece muito mais". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 65. A crônica é de 21 de setembro de 1946. 'Vai na Bola' era o apelido de Alfredo Pinto, torcedor lendário do Flamengo durante os anos de 1920 e 1930, conhecido por apanhar diversas vezes em campos adversários, seja em Madureira, seja em São Cristóvão, seja no estádio do América, indo parar freqüentemente no Pronto Socorro. Segundo Mário Filho, foi o goleiro do Flamengo, Yustrich, quem cunhou o apelido em função do torcedor passar os treinos e os jogos inteiros gritando para os jogadores do seu time a interjeição: "– Vai na bola!". Ainda segundo Mário Filho, foi José Lins do Rego quem sugeriu o nome de 'Vai na Bola' para entrar em campo com a equipe do Flamengo batendo com os pratos de metal, o que valeu a eterna gratidão do torcedor para com o escritor paraibano. Cf. FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 338.

[43] Na crônica *A sucessão no Flamengo*, assim como em diversas outras crônicas, José Lins do Rego assim se refere ao que considerava ser o caráter essencialmente anti-ditatorial do seu clube:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Estado Novo, José Lins do Rego trazia para a crônica esportiva uma problemática que já ocupava boa parte da reflexão de escritores e de autores do pensamento social brasileiro quanto à definição da nacionalidade e que fazia o romancista paraibano aproximar-se ainda mais das concepções sociológicas de seu amigo Gilberto Freyre. Isto pode ser exemplificado com mais clareza numa crônica aparentemente despretensiosa de José Lins do Rego, intitulada *Os sírios e o Flamengo*, onde se encontra implícita a idéia de assimilação e de identificação do elemento estrangeiro – tema já trabalhado por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* e em *Sobrados & Mucambos* –, ao elemento nacional, no caso o clube carioca:

> "Outro dia em companhia de um amigo andei pela rua da Alfândega e, por onde passava, havia para nós dois (o meu amigo é íntimo da gente da grande via comercial) um alegre sorriso de camaradagem. Fora na segunda-feira, após o último Fla-Flu.
> O meu amigo então me informou:
> – 'Sabe você a razão de tanta alegria? Os sírios estão em festa pela vitória de ontem. São quase todos Flamengo'.
> E depois me explicou:

"Somos uma comunidade democrática. Não topamos os ditadores e não nos agradam os que gritam e dão murros na mesa. O clube é cordial. E isto é tudo." Note-se também como o autor atribui ao Flamengo a idéia da cordialidade, termo polêmico na discussão em torno da definição da identidade nacional, desde que o escritor Ribeiro Couto cunhou a expressão *homem cordial* para caracterizar o brasileiro. Na citação de José Lins do Rego, o termo parece aproximar-se menos do sentido empregado por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* do que da idéia desenvolvida pelo escritor Cassiano Ricardo em resposta ao historiador paulista. Enquanto para Cassiano Ricardo a idéia da cordialidade remete exclusivamente ao terreno das relações amistosas, fraternais e bondosas, para Sérgio Buarque de Holanda o termo *homem cordial* se refere não a comportamentos eivados de juízos de valor, mas aos indivíduos cujas ações se orientam a partir da esfera do íntimo, do familiar e do privado, privilegiando aquilo que provém antes da emoção que da razão, antes do coração que do cérebro. José Lins do Rego, antes mesmo da crônica *A sucessão no Flamengo*, já havia citado o "homem cordial" de Ribeiro Couto e explanado o que entende por cordialidade esportiva: decência no tratamento com os adversários, educação, senso de justiça, companheirismo e amizade. Cf. REGO, J. L. do. "O nosso Gallotti". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1947, p. 3. Cf. Id. "A sucessão no Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1950, p. 5. Cf. HOLANDA, S. B. de. "O homem cordial". In: **op. cit.**, 106 e 107. Cf. RICARDO, C. **O homem cordial e outros pequenos estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: INL, 1959. Sobre a discussão em torno da cordialidade, ver um oportuno ensaio de Oswald de Andrade. Cf. ANDRADE, O. de. "Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial". In: **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Para uma reflexão densa da questão da representação da cordialidade na cultura brasileira, ver a obra de João Cezar de Castro Rocha. Cf. ROCHA, J. C. de C. **Literatura e cordialidade – o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> 'Há, na colônia síria daqui, uma verdadeira paixão rubro-negra. Quando foi do tempo da A.M.E.A., o *Sírio-Libanês* só contou com o Flamengo para a sua permanência como clube de *football*'.
>
> Aquela explicação era pouca para caracterizar as simpatias rubro-negras daqueles homens simples e bons. Eu, no entanto, compreendo a paixão daqueles morenos e aguerridos orientais, pela identidade de espírito que nos liga. Um sírio é assim como um *flamengo*. Um sujeito capaz de dar tudo pelas suas campanhas. É gente que não se entrega, vai até o fim da luta, disposto a vencer. Um sírio nunca é um desertor. É, pelo contrário, um combatente de vanguarda. É assim bem um torcida do Flamengo, o que resiste às derrotas de criar bicho porque tem a certeza que terminará com o campeonato no papo. Tenha a certeza que um sírio não rasga a carteira."[44]

Mais do que uma empatia ocasional, como queria o amigo anônimo da crônica, era a concepção de plasticidade freyreana o fator que explicava essa curiosa adesão e essa identidade de espírito de boa parcela da colônia árabe ao futebol e à "universalidade brasileira"[45] da equipe do Flamengo. Em vista disso, além de coincidir com a obra de Mário Filho, José Lins do Rego remetia a discussão em torno das identidades clubísticas às influências do pensamento de Gilberto Freyre. O futebol e, no caso de José Lins do Rego, um específico clube, era justaposto assim a toda uma tradição intelectual brasileira que buscava perquirir – ao mesmo tempo em que erigir – os símbolos próprios da identidade nacional em todas as esferas da vida social e cultural.

---

[44] Cf. REGO, J. L. do. "Os sírios e o Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945, p. 3. A A.M.E.A. era o nome da "Associação Metropolitana para o Esporte Amador", fundada em 1924, um ano após o Vasco da Gama ter sido campeão com um time formado por um expressivo número de atletas negros, mulatos e que trabalhavam como motorneiros, balconistas e operários. Alijando o Vasco, sua criação tinha, por conseguinte, o objetivo claro de manter a estrutura hierárquica e amadora no esporte, formada majoritariamente por jogadores oriundos das elites. O Vasco da Gama, mesmo assim, continuou jogando na Liga Metropolitana, o que gerou a disputa de dois campeonatos cariocas simultâneos. Mas a vitória do campeonato carioca pelo São Cristóvão em 1926 e pelo Bangu em 1933, ambos clubes de origem popular, pressionou o fim do amadorismo e pôs por terra as pretensões dos criadores da A.M.E.A. Ainda assim até 1937 a implementação do profissionalismo afigurou-se um tema muito polêmico. Cf. FERNANDES, L. **op. cit.**, p. 12 e 13. Cf. também LEVER, J. **op. cit.**, p. 10

[45] Apud COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 324.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

O ponto que entretanto passara despercebido a José Lins do Rego – embora não a Mário Filho – em suas odes e em seus panegíricos ao Flamengo era a influência decisiva dos meios de comunicação no processo de massificação do futebol e do próprio clube. Além do jornal, o rádio e suas transmissões esportivas constituíam um outro elemento-chave na difusão dos clubes do Rio de Janeiro e, em particular, do Flamengo, em todo país. O exemplo irreverente de Ary Barroso, que nas locuções esportivas da Rádio Tupi valia-se do recurso à gaitinha para anunciar um gol do seu time preferido, era uma das inúmeras e sutis estratégias de propagação nacional do futebol e do Flamengo à época.

Ademais, passava despercebido também a José Lins do Rego que o fenômeno do futebol no Brasil articulava-se ainda, e em um nível bem mais amplo, à discussão sobre o advento da cultura de massas e da indústria cultural na virada da década de 1930 para a década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a presença de uma política cultural norte-americana para o país e para a América Latina como um todo se mostrava mais intensa, com a visita, por exemplo, do mega produtor Walt Disney[46] e do cineasta Orson Welles[47] ao Rio de Janeiro, e com a ida da cantora e atriz Carmem Miranda para os Estados

[46] Depois de filmar o premiadíssimo *Fantasia* (1940), Walt Disney veio em visita ao Brasil no ano de 1941 com vistas, entre outros motivos, como o pan-americanismo e a penetração cultural norte-americana no país, à criação de um personagem tipicamente brasileiro. Walt Disney, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, foi ciceroneado pelo sambista Paulo da Portela, que inclusive levou-o à sede da tradicional escola de Oswaldo Cruz, no dia 24 de agosto de 1941, tendo-o apresentado aos seus jovens compositores, como Alvaiade, Manacéia e Chico Santana. Já o personagem infantil criado por Walt Disney a partir desta visita, o papagaio Zé Carioca, foi inserido no desenho animado do seu filme seguinte, *Alô amigos* (1942), onde protagoniza a figura do malandro carioca que recebe Pato Donald, símbolo hollywoodiano do cidadão comum norte-americano. Sobre a visita de Walt Disney ao Rio de Janeiro, ver a obra do geógrafo Nélson da Nóbrega Fernandes e do pesquisador Nei Lopes. Ver também um ensaio do próprio José Lins do Rego. Cf. FERNANDES, N. da. N. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas; Arquivo Geral da Cidade, 2001, p. 117. Cf. também LOPES, N. **op. cit.**, p. 112. Cf. ainda REGO, J. L. do "Walt Disney". In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

[47] Orson Welles veio ao Brasil em 1942 para fazer inicialmente um filme sobre o carnaval carioca, dentro da "política de boa vizinhança" preconizada pelo governo norte-americano. Por uma série de razões, como o próprio desentendimento entre o cineasta e o governo dos Estados Unidos, o filme acabou não sendo completamente realizado. Sabe-se que Orson Welles ampliou o projeto temático do filme, decidindo documentar a viagem de um grupo de jangadeiros do Ceará que navegou durante mais de um mês pela costa litorânea brasileira com destino ao Rio de Janeiro, a fim de reivindicar do ditador Getúlio Vargas a sindicalização de pescadores e trabalhadores rurais de sua região. Os fragmentos esparsos que testemunham a visita e o filme inacabado de Orson Welles foram reunidos na década de 1990 no documentário *É tudo verdade*. Vale lembrar também que José Lins do Rego registrou em um ensaio o *raid* destes jangadeiros filmados por Orson Welles e que Vinícius de Moraes, por sua vez, relatou em artigos a visita do cineasta norte-americano ao país. Cf. REGO, J. L. do. "Os jangadeiros". In: **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. Cf. MORAES, V. "Orson Welles no Brasil". In: **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

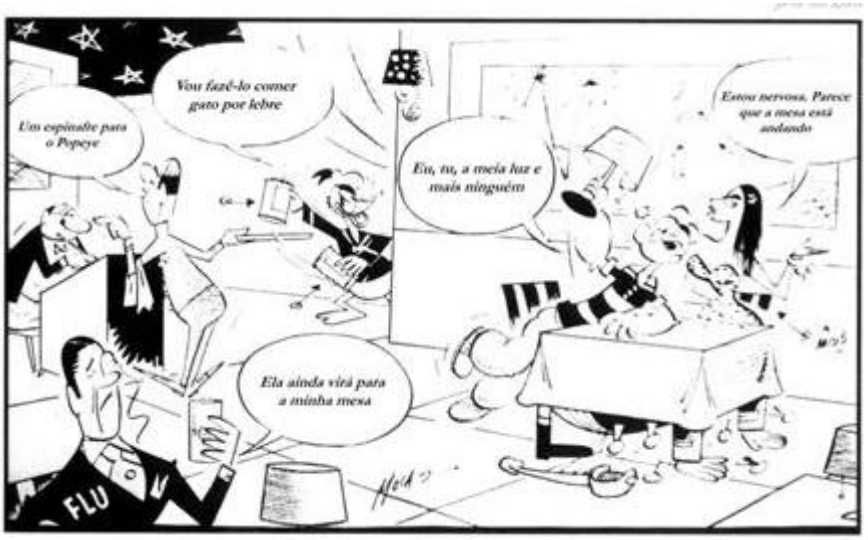
Unidos. Assim, o futebol ia sendo massificado também ao absorver linguagens oriundas não só do universo esportivo como em boa medida do cinema e das revistas em quadrinhos. As páginas esportivas dos principais jornais do país, como era o caso do *Jornal dos Sports*, passavam a ser povoadas por personagens como o Pato Donald e o Marinheiro Popeye, com seus motivos temáticos ficcionais – ora lúdicos, ora bélicos – próprios do mundo infanto-juvenil, e que a princípio pareciam tão estranhos aos clubes de futebol.

Ao completar 50 anos, pois, os clubes viam-se referidos também a um outro sistema de representação simbólica, que procurava animar e dar um colorido especial às marcas de origem e às imagens relacionadas à fundação daquelas agremiações. Com a influência das artes gráficas e da indústria cultural, as caricaturas e as histórias dos famosos gibis inseriam o futebol dentro da discussão sobre a sociedade de consumo e a cultura do entretenimento, apontando seus significados para dimensões importantes na construção do imaginário clubístico do torcedor. Os meios de comunicação cumpriam um papel decisivo nesse sentido, dando novos contornos e trazendo novos elementos para pensar o debate em torno da nacionalidade e dos clubes como comunidades imaginadas. São estas representações semióticas e ideológicas atribuídas aos clubes de futebol – e o modo como elas aparecem nas crônicas esportivas de José Lins do Rego – que merecem, agora, ser sucintamente descritas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

3.2 De naus, almirantes e marinheiros

A presença das histórias em quadrinhos nas representações dos clubes cariocas e na criação de personagens do universo esportivo, muito embora estivesse relacionada à emergência da indústria cultural, dos *comics* e dos *cartoons* norte-americanos, tinha como responsável um autor que provinha de outro país sul-americano: a Argentina. Contratado por Mário Filho para ilustrar aquele que se auto-intitulava "o matutino esportivo de maior circulação na América do Sul" – o *Jornal dos Sports* –, o cartunista argentino Lorenzo Molas cria nos anos de 1940 aqueles que seriam os símbolos dos principais clubes do Rio de Janeiro: o Marinheiro Popeye (Flamengo), o Almirante (Vasco da Gama),



Charges de Molas nos anos de 1940 e 1950
(fonte: Jornal dos Sports)[48]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

o Cartola (Fluminense), o Pato Donald (Botafogo) e o Diabo (América)[49]. Além dos clubes grandes, os times pequenos também eram retratados por Lorenzo Molas, como *Seu* Leopoldino (Bonsucesso), o Anjo (São Cristóvão) e os índios *Bariris* (Olaria). Estes símbolos perdurariam até a década de 1960, quando o chargista Henfil, contratado para o *Jornal dos Sports* em 1967 por Joffre Rodrigues[50], os substitui por outros, lançando as caricaturas que são até hoje reconhecidas pelos torcedores, como o Urubu, do Flamengo, e o Bacalhau, do Vasco da Gama[51].

---

[48] A primeira charge foi extraída do Jornal dos Sports, do dia 24 de março de 1946, página 1. A segunda, do dicionário de Leonam Penna. Apud PENNA, L. **op. cit.**, p. 152.

[49] Há uma certa divergência entre os pesquisadores, pois enquanto para Leonam Penna todos estes personagens foram criados por Lorenzo Molas, para Marcos de Castro o "Almirante" e o "Diabo" eram personagens já consagrados pela tradição, popularizados, portanto, antes da vinda do cartunista argentino. Cf. PENNA, L. **op. cit.**, p. 39 e 86. Cf. também REGO, J. L. do. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 145.

[50] Cf. MORAES, D. de. **O rebelde do traço – a vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 82.

[51] Apesar da substituição destes símbolos, até hoje o Marinheiro Popeye aparece lembrado em uma bandeira da Torcida Jovem do Flamengo, que o associa a um jogador de basquete. Até hoje também o Cartola do Fluminense aparece lembrado em camisas da Torcida Young-Flu. As torcidas organizadas de futebol, ao longo de sua existência, a partir de fins da década de 1960, criaram uma gama variada de símbolos para caracterizar o clube e a si mesmas. Nos dias de hoje, principalmente, estas caracterizações estão ligadas ao imaginário da violência e do terror, num compósito de representações que vai de um Tanque de Guerra (Torcida Jovem do Flamengo) a uma Caveira (Torcida Jovem do Botafogo); de Eddie, símbolo da banda de heavy-metal inglesa *Iron Maiden* (Força Jovem do Vasco), a Jason, personagem do filme norte-americano *Sexta-feira 13* (Raça Rubro-Negra); de líderes guerrilheiros latino-americanos, como Che Guevara e Fidel Castro (Torcida Jovem do Flamengo), a líderes políticos do Oriente Médio, como Sadam Hussein e o Aiatolá Komeini (Torcida Jovem do Flamengo). Isso sem contar as até certo ponto paradoxais referências a figuras religiosas do catolicismo, como Jesus Cristo (Raça Rubro-Negra) e o papa João Paulo II (Torcida Young-Flu). Pode-se dizer ainda que muitos dos símbolos das torcidas organizadas provêm também das histórias em quadrinhos. Em 1999, a maior torcida organizada do Flamengo, a Raça Rubro-Negra, adotou como mascote o *Máscara*, famoso personagem das revistas em quadrinhos norte-americanas. Um homem fantasiado de *Máscara* aparecia antes dos jogos, no meio da torcida, sendo logo seguido e embalado por um coro que exaltava o seu nome em ritmo de batida *funk*. A adoção do *Máscara* era, em verdade, uma resposta à torcida Força Jovem do Vasco que, meses antes, havia adotado como símbolo e mascote *Mr. M.*, o mágico norte-americano que a Rede Globo de Televisão divulgara no Brasil durante aquele período, em seu programa dominical *Fantástico*, fato que sublinha uma vez mais a importância de uma análise sobre o processo de construção da relação entre os torcedores e os meios de comunicação, seja o jornal, o rádio ou, nos dias de hoje, a televisão. A partir da leitura da obra do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, *Torcidas organizadas de futebol*, pode-se confirmar a existência de uma relação entre os símbolos das torcidas e o universo imaginário das histórias em quadrinhos. Lançando mão de exemplos como o da torcida organizada do Palmeiras *Mancha Verde*, cujo símbolo é o *Mancha*, um vilão que nos quadrinhos persegue o herói *Mickey Mouse*, e o da torcida organizada do Corinthians *Pavilhão Nove*, cujo símbolo são os *Irmãos Metralhas*, o antropólogo refere-se às dimensões super-humanas, animais e mágicas cultivadas como virtudes por tais agremiações de torcedores. Cf. TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 52.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A criação de personagens como o Marinheiro Popeye e o Pato Donald por parte do cartunista argentino estava, é claro, referida à sua adaptação no universo do jornalismo esportivo brasileiro, pois o Marinheiro Popeye é, em verdade, de autoria do norte-americano Elzie Segar (1929), e o Pato Donald, de autoria de Walt Disney (1938)[52]. Também não se pode afirmar que esta adaptação de personagens das HQs dos Estados Unidos fosse algo inédito no Brasil, pois desde 1905 a revista *O Tico-Tico* já integrava figuras como o *Mickey Mouse*, o *Pato Donald* e o *Gato Felix* ao consumo infanto-juvenil. A proliferação deste gênero de histórias cômicas e de histórias de aventuras se daria efetivamente nas décadas de 1930 e 1940, quando se generaliza um sem número de álbuns, almanaques, tiras diárias e suplementos dominicais nos jornais brasileiros[53].

Nas charges do cartunista argentino, todos os clubes cortejavam a *Miss Campeonato* (ver as duas charges reproduzidas acima), personagem feminina que fundia o modelo de mulher da época e o título esportivo do ano, insinuando uma associação que seria muito explorada no imaginário esportivo, entre futebol e erotismo, entre conquista e afirmação da masculinidade. E já no final de 1945 o *Jornal dos Sports* anunciaria o lançamento de um álbum de charges dedicado à musa mais cobiçada dos clubes cariocas. No ano em que o Vasco da Gama sagra-se campeão carioca, a crônica de José Lins do Rego assim definia a personagem *Miss Campeonato*: "Foi adorada pelo Popeye. Fascinou o Cartola. Teve amores com o Diabo e acabou casando-se com o Almirante."[54]

Os clubes eram, pois, representados da mesma forma que um ser real, dotado de caráter e personalidade, sendo sua vida formada por alegrias e tristezas, êxitos e frustrações, glórias e infortúnios. Os atributos concedidos a cada personagem davam bem a medida dos valores que se gostariam de imputar a cada

[52] O Marinheiro Popeye pode ser considerado como um dos precursores da galeria de super-heróis que viriam a despontar na virada da década de 1930 para a de 1940 nos Estados Unidos, com as figuras do Super-Homem (1938), do Batman (1939), do Capitão Marvel (1939) e do Capitão América (1941). Cf. MOYA, A. de. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986. Para um exame do significado da figura do *Superman* na sociedade norte-americana, ver o ensaio de Umberto Eco, escrito em 1962. Cf. ECO, U. "O mito do *Superman*". In: **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, s.d. Para uma visão crítica do conteúdo ideológico presente nas histórias em quadrinhos da Walt Disney, em especial a apologia argentária do consumo e a plutocracia personificada na figura do Tio Patinhas, ver o livro dos chilenos Ariel Dorfman e Armand Mattelart. Cf. DORFMAN, A.; MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

[53] Cf. ANSELMO, Z. A. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 16 e 17.

[54] Cf. REGO, J. L. do. "Conversa de Molas". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 19 de março de 1945, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

clube, seja a fibra do Popeye ou a grã-finagem do Cartola, a solércia do Almirante ou o mau-humor do Pato ("o marreco aluado"), muito embora estes traços psicológicos variassem nas crônicas de José Lins do Rego conforme os jogos e as suas situações. O vínculo entre as charges e os times é de tal ordem que chega a ser difícil discernir ficção de realidade.

A crônica *O pato feliz*, por exemplo, alusão a uma conversa entre José Lins do Rego e um torcedor do Botafogo, indica bem este aspecto de indeterminação entre o elemento real e o ficcional na caracterização de um clube como personagem:

> "Fui outro dia a uma festinha de família, e lá encontrei a criatura mais eufórica do mundo: o nosso caro Pato Donald, na mais absoluta alegria, de penas em muda completa. Então, em tempos vividos como os que estamos vivendo, foi-me um regalo escutar as satisfações do Pato, todo ancho, todo seguro de que para este ano não há mais graça: o campeonato é do Botafogo. Mas tudo estaria muito bem, estaria mesmo na realidade do comportamento psicológico do pato, se não fosse a piedade de que está possuído ele em relação ao Flamengo. Quis animar o 'raivoso' e convencer-lhe de que não estava na última lona o marinheiro Popeye.
>
> Para não ser uma criatura inteiramente feliz havia, para Donald, as desgraças do Flamengo.
>
> Agradeci todos os cuidados do amigo Pato mas, embora não estivesse autorizado pelo camarada Popeye, fui franco com o eufórico.
>
> Caro Pato, disse-lhe: você cuide de suas telhas de vidro que nós cuidamos das nossas. Porque muita chuva de pedra ainda vem aí."[55]

Mas este tipo de caracterização dos clubes já se encontrava presente não só nas caricaturas de Lorenzo Molas, como também na obra de Mário Filho. Este os concebia tendo como base a idéia do ciclo biológico de infância-mocidade-

[55] Cf. REGO, J. L. do. "O pato feliz". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1948, p. 5.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

maturidade e de estereótipos clássicos de comportamento e de temperamento, com vistas a uma nítida diferenciação entre os clubes cariocas. Sobre o mesmo Botafogo, Mário Filho assim se referia na crônica *O clube da capa-e-espada*:

> "O único clube rapaz é o Botafogo. Explica-se: foi o único clube que nasceu rapaz. Os outros, pelo menos, procuraram nascer homens. Já o Botafogo teve a preocupação de ser o oposto do Fluminense, que era o homem-feito. O Fluminense foi um clube que não surgiu assim, de um repente. Com o time formado, com tudo o que seria ele, demorou um ano. Surgiu depois de muito estudado, de muito pensado. O Botafogo, pelo contrário, só precisou de uma apresentação no Fluminense para virar clube. É um detalhe que não deve ser esquecido por quem tentar compreender o Botafogo. Os rapazes que não pensavam em fundar clube algum foram levados ao campo do Fluminense para serem do Fluminense. Diante do Fluminense, eles se sentiram, logo e logo, Botafogo."[56]

Ao lado da personificação dos clubes, a ficcionalização das partidas de futebol era um outro dado oriundo das charges de Lorenzo Molas. O recurso à linguagem figurada, às metáforas e às alegorias passava a ter uma presença significativa nas crônicas esportivas de José Lins do Rego. Elas pareciam complementar e se coadunar no plano do texto escrito àquilo que o cartunista argentino fazia no plano da comunicação visual, corroborando-se a idéia de que se vivia em um período anunciador do predomínio da imagem sobre a escrita. Se os anos de 1930 eram considerados por excelência os anos da Era do Rádio, pode-se notar como, nas décadas de 1940 e 1950, o áudio (rádio) e o linotipo (jornal) seriam cada vez mais absorvidos, subordinados e colocados de maneira subsidiária à linguagem imagética, que compreendia a fotografia, as histórias em quadrinhos, os desenhos animados, o cinema e, a partir da segunda metade do século XX, a televisão. Assim, a utilização da linguagem da crônica esportiva

[56] Cf. FILHO, M. "O clube da capa-e-espada". In: **O sapo de Arubinha – os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 74.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

num plano ficcional atendia a este crescente imperativo do elemento gráfico-visual na imprensa moderna.

E dentre os recursos lingüísticos utilizados por José Lins do Rego, um dos que mais se adequavam a uma ficcionalização das partidas eram as analogias entre o jogo e a guerra[57]. Pode-se dizer que estas analogias eram já antigas e recorrentes na linguagem esportiva, pela importância que assumiam desde os primórdios do futebol expressões táticas como atacar, defender e contra-atacar; avançar e recuar; guarnecer e desguarnecer a cancha ou a meta. A própria palavra *peleja*, que significa combate, luta, batalha, e que era muita usada à época para denominar uma partida de futebol, mostra bem a ambivalência da linguagem esportiva no tocante à linguagem das estratégias bélicas e militares. Segundo a socióloga norte-americana Janet Lever, uma espécie de *brasilianista* do futebol, "o esporte é um arremedo de guerra"[58].

Porém, o mais impressionante era perceber em que grau essa temática se incorporara à narrativa das crônicas de José Lins do Rego, possibilitando a sublimação da tensão e do potencial agonístico, para além do marcial, latente nos jogos[59]. Nestas crônicas, suspendiam-se os compromissos mais imediatos de José Lins do Rego com a verossimilhança ou com o simples relato de uma partida, para se reportar a uma descrição alegórica em que o campo de futebol havia se transformado em um campo de batalha. Em *Vascaínos e tricolores*, o cronista apresenta as características daqueles que seriam os dois principais "inimigos" do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[57] Evoque-se aqui um lema do grupo *Dragões Negros*: "Se vis pacem, para bellum" ("Se queres paz, prepara-te para a guerra") Apud CABRAL, S. **No tempo de Ari Barroso**. Rio de Janeiro: Lumiar, s.d., p. 294. Segundo o jornalista Sérgio Cabral, este lema era recitado em latim pelos componentes dos *Dragões Negros* nos almoços diários da Confeitaria Colombo. Encontramos também esta citação em latim na obra de João Antero de Carvalho. Cf. CARVALHO, J. A. de. **op. cit**., p. 158. É importante não confundir os *Dragões Negros* com a torcida organizada existente nos dias de hoje, *Dragões Rubro-Negros*, fundada em 1977 por Ernesto Escovino e José Vaz, dissidentes por sua vez da *Charanga rubro-negra*, de 1942, que, tendo à frente o legendário torcedor Jaime de Carvalho, é considerada uma das primeiras torcidas de futebol não só do Flamengo e do Rio de Janeiro, mas de todo o Brasil. Cf. COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990, p. 79 e 344.

[58] Cf. LEVER, J. **op. cit.**, p. 52.

[59] Em certa crônica, José Lins do Rego assim se refere: "E *football* não é somente saber jogar, é saber brigar com unhas e dentes." Cf. REGO, J. L. do. "As sombras da invencível armada." In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 04 de julho de 1950, p. 5. Em outra crônica, o autor assim se expressa: "Se queriam acabar comigo somente porque defendo os interesses do meu clube e por ele me bato em campo aberto, então vamos para as caatingas nordestinas e passemos às vinditas sertanejas, com o rifle e o punhal, com códigos de selvagens e botocudos". Cf. Id. "É demais". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 132. A crônica é de 30 de agosto de 1951.

Flamengo. O perfil de cada equipe, assim, se traduzia nos termos mais gerais de uma estratégia de guerra e no sentido mais instintivo de proteção ao território:

> "Sou cioso do meu clube como de minha família. O Flamengo para mim mais vale do que um clube de *football*. É um território como a minha Paraíba. Por isto quando vejo mouros na costa, me acirro em posição de aguerrida defesa. Sei que temos inimigos poderosos. Sei que os mouros não nos deixam em calmaria. Portanto, estarei sempre na estocada, pronto para as investidas. Temos inimigos e inimigos. Há o Vasco. Mas o almirante então age debaixo de sete capas. É inimigo de campo raso. Há o Fluminense. Este possui manhas perigosas. Usa a cabeça mais do que os braços e sabe lutar em escarpas de montanhas. As suas táticas são de tratados. Devemos ter muito mais cuidado com um tricolor do que com um vascaíno. Acredito que os tempos não são fáceis para nós outros. O Fluminense domina a CBD. Para tanto Mário Pólo operou com a sabedoria de Ulisses e derrubou a todos os troianos. Quando abrimos os olhos (...ilegível). Coisas de Ulisses: um vascaíno (...ilegível) não agiria assim. As táticas de almirante são de abordagem. Espada a espada, trabuco a trabuco. Nada de emboscadas meticulosas. Mas nós conhecemos vascaínos e tricolores."[60]

Mais do que conflitos em "campo raso" ou em "escarpas de montanha", o mar, com suas "ilhas"[61] e "abrolhos"[62], era o espaço preferido por José Lins do Rego para narrar as partidas de futebol. A referência ao Vasco como o Almirante e ao Flamengo como o Marinheiro contribuía também para que a alusão aos jogos se desse sob a atmosfera marítima, sendo protagonizada por estes dois personagens que dispunham imaginariamente de naus e bombas, tanques e caravelas, esquadras e mestres de navegação. Além da já mencionada alegoria

[60] Cf. REGO, J. L. do. "Vascaínos e tricolores ". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de março de 1957, p. 13.
[61] Cf. Id. "As ilhas e o continente". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1957, p. 5.
[62] Cf. Id. "O campeonato". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1947, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

econômica que opunha Fluminense (opulento, rico e nobre) e Flamengo (reles, simples e pobre), o contraste simbólico-hierárquico entre a frota do Almirante – superior – e a tropa do Marinheiro – inferior – favorecia também uma conexão direta entre Vasco e Flamengo como, respectivamente, clube colonizador e clube plebeu, clube opressor e clube oprimido. Nestas ocasiões, dramatizava-se igualmente um certo embate de fundo histórico:

> "Na noite de ontem a invencível armada perdeu uma nau em más condições. A batalha se feriu em mar calmo, e a nau capitânea nem pôde perceber a sua unidade que fora a pique, como um veleiro desarmado. Popeye, o marinheiro de todos os mares, mandara os seus meninos para o serviço em regra. E tudo foi feito como em matança de inocentes. O orgulhoso Almirante de longas bigodeiras e de relógio pataco na algibeira não teve tempo de ensinar manobra nenhuma. Num abrir e fechar de olhos, tudo se consumira. E vi Popeye, às gargalhadas, naquele seu deboche de marítimo atrevido. Dizem que os moços de bordo do almirante enfiaram para um canto. Já havia ração dobrada para a marujada. É pena, porque o Almirante gosta mesmo de festa, e já tinha uma dúzia de faixas com todos os arrebiques para o delírio do foguetório."[63]

É possível dizer que as dicotomias que rotulavam os clubes como colonizador e colonizado, herói e vilão, bárbaro e civilizado, nativo e forasteiro, senhor e vassalo, tão bem adequadas ao tipo de linguagem maniqueísta das histórias em quadrinhos, se estendiam para além dos estereótipos construídos acerca de Vasco e Flamengo. José Lins do Rego o fazia também confrontando as grandes equipes, como o Vasco, o Flamengo e o Botafogo, às pequenas equipes do Bonsucesso e do Olaria. Se *Seu Leopoldino* (Bonsucesso) já pegara o Pato (Botafogo) pelo bico, num 3 x 0 incontestável[64], a pequena equipe do Olaria, na época conhecida ficcionalmente como a dos índios antropófagos, muito temidos

[63] Cf. REGO, J. L. do. "Nau a pique". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1945, p. 3.
[64] Cf. Id. "Uma tarde para o Bonsucesso". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1947, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

quando jogavam em seu estádio, a "Taba dos Bariris", devorara certa feita o poderoso Almirante. Na clássica oposição entre as naus portuguesas e as pirogas[65] dos índios *bariris,* há de se ressaltar mais uma vez a força dos mitos de fundação no imaginário clubístico do período, que se confundiam, ainda que de uma maneira bem remota e diluída, com as imagens mais genéricas dos mitos de fundação do próprio país:

> "Os índios bariris começaram a sua série de sacrifícios antropofágicos, devorando, em banquetes de rito sagrado, as esperanças do Flamengo e do Botafogo. Quando o Popeye caíra vencido, muito bem vencido, houve quem só visse a fraqueza do marinheiro boêmio. Mas, no outro domingo, o esquadrão poderoso do Botafogo, com todos os seus valores, com as táticas e engenhos de um técnico que vale um exército, era devorado pela fome dos índios com o diabo no corpo. Dizem, porém, que o velho Almirante de tantas glórias em inflação, já convocou os seus casacas, os seus corvos, os seus moços de bordo, para botar para correr a fúria selvagem dos terríveis bariris."[66]

Sabe-se da importância que ocupa a figura do índio na composição de uma tradicional imagem da cultura brasileira, ao lado da figura do europeu e do africano. Ser autóctone, mito de fundação, os índios foram ao longo do processo histórico de formação da sociedade brasileira objetos das mais diferentes versões e apropriações. Na crônica acima citada, fica explícita a associação do índio a comportamentos ditos primitivos e selvagens, como a prática do canibalismo. Mas nas crônicas esportivas de José Lins do Rego também é possível detectar uma

[65] Na crônica *O team do Vasco*, em seu terceiro parágrafo, José Lins do Rego contraponteia as naus do Almirante às pirogas dos índios *bariris*: "Vence o Almirante as mais poderosas esquadras em batalha de afundar nau capitânea e tudo mais. E quando menos se espera deixa-se abater pela fragilidade de verdadeiras pirogas de índios." Cf. Id. "O team do Vasco". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1946, p. 3.

[66] Cf. REGO, J. L. do. "Os bariris e o Almirante". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1947, p. 5. Sobre a designação de *bariris*, Leonam Penna esclarece: "Nome dado aos jogadores do Olaria Atlético Clube, devido a seu estádio ser situado na rua Bariri. Apesar de a crônica esportiva apelidar assim aos olarienses, chamando, às vezes, o estádio do Olaria de 'Taba dos Bariris', convém notar que o nome Bariri significa 'corrente veloz da água dos rios, em trecho de sensível desnível (corredeira)', não havendo qualquer tribo indígena com tal nome." Cf. PENNA, L. **op. cit.**, p. 54.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

certa visão romântica, glorificadora do indígena como herói, a quem são atribuídos os valores de honra, bravura e coragem, e que seria capaz de encarnar, com sua "fibra indômita"[67], os sacrifícios e as esperanças de seu povo e de sua nação (no caso, de seu clube). Era através desta leitura que José Lins do Rego esboçava o drama da derrota de um jogador, o *índio* Biguá, cujo infortúnio era recontado sob atmosfera trágica. Agora não era apenas o clube que assistia a um processo de personificação. O próprio atleta também era romantizado e elevado à categoria de herói esportivo:

> "Todo o estádio viu-o cair fulminado, como se uma bala o tivesse atingido no coração.
> Todos os rubro-negros sentiram aquela dor imensa que prostrava o seu maior herói, naquela tarde de sombra e neblina.
> Era o índio Biguá vítima de uma cilada do destino cruel. Vi a sua dor na fúria com que se encheu para redimir com um gol aquele outro que derrotara sua equipe.
> Vi-o de cabeça baixa no vestiário, e lhe teria dito, com toda a minha paixão de flamengo traído pela chance: 'Nada de cabeça baixa, índio bravo, se há no Flamengo quem possa andar de cabeça levantada és tu, esteio de nossas vitórias.'
> Depois vi-o nos braços do povo, carregado pelos fãs, a correr lágrimas dos seus olhos. Então eu me lembrei das palavras do pajé de Gonçalves Dias ao filho:
>
> 'Não chores meu filho
> Não chores que a vida
> É luta renhida
> Viver é lutar.
> A vida é combate
> Que aos fracos abate
> Que aos bravos e aos fortes
> Só pode exaltar.'

[67] Cf. REGO, J. L. do. "Não estamos mortos". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1952, p. 5.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> Índio Biguá, de tuas pernas de bronze e de tua coragem de leão muito espera o Flamengo, que não se entrega nunca."[68]

Já vimos que, se a difusão dessas representações e dessas dramatizações dos clubes nas crônicas esportivas era proporcionada pela popularização das charges de Lorenzo Molas e suas congêneres em escala nacional, utilizando-se de tipos caricaturais como o almirante português, o índio selvagem ou o marinheiro boêmio, esta popularização por sua vez era ensejada pelo êxito que já haviam atingido as histórias em quadrinhos norte-americanas no plano internacional. A aceitação do público leitor dos periódicos esportivos da visão de mundo presente na linguagem dos aparentemente inocentes personagens do mundo infanto-juvenil indicava em que medida esta assimilação tinha se processado no Brasil durante a década de 1940. O que salta aos olhos neste contexto é a receptividade irrestrita e até o entusiasmo de um escritor como José Lins do Rego acerca da influência de um típico fenômeno da cultura de massas no futebol brasileiro[69].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[68] Cf. REGO, J. L. do. "O bravo Biguá". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 43 e 44. A crônica é de 18 de setembro de 1945. Segundo o jornalista Marcos de Castro, o poema de Gonçalves Dias, *Canção do Tamoio*, citado de memória por José Lins do Rego, vem com um pequeno erro de redação no sexto e no sétimo verso: "Que os fracos abate,/Que os fortes, os bravos,". É provável que o episódio inspirador da crônica de José Lins do Rego seja o mesmo de que fala Jaime de Carvalho – criador da primeira agremiação de torcedores do Flamengo, a *Charanga rubro-negra*, em 1942, que esteve à frente da torcida por 28 anos seguidos, até 1970 –, quando relembra a sua tristeza e a de José Lins do Rego diante de uma derrota para o Vasco: "Um 4 a 3, que perdemos para o mesmo Vasco, em São Januário, depois de estar ganhando por 3 a 0. Cheguei ao vestiário desarvorado. O grande José Lins do Rego estava sentado num banco, querendo consolar Biguá e chorando. Chorei também." Apud COUTINHO, E. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Nestlé, 1990, p. 342. Índio também seria a alcunha dada a um outro ídolo do Flamengo, que nos anos de 1950 levaria o Flamengo, com seus gols, ao seu segundo tricampeonato carioca da história, ao lado de Rubens, Evaristo, Benítez, Zagallo, Esquerdinha e Babá. Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 125. Mário Filho também confirma o especial apreço de José Lins do Rego pelo jogador paranaense Biguá, retratando-o igualmente como um índio canibal: "Um dia Biguá come um jogador dentro de campo. Sendo índio – era a impressão do jogador assustado – Biguá bem que poderia ser canibal." Cf. FILHO, M. "História de Biguá". In: **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d., p. 372.

[69] José Lins do Rego destacou-se em seu tempo por ser um escritor com uma vendagem relativamente boa no mercado de livros brasileiros. Talvez por isso a série Edição Maravilhosa, dos anos de 1950, tenha quadrinizado quatro de seus romances, com figuras de André Le Blanc: *Cangaceiros* (nº 84), *Menino de engenho* (nº 100), *Doidinho* (nº 124) e *Pedra bonita* (nº 200). Já a Rio Gráfica e Editora, pertencente ao amigo de José Lins do Rego, o jornalista Roberto Marinho, a quem o autor dedica seu livro de ensaios *Homens, seres e coisas* (1952), foi responsável pela quadrinização de *Eurídice* (nº 9) com desenhos de Gutemberg Monteiro. Em 1959, veio a lume ainda uma esmerada edição de *Menino de engenho*, a cargo da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, com gravuras de Cândido Portinari. Cf. CIRNE, M.; MOYA, A. de. ; D'ASSUNÇÃO, O.; AIZEN, N. (orgs.) **Literatura em quadrinhos no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2002, p. 59 a 66.

Ao pensarmos sobre esse dado até certo ponto intrigante, foi possível perceber em que grau o pensamento de José Lins do Rego se dirigia para um outro horizonte de entendimento da questão, anterior à reflexão sobre o advento da cultura de massas no Brasil. De acordo com a linha de raciocínio do autor, o sucesso das charges esportivas dava-se na proporção em que seus criadores sabiam apropriar-se de elementos primitivos, provenientes de uma matéria-prima universal, desde sempre presentes na superstição e no imaginário popular. Diga-se de passagem que a percepção desta universalidade e desta presença do imaginário popular na vida cultural hodierna pode ser respaldada com base nos estudos de antropólogos contemporâneos, como Roberto DaMatta e Elena Soárez, sobre a vigência do totemismo nos esportes modernos norte-americanos, como é o caso do basquete, no qual os times e as suas respectivas cidades são identificados a uma específica cadeia de animais, como touros (Chicago Bulls), tigres (Detroit Tigers), peixes (Los Angeles Lakers) e gaviões (Atlanta Hawks)[70].

O apego e a afeição dos espectadores de futebol a toda sorte de símbolos, emblemas, insígnias, mascotes, talismãs e totens poderia dever-se, então, a esta predisposição a cultivar certas crendices animistas e a identificar-se com certas figuras icônicas, com certos objetos inanimados ou com certos seres irracionais. Assim, por mais desenvolvido, moderno e racionalizado que fosse o futebol; por mais sofisticados e engenhosos que se tornassem seus produtos; por mais subliminares que fossem suas mensagens, oriundas de uma indústria cultural àquela altura em vias de plena estruturação; por mais que tudo isto se mostrasse dominante, pode-se dizer que a psicologia social do torcedor estaria vinculada a uma maneira arcaica, atávica e arquetípica de comportar-se e de representar-se a si mesmo por meio dos clubes. Talvez por isso o torcedor – maneira pela qual José Lins do Rego aludia ao que considerava o povo em sua acepção mais geral – se filiasse sem grandes restrições a estes símbolos zoomórficos e antropomórficos

[70] Cf. DAMATTA, R.; SOÁREZ, E. **Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 46.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

nos esportes[71], tornando um pouco mais complexa a aplicação da concepção weberiana de um *desencantamento do mundo* no plano esportivo moderno[72].

E, sendo terreno fértil para superstições, o futebol no Brasil já acumulava uma série de lendas em seu anedotário, seja a do *burro* do estádio do Flamengo[73], seja a do *cachorro vira-lata* do campo do Botafogo, seja a do *sapo* do estádio de Vasco. Esta última lenda, de 1936, dizia que Arubinha, um torcedor do modesto clube do Andaraí, inconformado com as sucessivas derrotas de seu time para o Vasco, enterrara um sapo vivo no gramado do estádio de São Januário, rogando a praga de que durante dez anos o time vascaíno não ganharia títulos, profecia que se cumpriu até 1945[74].

Talvez por isso também a indústria cultural, ao invés de ser uma via de mão única, impositiva, imperativa, a dirimir inexoravelmente as manifestações da cultura popular, obtivesse um alcance tão grande, sabendo penetrar no imaginário do agora *torcedor-consumidor* naquilo que ele tinha de mais elementar e estrutural. O próprio Gilberto Freyre, intelectual conhecido por suas posições tradicionalistas e em certo sentido conservadoras, via as histórias em quadrinhos sem maniqueísmos e sem prévios julgamentos de valor, divisando nelas um instrumento da comunicação moderna que pode ser tanto positivo quanto negativo, tanto benéfico quanto maléfico, variando de acordo com sua utilização e com sua apropriação específicas[75]. Deste modo, ao escrever sobre o assunto na revista *O Cruzeiro*, colocava-se a favor do desenvolvimento das HQs nacionais,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[71] Para uma catalogação desses símbolos no futebol brasileiro, ver o livro de Aristides Almeida Rocha. Cf. ROCHA, A. A. **A simbologia animal no esporte**. São Paulo: Scortecci, 2000. Para uma tentativa de análise sócio-antropológica das superstições no futebol, ver um artigo de Jocimar Daolio. Cf. DAOLIO, J. "Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro". In: **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

[72] Sobre a imbricação entre religiosidade e a dinâmica racional de um esporte moderno, como o basquete, ver o artigo de Hugo Lovisolo e Yara Lacerda. Cf. LOVISOLO, H.; LACERDA, Y. "Reencantando as quadras: basquete e espiritualidade". In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23.

[73] O episódio do burro do estádio da Gávea encontra-se narrado por Mário Filho em *Histórias do Flamengo*, no capítulo "O Café". Cf. FILHO, M. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s. d. Cabe advertir que, após uma primeira localização, não conseguimos identificar a página exata em que se encontra descrito tal episódio.

[74] O caso do sapo de Arubinha vem narrado por Mário Filho em uma crônica do seu livro homônimo, organizado por Ruy Castro. Cf. FILHO, M. **O sapo de Arubinha – os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cf. também Id. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 256.

[75] Cf. ANSELMO, Z. A. **op. cit.**, p. 96. Não se deve esquecer que *Casa-Grande & Senzala* também teve uma edição lançada em forma de quadrinhos.

ao mesmo tempo em que via com reservas o abuso da violência nos quadrinhos norte-americanos[76], sem censurar, entretanto, a existência dos mesmos.

Em pelo menos duas crônicas de José Lins do Rego, *O cachorro e o corvo* e *Biriba, gemadas e futebol*, encontramos menção ao sentido positivo que assumiam as crendices em torno dos bichos no universo esportivo, sendo ressaltada a capacidade do torcedor de lidar com as influências estrangeiras sem a perda da criatividade popular:

> "Os 'fans' do football são criaturas por demais dadas a superstições, a procurarem nas coisas inanimadas ou nos animais inspirações para a sorte de seus favoritos.
> Agora se estabeleceu uma luta cruenta entre duas espécies de classe zoológica.
> O cachorro do Botafogo e o corvo do Vasco se preparam para uma batalha como se estivéssemos em desenho de Walt Disney. Vamos ver quem levará a melhor na contenda. Todos nós sabemos que um cachorro é um cachorro, e que um corvo é um corvo.
> Se o Pluto é uma tenacidade de quem não larga o osso, o corvo de Poe é aquele que só sabe dizer 'jamais'. E este 'jamais' do corvo pode parecer uma advertência ao Botafogo."[77]
>
> *
>
> "Não estou com os ortodoxos do futebol que acham o Biriba uma heresia, uma presença quase de monstro, do diabo, nos campos de futebol.
> Pelo contrário, a invenção do Biriba anima as partidas, dando uma cor local aos espetáculos. Tudo muito bem no bom sistema de acomodação do brasileiro às realidades que vêm de fora. No tempo em que a charanga dava sorte ao Flamengo, nada melhor me soava aos ouvidos que as músicas do Jaime. Agora o Biriba está dando certo ao Botafogo. Por que então transformar o Biriba em cabeça-de-turco ? Pode ser uma farsa, como achou o juiz inglês.

[76] Cf. CIRNE, M.; MOYA, A. de.; D'ASSUNÇÃO, O.; AIZEN, N. (orgs.) **op. cit.**, p. 56.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> Mas em teatro uma farsa não é nada desprezível. Pode haver a farsa de gênio.
> Vamos deixar o Biriba e as gemadas, que são invenções do Carlito para animar o campeonato de 1948."[78]

Assim, é possível entender de que modo José Lins do Rego se esquivava de assumir uma visão unilateral das histórias em quadrinhos e de reprovar sua inserção na esfera de representação dos clubes, reduzindo-as a um epifenômeno daquilo que na década de 1960 passaria a chamar-se de *mass media*, para privilegiar o simples elogio daquilo que concebia como a fonte e o manancial da cultura popular. Isto porque a discussão sobre a indústria cultural remete, sob a égide dos teóricos da Escola de Frankfurt, de uma maneira quase automática, para a idéia de homogeneização, de estandardização e de uniformização, características da sociedade moderna que se distanciavam de sua defesa da "cor local" e que pareciam elidir as particularidades nacionais. Ainda que sustentasse o "sistema brasileiro de acomodação às realidades que vêm de fora" ou, dito de outro modo, a porosidade antropofágica da cultura brasileira, fator que explica sua adesão à linguagem das histórias em quadrinhos, era muito mais plausível para ele compreender tais representações clubísticas naquilo que se convencionava denominar folclore, superstição, cultura popular ou, em outras palavras, naquilo que o sociólogo alemão Max Weber chamou de "o prazer irracional do jogo"[79]. O sucesso da associação entre clubes e animais fazia com que o futebol tivesse maiores afinidades, por exemplo, com o jogo do bicho, atividade criada pelo Barão de Drummond em 1890 e disseminada no Rio de Janeiro desde o início do século XX, abrangendo um sistema de apostas e de correlação mútua entre números e bichos, do que com qualquer atividade estritamente utilitária,

---

[77] Cf. REGO, J. L. do. "O cachorro e o corvo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1948, p. 9.
[78] Cf. Id. "Biriba, gemadas e futebol". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 106. A crônica é de 02 de dezembro de 1948. Biriba era o nome de um vira-lata branco e preto que o folclórico dirigente do Botafogo, Carlito Rocha, adotou no final da década de 1940 como mascote do time.
[79] Cf. WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli, 1985, p. 120. Segundo Roberto DaMatta, o futebol pode ser visto como jogo na medida em que "associa habilidade física, técnica a um sistema simbólico operado pelo binômio sorte/azar". Apud TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 100.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

ideológica ou pecuniária[80]. Era assim que, na tensão semântica da linguagem do futebol, como vimos no final do primeiro capítulo, o significado de jogo tradicional adquiria um peso tão grande quanto o significado de esporte moderno para a definição do futebol.

Ao aparecer de uma maneira sutil na complexa malha profissional e ideológica em que ia se revestindo a atividade esportiva no país e no mundo, é possível perceber de que forma a cultura popular permanecia ainda como um dos suportes principais para o discurso acerca da legitimidade do futebol na sociedade brasileira. Se Walt Disney, com o Pato Donald, expandia sua linguagem sobre vários âmbitos da vida cultural brasileira, sendo saudado por José Lins do Rego mais como um artista do que como um empresário, mais como um autor do que como um produtor – no que contava com a aquiescência de Mário de Andrade[81] –, a sobrevivência de personagens como o Almirante e os Bariris, sátiras da imagem do português e do índio no país, mostravam ainda a força das matrizes nacionais no imaginário do torcedor. Fato este que contribuía também para que José Lins do Rego relacionasse sua visão do futebol com suas experiências literárias, existenciais e até telúricas. É neste sentido que, estando boa parte de sua memória e de sua concepção de cultura popular voltada para o Nordeste brasileiro – *locus* primordial de sua obra de ficção –, José Lins do Rego encontra paralelos também entre o futebol e a sua região natal. Mantendo intacta a linguagem alegórica, as crônicas esportivas de José Lins do Rego recorrem a manifestações do folclore para representar a lembrança de uma partida de futebol:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[80] Sobre as imbricações e as dissonâncias entre o futebol e o jogo do bicho em suas origens na *belle-époque* carioca, ver a obra de Micael Herschman e Kátia Lerner. Cf. HERSCHMAN, M. LERNER, K. **op. cit.** Outra importante associação lingüística entre o futebol e o reino animal é destacada pelo sociólogo paulista Carlos Alberto Máximo Pimenta: "'Bicho' na gíria esportiva são os prêmios em dinheiro ou em objetos dados aos jogadores, salários extras, pelos bons resultados conquistados. O termo começa a ser empregado quando o futebol estava num período de transição de amador para profissional e os dirigentes, na intenção de manterem o jogador no seu clube, passaram a dar galinhas, cabras, vacas ou seja, animais como prêmios aos jogadores. Daí surge a expressão 'bicho' no futebol. Cf. PIMENTA, C. A. M. "As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol". In: COSTA, M. R. da. (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 134.

[81] No ensaio "*Fantasia* de Walt Disney", Mário de Andrade fazia uma análise das linguagens do desenho, da música clássica e do cinema, destacando o filme hollywoodiano em função de seus esplêndidos momentos de criação artística contemporânea. Mas, conquanto fizesse elogios à genialidade de Walt Disney, Mário de Andrade criticava as exigências anti-artísticas e comerciais que levam à separação simplista e reducionista dos personagens entre o Bem e o Mal nas fitas de Hollywood. Cf. ANDRADE, M. de. "*Fantasia* de Walt Disney". In: **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1963.

> "Há no auto popular dos 'fandangos', de minha terra, um capitão de navio que grita para a marujada: 'Eu sou um general de armada, que governo o mundo inteiro. De Lisboa, Porto, Castela, do Brasil, mandei buscar ferros para castigar contra-mestres e pilotos'.
> Parecia voltar aos meus tempos de menino ao ver os últimos minutos do jogo Vasco x Flamengo, de domingo. O Almirante parecia com toda a valentia do brabo general do auto popular. E os seus ferros não foram para castigar nem os contra-mestres e nem os pilotos. Foram para cair em cima do Flamengo numa surra de criar bichos.
> Vi e ouvi uma imensa alegria pelos cafés e botequins, gritaria de luzes em regozijo por isso. O Vasco surrara o Flamengo e isto era motivo para grandes festas.
> Não me lastimo: contra fatos não há argumentos, e nem choros. Houve, de verdade, uma tarde épica do Almirante."[82]

Longe de ser uma evocação fortuita, a referência ao Nordeste brasileiro e a uma de suas manifestações mais tradicionais, o auto-popular dos fandangos, constituía um *topoi* que José Lins do Rego procurava muitas vezes aliar à sua crônica esportiva e, notadamente, ao clube do Flamengo. Se para o cronista não era imprescindível analisar as causas que levariam o futebol e o Flamengo a propagar-se pelo país, tal como o lugar estratégico assumido neste sentido pelos meios de comunicação de massa, seja o rádio, seja o jornal, sejam as histórias em quadrinhos, – tese esta rechaçada por José Lins do Rego[83] –, para ele era muito mais relevante em suas crônicas, isto sim, verificar e assinalar as marcas de popularidade angariadas pelo clube, seja no plano nacional, seja até mesmo no plano internacional.

[82] Cf. REGO, J. L. do. "Uma tarde do Almirante". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1945, p. 3.
[83] Na crônica *Uma tese perigosa*, José Lins do Rego assim se expressa: "Um caro locutor anda a sustentar uma tese perigosa, a de que o Flamengo só existe por obra e graça da imprensa e do rádio. Se não fossem os jornalistas, não haveria o Flamengo. (...) Muito devemos à imprensa, mas também muito ela nos deve. Porque somos um grande assunto, porque somos o povo, as grandes massas que enchem as arquibancadas. E os favoritos das multidões terão que ser preferidos dos que querem servir ao povo". Cf. Id. "Uma tese perigosa". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1951, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A experiência da viagem, deste modo, possui uma insuspeitada relevância, fornecendo a José Lins do Rego a possibilidade de averiguar e de confirmar a mais que propalada popularidade do clube no Brasil. Num primeiro momento, tal experiência possibilitava a saída de um discurso que parecia cair numa redoma puramente tautológica, decalcando a identidade clubística da identidade nacional e tornando aplicáveis ao clube, num processo metonímico e instantâneo, os termos *nacional* e *popular*. À identidade clubística e à identidade nacional, sobrepunha-se agora um terceiro fator: a identidade regional. Esta identidade passava assim a ser um elemento-chave, diferencial no discurso zeliniano. Com ela, chegava-se então a um outro ponto radicular na compreensão dos critérios que orientavam o ufanismo clubístico do escritor. As excursões do Flamengo na década de 1940 ao Nordeste e, em seguida, no início da década de 1950, à Europa, vão ensejar ao cronista – mais do que examinar e problematizar – sondar e explicitar aquilo que entendia como a *brasilidade rubro-negra*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

3.3 Tal Brasil, qual Flamengo ?
(do regionalismo nordestino à brasilidade rubro-negra)[84]

Ao nos referirmos ao processo de *abrasileiramento clubístico* por que passou o Clube de Regatas do Flamengo na década de 1930, procuramos situar o debate com um dos interlocutores mais próximos de José Lins do Rego em sua vivência no Rio de Janeiro: Mário Filho. A importância assumida pela sua obra comemorativa do cinqüentenário do clube – clube para o qual também torcia o autor de *Histórias do Flamengo* – fez inclusive com que enquadrássemos o pensamento de José Lins do Rego numa linha de dependência e de subordinação a Mário Filho, colocando-o à sombra de suas idéias. Todo o percurso histórico traçado pelo clube carioca, entretecido de casos lendários, heróicos e dramáticos, culminava naquele ano de 1945, quando não parecia haver mais dúvidas entre

[84] São várias as alusões a uma relação entre o Flamengo e o Nordeste: "Amo o Flamengo como fosse um pedaço da terra onde nasci."; "... em cada rincão do Brasil, há de existir um flamengo..."; "o rude, o desmedido, o sem medo, o impávido, quase que louco, o generoso e bom Flamengo, o clube de todo o Brasil." Curioso notar como este trecho da crônica de José Lins do Rego apresenta uma onomatopéia, não sabemos se proposital ou não, em relação à letra do hino brasileiro. O trecho "... impávido, quase que louco..." reproduz com simetria o "... és belo, és forte, impávido colosso...". Cf. REGO, J. L. do. "Fla x Flu". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 62. A crônica é de 31 de agosto de 1946.

estes escritores quanto à grandiosidade e à *brasilidade clubística* adquirida pelo Flamengo no âmbito nacional.

Ocorre porém que, justamente a partir daquele ano histórico preciso, quando José Lins do Rego inicia sua colaboração regular no *Jornal dos Sports*, o Flamengo passa a atravessar um período de perdas sucessivas no campeonato carioca, num interregno que se prolongaria por oito anos, até 1953, quando o médico Gilberto Cardoso, membro da confraria rubro-negra da Confeitaria Colombo, assume a presidência do clube e ajuda a guindar o time ao segundo tri-campeonato da sua história[85]. Neste período de intervalo de títulos cariocas, entre 1945 e 1952, quando José Lins do Rego escrevia suas crônicas diárias, avulta também a superioridade do maior rival e concorrente em popularidade do Flamengo na cidade: o Vasco da Gama. Esta superioridade dava-se de forma incontestável no campo de futebol através de uma hegemonia e de uma supremacia técnica que levava o "clube da colina de São Januário"[86], o "Expresso da Vitória"[87], a ser campeão carioca ano sim, ano não, fazendo com que José Lins do Rego o apelidasse de "Golias do campeonato"[88]. Em decorrência disto, o time do Vasco da Gama constituía também a base da seleção brasileira da Copa do Mundo de 1950, fornecendo um plantel de nada menos que oito jogadores: Barbosa, Paulinho de Almeida, Bellini, Sabará, Ademir, Walter Marciano, Vavá e Pinga[89].

É necessário afirmar tais fatos medida em que, entre as hipóteses aventadas por Mário Filho[90] para explicar o vertiginoso crescimento de popularidade do Flamengo no país durante as décadas de 1930 e 1940, uma delas remetia à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[85] Entretanto, dias antes da conquista do tricampeonato, Gilberto Cardoso viria a falecer de infarto em 29 de novembro de 1955, durante uma partida final de basquete contra o Monte Líbano. A dramaticidade de sua morte, ocorrida no lance decisivo que deu ao Flamengo o título de pentacampeão carioca de basquete, abalou enormemente os *Dragões Negros* e todo o clube, levando José Lins do Rego, depois de um emocionado discurso à beira do túmulo, a criar o lema: "o tricampeonato para Gilberto Cardoso" – título que seria conquistado, embora em uma data excepcional, no dia 4 de abril de 1956. Registra-se ainda que após o jogo final que deu o título histórico ao clube um grupo de torcedores invadiu à noite o cemitério São João Baptista, estendendo sobre o caixão de Gilberto Cardoso uma bandeira do Flamengo.

[86] Segundo Leonam Penna, o "clube da colina de São Januário" era o nome dado ao Vasco da Gama por ter seu estádio situado nas fraldas do morro de São Januário, na zona norte do Rio de Janeiro. Cf. PENNA, L. **op. cit.**, p. 76.

[87] Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 273.

[88] Cf. Id. "O team do Vasco". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1946, p. 3.

[89] Cf. CASTRO, R. **O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001, p. 126.

[90] Cf. MURAD, M. **op. cit.**, p. 445.

conquista de títulos sucessivos pelo clube, como o tri-campeonato carioca de 1942-43-44. Não sendo isso o que acontece no período seguinte, cumpre registrar e analisar um certo deslocamento estratégico no discurso de José Lins do Rego, pois mesmo o fracasso de quase uma década do clube diante de seu maior adversário local não impede que o cronista dê prosseguimento à exaltação em torno da expansão do Flamengo no âmbito nacional e até internacional.

E é aqui, numa mudança temporária de foco e numa tangente assumida por algumas crônicas esportivas de José Lins do Rego, em meio ao malogro e à ausência de títulos da equipe nos campeonatos do Rio de Janeiro, que detectamos um aspecto diferencial na sua caracterização do clube. Tal distinção é importante inclusive porque a singulariza diante das hipóteses lançadas por Mário Filho para explicar o fato de o Flamengo ter a maior torcida do país. Lembre-se que as hipóteses do jornalista pernambucano eram resumidas de forma esquemática em quatro itens: a) presença de pobres, negros e mestiços no time; b) transmissão radiofônica em escala nacional; c) o inédito tricampeonato de 1942-43-44; e d) treinamentos em campo aberto, proporcionando uma proximidade entre o torcedor – mais que o associado –, o jogador e o clube[91]. O item novo presente nas crônicas de José Lins do Rego diz respeito à idéia de que é a identidade regional, agora traduzida e expressa na presença e na calorosa receptividade da equipe de futebol do Flamengo em terras nordestinas, que confere ao clube a sua autonomia no quadro da nação e que possibilita diferenciá-lo de forma substantiva, por exemplo, do Vasco e do Fluminense, seus maiores rivais. Assim, enquanto para Mário Filho os "lugares de memória"[92] de suas histórias sobre o Flamengo se atinham exclusivamente aos espaços do Rio de Janeiro e aos seus pontos de sociabilidade específicos – a República Paz e Amor, o Café Rio Branco, a Garagem, o Estádio da Gávea –, para José Lins do Rego a paisagem nordestina passa a figurar como um elemento decisivo na afirmação da identidade do clube e na comprovação do seu caráter nacional-popular.

[91] Cf. Ibid.

[92] Fazemos aqui uma extensão das correlações estabelecidas pelo historiador francês Pierre Nora entre história, memória e nação para uma melhor compreensão da "problemática dos lugares" presentes no discurso de Mário Filho e José Lins do Rego acerca do Clube de Regatas do Flamengo. Cumpre ressaltar que a idéia de lugar remete não apenas para o seu sentido físico-geográfico, mas para seu sentido tanto material quanto simbólico e funcional, o que nos parece capital no caso da visão de José Lins do Rego acerca do Nordeste brasileiro. Cf. NORA, P. "Entre memória e história – a problemática dos lugares". In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, nº 10, p. 21.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Na série de crônicas de José Lins do Rego, não encontramos referências de viagem do Flamengo a outras regiões do Brasil. À exceção do Nordeste, para onde o time excursiona nos anos de 1946, 1947 e 1948, percorrendo os estados da Bahia, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e do Ceará, não verificamos apontamentos que indicassem uma comprovação de tal popularidade em outras áreas do país. Entretanto, mais do que um dado circunstancial, de mensuração quantitativa, a relação entre o clube do Flamengo e as cidades do Nordeste por onde passa revela também o peso e a importância afetiva desta região na elaboração da subjetividade do próprio José Lins do Rego. De uma maneira subreptícia, é possível perceber nas suas crônicas esportivas a presença do homem e da paisagem nordestina como os elementos típicos definidores da *brasilidade rubro-negra*. Para ele, podia inferir-se a popularidade do Flamengo em escala nacional tendo como base essas experiências em âmbito regional.

Na primeira excursão do Flamengo a Pernambuco, em 1946, as crônicas José Lins do Rego pareciam evidenciar a importância mnemônica assumida pela região nordestina em suas livres recordações e em seu imaginário predominantemente nostálgico. Ao salientar o papel evocativo da memória, podia-se ter um bom indício da sua antiga relação com a terra e com os esportes. Antes de referir-se ao Flamengo, é sobre sua própria juventude e sobre suas primeiras reminiscências de torcedor de futebol na capital pernambucana que se debruça José Lins do Rego na crônica *O América do Recife*:

> "A vitória do Flamengo sobre o América do Recife me fez recordar os meus bons tempos de estudante, quando torcia furiosamente pelos 'periquitos' do campo da Jaqueira.
>
> Isto já faz muito tempo e foi lá para os grandes dias de 1922.
>
> O Esporte não dava confiança aos seus competidores. Vencia o Náutico que era o seu grande concorrente. Foi quando o América começou a alarmar os rubro-negros pernambucanos. E tudo se deu como não podiam prever os maiorais de Carlos Medivi.
>
> E foi aquela derrota que nos deu o campeonato.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> O América sagrou-se campeão, numa partida épica.
> Diziam que Bright, um inglês majestoso, morreria em campo mas ganharia o jogo. Bright não morreu e o Esporte morreu no duro.
> Lembro-me de Bermudes, de Alexis, de Salermo, de José Tasso, dos irmãos Perez. Grande team que me deu a minha primeira vitória esportiva."[93]

Mas já na excursão do ano seguinte a Pernambuco, em 1947, a questão dos laços entre o clube, a região nordestina e a identidade nacional passa a transparecer em suas crônicas. A crônica *O Flamengo em Recife* dá uma mostra dos motivos e dos fatores que permitiam a José Lins do Rego constatar a condição nacional do clube mediante sua passagem pelo Nordeste:

> "A tese de que o Flamengo não é um clube carioca, mas de todo o Brasil, teve ontem, em Recife, mais uma confirmação. Contou-me um amigo, que estava na Baía, se não me falha a memória, em 1945, que vira pela estrada por onde viajara, três caminhões carregados de povo entusiasta. E querendo saber do que se tratava informaram-lhe que tudo aquilo era somente um grupo de torcedores do Flamengo que vinha do sertão para assistir a uma peleja, a ser disputada, em Salvador, entre o clube carioca e outro da boa terra.
> E ontem em Recife, no aeroporto, uma imensa multidão de pernambucanos enchia as dependências da estação, para aclamar os rubro-negros que chegavam.
> E por onde for, encontrará o Flamengo a sua torcida, do sul ao norte, do leste a oeste.
> É o clube do Brasil."[94]

[93] Cf. REGO, J. L. do. "O América do Recife". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 09 de abril de 1946, p. 3.
[94] Cf. Id. "O Flamengo em Recife". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 6 de julho de 1947, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A ida de torcedores sertanejos a Salvador a fim de assistir a uma partida do Flamengo era um bom sinal para José Lins do Rego da dimensão tomada pelo clube em todo o país. O encontro entre estas duas identidades, a regional e a clubística, tão importantes em sua trajetória biográfica, fornecia a base para José Lins do Rego asseverar a condição do Flamengo como representante da nação, como "imagem e semelhança de nossa pátria"[95], como avatar da brasilidade. Fundindo as duas identidades, numa junção entre o que se acreditava ser o *povo humilde do interior* e os seus *heróis esportivos nacionais*, provenientes da capital da República, o cronista chegava a uma síntese daquilo que significavam alguns dos contrastes mais destacados na definição do país, como as clássicas divisões entre o litoral e o sertão, o rural e o urbano, a região Norte e a região Sul[96]. O sertanejo, tipo humano sujeito a diversas representações ao longo da história literária brasileira – de José de Alencar e Euclides da Cunha ao próprio José Lins do Rego, com suas obras *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953) – era agora, em meados do século XX, tema de uma crônica que procurava retratá-lo como o "povo entusiasta" de futebol e, em especial, do Flamengo. Tão entusiasta que se mobilizava de áreas remotas do país para presenciar a passagem do clube pela capital da Bahia.

Se o sertanejo era um exemplo ideal na construção de um discurso sobre o homem brasileiro, que, mesmo disperso ou escondido pelo vasto interior do país, aparecia e se aglutinava agora para assistir à visita do clube por sua região, uma mesma exaltação se dava também em relação à figura do jangadeiro nordestino. José Lins do Rego já o havia saudado em seu ensaio de 1941, "Os jangadeiros", por ocasião do mencionado périplo de um grupo de pescadores do Ceará ao Rio de Janeiro naquele mesmo ano, fato que fora, como dissemos, objeto de interesse do cineasta norte-americano Orson Welles[97]. Neste mesmo ensaio, José Lins do Rego já tinha inclusive defendido a imagem do jangadeiro em face da valorização que a obra clássica de Euclides da Cunha, *Os sertões*, havia feito do sertanejo e da idéia corrente de que este, sendo oriundo do interior do Brasil, representaria com maior autenticidade a alma e a essência do brasileiro.

[95] Cf. REGO, J. L. do. "Honrarias ao Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1949, p. 9.
[96] Naquela época, eram mais comuns as designações genéricas de Norte e Sul para as regiões atualmente conhecidas como Nordeste e Sudeste.
[97] Conferir nota 47 deste capítulo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Embora não tenhamos encontrado referência de José Lins do Rego à figura do jangadeiro durante a excursão do clube ao Nordeste, é o próprio *Jornal dos Sports* quem dá subsídios para se estabelecer as afinidades eletivas entre o Flamengo e estes trabalhadores do mar. Ao registrar em novembro de 1951 a façanha de cinco jangadeiros cearenses que haviam partido da praia do Meireles, em Fortaleza, rumo a Porto Alegre, e que naquele momento se encontravam de passagem pelo Rio de Janeiro, a reportagem do jornal estampava na primeira página uma foto com a legenda *Os jangadeiros no Maracanã*[98]:

Os Jangadeiros No Maracanã — Foi uma nota de realce na tarde de ontem, quando os valorosos **jangadeiros nordestinos** que realizam o raid Fortaleza a Porto Alegre, entraram em campo com os **jogadores do Flamengo**, sendo delirantemente ovacionados pela assistencia, numa consagração **ao heroismo destes rudes homens do mar**. A gravura acima fixa os bravos **jangadeiras com Bria e Pavão, quando eram ouvidos pela reportagem** radiofonica da Mayrink Veiga

O grande desafio de Mestre Jerônimo, Tatá e seus camaradas – segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo, aqueles caboclos cearenses que singravam a costa litorânea brasileira[99] – era coroado com a entrada em campo no então recém-criado e maior estádio do mundo, o Maracanã, ladeados pela equipe do Flamengo e por dois dos maiores ídolos do clube na década de 1950: Bria e Pavão. Ficava

[98] Cf. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1951, p. 1.

[99] Segundo Luís da Câmara Cascudo, o *raid* da jangada "Nossa Senhora da Assunção" chegaria a Porto Alegre no dia 18 de fevereiro de 1952, perfazendo um total de 2. 484 milhas do Ceará ao Rio Grande do Sul. É válido mencionar que este tipo de reide tornara-se oficial e histórico a partir de 1922, quando a jangada alagoana "Independência", com uma tripulação de quatro homens,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

clara mais uma vez a tentativa de vincular a imagem da nacionalidade a partir de um encontro entre os "valorosos", "bravos" e "rudes homens do mar" com seus heróis esportivos, representados pelos jogadores do Flamengo. Tudo aquilo que de disparidade suscitava a imagem de um jangadeiro e a imagem de um jogador de futebol era suspenso em prol daquele sentimento de pertencimento à nação ou, no caso em questão, ao clube nacional. O significado simbólico atribuído por cada um destes tipos nacionais envolvia uma reciprocidade e a consciência de fazer parte de uma unidade maior, de pertencer àquilo que Benedict Anderson chamou de uma *comunidade imaginada*[100].

Se não localizamos menção de José Lins do Rego ao episódio dos jangadeiros cearenses, encontramos entretanto uma série de crônicas do autor no que se refere à passagem do Flamengo pelo Ceará. Elas reforçam a idéia de que é na região nordestina que se pode aferir o índice de popularidade do clube, pois ali cada estado é um *território flamengo*. Há, de acordo com José Lins do Rego, uma inclinação quase inata do homem nordestino a torcer pelo seu clube, uma propensão contagiante e arrebatadora que, aparentemente sem explicação, explica, ao menos, as concepções psicológicas, raciais e idiossincráticas que guiam a visão do cronista sobre o Nordeste. Sempre estribado no confronto com o Fluminense e o Vasco – tipos ideais de clubes que se contrapõem ao Flamengo –, José Lins do Rego descreve um cenário muito propício à concatenação e à convergência de sua identidade regional com sua identidade clubística. Nas três crônicas que a seguir transcrevemos, *O Flamengo e o Ceará*, *O cearense e o Fluminense* e *Rachel de Queiroz e o Vasco*, José Lins do Rego acentua os traços que aproximam o seu clube daquele estado da federação, ao mesmo tempo em que evidencia os aspectos que afastam o Flamengo de seus dois principais rivais:

> "Sai o Flamengo do Ceará após uma brilhante campanha. Jurandyr Mattos, o nosso magnífico Jurandyr, é o delegado destas vitórias rubro-negras. Muito me agrada como nordestino que o nosso Flamengo tenha aparecido em terras que são as suas terras. O Ceará é um território

percorreu 1.002 milhas de Maceió ao Rio de Janeiro. Cf. CASCUDO, L. da C. **Jangada – uma pesquisa etnográfica**. Rio de Janeiro: Editoras Letras e Artes, 1964, p. 51.

[100] Cf. ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

flamengo. Há entre os cearenses e o Flamengo uma liga temperada, no fogo de uma mesma força de vontade que não conhece o pânico.

Todos nós que somos flamengos teremos que considerar as nossas afinidades cearenses como uma reserva que nos anima."[101]

*

"Os meus amigos do Fluminense dormiram na pontaria e os 'cabras' cearenses voaram em cima do caçador e deram com ele no chão.

É que o mestre Ondino não sabe o que é um cearense. Se soubesse não teria brincado com os 'cabeças chatas' de Fortaleza. Se o técnico tricolor conhecesse a gente de Iracema tomaria mais cautela e não se aventuraria a colocar em campo um *team* com maioria de reservas.

O cearense é uma raça perigosa, tão perigosa que nem as fúrias de Deus têm podido com ele. Pode chover e deixar de chover, que o cearense não desespera.

Desesperar, morrer de desgosto, entregar os pontos, nada disto vale para o cearense. Tudo lhe pode correr como uma desgraça. E afinal haverá um tipo de pé, de corpo duro, de alma em chama. É o cearense.

Ondino que o diga."[102]

*

"Não sei se os meus amigos do Vasco sabem de uma coisa que lhes digo, com a minha pontinha de mágoa: Rachel de Queiroz é a vascaína mais roxa de toda a Ilha do Governador. Isto é o que ela diz.

Ora, tudo isso me intriga. Há em Rachel tudo para ser do Flamengo. É ela uma louca, uma lírica, uma autêntica

[101] Cf. REGO, J. L. do. "O Flamengo e o Ceará". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1948, p. 3.

[102] Cf. REGO, J. L. do. "O cearense e o Fluminense". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1949, p. 5.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> paixão em violência. E, depois, filha do Ceará, que é o estado mais flamengo do Brasil.
> E por que será Rachel tão do Vasco, capaz de sentir-se com este seu velho amigo quando anda ele em turras com o Almirante ?
> Não posso explicar. O que digo é que me desespero com essa traição de Rachel.
> Por que não ser do Flamengo, que é o clube de sua gente, ela que ama tanto o Ceará até o extremo de achar a Praça do Ferreira mais bonita que a Avenida da Liberdade de Lisboa ?
> Ora, Rachel, vamos acabar com essas mascaradas. Você é flamengo, você é bastante louca, bastante avoada para ser como um homem que perde a cabeça pelo vermelho e preto do meu clube.
> E acabe, Rachel, de uma vez por todas, estes seus namoros com esse velho almirante, de barriga grande e bigodeiras.
> O tal 'guerreiro branco' de Iracema era conversa de José de Alencar.
> Venha para o Flamengo, Rachel querida. Porque você já serviu os sete anos de obrigação. E venha para o amor de seu coração, que eu sei que é Flamengo."[103]

Antes de ser tão-somente uma idiossincrasia do cronista para com o seu clube, o apreço de José Lins do Rego pelo Flamengo trazia também a idéia de que era o próprio povo nordestino quem mantinha esta ligação idiossincrática com o clube, cabendo ao cronista apenas o papel de segui-lo. Ao procurar dissuadir Rachel de Queiroz de sua opção pelo Vasco da Gama, José Lins do Rego apelava para as motivações intrínsecas que deveriam nortear a escritora cearense na escolha de seu clube: amor à sua terra e fidelidade ao seu povo. Fiando-se em sua identidade regional, o intelectual saberia por conseguinte se orientar no sentido da

[103] Cf. REGO, J. L. do. "Rachel de Queiroz e o Vasco". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 68 e 69. A crônica é de 1º de novembro de 1946.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

identificação com o clube que encarnava com maior propriedade e com maior espontaneidade a "paixão das massas"[104], o "coração do povo"[105].

Eram essas em linhas gerais as questões que saltavam à vista nas crônicas de José Lins do Rego sobre a passagem do Flamengo pelo Nordeste. Como um dos primeiros elementos da identidade social e da afeição telúrica do autor, a região nordestina possibilitava uma certa confirmação das teorias em torno da popularidade do Flamengo no Brasil, ao mesmo tempo em que dava a José Lins do Rego a conquista de uma certa independência, singularidade e peculiaridade entre os demais escritores que se ocupavam dessas teorizações, notadamente Mário Filho. Egresso do regionalismo nordestino dos anos de 1920, movimento que se propunha defender as manifestações mais tradicionais da sua terra e da sua gente – e aí se incluem as figuras do sertanejo e do jangadeiro presentes em suas crônicas esportivas e em seus ensaios –, era em certo sentido através do futebol que José Lins do Rego retornava ao seu ideário estético regionalista, valorizando a paisagem e o homem do Nordeste em seu encontro com o clube da capital da República.

Se a excursão do Flamengo ao Nordeste permitia ao autor lançar uma visão retrospectiva de sua terra natal e projetar sua identidade clubística sobre sua identidade regional, tendo sempre como modulação última e instância de legitimação a identidade nacional, a década de 1950 vai proporcionar a José Lins do Rego o descortinar de um novo horizonte territorial e de um novo campo de experiência na sua associação entre o clube e a nação. Para isto, os próprios limites regionais pareciam diluir-se e evolar-se em prol de uma representação maior, agora em âmbito internacional, representação esta que começara a manifestar-se já em 1949, ano da excursão do Flamengo à Guatemala[106].

---

[104] Cf. Id. "Não tem culpa os operários". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1950, p. 9. Nesta crônica, José Lins do Rego relata um treino da Seleção Brasileira contra o Flamengo no Maracanã, o último antes da estréia na Copa do Mundo de 1950, e o fato curioso de os operários que lá trabalhavam, terminando a construção do estádio, terem vaiado a seleção e torcido para o Flamengo. José Lins do Rego defende os operários e, ao final, sentencia: "Não se deve brincar com a paixão das massas". Este incidente é mencionado também pela historiadora Gisella de Araújo Moura, em seu livro *O Rio corre para o Marcanã*. Cf. MOURA, G. de. A. **op. cit.**, p. 65.

[105] Cf. Id. "Volta o Flamengo ao coração do povo". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. A crônica é de 24 de julho de 1951.

[106] Agradecendo o convite feito ao Flamengo pelo pequeno país da América Central, José Lins do Rego afirma que o Flamengo pode não ser o clube mais *chic* do país, mas é o mais brasileiro. Cf. REGO, J. L. do. "Honrarias ao Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1949, p. 9

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Ao participar e colocar-se à frente da primeira viagem do Flamengo à Europa, numa excursão que quase coincidia com o início de um ciclo de viagens diplomáticas e turísticas do autor ao Velho Mundo, José Lins do Rego parecia ganhar mais elementos para a caracterização definitiva e para a aclamação encomiástica da grandiosidade do clube. Seu ufanismo clubístico regia-se então pela seguinte lógica: se, como costumava dizer de maneira exaustiva, o Flamengo já havia conquistado o Brasil – e a excursão ao Nordeste era para ele uma prova cabal disto –, o que mais faltaria ao Flamengo conquistar ?

*

Corria o ano de 1951 quando foi acertada uma viagem do Flamengo às longínquas terras nórdicas. Tendo o Vasco da Gama – a melhor equipe nacional da época – declinado o convite, a federação sueca de futebol escolheu o Flamengo para a disputa de uma série de partidas amistosas contra as principais equipes de seu país. Após ter cogitado a possibilidade de chamar Ary Barroso[107], o presidente do clube, Gilberto Cardoso, acabou por confiar a José Lins do Rego a chefia da delegação do Flamengo na excursão, o que o cronista, sem tergiversar, aceitou[108]. Além da Escandinávia, o Flamengo estaria presente também em estádios da Dinamarca, da França e de Portugal. Ao final, em um total de dez jogos, a excursão do Flamengo à Europa duraria cerca de dois meses, sendo percorrida de trem e de ônibus, de barco e de avião.

Não era a primeira vez que um clube brasileiro representava o país no continente europeu. O Flamengo constituía a sexta equipe a atravessar o Atlântico, desde a excursão à França do aristocrático clube de São Paulo, o Paulistano, no ano de 1925[109], sendo seguido nas décadas posteriores pelos times do Vasco da Gama[110], da Portuguesa, do Bangu e do São Paulo. Mas a importância e o

[107] Cf. CABRAL, S. **op. cit.**, p. 296.

[108] O jornalista Sérgio Cabral relata que Ary Barroso, tendo sido convidado, tergiversou em assumir a chefia da delegação, alegando inicialmente o excesso de trabalho na Rádio Tupi e, ao final, confessando que se tratava mesmo de medo de viajar de avião. Cf. Ibid.

[109] Cf. PRADO, D. de A. **op. cit.**

[110] O Vasco da Gama excursionou à Espanha em 1931. Nesta excursão, o futebol do jogador Fausto encantou o presidente do Barcelona, que no mesmo ano o contratou com facilidade, tendo em vista que, sob o regime do amadorismo brasileiro, o atleta não possuía vínculos contratuais e legais com o clube, ao contrário do que sucedia com o profissionalismo no futebol europeu. A transferência de Fausto para o futebol espanhol, assim como a ida de Domingos da Guia e de Leônidas da Silva para o futebol platino, são considerados importantes fatores que impulsionaram a implementação do profissionalismo no Brasil. Cf. AGOSTINO, G. "Perfis dos primeiros craques negros e mulatos no futebol brasileiro." In: FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. O Vasco da Gama voltou a excursionar à Europa em 1947.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

pioneirismo da viagem do Paulistano naquele decênio de 1920 eram de tal monta que o próprio Oswald de Andrade, conforme citamos no primeiro capítulo, dedicou-lhe um poema, intitulado *E a Europa curvou-se ante o Brasil*[111] , após os brasileiros terem vencido sete das oito partidas disputadas em França e Portugal.

José Lins do Rego retornava então àquele continente que havia conhecido no ano anterior e que voltaria a visitar no decorrer da década de 1950, estando em países como Espanha e França, Itália e Inglaterra, Finlândia e Grécia. Além de passagens pela Europa e pela América do Sul, o autor esteve ainda no Oriente Médio em missão cultural a convite da embaixada de Israel no Brasil. Desse conjunto de viagens originaram-se os livros de crônica *Bota de sete léguas* (1952), *Roteiro de Israel* (1955), *Gregos e troianos* (1956) e *O vulcão e a fonte* (1958) – este último, obra póstuma –, nos quais José Lins do Rego coligiu suas impressões sobre o Velho Mundo e sobre as terras milenares de Jerusalém, sem esquecer, aqui e ali, de fazer menção passageira ao futebol[112]. Numa crônica de regresso de uma dessas viagens, *Segue o Flamengo*, o autor assim se auto-retratava:

> "Voltei ontem a ter a boca amarga, pulso 120, e angústia fria no coração. Voltei a ver o Flamengo em partida de football. Sempre que estou fora do Brasil, e não encontro jornais da terra, livro-me da minha doença crônica e posso, tranqüilamente, assistir uma partida de tennis e gozar o esporte como assistente. Mas, desde que entra em campo aquela camisa rubro-negra as coisas mudam, e o velhinho passa a sofrer como sovaco de aleijado. Perdendo ou ganhando, é a mesma coisa.
>
> Mas continuo, até que não seja mais deste nosso tão gostoso mundo de Deus, que seria muito mais gostoso se não houvesse football para me arrasar o corpo."[113]

---

[111] Cf. ANDRADE, O. de. "Postes da Light". In: **Poesias reunidas**. São Paulo: Difel, 1966, p. 114.

[112] Cf. REGO, J. L. do. **Gregos e troianos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1957.

[113] Cf. Id. "Segue o Flamengo". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 27 de junho de 1952, p. 5. Em outro aforismo irônico, Carlos Drummond de Andrade endossava a aflição clubística sofrida por José Lins do Rego: "Bem-aventurados os que não tem paixão clubística, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de bálsamo, ou nem isto.". Cf. ANDRADE, C. D. de. **op. cit.**, p. 135.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Mas, se suas viagens de passeio ao exterior permitiam-lhe amainar parcialmente seu sofrimento com o futebol e com o Flamengo, suas viagens esportivas oficiais não o faziam esquecer de sua veia humana e literária. Sob o ponto de vista do homem de letras, a excursão do Flamengo à Europa constituía não apenas mais uma tarefa esportiva. Constituía, também, uma ocasião propícia para o aprofundamento da sua sensibilidade essencialmente poética[114] e para a revisão de seus próprios valores ante o contato com outras terras, propiciando-lhe o cotejo com suas próprias recordações da paisagem do Nordeste e, em menor grau, do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as crônicas esportivas publicadas pelo autor nos meses de maio, junho e julho de 1951 no *Jornal dos Sports* podem ser alinhadas junto às suas demais crônicas de viagem. O interesse pelo futebol não se circunscrevia à performance estritamente atlética ou ao desempenho meramente esportivo do futebol, mas revelava a ótica de um cronista que se deixava tocar pelos aspectos líricos da cidade, da paisagem e do ser humano que se mobilizava em torno dos esportes. Em duas crônicas desse período, *Os meninos suecos* e *Malmöe*, José Lins do Rego flagrava uma cena daquele povo e de uma de suas pequenas cidades setentrionais:

> "Estão em toda a parte, pelas ruas, nos restaurantes, sozinhos, ou em grupos pelos parques, e são donos de tudo. Não há *chauffeur* que se atreva a buzinar para uma bicicleta conduzida por taco de gente de gorro vermelho. Eles têm o privilégio de serem os primeiros. Agora, com os rapazes do Flamengo, encontraram um brinquedo de sensação. Andam, aos magotes, de caderno e lápis nas mãos, atrás de autógrafos. Alguns vêm com álbuns organizados que a direção Busson fez sobre nossos jogadores. E desde que a direção de Busson proibiu as visitas para a cata de autógrafos, escondem-se atrás dos pinheiros, e ficam de longe, a fazer sinais, como se estivessem violando um preceito sagrado. E sorriem, com todos os dentes, com os cabelos louros ao vento, como se fossem anjos caídos na floresta que começa a rebentar em

[114] A centralidade da poesia na visão de mundo de José Lins do Rego é sustentada por Ledo Ivo. Cf. IVO, L. "O ensaísta José Lins do Rego". In: REGO, J. L. do. **O vulcão e a fonte**. Rio de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

> brotos. Vendo-os assim, soltos pelas estradas, cada um mandando na sua vida, é que a gente chega a compreender esse povo, que é forte e bom, e sem espécie alguma de complexos."[115]
>
> *
>
> "O campo muito parecido com aquele do Bangu, dos velhos tempos. Vinte mil pessoas espremidas em arquibancadas de madeira, ou no chão, a aplaudir no *team* da terra, mas sem hostilidade ao *team* em visita. O sueco é o torcedor mais decente, menos furioso que se possa imaginar. Em campo os rapazes do Malmöe entraram com vontade de vencer. Fizeram, debaixo de chuva impertinente que caiu durante todo o jogo, uma partida dura, embora sem violência. Povo que não sabe o que á a estupidez, povo capaz de perder sem amargor e de vencer sem arrogância.
>
> A cidade de Malmöe é um porto de mar com duas paixões: as flores e o seu quadro de *football*. E tem razão para gritar pelos rapazes amadores que se fizeram tri-campeões da Suécia. Ao contrário de Estocolmo, Malmöe não é uma cidade risonha, com aquele ar de metrópole da capital. É, antes, uma cidade reservada, mas com a sua grandeza escondida, para se mostrar maior no momento oportuno.
>
> O Flamengo foi recebido como um grande de Espanha, em terras de sol, na bela e florida Malmöe, à beira do Báltico."[116]

A euforia que marcou a visita do Flamengo ao primeiro país da excursão, a Suécia, foi um fato digno de nota na imprensa. José Lins do Rego percebia de que maneira o futebol, originalmente um "produto de importação", havia se transformado então, como o fora o café, em um "produto de exportação" brasileiro[117]. Mesmo um ano após a derrota para o Uruguai na final da Copa do

---

Janeiro: O Cruzeiro, 1958, p. 17.

[115] Cf. REGO, J. L. do. "Os meninos suecos". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1951, p. 5.

[116] Cf. REGO, J. L. do. "Malmöe". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 01 de junho de 1951, p. 5.

[117] José Lins do Rego assim se refere à analogia entre café e futebol como produtos de exportação: "Chego da Suécia convencido de que o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café, para as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Mundo de 1950, disputada no Maracanã, os jornais daquele pequeno país da Europa boreal insistiam em chamar os brasileiros de "os reis do *football* mundial"[118].

1951: o Flamengo na Suécia[119]

A recepção à equipe rubro-negra no aeroporto da capital contou com uma legião de curiosos, além da solenidade organizada pela federação sueca de futebol, com direito a flores, banda de música e coquetel. Pelas ruas da cidade, inúmeros cartazes saudavam os jogadores do Flamengo como os "artistas da bola"[120]. Em contrapartida, no dia seguinte à chegada do clube ao país, a comitiva do Flamengo ia depositar uma coroa de flores no túmulo do rei Gustavo. As cerimônias oficiais demonstravam que aquela excursão não era somente de mais um acontecimento esportivo para o país; tratava-se, sobretudo, de um ritual de congraçamento entre aqueles dois povos extremamente distintos.

Segundo reportagem do *Jornal dos Sports,* os periódicos suecos não se cansavam de fazer referências à habilidade e à virtuosidade dos jogadores brasileiros, tal a reputação que o Brasil, representado num time de futebol, era capaz de despertar em terras européias. Diante disso, antes da estréia do time, três

nossas exportações". Cf. Id. "O Brasil era o Flamengo". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 129. A crônica é de 26 de junho de 1951.

[118] Apud **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1951, p. 1.

[119] Apud CARVALHO, J. V. de. **op. cit.**, p. 46.

[120] Cf. Id. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1951, p. 6.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

jogadores do Flamengo, Biguá, Bria[121] e Válter, eram convocados para dar uma mostra da técnica e do tirocínio dos atletas brasileiros. No intervalo do jogo entre um time da Suécia, o AIK, e um time da Inglaterra, o Liverpool, durante aproximadamente cinco minutos, fizeram exibições de malabarismo com a bola, passando a pelota de cabeça em cabeça sem deixá-la ir ao chão. Após a performance, arrancaram aplausos, sendo ovacionados pelo público. Assim, ao fim de sua jornada na Europa, a equipe do Flamengo regressava invicta, com vitórias em todas as dez partidas, contribuindo para aumentar ainda mais o prestígio do futebol brasileiro no exterior.

Embora pouco conhecida atualmente entre nós, talvez mesmo porque foi ofuscada pela vitória decisiva da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, essa excursão contribuía então para sedimentar entre os europeus, desde o início da década de 1950, uma imagem entusiástica quanto à representação do Brasil como *país do futebol* – ou, mais precisamente, como *país do futebol-arte* –; à representação do Flamengo como *o clube do Brasil*; e à representação do *negro como espetáculo*[122].

Esse fato aparecia expresso de maneira anedótica em uma crônica jocosa de Paulo Mendes Campos, intitulada *Salvo pelo Flamengo*. Nela, o escritor alude a um incidente durante sua passagem pela Suécia no ano de 1956, onde, após ter sido mal-interpretado como norte-americano por um sueco corpulento e bêbado, vê-se de repente impedido de conseguir hospedagem num hotel em Estocolmo. Quando afinal a confusão sobre sua nacionalidade se desfaz e o cronista é identificado como brasileiro, o sujeito que o havia interpelado entra em estado de euforia tal que começa a saltitar, imitando o malabarismo dos jogadores brasileiros. Tal malabarismo era reconhecido pelo personagem no Flamengo e, em especial, no jogador Rubens – o famoso "dr. Rúbis"[123] –, quando de sua passagem pela Suécia

[121] Do paraguaio Modesto Bria, pode-se dizer que foi contratado pelo Flamengo em 1943, com apenas 18 anos de idade, vindo a compor a histórica linha média, ao lado de Biguá e Jayme, e ajudando a dar o primeiro tri-campeonato ao clube na década de 1940. A contratação foi intermediada por Ary Barroso que, ao fazer um show no Paraguai, foi assistir a uma partida na capital Assunção e se encantou pelo centro-médio. Cf. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 2003, p. C4.

[122] A expressão *negro como espetáculo* é empregada sob um perspectiva crítica – referência a uma espécie de folclorização por que passava esta figura no Brasil – pelo sociólogo Costa Pinto nessa mesma década de 1950. Cf. PINTO, L. C. **O negro no Rio de Janeiro: relações raciais numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

[123] Segundo Mário Filho, Rubens parecia jogar com a bola presa com um barbante no pé. Cf. FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 302.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

em 1951. Mas, passada a euforia inicial e uma vez que pairava certa dúvida, num súbito instante de hesitação, o sueco vira-se para Paulo Mendes Campos e pergunta incisivo: "– You ! Flamengo ?". Ao que o cronista mineiro, notório torcedor do Botafogo, a fim de não desapontá-lo e de se livrar de uma ira iminente que bem poderia transformar-se em surra, responde: "– Flamengo ! Yes ! Flamengo ! The greatest one !"[124].

De maneira análoga ao caso vivenciado por Paulo Mendes Campos em Estocolmo, a excursão do Flamengo pela Europa também deixaria suas marcas anedóticas na França. Desta feita, é o próprio José Lins do Rego quem a narra na crônica *O Flamengo em Paris.* Tratava-se de um fato ocorrido com ele em 1952, um ano após aquela mesma viagem, em que sobressai um curioso caso de *jeitinho brasileiro* à francesa:

> "O episódio passou-se da seguinte maneira: pretendi assistir à última partida do campeonato mundial de tênis. E como não havia localidades, um jornalista amigo prontificou-se a me levar à tribuna de imprensa do Estádio Roland-Garros. Lá chegando, um porteiro arrogante nos barrou. O amigo fez o possível para vencer a resistência do homem. Então lembrou-se de procurar o diretor do estádio, o Arno Frank de lá. O chefe não cedeu. Foi quando o amigo deu seu golpe de mestre:
> – Senhor Rego foi o presidente da delegação do Flamengo, que aqui esteve o ano passado.
> Aí o homem importante levantou-se e apertou-me a mão, dizendo:
> – Flamengo, grande noite de football.
> E me deu o passe livre para a tribuna de imprensa."[125]

Através, portanto, do recurso à anedota, meio pelo qual o jornalista Mário Filho havia tornado clássica uma determinada maneira de contar a história do futebol brasileiro, os cronistas Paulo Mendes Campos e José Lins do Rego

[124] Cf. CAMPOS, P. M. "Salvo pelo Flamengo". In: **O gol é necessário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 40.
[125] Cf. REGO, J. L. do. "O Flamengo em Paris". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 25 de junho 1952, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

relatavam também a repercussão que o Brasil e o um de seus clubes iam ganhando fora do país desde o início da década de 1950, antes mesmo de o país sagrar-se campeão mundial pela primeira vez, anos depois. Assim, José Lins do Rego, mesmo não tendo tempo de presenciar a vitória brasileira na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, e mesmo não podendo desta maneira assistir a uma nova fase na história do futebol brasileiro, pôde, ao menos, testemunhar o início da aclamação internacional e da popularidade que o país e o seu clube adquiriam no exterior. Parecia então que, ao menos sob o ponto de vista dos esportes, como sugeria o título poema de Oswald de Andrade, a Europa havia se curvado ante o Brasil...

Longe de resumir-se, pois, àquele ano-chave de 1958, de já há alguns anos a fama futebolística brasileira vinha sendo urdida na Europa. Ela abrangia também outras instâncias de representação que não se restringiam apenas à da seleção nacional. Desde que o Paulistano por lá passara em 1925, assistia-se ao início da construção desta imagem que era realizada, de acordo com estes escritores, por meio das agremiações clubísticas, espécies de microcosmo e escorço do país, desde as suas fundações ligadas a uma dimensão geográfica local ou nacional. Para José Lins do Rego, em especial, tal construção culminava naquela excursão vitoriosa do seu time em 1951.

Deste modo, a passagem de José Lins do Rego pela Suécia sete anos antes da vitória do Brasil na Copa do Mundo, chefiando a delegação de seu time, deve ter-lhe proporcionado a sensação de um feito igualmente grandioso, um feito que comprovava e locupletava todo o seu entusiasmo clubístico, pois, para esse cronista esportivo – "lírico e sensual, dionisíaco e romântico", no dizer do crítico Álvaro Lins[126] –, não havia diferença entre o seu clube e o seu país: "o Brasil e o Flamengo são a mesma coisa."[127]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

[126] Cf. LINS, A. "Sucessos e insucessos do Menino de Engenho". In: **O romance brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968, p. 43. Dentre as definições do crítico Álvaro Lins sobre a figura de José Lins do Rego, uma das mais lapidares e que o definia com mais precisão era a seguinte: "Sempre o sr. José Lins do Rego perturbará os críticos com essa dualidade: um homem alegre, exuberante, apaixonado da vida até o sensualismo mais frenético; um escritor triste, um romancista que faz viver personagens desgraçados, que descreve situações comoventes". Cf. LINS, A. In: REGO, J. L. do. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. xxxiv e xxxv.

[127] Cf. REGO, J. L. do. "Sossega, leão". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 21 de março de 1951, p. 5.

Conclusão

Conforme se pode depreender do que foi dito até aqui, é difícil precisar um *marco zero* para a relação que tentamos estabelecer entre os escritores modernistas e o futebol brasileiro na primeira metade do século XX. Apenas tangenciando o fenômeno futebolístico, autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, de um lado, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e Jorge de Lima, de outro, muito mais sugeriam do que explicitavam suas concepções acerca deste esporte que no decorrer das décadas parecia se tornar mais irreversível em termos de preferência coletiva e de adesão popular.

Com uma plataforma voltada desde 1924 para a apreensão e para a definição daquilo que poderia significar para eles os aspectos mais *sui generis* das manifestações culturais brasileiras, o modernismo pareceu à primeira vista lidar com certa cautela e com certa reserva – quando não, com explícita antipatia, como foi o caso de Graciliano Ramos – diante do crescente e contagiante processo de popularização de um esporte de jaez eminentemente europeu no país. Foi esta ao menos a hipótese de que partimos diante de tão escassos relatos e de tão poucos registros colhidos ao longo da década de 1920, entre os intelectuais de uma geração para a qual era sobremaneira imperiosa a tarefa de entrar em contato com o cotidiano do país e com a *realidade nacional.*

As décadas de 1930 e 1940, todavia, vão possibilitar aos escritores modernistas uma paulatina alteração no enfoque do fenômeno, ainda que não de uma maneira unânime e consensual. A entrada da questão dos esportes em sua relação com a identidade da nação no âmbito internacional será decisiva neste sentido. Embora tal tema já se manifestasse de certa maneira desde os primórdios da implantação do futebol no Brasil, com a sua difusão levada a termo por colégios e clubes de imigrantes europeus – para quem era crucial a preservação de traços culturais de seus países de origem –, e já se tornasse bem perceptível em cidades como o Rio de Janeiro na virada da década de 1910 para a década de 1920, com a realização de campeonatos sul-americanos e com a disputa anual de torneios com os países platinos, à época num estágio de desenvolvimento esportivo que se considerava modelar no continente, os decênios seguintes vão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

colocar em pauta a questão da identidade nacional no futebol em uma outra ordem de grandeza: a intercontinental. Espécie de *espelho do próspero*[1], era agora o futebol europeu, mais que o futebol platino, quem fornecia o elemento de contraposição e de alteridade, possibilitando a subseqüente tentativa de auto-afirmação da nação brasileira no terreno esportivo.

Além das transformações desencadeadas pela emergência do profissionalismo, como o ingresso sistemático de jogadores negros, mestiços e de origem pobre na seleção brasileira e nos grandes clubes que até então cultivavam uma política segregacionista do ponto de vista racial e social, a organização das três primeiras copas do mundo na década de 1930 vai acionar a idéia de uma unidade nacional que tinha a seleção brasileira como uma das instâncias principais de representação simbólica, coincidindo naquele período também com um projeto de configuração do Estado-nação à Vargas. Para estes autores imbuídos do espírito de *brasilidade*, bosquejava-se então a idéia de que também por intermédio do futebol o país podia ser inscrito naquilo que Mário de Andrade chamava de o *concerto das nações.* Esta inserção, por sua vez, passaria a ser visualizada por um Gilberto Freyre e por um José Lins do Rego após a realização da III Copa do Mundo, em 1938, na França.

Nesse sentido, dentre o variado leque de fontes a que recorremos para tentar rastrear e dar conta da concepção de intelectuais de alguma maneira ligados ao modernismo acerca do futebol – como crônicas, ensaios, contos, romances, poemas e pinturas –, o prefácio de Gilberto Freyre ao livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947), nos pareceu um texto emblemático. Isto se dava uma vez que ele conseguia condensar algumas características muito significativas de parte do ideário nacional do modernismo para uma interpretação e para uma compreensão do fenômeno futebolístico no Brasil. Em consonância com a noção de antropofagia desenvolvida por Oswald de Andrade em seu manifesto de 1928, Gilberto Freyre identificava no futebol um exemplo indubitável da capacidade do brasileiro de transplantar, de assimilar e de reinterpretar os inúmeros produtos que historicamente nos vinham importados e impingidos da Europa.

[1] Esta expressão é tomada de empréstimo do título do livro do historiador norte-americano Richard M. Morse. Cf. MORSE, R. M. **O espelho do próspero: cultura e idéias nas Américas**. Apresentação de Antônio Cândido. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A tradução e a decodificação sofrida pelo futebol ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, metamorfoseando-se de esporte elitista estrangeiro em esporte nacional-popular, seria mais um atestado da maleabilidade, da plasticidade e da inventividade imprimidas pela cultura brasileira, com a novidade agora de que ela se expressava em uma seara, a esportiva, até então quase intocada e fora dos planos coletivos dos modernistas. Segundo o sociólogo pernambucano, na passagem histórica de uma fase agrária e patriarcal para uma fase predominantemente moderna e urbano-industrial, a nação assistia com o futebol ao mesmo tempo em que a uma absorção positiva do elemento externo, a uma linha de continuidade com o seu próprio passado e com as suas próprias tradições coloniais, mostrando assim a força de suas origens negras e ameríndias, bem como, o viço de suas raízes rurais.

Mas, se a busca da identidade nacional no plano esportivo passava pela definição de sua singularidade diante de outros países e, em especial, diante de selecionados europeus em torneios mundiais, seu diferencial tinha de se respaldar naquele momento em critérios que fossem não apenas os meramente competitivos, pragmáticos ou meritocráticos. Isto se devia também ao fato de que o Brasil, embora já fosse reconhecido e ocupasse posição de destaque no cenário futebolístico estrangeiro, apenas se sagraria campeão mundial com a realização da VII Copa do Mundo, em 1958, na Suécia, não tendo conquistado até então resultados que avalizassem de maneira incontestável sua superioridade em escala internacional.

Subsumida à questão nacional, assistia-se deste modo à emergência do quesito estético no processo de valorização do futebol brasileiro, incorporando o discurso sobre os esportes à ambiência das questões culturais e artísticas mais amplas do modernismo. A definição de um estilo nacional e daquilo que denominamos de *brasilidade esportiva* passava, pois, pela sua identificação ao *futebol-arte*, tal como Gilberto Freyre apontou desde o final dos anos de 1930, onde, mais do que o resultado dos jogos ou a preparação físico-atlética dos jogadores, o que importava eram as noções de espetáculo, de arte coletiva e de floreio corporal que os brasileiros pareciam proporcionar, para ele, de forma inovadora ao mundo. Observava-se neste ponto uma inflexão nas origens do discurso esportivo, uma vez que desde a virada do século XIX para o século XX as teorias sobre o futebol remetiam a questão do belo aos benefícios éticos,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

medicinais e cívico-morais do esporte para a formação do indivíduo burguês e para a constituição da vida moderna, regulada pelo primado da ação sobre a contemplação e ajustada pelo equilíbrio do corpo com o espírito, sob o lema *mens sana in corpore sano*[2].

Ainda que na maioria das vezes o ideal de belo estivesse atrelado pelos modernistas à usual e a até certo ponto fastidiosa discussão em torno da identidade nacional, podia-se perceber nesse período uma certa autonomia do fenômeno estético, um "prazer livre de interesse" de que falava Kant[3] – apenas para seguir as sugestões de Gumbrecht e Welsch em dois artigos recentes[4] – o que ajuda a compreender a fascinação de intelectuais como Mário de Andrade, José Lins do Rego e Raul Bopp[5] pela experiência esportiva, dando foros de legitimidade artística ao futebol. No caso brasileiro, os dois fatores que propiciaram a estilização e a estetização do futebol diziam respeito à música popular e à dimensão corporal da figura do negro. Ambos já faziam parte do ideário estético modernista em sua definição da cultura brasileira desde o início da década de 1920, pavimentando o caminho para que nos idos de 1930 e 1940 o discurso sobre o futebol extrapolasse seu significado inicial, estritamente esportivo, educativo e disciplinador.

Ao contrário do jogador europeu, para quem o desempenho dependia do treinamento, da aprendizagem e da técnica adquirida pela repetição mecânico-corporal anterior às partidas, a performance do jogador negro brasileiro, para Gilberto Freyre, aproximava-se da imagem do excesso e do extravasamento dionisíaco nietzscheano. Tratava-se de representar o jogador negro brasileiro pela imagem do gênio, cuja virtuosidade, cujo talento e cuja *fabulosa força nativa*[6] só não eram completamente inexplicáveis na medida em que sua maneira de se comportar em campo lembrava suas vivências e suas experiências prévias, obtidas no convívio íntimo com a tradição do samba, da capoeira e do carnaval.

---

[2] O lema é de Juvenal (c. 55 - c. 140), poeta satírico latino. Apud MAGALHÃES, J. V.C. de. **Diário íntimo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 58 e 62.

[3] Apud GUMBRECHT, H. U. "A forma da violência: em louvor da beleza atlética". In: **Caderno Mais!** São Paulo: Folha de São Paulo, 21 de março de 2001, p. 6.

[4] Ibid. Cf. também WELSCH, W. **op. cit.**

[5] O poeta gaúcho, autor do clássico poema modernista *Cobra norato* (1928), discorreu em artigo sobre o "élan magnético" que o atraía para o futebol. Cf. BOPP, R. "Futebol". In: PEDROSA, M. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967, p. 215.

[6] A expressão é de José Lins do Rego, empregada em seu ensaio *Fôlego e classe*. Apud JUNQUEIRA, I. **op. cit.**, p. 233.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A subordinação do futebol ao discurso em torno da música popular e do folclore brasileiro, tal como ele havia sido fixado pelos modernistas na década de 1920, num trabalho de teorização e de pesquisa que entretanto remontava às atividades já iniciadas por um Sílvio Romero desde o último quartel do século XIX, fazia com que o prefácio de Gilberto Freyre abonasse e viesse juntar-se a um projeto concretizado de maneira paralela aos escritores modernistas pelo jornalista Mário Filho. Idealizador e realizador do primeiro desfile das escolas de samba na Praça Onze, no início da década de 1930, foi através dos periódicos por ele dirigidos, *O Mundo Esportivo* e o *Jornal dos Sports*, que se efetuou uma estreita aliança entre as atividades em torno da música popular e do futebol carioca.

Aliança esta tão estreita que cedo seria integrada à história oficial da cultura brasileira, onde o estereótipo de *país do samba e do futebol* se propagaria pelo decorrer da segunda metade do século XX, adquirindo projeção internacional. Mário Filho era assim uma espécie de *inventor de tradições*, concebendo, agenciando e recontando em crônicas tudo o que produzia no âmbito musical e esportivo da capital da República, como o fazia com os seus Jogos da Primavera (1947), com os seus Jogos Infantis (1951)[7] e os com seus já mencionados Desfiles das Escolas de Samba, desde o início dos anos de 1930.

Mas não era somente a relação entre o futebol e a música popular o ponto de convergência entre Mário Filho e autores egressos do movimento modernista. Sem se esquecer de que desde pelo menos o final dos anos de 1920 o jornalista Mário Filho flertava o mundo das letras, acalentando o projeto literário de romancista, projeto este iniciado em 1927 com a obra *Bonecas* e finalizado em 1966 com *A infância de Portinari*, biografia do pintor modernista de São Paulo, pode-se dizer que tal proximidade se dava de igual forma no campo da linguagem. Nele se processavam uma série de transformações que tinham como objetivo encurtar a distância entre o escritor e seus leitores, num grau análogo ao que era preconizado pelos escritores modernistas, para quem era fundamental a incorporação de termos coloquiais e a fusão da linguagem escrita com a linguagem oral.

[7] Na Argentina, contando com o incentivo de Perón e Evita, organizavam-se torneios similares, como os anuais *Campeonatos Infantis de Futebol Evita*, com o envolvimento de mais de cem mil crianças. Cf. AGOSTINO, G. **op. cit.**, p. 167.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

A aversão modernista à fala empolada e ornamental, bem como, aos recursos retóricos dos parnasianos afinava-se com as mudanças promovidas na crônica esportiva, cuja narrativa encontrava-se igualmente presa até a década de 1920 aos cânones greco-romanos e especialmente ao estilo elevado da retórica sublime clássica. Mário Filho vai neste sentido mobilizar seus esforços para a reformulação dos paradigmas do jornalismo esportivo, inserindo os aspectos da subjetividade, do dialogismo e da oralidade na interlocução entre o cronista e o público leitor de massas que se ampliava cada vez mais na década de 1930 em todo o país.

A ligação que salientamos entre o projeto jornalístico de Mário Filho e as inovações lingüísticas requeridas pelo modernismo podia ser percebida também, da parte dos modernistas, num ensaio do crítico paulista Sérgio Milliet. Escrito em 1941 e denominado *Futebólia*, o ensaio ironizava os devaneios que caracterizavam as seções esportivas e os seus redatores. Estes, com seu tom pedante e com seus solecismos, eram capazes de fazer verdadeiras acrobacias verbais, escrevendo frases acintosas à compreensão da maioria do público leitor. Entre a revolta e o sarcasmo, Sérgio Milliet exemplificava o jargão pernóstico da crônica esportiva tradicional: "Os torcedores saíram com seus pontos antipodamente eqüidistantes."[8]; "F. premiu com os pés as válvulas do quadro."[9]; "... os arcos estão invioláveis, são virgens resistentes"[10]. Para o crítico paulista, da mesma forma que para Mário Filho ou para Genolino Amado, que anos depois cunharia a expressão *bacharelismo esportivo* para criticar este espécime de escritor, tais frases despropositadas encobriam a real finalidade da crônica esportiva moderna, qual seja, a de cumprir uma função educativa e a de ser um veículo dirigido à comunicação simples e direta com as grandes massas.

A escolha da série de mais de mil e quinhentas crônicas esportivas de José Lins do Rego como objeto sistemático de pesquisa teve em mira completar os traços de convergência que pareciam se esquadrinhar entre alguns intelectuais modernistas, ligados ao pensamento social brasileiro, e o jornalista Mário Filho. José Lins do Rego, além de prefaciador da primeira obra esportiva de Mário Filho em 1943, *Copa Rio Branco 32*, havia sido o intermediário que apresentara

[8] Cf. MILLIET, S. "Futebólia". In: **O sal da heresia – novos ensaios de literatura e arte**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941, p. 54.
[9] Cf. Ibid., p. 55.
[10] Cf. Ibid.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Gilberto Freyre ao jornalista pernambucano, tornando possível a realização daquele prefácio a *O negro no futebol brasileiro*, livro que era anunciado em 1947 no *Jornal dos Sports* a um só tempo como obra de literatura e como obra de sociologia. No ano seguinte, em 1948, o livro seria promovido ainda com a publicação de artigos de intelectuais como o historiador Nelson Werneck Sodré, a antropóloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, a romancista Rachel de Queiroz, o poeta Jorge de Lima e o crítico Olívio Montenegro, contribuindo para estatuir um duplo valor – científico e literário – à obra de Mário Filho. Fato que teria continuidade na segunda edição do livro, em 1964, com a apresentação e a legitimação do folclorista Édison Carneiro.

A indeterminação de gênero que se atribuía à obra de Mário Filho, com sua combinação de história e romance, de sociologia e crônicas pitorescas, era um fato que nos chamava a atenção na medida em que revelava uma mesma ambigüidade já cultivada por Gilberto Freyre na construção da representação de sua própria imagem como escritor. Completando o liame entre Mário Filho e Gilberto Freyre, José Lins do Rego era o terceiro vértice que possibilitava a compreensão do conjunto de idéias sobre o futebol que estavam sendo concatenadas e compartilhadas por esta tríade intelectual. Além de autor de um romance em 1941, *Água-mãe*, em que apresentava a figura de um menino provinciano que aspira se tornar jogador profissional da seleção brasileira e que, alcançando de maneira fugaz a glória de ídolo nacional, logo cai no ostracismo e no esquecimento – numa temática muito comum à carreira de vários atletas, vindo a ser ainda retomada com colorações trágicas por Mário Filho em seu livro *Romance do football* (1949) – as crônicas esportivas de José Lins do Rego mostram o quanto se encontravam imiscuídos os projetos e a forma de se pensar dos três autores.

Mesmo assim, a despeito da dificuldade de se discernir o que pertencia originalmente a cada um, pode-se dizer que José Lins do Rego era o autor que assumia com maior nitidez e até certo ponto com menor vaidade uma linha de subordinação às teorias mais gerais dos dois primeiros, sendo que Gilberto Freyre o considerava com orgulho uma espécie de discípulo e de filho pródigo. Longe de ser um demérito, a posição secundária de José Lins do Rego sob o ponto de vista teórico se afigurou um dado estimulante para nós, na medida em que permitiu visualizar sem maiores abstrações todo um conjunto de questões literárias e esportivas que ainda se colocavam como problema para o autor em 1945 e que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

apareciam explicitadas em suas crônicas quando inicia sua colaboração no *Jornal dos Sports.* Além do mais que enfatizado repúdio ao bacharelismo, o elogio da humildade, da simplicidade e do cultivo ao puro despojamento – ideais filiados à retórica sublime cristã na história da literatura ocidental, tal como estudou Erich Auerbach em sua obra clássica de 1946[11] – eram características remanescentes do modernismo dos anos de 1920, já vivenciadas de maneira lapidar na postura existencial e na experiência poética de um Manuel Bandeira, e que tanto se faziam presentes nas crônicas esportivas de seu amigo, egresso do regionalismo nordestino, desde sua juventude em Recife e Maceió.

Se então, por um lado, mostrava-se fiel a importantes questões da problemática originária do modernismo, por outro, ao aceitar ainda a condição de epígono do projeto de Mário Filho, José Lins do Rego tornava possível ao nosso estudo também a observação da experiência de proximidade entre o cronista e o leitor no processo de constituição de uma crônica esportiva moderna. Assumindo a condição daquilo que qualificamos de *cronista-torcedor*, sua emoção e seu pendor clubístico faziam com que a crônica esportiva se tornasse não um espaço frio para relatos objetivos, informativos e hierárquicos na clássica relação entre emissor e receptor, mas um lugar próprio para a liberdade de expressão, para o transbordamento da subjetividade e para o prolongamento da vivência calorosa que uma partida de futebol era capaz de suscitar entre os seus atores. Ainda que não se pudesse atribuir uma relação de paridade e de horizontalidade entre os dois pólos constitutivos da crônica esportiva moderna, percebia-se neste movimento, ao menos, a perda, por parte do cronista esportivo, da aura de verdade, do monopólio da fala ou da onisciência do saber que até então parecia acompanhar a narração e o processo de reconstituição de um jogo de futebol.

Tribuna de polêmicas, lugar de bate-papo informal ou de uma espécie de *conversa escrita* que antecedia e sucedia a realização das partidas, a coluna "Esporte e vida" de José Lins do Rego evidenciava de que maneira a crônica esportiva moderna ia se integrando a um circuito de relações mais abrangentes do futebol, circunscrito não apenas aos limites das redações de jornal, mas se ampliando polifonicamente por toda a cidade, em espaços como os estádios e os clubes, os lares e os bares, os cafés e os locais de trabalho, onde a discussão sobre

[11] Cf. AUERBACH, E. **Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

os fatos esportivos se tornavam mais e mais usuais. Lançando mão de sua identidade clubística, José Lins do Rego lograva trazer para o fórum que se tornava em certo sentido a crônica esportiva, a efetuar então uma inovadora interação entre os leitores e os principais representantes das entidades esportivas nacionais, como um Vargas Netto, como um Mário Pólo ou como um João Lyra Filho, toda a passionalidade característica do torcedor de futebol.

Nesse tipo novo de interação, seria possível descambar ora para as *relações jocosas* – apenas para empregar um conceito do antropólogo social inglês Radcliffe-Brown[12], em que se mostra de que maneira as brincadeiras e os gracejos tornam possíveis uma ambígua camaradagem entre grupos rivais ou antagônicos, tornando suportáveis certas tensões e conflitos latentes –, fato verificado nas crônicas esportivas de José Lins do Rego pelas constantes ironias, chacotas e mangações travadas com vascaínos, tricolores e botafoguenses[13]; ora para as *reações violentas*, tomadas principalmente por parte destes leitores que viam o cronista como um igual, sujeito assim a toda sorte de desavenças pessoais, de insultos morais e até de ameaças de agressão física.

A explicitação de uma relação aparentemente excêntrica entre José Lins do Rego e sua identidade clubística – recurso que, diga-se de passagem, seria utilizado ao longo do século por muitos comentaristas esportivos em meios de comunicação como o rádio e a televisão, a fim de promover e de acirrar tais identidades junto aos torcedores –, procurava todavia sublinhar o fato de que tal relação estava longe de ser apenas uma mera idiossincrasia do cronista. Ela articulava, num plano mais geral, o discurso em torno do clube ao discurso já existente em torno da nação. Da mesma maneira que a clássica pergunta renaneana[14], *o que é uma nação ?*, parecia que agora cumpria responder nos mesmos moldes e recorrendo aos mesmos subsídios à interrogação: *o que é um clube ?*. Mais uma vez, José Lins do Rego encontrava à sua frente a obra de Mário

[12] Cf. RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973. O antropólogo inglês chega a fazer referência explícita ao fenômeno do futebol.

[13] Um exemplo de um alvo de constantes polêmicas, pilhérias e provocações por parte de José Lins do Rego era Bertrand, o gordo livreiro, torcedor do Fluminense, que trabalhava na Livraria Civilização Brasileira, então situada na rua do Ouvidor, e que se rejubilava em fazer brincadeiras e em tripudiar dos adversários. Cf. REGO, J. L. do. "O livreiro desconsolado". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 40. A crônica é de 31 de agosto de 1945. Ver ainda as notas de Marcos de Castro sobre esta crônica na página 150.

[14] Alusão ao pensador francês Ernest Renan (1823-1892). Cf. RENAN, E. "Qu'est-ce qu'une nation ?". In : JAQUIER, L. **Français – littérature**. São Paulo: Compahnia Editora Nacional, 1953.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Filho que, com *Histórias do Flamengo* (1945), parecia esgotar seu cabedal de lembranças e suas fontes de pesquisa oral, destacando uma série de anedotas, crônicas e casos pitorescos necessários à compreensão do significado do cinqüentenário deste clube na história no futebol brasileiro.

Originalmente pequeno, amador e aristocrático, o Flamengo tornara-se, segundo Mário Filho, em meio século de existência, um clube de projeção nacional, um *clube-nação,* o mais popular , encarnando as próprias vicissitudes de expansão deste esporte em todos os quadrantes do Brasil. Em um processo homólogo ao ocorrido com o futebol profissional brasileiro, o crescimento de popularidade do Flamengo confundia-se com a entrada de jogadores negros e mestiços em seu time, como foi o caso de Domingos da Guia, Fausto e Zizinho.

Outra estratégia discursiva a que recorria Mário Filho para atribuir ao Flamengo uma magnitude e um elo com a nação era a idéia de que, por meio deste clube, mais do que qualquer outro, efetuava-se aquela relação, para ele inextricável, entre a música popular e o futebol. Seja a têmpera boêmia de muitos de seus fundadores – lembre-se da República Paz e Amor –, seja a atuação de muitos de seus jogadores em campo – lembre-se de Leônidas da Silva – seja a comemoração de muitos de seus torcedores nas ruas, nos bondes e nas arquibancadas – lembre-se de Jaime de Carvalho, criador da *Charanga rubro-negra* em 1942 – era o quesito musical e o espírito carnavalesco que imputava ao Flamengo sua índole popular frente aos demais clubes. Mais uma vez, nas fímbrias do discurso sobre o samba, o carnaval e a música, Mário Filho justificava e afirmava seu projeto esportivo na capital da República, irradiando-o em âmbito nacional.

Se mais uma vez então parecia que Mário Filho seria o arrimo intelectual de José Lins do Rego em suas crônicas esportivas, pode-se dizer, sem embargo, que a imagem do Flamengo construída pelo romancista paraibano ganhava alguns novos contornos, ausentes na obra do diretor do *Jornal dos Sports.* Enquanto as reminiscências de Mário Filho voltavam-se de uma maneira exclusiva para o passado do clube no Rio de Janeiro, localizando os pontos cardeais onde se encontravam seus eventos mais marcantes, José Lins do Rego valia-se do recurso mnemônico para projetar sobre sua região natal os momentos principais do Flamengo em viagens ao Nordeste como as de 1946, 1947 e 1948. Superpondo, mais do que escandindo, sua identidade clubística sobre sua identidade regional e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

sobre sua identidade nacional, o cronista introduzia um elemento até aquela altura ausente da análise de Mário Filho. Embora este atribuísse o reconhecimento do Flamengo em escala nacional à transmissão radiofônica dos campeonatos cariocas na década de 1930, contribuindo para divulgar os clubes do Rio de Janeiro, mais do que os de São Paulo, por todo o país, José Lins do Rego via nas excursões do Flamengo ao Nordeste algo próprio da *brasilidade* que nesta região se tornava mais forte, mais palpável e mais evidente. A atração exercida pelo Flamengo em figuras típicas, clássicas e fiduciárias da tradição nordestina, como o sertanejo e o jangadeiro, fornecia assim não apenas um indício, mas, para ele, uma prova irretorquível do efeito catalizador que um clube de futebol, entendido enquanto uma comunidade imaginada, era capaz de obter no Brasil.

Parece-nos desta maneira que o discurso da *brasilidade clubística* reverberava de uma forma mais intensa em José Lins do Rego do que a própria *brasilidade esportiva* presente na seleção nacional. A demarcação histórica da relação de José Lins do Rego com os esportes tendo como balizas temporais duas Copas do Mundo, a da França em 1938 – ano em que Edilberto Coutinho sugere uma espécie de *descobrimento do futebol* por parte do escritor – e a da Suécia em 1958 – um ano depois de seu falecimento – tinha em vista que um certo interregno e uma certa lacuna destas competições (apenas assistiria-se à realização da Copa do Mundo em 1950, no Brasil, perdida de forma traumática para o Uruguai, e à de 1954, na Suíça, para a qual José Lins do Rego se mobilizou com a angariação de fundos para a participação brasileira) poderia ter contribuído para um deslocamento no discurso zeliniano, da esfera nacional para a esfera clubística. Ainda que tal entendimento deva ser visto com parcimônia, uma vez que a seleção nacional continuava sendo o principal *leitmotiv* em competições como o Campeonato Sul-Americano e o Campeonato Pan-Americano, esta pode ser uma hipótese bem plausível para o crescimento de importância dos clubes e, em especial, do Flamengo, nas décadas de 1940 e 1950.

Conforme pudemos acompanhar, o ufanismo clubístico de José Lins do Rego parecia atingir seu acme quando o Flamengo via-se diante de selecionados europeus. Assim havia ocorrido em 1949, com a vitória do Flamengo sobre o Arsenal, um dos mais respeitados clubes ingleses, em São Januário, num acontecimento que mobilizou a imprensa esportiva do país e que fez José Lins do Rego se entusiasmar com a superação dos *nossos caboclos* sobre os *catedráticos*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

do futebol[15]. Assim havia-se dado também na excursão do Flamengo à Suécia em 1951, quando a qualidade de representante da nação em terras européias ajudava José Lins do Rego à exaltação daquilo que entendia como a *brasilidade rubro-negra* e à projeção da imagem do Brasil como *país do futebol*, antes mesmo da conquista de sua primeira Copa do Mundo.

A importância do confronto dos clubes nacionais com os clubes europeus era de tal envergadura que as próprias partidas do Vasco da Gama contra os clubes de Portugal e de Espanha faziam com que José Lins do Rego escrevesse crônicas intituladas *Lá o Vasco é como se fosse o Flamengo*[16]. Em consonância com a idéia da importância do desempenho dos clubes brasileiros na afirmação mundial do nosso futebol, o cronista Thomaz Mazzoni dizia ainda em sua *História do futebol brasileiro (1894-1950)* que aquela excursão do Vasco da Gama à Europa havia sido "o melhor feito internacional" do futebol brasileiro em 1947[17].

Em vista de tudo o que foi exposto até aqui, é possível concluir dizendo procuramos ao máximo sistematizar, organizar e interpretar o material que nos foi possível levantar, referente à relação entre os intelectuais modernistas e o fenômeno do futebol brasileiro nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Nos quadros da historiografia, intentamos dar um passo adiante no mapeamento e na análise da recepção que uma específica geração de escritores tinha do futebol. Tínhamos como parâmetro, parece claro, o trabalho de pesquisa realizado pelo historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira sobre o significado assumido pelo futebol brasileiro entre os literatos das décadas de 1910 e 1920, como Olavo Bilac e Coelho Neto, Lima Barreto e Afrânio Peixoto, Carlos Sussekind de Mendonça e Gilberto Amado[18].

Procurando ainda redimensionar e rever algumas verdades consagradas e algumas versões cristalizadas por uma certa história oficial do futebol brasileiro –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

---

[15] Cf. REGO, J. L. do. "Os catedráticos e os meninos". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1949, p. 9.
[16] Cf. Id. "Lá o Vasco é como se fosse o Flamengo". In: **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 82. A crônica é de 22 de junho de 1947.
[17] Apud COUTINHO, E. **Zelins, Flamengo até morrer !** Rio de Janeiro, s.e., s.d., p. 174.
[18] É válido assinalar que o historiador já havia empreendido uma pesquisa análoga em sua dissertação de mestrado, enfocando a visão de romancistas e poetas da *belle-époque*, como Olavo Bilac, Raul Pompéia, Machado de Assis e Gastão de Bousquet, acerca do fenômeno do carnaval carioca. Cf. PEREIRA, L. A. de . M. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

com Mário Filho à frente, Gilberto Freyre atrás e Getúlio Vargas ao fundo –, a investigação de Leonardo Affonso de Miranda Pereira tinha também o mérito teórico-metodológico de ampliar o escopo discursivo das diversas representações, feitas de embates e contradições mais do que de harmonias e congraçamentos, que seus anônimos praticantes traziam embutidas em suas atividades esportivas no Rio de Janeiro, num marco cronológico que ia de 1902 a 1938.

Ano da realização da III Copa do Mundo da França, 1938 era uma data que coincidia também com a entrada em cena da figura de José Lins do Rego no debate intelectual sobre o futebol, estendendo sua vivência no meio esportivo nacional por quase duas décadas, até 1957, com o seu falecimento. Cientes e precavidos da *ilusão biográfica*[19] que embasam certos tipos de abordagem sobre trajetórias de indivíduos e cronologias de vida, procuramos lidar com a volumosa série de crônicas esportivas de José Lins do Rego tendo como fito observar também as transformações por que passava o futebol brasileiro nas décadas de 1940 e 1950, num período que compreendia a ditadura do Estado Novo e o ciclo da República Democrática de 1945 – com a internacionalização da economia de Dutra, com o drama da autonomia econômica nacional vivido por Vargas e com o início da euforia desenvolvimentista dos anos JK.

De acordo com o que pudemos concluir de nossa pesquisa, José Lins do Rego empregava e transferia boa parte desta euforia e deste otimismo nacional para o discurso em torno das identidades dos clubes e, em especial, para o Flamengo. Numa espécie de reencarnação da grandiosidade da nação, assistia-se enfim a uma saga esportiva, a uma épica clubística, que para ele soia acontecer de maneira extraordinária com o Flamengo.

[19] A expressão é do sociólogo Pierre Bourdieu. Cf. BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, M. de. M.; AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 183.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Referências bibliográficas

ACCIOLY, Breno. **João Urso**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002.

_____. "Perfis dos primeiros craques negros e mulatos no futebol brasileiro." In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

AGUIAR, Flávio. "Notas sobre o futebol como situação dramática". In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1999.

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria – el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina**. Buenos Aires: Prometeo libros, 2002.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortez, 1999.

ALENCAR, Edigar de. **Flamengo, força e alegria do povo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.

_____. "A Confeitaria Colombo". In: **Este Rio querido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1982.

_____. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1965, 2 vols.

ALMEIDA, Fialho de. **Os gatos**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Livro de Portugal, 1942.

ALVES, Ivan. **Uma nação chamada Flamengo**. Rio de Janeiro: Europa, 1989.

AMADO, Genolino. "Bacharelismo esportivo". In: **Os inocentes do Leblon**. Rio de Janeiro: Globo Livraria, 1946.

AMARAL, Aracy A. **Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas**. São Paulo: Editora 34/Fapesp, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2001.

_____. **De Paulicéia desvairada a Café (Poesias completas)**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

_____. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1963.

_____. "Brasil-Argentina". In: **Os filhos da Candinha**. São Paulo: Martins, 1963.

ANDRADE, Oswald de. **Ponta de lança: polêmica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **Estética e política**. São Paulo: Globo, 1994.

_____. **Telefonema**. São Paulo: Globo, 1996.

_____. **Os dentes do dragão – entrevistas**. São Paulo: Globo, 1992.

_____. **Poesias reunidas**. São Paulo: Difel, 1966.

_____. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **Pau-Brasil**. Prefácio de Paulo Prado. São Paulo: Globo, 1991.

_____. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1991.

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **'Com brasileiro, não há quem possa': crônicas de futebol e identidade nacional.** São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia da Universidade de São Paulo, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

AQUINO, Rubim S. L. de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARANHA, Graça. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 1980.

_____. **Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. "Deuses em miniatura: notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre". In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Navegar é preciso, viver – escritos para Silviano Santiago**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____.; CASTRO, Eduardo Viveiros de. "Romeu e Julieta e as origens do Estado Moderno". In: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

ARCHETTI, Eduardo P. **Football, polo and tango in Argentina**. Oxford/New York: s. e., s. d.

ARRIGUCCI Jr., Davi. "O humilde cotidiano de Manuel Bandeira". In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
_____. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AUERBACH, Erich. **Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ÁVILA, Affonso (org.). **O modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Huicitec, 1990.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, andorinha**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BARBOSA, João Alexandre. "Linguagem & realidade do modernismo de 22". In: **A metáfora crítica**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BARREIRINHAS, Yoshie Sakiyama (org.). **Menotti Del Picchia: o gedeão do modernismo (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado, 1983.

BARRETO, Lima. **Marginália: artigos e crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Diário íntimo**. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1955.

BELLO, Júlio. **Memórias de um senhor de engenho**. Prefácios de Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Recife: FUNDARTE, 1985.

BELLOS, Alex. **Futebol: the Brazilian way of life**. Londres: Bloomsbury, 2002.

BENJAMIN, Walter. "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Obras escolhidas II (Magia e técnica, arte e política)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BESSA, Fernando Manuel. **Campo de força: sociabilidade em uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal Fluminense, 2000.

BIBLIOTECA NACIONAL. **José Lins do Rego (1901-1957): catálogo da exposição**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1981.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **O salão e a selva: uma fotobiografia de Oswald de Andrade**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Ex Libris, 1995.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

BORGES, Ricardo. **Borracha – ciclo de opulência do Brasil e revelação de sua Amazônia ao mundo**. Belém: Acervo particular.

BORNHEIM, Gerd. "A descoberta do homem e do mundo". In: NOVAES, Adauto. **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987.

BOSI, Alfredo. "Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária". In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRAGA, Rubem. "O emprego de Friedenreich". In: **As boas coisas da vida**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CABRAL, Sérgio. **No tempo de Ari Barroso**. Rio de Janeiro: Lumiar, s. d.

CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa e outras bossas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O gol é necessário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Diário da tarde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CAMPOS ARAÚJO, José Renato de. **Imigração e futebol: o caso Palestra Itália**. São Paulo: Editora Sumaré/IDESP, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés-do-chão". In: **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. "Um romancista da decadência". In: **Brigada ligeira**. São Paulo: Editora Martins, s. d.

_____. "A revolução de 1930 e a cultura". In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. "Dialética da malandragem". In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

CARPEAUX, Otto Maria. "O brasileiríssimo José Lins do Rego". In: José Lins do REGO. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

CARVALHO, João Antero de. **Torcedores de ontem e hoje**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. "Esportes". In: **Cultura e civilização**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. 2º v.

_____. **Jangada – uma pesquisa etnográfica**. Rio de Janeiro: Editoras Letras e Artes, 1964.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego, modernismo e regionalismo**. São Paulo: EDART, 1961.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade – exílio no Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico – a vida de Nélson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001.

CENDRARS, Blaise. **Etc..., etc... (um livro 100% brasileiro)**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. “La voix du sang”. In: REGO, José Lins do. **L’enfant de la plantation**. Paris: Deux Rives, 1953.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo**. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1982.

CIRNE, Moacy; MOYA, Álvaro de.; D’ASSUNÇÃO, Otacílio; AIZEN, Naumim. (orgs.) **Literatura em quadrinhos no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

COELHO, Frederico Oliveira. **“Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado”: cultura marginal no Brasil dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, Alexandre da. **O tigre do futebol: uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich**. São Paulo: DBA, 1999.

COSTA, André Lucirton. “A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel”. In: **Revista de Administração de Empresas de São Paulo**. São Paulo: 1995, nov./dez.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). **José Lins do Rego, fortuna crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

COUTINHO, Edilberto. **Zelins, Flamengo até morrer !** Rio de Janeiro: s. e., s.d.

_____. **Nação rubro-negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé, 1990.

_____. “José Lins do Rego, futebol e vida: a emoção flamengo”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). **José Lins do Rego, fortuna crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. “Zelins, Flamengo até morrer.” In: **Pesquisa de campo – Futebol: 100 anos de paixão brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

_____. **O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

DAMATTA, Roberto. **Explorações, ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____(org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1981.

_____. "Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro". In: **Revista USP (Dossiê futebol)**. São Paulo: s.e., 1994. 22 n.

_____. **Carnaval, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____; SOÁREZ, Elena. **Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAMO, Arlei Sander. **'Para o que der e vier': o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

_____. "Ah! Eu sou gaúcho: o nacional e o regional no futebol brasileiro". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23.

DANNER, Mário Fernando Passos. **O sertão e a cidade: Graciliano Ramos e a tensão entre duas culturas**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura (PUC-Rio), 2000.

DANTAS, Pedro. "Ato de presença". In: **Gilberto Freyre – sua filosofia, sua ciência, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

DAOLIO, Jocimar. "Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro". In: **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ECO, Umberto. "Huizinga e o jogo". In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

____. "O mito do *Superman*". In: **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, s.d.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ENEIDA. "O Bola Preta". In: **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

EULÁLIO, Alexandre. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Perspectiva, 2001.

FARIA, Gentil de. "José Lins do Rego, um contador de histórias". In: **Caderno Mais!**. Folha de São Paulo: 03 de junho de 2001.

FERNANDES, Luis. "Futebol, racismo e identidade nacional". In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FERNANDES, Nélson da Nóbrega. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas; Arquivo Geral da Cidade, 2001.

FILHO, Arthur de Oliveira. **Pioneiros do samba – Bicho Novo, Carlos Cachaça e Ismael Silva**. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002.

FILHO, João Lyra. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

_____. "Influência do desporto nas letras". In: **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. **Taça do mundo, 1954**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1954.

FILHO, Mário. **Copa Rio Branco 32**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943.

_____. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d.

_____. **O negro no futebol brasileiro**. Prefácio de Gilberto Freyre**.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. **O romance do *foot-ball***. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.

_____. **O sapo de Arubinha – os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FONSECA, Cristina. **O pensamento vivo de Oswald de Andrade**. São Paulo: Martin Claret, 1987.

FONSECA, Maria Augusta. **Palhaço da burguesia: Serafim Ponte Grande de Oswald de Andrade e suas relações com o universo do circo**. São Paulo: Polis, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Casa-Grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **Sociologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. **Região e tradição**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. **Ingleses**. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. **Interpretação do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____. "O negro no futebol brasileiro". In: **Prefácios desgarrados**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. "José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu sobre o outro? In: **Alhos e bugalhos – ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à cachaça; de José Lins do Rego ao cartão postal**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

_____. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Editora Nacional, 1936.

_____. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1985.

GARDEL, André. **O encontro de Manuel Bandeira e Sinhô**. Rio de Janeiro: Biblioteca carioca, 1996.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

GIL, Gilson Pinto. **Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado (IUPERJ), 1997.

GINSZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIORGETTI, Ugo. "Arte e futebol". In: COSTA, Maria Regina da (et al.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa editora, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Gláuber, esse vulcão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GONÇALVES, Antônio. "A imagem da capa". In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **A retórica da perda – os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ;IPHAN, 1996.

_____. "Autenticidade, memória e ideologias nacionais – o problema dos patrimônios culturais". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988, nº 2.

GORDON JR., César C. "História social dos negros". In: MURAD, Maurício. (et. al.) **Pesquisa de campo nº 2 – Futebol e cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**. Niterói: Eduff, 1998.

_____. "Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis". In: GOMES, G.; BARBOSA, L.; DRUMMOND, J. A. (orgs.) **O Brasil não é para principiantes: *Carnaval, malandros e heróis 20 anos depois*.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

GUMBRECHT, Hans Ulrich. "A forma da violência: em louvor da beleza atlética". In: **Caderno Mais!** São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

_____. "Boxe". In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. "Antigos modernistas". In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HELAL, Ronaldo. "Futebol brasileiro: uma perspectiva teórica". In: **Passes e impasses – futebol e cultura de massas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ ; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELENA Jr., Alberto. **Palmeiras: a eterna academia**. São Paulo: DBA, 1996.

HERSCHMAN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte – o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca**. Prefácio de Margarida de Souza Neves. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2º vol.

_____. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

HUIZINGA, Johan. ***Homo ludens* – o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

JUNQUEIRA, Ivan (org.). **José Lins do Rego, dias idos e vividos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

LEIRIS, Michel. **O espelho da tauromaquia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LEITE, Antônio Moreira. "O Dragão Negro". In: CARVALHO, Joaquim Vaz de (organizador). **Flamengo, uma emoção inesquecível**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LIMA, Alceu Amoroso. **Companheiros de viagem**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

LIMA, Luiz Costa. "Documento e ficção". In: **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. **Lira & antilira: Mário, Drummond, Cabral**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

_____. "A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & senzala". In: **A aguarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. "Murilo Mendes: da dispersão à intensidade"; "O elogio do congraçamento". In: **Intervenções**. São Paulo: Edusp, 2002.

LIMA, Sônia M. van D.; JÚNIOR, Nestor Figueredo. "De Gilberto Freyre para José Lins do Rego". In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora – estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LINS, Álvaro. "Sucessos e insucessos do Menino de Engenho". In: **O romance brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

LOPES, José Sérgio Leite. "A morte da alegria do povo". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

_____. "Relação de parentesco e de propriedade nos romances do 'Ciclo da Cana' de José Lins do Rego". In: VELHO, Gilberto (organizador). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

_____. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, 22 n.

_____. "Esporte, emoção e conflito social". In: **Mana - estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 1 vol.

_____. **Classe, cor e etnicidade na formação do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. "Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23.

LOPES, Nei. **Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2001.

LOUZADA, Wilson. "Breve notícia de José Lins do Rego". In: José Lins do Rego. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LUCCHESI, Marco. "Mitologia das platéias (A ópera na Corte: 1840-1889)". In: **Teatro alquímico: diário de leituras**. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1999.

MACHADO, Antônio de Alcântara. "Corinthians (2) vs. Palestra (1)". In: **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Diário íntimo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALHANO, Clara E. S. M. B.; MALHANO, Hamilton Botelho. **São Januário – arquitetura e história**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2002.

MARANHÃO, Haroldo. **Dicionário de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues – o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MARQUES, Oswaldino. "Matrizes estruturais do verso moderno". In: COELHO, Saldanha. (org.). **Modernismo – estudos críticos**. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1952.

MATTOS, C. **Cem anos de paixão – uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAZZONI, Thomaz. "Pelé e os outros". In: NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Eu sou Pelé**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961, p. 187.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva, primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MENDES, Murilo. "Conversa portátil". In: **Transítor: antologia de prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. **Saudades do carnaval – introdução à crise da cultura**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

_____. "O modernismo e três dos seus poetas". In: **A crítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

_____. "Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)". In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. "Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians". In: **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro: 1978, abril/junho.

MILLIET, Sérgio. "Futebólia". In: **O sal da heresia – novos ensaios de literatura e arte**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **"Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça rubro-negra!": uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.

MONTENEGRO, Olívio. **O romance brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

MORAES, Dênis de. **O rebelde do traço – a vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MORAES, Eduardo Jardim de. **A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. “Mário de Andrade: Retrato do Brasil”. In: BERRIEL, Carlos Eduardo (organizador). **Mário de Andrade hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990.

MORAES, Mário de (org.). **Futebol é arte – Zizinho, Domingos da Guia, Pelé**. Rio de Janeiro: MIS Editorial/Faperj, s.d.

MORAES, Vinícius de. “Orson Welles no Brasil”. In: **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MORAIS, Frederico. “Futebol e arte: de Guignard a Garrincha”. In: **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro: Funarj, 1985.

MORAIS, Pessoa de. “Futebol e psicologia brasileira”. In: **Tradição e transformação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965.

MORSE, Richard M. **O espelho do próspero: cultura e idéias nas Américas**. Apresentação de Antônio Cândido. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MOYA, Álvaro de. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça, elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

_____. “Considerações possíveis de uma resposta necessária.” In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 24.

_____. “Futebol e cinema no Brasil 1908/1981”. In: COSTA, Márcia Regina da. (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

NAVES, Santuza Cambraia. **O violão azul – modernismo e música popular**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle-époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

NETO, João Cabral de Melo. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

NETTO, Paulo Coelho. **O Fluminense pitoresco e dramático**. Rio de Janeiro: Minerva, 1969.

_____. **História do Fluminense**. Rio de Janeiro: s.e., 1952.

_____. **História do Fluminense**. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

NEVES, Margarida de Souza. "História da crônica. Crônica da história". In: RESENDE, Beatriz (org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. "Da maloca do Tietê ao império do Mato Virgem: Mário de Andrade – roteiros e descobrimentos". In: Pereira, Leonardo Affonso de M.; Chalhoub, Sidney. **A história contada – capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso as crônicas cariocas". In: CÂNDIDO, Antônio (et al.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NORA, Pierre. "Entre memória e história – a problemática dos lugares". In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, nº 10.

NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

_____. "Historiografia literária do Brasil". In: **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____. "Antropofagia ao alcance de todos". In: ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

OLIVEIRA, Márcio de. **Bangu: de fábrica-fazenda e cidade-fábrica a mais uma fábrica na cidade**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Geografia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

ORTIZ, Renato. "Românticos e folcloristas". In: **Cultura popular**. São Paulo: Olho D'água, 1992.

PEDROSA, Milton. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

_____. "A crônica esportiva e o cronista de futebol". In: **Olho na bola**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.

PENNA, Leonam. **Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. "Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro". In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, nº 19.

_____. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

PIGNATARI, Décio. "Terceiro tempo: onze crônicas de futebol". In: **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. "As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol". In: COSTA, Márcia Regina da. (org.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PRADO, Décio de Almeida. **Seres, coisas, lugares – do teatro ao futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. "O negro tinha caráter como o Diabo !" In: REGO, José Lins do. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. 2 vol.

_____. **Presença do nordeste na literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.

_____. **Homens, seres e coisas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1952.

_____. **Roteiro de Israel**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasil-Israel, 1955.

_____. **Riacho doce**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

_____. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

_____. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. **O vulcão e a fonte**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

_____. **Flamengo é puro amor**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

_____. **Poesia e vida**. Rio de Janeiro: Universal, 1945.

_____. **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. **Gregos e troianos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1957.

_____. **Bota de sete léguas**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1952.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

_____; ATHAYDE, Austregésilo de. **Discursos de posse e recepção na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

RENAN, Ernest. "Qu'est-ce qu'une nation?". In : LOUISE, Jaquier. **Français – littérature**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.

RIBEIRO, André. **O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RICARDO, Cassiano. **O homem cordial e outros ensaios**. Rio de Janeiro: INL, 1959.

Rio, João do. "Hora de *football*". In: RAMOS, Ricardo (org.). **A palavra é... futebol**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

ROCHA, Aristides Almeida. **A simbologia animal no esporte**. São Paulo: Scortecci, 2000.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade – o público e o privado na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. "O homem fluvial". In: FILHO, M. **O sapo de Arubinha – os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

RÓNAI, Paulo (org.). "Revelações sobre José Lins do Rego". In: **Aurélio, seleta em prosa e verso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RONDON, Cândido. "A expedição científica Roosevelt-Rondon". In: RIBEIRO, Darcy. **Carta: falas, reflexões e memórias**. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1993, nº 9.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

ROOSEVELT, Theodoro. **Através do sertão do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

ROQUETTE, José Inácio. **Código do bom-tom**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROSENFELD, Anatol. "O futebol no Brasil". In: **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Editora Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo, Ática, 1987.

SALDANHA, João. **Futebol & outras histórias**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade: uma ficção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. "*A bagaceira*: fábula moralizante". In: **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. "A carroça, o bonde e o poeta modernista". In: **Que horas são ? – ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. "Futebol, metrópoles e desatinos". In: **Revista USP (Dossiê futebol)**. São Paulo: USP, 1994. 22 n.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. "Transformações na linguagem e advento da cultura modernista no Brasil." In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993, nº 11.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

SENNA, Homero. "Teoria da crítica (Prudente de Morais Neto)". In: **República das letras – entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet** e **Macbeth**. Tradução de Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SILVA, Thomaz Soares da. **Verdades e mentiras no futebol**. Niterói: Imprensa Oficial, 2001.

SILVEIRA, Tasso da. "50 anos de literatura". In: COELHO, Saldanha. **Modernismo – estudos críticos**. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1952.

SOARES, Antônio Jorge. **Malandragem no gramado: o declínio de uma identidade**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1990.

_____. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: Secretaria de Difusão e Produção Cultural/Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

_____. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1998.

SORÁ, Gustavo Alejandro. **Brasilianas: a Casa José Olympio e a instituição do livro nacional**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SOUZA, Jair de; RITO, Lúcia; LEITÃO, Sérgio Sá (org.). **Futebol-arte**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

TELES, Gilberto Mendonça. **A crítica e o romance de 30 do Nordeste**. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS; Autores Associados, 1996.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000.

_____. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOSTÃO. **Lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol**. São Paulo: DBA, 1997.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Modernismo e música popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

TRIGO, Luciano. **Engenho e memória: o nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O xará de Apipucus**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

_____. **A ideologia curupira, análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

_____. **Música popular: de olho na fresta**. Prefácio de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____.; SUZUKI JR., Matinas. "A malandragem e a formação da música popular brasileira". In: FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira** (III. O Brasil republicano – 4. Economia e cultura: 1930-1964). São Paulo: Difel, 1986.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

VIANY, Alex. "Cinema e futebol". In: PEDROSA, Milton. **Gol de letra, o futebol na literatura brasileira**. Prefácio de Paulo Ronái. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: FUNARTE; Fundação Getúlio Vargas, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli, 1985.

WELSCH, Wolgang. "Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte ?" In: ROSENFIELD, Denis (org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ZILIO, Carlos. **A querela do Brasil – a questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1982.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

Fontes / periódicos

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro. 1945-1957.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 17 de abril de 2001.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 2003.

Relatos orais – Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

CEM ANOS DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO – futebol

MÁRIO FILHO – depoimentos

Filmografia

ANDRADE, Joaquim Pedro de. **Garrincha, a alegria do povo** (1964)

ANDRADE, Valério. **José Lins do Rego** (1969)

ARRUDA, Genésio. **Campeão de futebol** (1931)

CAPOVILLA, Maurice. **Os subterrâneos do futebol** (1965)

ESCOREL, Eduardo. **Chico Antônio, herói com caráter** (1994)

_____. **Isto é Pelé** (1974)

FARIA, Miguel de. **Fogo morto** (1976)

GARCIA, Chianca de. **Pureza** (1940)

JÚNIOR, Walter Lima. **O menino de engenho** (1965)

LEANDER, Paulo. **Tostão, a fera de ouro** (1970)

NEVES, David. **Flamengo, paixão** (1980)

NIEMEYER, Alexandre. **Histórias do Flamengo** (1999)

RODRIGUES, Milton. **Alma e corpo de uma Raça** (1938)

SALLES, João Moreira. **Futebol** (1998)

WELLES, Orson. **É tudo verdade** (sem data)

WENDERS, Win. **O medo do goleiro diante do pênalti** (1971)

Endereços eletrônicos

www.modernosdescobrimentos.inf.br

www.portinari.org.br/.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA

www.racarubronegra.com.br

www.forcajovem.com.br

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0115375/CA